

LILIANE DA SILVA PRESTES-RODRIGUES

ADVÉRBIOS ASPECTUALIZADORES DE REITERAÇÃO:
ESTUDO BASEADO EM CORPORA SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Pelotas

2012

LILIANE DA SILVA PRESTES-RODRIGUES

ADVÉRBIOS ASPECTUALIZADORES DE REITERAÇÃO:
ESTUDO BASEADO EM CORPORA SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada –
Aquisição, Variação e Ensino

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina Zimmer

Pelotas

2012



Universidade Católica de Pelotas
Centro de Educação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras

Tese intitulada “Advérbios aspectualizadores de reiteração: estudo baseado em corpora sob a ótica da Linguística Cognitiva”, de autoria de Liliane da Silva Prestes-Rodrigues, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Cristina Zimmer – UCPEL – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda – UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Gabriel – UNISC

Prof. Dr. Raymundo Olioni – FURG

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Fischer – UCPEL

Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras
UCPEL

Pelotas, 03 de outubro de 2012

Dedico este trabalho
à memória da Professora Edith Barreto.

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,

ela falou comigo:

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou o café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Adélia Prado

AGRADECIMENTOS

Na esfera institucional:

À Faculdade de Tecnologia SENAC Pelotas, pelo apoio financeiro concedido durante meu período de trabalho na Instituição;

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido no programa de Bolsa Sanduíche;

À Universidade Católica Portuguesa, por ter me recebido durante o período de Bolsa Sanduíche;

À Universidade Católica de Pelotas e ao seu Programa de Pós-graduação em Letras, por todo o apoio dado ao meu crescimento profissional.

Na esfera acadêmica:

Ao Professor Augusto Soares da Silva, da Universidade Católica Portuguesa, por ter me possibilitado aprofundamento em aspectos fundamentais para meu crescimento;

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, pelos ensinamentos. Em especial, ao Professor Hilário Bohn, pelo agradável convívio e pelo aprendizado para além da relação professor-aluno; à Professora Andreia Rauber, pelo incentivo que vem me dando desde que nos conhecemos; à Professora Carmen Matzenauer, pelo profissionalismo e dedicação incansáveis aos alunos, seus orientandos ou não, por ser um exemplo a seguir;

À Professora Márcia Zimmer, por ter me orientado, conduzindo-me pelos caminhos da Linguística Cognitiva, e pelo fascínio inspirador que demonstra pela linguagem e pela ciência.

Na esfera pessoal:

À Rosa Maria Costa, por cuidar tão bem das pessoas, inclusive de mim;

À família Gomes Rodrigues, pela acolhida sempre tão carinhosa;

Ao Luiz Fernando Rocha, pela amizade construída durante nosso período de estudos em Portugal;

Às colegas e amigas Marta Bandeira e Eren Pasquali, pelo apoio profissional e pessoal;

À amiga-irmã Maria de Fátima Jorge, por ser a irmã que a vida me deu; às amigas-irmãs-pesquisadoras Aline Neuschrack e Janaina Brum, pela amizade e cumplicidade e pelo amor pela linguagem que compartilhamos;

À minha mãe Geni, por ter me ensinado a gostar dos estudos;

Ao meu marido Cármino Eduardo, meu companheiro, meu melhor amigo, meu amor, por ser exatamente como é.

RESUMO

O presente trabalho aborda, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, a relação entre advérbios de reiteração e os aspectos habitual e frequentativo presentes em sentenças do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Discutem-se as noções aspectuais de frequência quando expressas através de alguns adjuntos adverbiais, sob o ponto de vista da cognição, a partir de dados de corpora da escrita do português brasileiro e do português europeu. Para tanto, foram analisadas um total de 1550 construções de ambas as variedades (1320 de PB e 230 de PE), coletadas a partir dos corpora CETENFolha e CETENPúblico. As construções foram analisadas a partir de três variáveis: posição, tempo verbal e oração; e delas também fez-se o levantamento dos frames verbais que coocorrem com os advérbios *geralmente*, *raramente*, *várias vezes* e *algumas vezes*. Os resultados apontam, na maioria das vezes, para comportamentos semelhantes nas duas variedades do português. Constatou-se, através de percentuais de frequência, que as construções nas quais ocorrem esses advérbios apresentam preferências bem definidas em relação à posição, ao tempo verbal e à oração. Em especial, verificou-se que o uso de advérbios desse tipo interfere no sentido de construções caracterizadas pelo hábito e pela frequência. Por isso, defende-se a aplicação dos conceitos de grounding e perfilamento em relação à transmissão da informação temporal nas construções com essas características. Essa informação encontra-se distribuída na construção e cada elemento que a compõe propicia um novo perfilamento. A partir do levantamento de frames, constatou-se a diversidade de verbos utilizados. Foi possível identificar relações de generalização e herança entre frames ligados ao advérbio *várias vezes*: a maioria dos verbos que coocorreram com esse advérbio pertencem ao superframe de comunicação. Destes, todos foram conjugados no pretérito perfeito do indicativo. Tais achados apontam para construções caracterizadoras do gênero discursivo texto jornalístico. O estudo promoveu a interação entre áreas da Linguística, o que permitiu reflexões mais amplas e aprofundadas sobre a linguagem como um todo.

Palavras-chave: advérbios; aspecto; grounding; frames; Linguística Cognitiva

ABSTRACT

This study addresses the relation among reiteration adverbs and the habitual and frequentative aspects found in sentences in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP), from the perspective of Cognitive Linguistics. It also discusses notions of aspects regarding frequency, in the light of cognition, when they are expressed by some adverbial adjuncts in written data in BP and EP collected by two corpora named *CETENFolha* and *CETENPúblico*. Therefore, 1550 constructions in both languages (1320 in BP and 230 in EP) were analyzed in terms of three variables: position, verb tense and sentence. Besides, verb frames which co-occur with adverbs (*usually*, *rarely*, *many times* and *sometimes*) were also collected. Results have shown that similar behavior usually occurs in both varieties of Portuguese. Besides, the percentage of frequency has shown that constructions - in which these adverbs are used - have well-defined preferences concerning position, verb tense and clause. Furthermore, the use of this kind of adverbs was observed to interfere in the sense of the constructions that were characterized by habit and by frequency. As a result, the application of concepts of grounding and profiling regarding the transmission of temporal information is defended in constructions with these characteristics. This information is distributed all over the construction and every element which comprises it enables new profiling. The collection of frames showed the diversity of verbs that were used. Relations of generalization and heritage among frames connected to the adverb *many times* were identified: most verbs which co-occurred with this adverb belong to the superframe of communication. These verbs were all conjugated in the *pretérito perfeito do indicativo*, a kind of past tense in Portuguese. Such findings have emphasized constructions which are characterized by a journalist discursive genre. The study has promoted interaction among areas in Linguistics, a fact that led to broader and deeper reflection on language.

Key words: adverb, aspect, grounding, frames, Cognitive Linguistics

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Esquematização do alinhamento trajetor/marco nas preposições <i>com</i> e <i>através</i> segundo Langacker (1987, p. 218)	58
FIGURA 2: Esquematização do alinhamento trajetor/marco no advérbio <i>antes</i> segundo Langacker (1987, p. 222).....	59

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB	102
GRÁFICO 2: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	103
GRÁFICO 3: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB	104
GRÁFICO 4: Resultados obtidos para a variável <i>oração recodificada</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	105
GRÁFICO 5: Correlações entre as variáveis <i>posição</i> e <i>tempo verbal</i> para as construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	106
GRÁFICO 6: Correlações entre as variáveis <i>posição</i> e <i>oração</i> para as construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB	108
GRÁFICO 7: Correlações entre as variáveis <i>posição</i> e <i>oração (recodificada)</i> para as construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	109
GRÁFICO 8: Correlações entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>oração</i> para as construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	110
GRÁFICO 9: Correlações entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>oração (recodificada)</i> para as construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB.....	111
GRÁFICO 10: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB.....	112
GRÁFICO 11: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB	113
GRÁFICO 12: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB	114
GRÁFICO 13: Resultados obtidos para a variável <i>oração (recodificada)</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB	115
GRÁFICO 14: Correlações entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>oração</i> para as construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB	116
GRÁFICO 15: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB.....	118

GRÁFICO 16: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB	119
GRÁFICO 17: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB.....	120
GRÁFICO 18: Resultados obtidos para a variável <i>oração (recodificada)</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB	121
GRÁFICO 19: Correlações entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>oração</i> para as construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB	122
GRÁFICO 20: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB	124
GRÁFICO 21: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB.....	125
GRÁFICO 22: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB	126
GRÁFICO 23: Resultados obtidos para a variável <i>oração recodificada</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB.....	127
GRÁFICO 24: Correlações entre as variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>oração</i> para as construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB.....	129
GRÁFICO 25: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PE.....	134
GRÁFICO 26: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PE.....	135
GRÁFICO 27: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PE.....	136
GRÁFICO 28: Resultados obtidos para a variável <i>oração (recodificada)</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PE	137
GRÁFICO 29: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PE.....	138
GRÁFICO 30: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PE	139
GRÁFICO 31: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PE.....	140
GRÁFICO 32: Resultados obtidos para a variável <i>oração recodificada</i> a partir de construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PE	141

GRÁFICO 33: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PE.....	142
GRÁFICO 34: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PE	143
GRÁFICO 35: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PE.....	144
GRÁFICO 36: Resultados obtidos para a variável <i>oração (recodificada)</i> a partir de construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PE.....	145
GRÁFICO 37: Resultados obtidos para a variável <i>posição</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PE	146
GRÁFICO 38: Resultados obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PE.....	147
GRÁFICO 39: Resultados obtidos para a variável <i>oração</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PE	148
GRÁFICO 40: Resultados obtidos para a variável <i>oração (recodificada)</i> , a partir de construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PE.....	149

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Número de ocorrências dos advérbios selecionados para a pesquisa nos corpora de PB e PE	94
TABELA 2 Número de ocorrências, no PB e no PE, dos advérbios selecionados para a pesquisa.....	96
TABELA 3: Percentuais de frequência obtidos para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados	130
TABELA 4: Percentuais de frequência obtidos para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados	131
TABELA 5: Percentuais de frequência obtidos para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados	132
TABELA 6: Percentuais de frequência obtidos para a variável <i>oração recodificada</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados	132
TABELA 7: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável <i>posição</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados.....	150
TABELA 8: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável <i>tempo verbal</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados.....	151
TABELA 9: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável <i>oração</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados.....	152
TABELA 10: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável <i>oração (recodificada)</i> a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados	152
TABELA 11: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio <i>geralmente</i>	155
TABELA 12: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio <i>raramente</i>	157
TABELA 13: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio <i>várias vezes</i>	158
TABELA 14: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio <i>algumas vezes</i>	160
TABELA 15: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no PB e no PE	175

TABELA 16: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no PB	181
TABELA 17: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB	185
TABELA 18: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no PB.....	193

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Características que favorecem que um objeto seja figura ou fundo em uma construção	27
QUADRO 2 Tipos de relações entre frames, segundo Ruppenhofer <i>et al.</i> (2010)	33
QUADRO 3: Descrição dos elementos centrais do frame <i>Frequência</i> no inglês	37
QUADRO 4: Possíveis respostas à pergunta “quantas vezes?”, segundo Ilari (1992a, p. 166)	46
QUADRO 5: Quantificação sobre ocasiões, segundo Ilari (1992a, p. 172).....	47
QUADRO 6: Categorização dos advérbios aspectualizadores de reiteração segundo Prestes-Rodrigues (2010)	48
QUADRO 7: Taxonomia aspectual de Noreen (1912)	67
QUADRO 8 Matriz de traços segundo Mourelatos (1981).....	73
QUADRO 9: Características das categorias aspectuais <i>iteração, frequência e habitualidade</i> segundo Cunha (2006).....	77
QUADRO 10: Noções aspectuais presentes no PB, adaptado de Travaglia (1981).....	81
QUADRO 11: Classes aspectuais básicas Segundo Radden e Dirven (2007)	87
QUADRO 12 Exemplo de organização das variáveis para categorização dos dados	98
QUADRO 13: Alguns frames encontrados no levantamento referente a construções que contêm a locução adverbial <i>várias vezes</i> no PB e suas relações com outros frames, segundo o Projeto FrameNet	188

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A RELAÇÃO ASPECTO-ADVÉRBIO E A VISÃO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA... 16	
2.1 Linguística Cognitiva	16
2.1.1 Processos cognitivos relacionados à aquisição, processamento e produção da linguagem.....	23
2.1.2 Semântica de Frames.....	29
2.2 Advérbio	38
2.2.1 Da abordagem tradicional a uma visão gerativista.....	39
2.2.2 Algumas abordagens descritivas baseadas em corpus	41
2.2.2.1 A Gramática do Português Falado.....	42
2.2.2.2 Outras abordagens	51
2.2.3 Os advérbios aspectualizadores de reiteração no português brasileiro	55
2.2.4 O advérbio na Linguística Cognitiva	56
2.3 Aspecto	60
2.3.1 O fenômeno Tempo e suas “facetas”: inter-relações e diferenças	60
2.3.2 Evolução da Aspectologia.....	63
2.3.3 Os estudos sobre aspecto no português brasileiro no português europeu	79
2.3.4 O aspecto na Linguística Cognitiva	86
3 METODOLOGIA.....	89
3.1 Objetivos e hipóteses	89
3.2 Organização e exploração dos corpora e a Linguística baseada em corpus	90
3.3 Da escolha dos corpora e definição das variáveis.....	91
3.4 Da organização das Variáveis	98
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	100
4.1 Medidas descritivas para resultados do português brasileiro.....	101
4.1.1 Medidas descritivas e testes de associação para o advérbio <i>geralmente</i>	101
4.1.1.1 Variável posição	101
4.1.1.2 Variável tempo verbal	102
4.1.1.3 Variável oração.....	104
4.1.1.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal.....	106
4.1.1.5 Medidas de associação entre as variáveis posição e oração	107
4.1.1.6 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração	109

4.1.2 Medidas descritivas e testes de associação para o advérbio <i>raramente</i>	111
4.1.2.1 Variável posição	112
4.1.2.2 Variável tempo verbal	113
4.1.2.3 Variável oração.....	114
4.1.2.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal e entre posição e oração.....	115
4.1.2.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração	116
4.1.3 Medidas descritivas e testes de associação para a locução adverbial <i>várias vezes</i>	117
4.1.3.1. Variável posição	117
4.1.3.2 Variável tempo verbal	118
4.1.3.3 Variável oração.....	119
4.1.3.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal e posição e oração.....	121
4.1.3.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração	122
4.1.4 Medidas descritivas e testes de associação para a locução adverbial <i>algumas vezes</i>	123
4.1.4.1 Variável posição	123
4.1.4.2 Variável tempo verbal	124
4.1.4.3 Variável oração.....	125
4.1.4.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal e entre posição e oração.....	128
4.1.4.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração	128
4.1.5 Comparações entre medidas descritivas – resultados do português brasileiro.....	129
4.2 Medidas descritivas para resultados do português europeu	133
4.2.1 Medidas descritivas para o advérbio <i>geralmente</i>	133
4.2.1.1. Variável posição	134
4.2.1.2. Variável tempo verbal	135
4.2.1.3. Variável oração.....	136
4.2.2 Medidas descritivas para o advérbio <i>raramente</i>	138
4.2.2.1. Variável posição	138
4.2.2.2 Variável tempo verbal	139
4.2.2.3 Variável oração.....	140
4.2.3 Medidas descritivas para a locução adverbial <i>várias vezes</i>	142
4.2.3.1 Variável posição	142

4.2.3.2 Variável tempo verbal	143
4.2.3.3 Variável oração.....	144
4.2.4. Medidas descritivas para a locução adverbial <i>algumas vezes</i>	146
4.2.4.1 Variável posição	146
4.2.4.2 Variável tempo verbal	147
4.2.4.3 Variável oração.....	148
4.2.5. Comparações entre medidas descritivas – resultados do português europeu.....	150
5 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	154
5.1 Análise quantitativa	154
5.1.1 Comparações entre as variáveis analisadas no português brasileiro e no português europeu	154
5.1.2 Discussões sobre o contraste entre as variedades.....	162
5.2 Análise qualitativa	173
5.2.1 Comparações entre frames verbais encontrados no português brasileiro e português europeu	173
5.2.1.1 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio <i>geralmente</i> no português brasileiro e no português europeu	174
5.2.1.2 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio <i>raramente</i> no português brasileiro e no português europeu.....	180
5.2.1.3 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial <i>várias vezes</i> no português brasileiro e no português europeu	184
5.2.1.4 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial <i>algumas vezes</i> no português brasileiro e no português europeu	192
5.2.2 Discussões sobre frames verbais	196
5.2.3 Discussões sobre relações entre as variáveis quantitativas e os frames verbais encontrados nas construções	201
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
REFERÊNCIAS	209

1 INTRODUÇÃO

Tal como tantas outras áreas do conhecimento humano, a Linguística também possui seus temas polêmicos. Vários são os pontos em que não há consenso, e estudiosos filiados a diferentes correntes teóricas buscam, dentro de sua concepção de linguagem, dar conta de alguns desses problemas. Nesse contexto, o uso da palavra problema não se dá ao acaso, visto que certos pontos parecem ser, pelo menos até então, problemáticos.

É o caso do advérbio, por exemplo. Na tradição gramatical, o advérbio é tratado, do ponto de vista sintático, como uma classe que desempenha função acessória, visto que “cabe em qualquer lugar”. No entanto, é vasto o número de estudos descritivos do português brasileiro, baseados em *corpora*, que têm ido em sentido contrário, apontando uma série de contextos sintático-semânticos implicados na ocorrência ou não de determinados advérbios. Da mesma forma, estudos mostram que até mesmo o critério da invariabilidade, do ponto de vista morfológico, por vezes falha.

De outra parte, o aspecto é tema igualmente controverso. Categoria semântica inicialmente conceituada como um atributo do verbo (como faceta não dêitica do tempo), entendia-se que era expressa através da raiz verbal e de morfemas derivacionais. Estudos posteriores revelaram que esse é um atributo que extrapola o âmbito do verbo, espraiando-se para a predicação, visto que também se manifesta por meio de perífrases verbais e de advérbios.

Talvez por serem temas reconhecidamente polêmicos, parece que, de certa forma, vêm sendo tratados como “marginais”, alegação que se firma especialmente através da forma como o ensino escolar aborda os dois temas. De um lado, o ensino sobre advérbios, ancorado nas gramáticas tradicionais, está longe de abarcar a multiplicidade de comportamentos e de efeitos de sentido que os mesmos proporcionam. De outro, o aspecto é um tema praticamente negligenciado¹.

Ora, essas reflexões acerca de advérbios e do aspecto justificariam a aplicação, para o estudo de ambos, dos postulados da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987), que preconiza a linguagem como um sistema adaptativo baseado em interações anteriores que, por sua vez, baseiam-se em processos cognitivos de domínio geral, em restrições perceptuais causadas pelo próprio corpo humano e em fatores sociais (BECKNER *et al.*, 2009). Por isso,

¹ Nunes (2001) fez um levantamento dos livros didáticos que tratam do tema aspecto, constatando ser muito pequeno esse número.

tratar-se-á de advérbios aspectualizadores (ILARI, 1992) enquanto construções – pareamentos forma (advérbio) e significado (aspecto) – inseridas em outras construções e, portanto, em interação com outros elementos. Em outras palavras, o advérbio e o aspecto serão abordados como compondo uma construção inserida em outra, ou seja, interagindo com outros elementos da construção em que aparece. As escolhas feitas para o presente estudo determinam, portanto, um caminho difícil para a pesquisa, permeado por variáveis em interrelação.

Razões de natureza prática, entretanto, impõem a realização de um recorte nesse espectro inicial de interesse. Por isso, tratar-se-á de construções nas quais constam alguns advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração (*geralmente, raramente, várias vezes e algumas vezes*). No que se refere às noções aspectuais implicadas, refletir-se-á sobre a ideia de frequência e habitualidade, discutindo sua expressão via tempo verbal. Para sintetizar a intenção de pesquisa, formulou-se o objetivo geral: discutir as noções aspectuais de frequência e habitualidade quando expressas através de alguns adjuntos adverbiais, sob o ponto de vista da cognição, a partir de dados de *corpora* da escrita do português brasileiro e do português europeu. A partir do objetivo geral, foram traçados objetivos específicos.

- (1) Verificar, por meio de buscas em corpora de língua escrita do Português Brasileiro (PB) e Europeu (PE)², a ocorrência de construções que contêm determinados advérbios que, aliados a outros elementos, expressam as noções aspectuais de hábito e frequência;
- (2) Analisar como se configuram as variáveis *posição, tempo verbal e oração* em coocorrência com os advérbios referidos, verificando como compõem as referidas construções;
- (3) Estabelecer comparações entre essas variáveis para o português brasileiro e o português europeu.
- (4) Verificar e analisar os frames verbais associados às ocorrências desses advérbios.

Foram elaboradas algumas hipóteses, que serão apresentadas no capítulo 3.

² Segundo Mateus (2002), o português é uma língua que, no que se refere à variação no espaço, conta com variedades nacionais que se configuram da seguinte maneira: “Portugal e Brasil têm-no como língua nacional. Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Timor, como língua oficial e de escolarização. Em Goa e em países de emigração portuguesa na América e na Europa o Português é falado e aprendido como língua segunda” (MATEUS, 2002, p. 04). Por isso, na presente tese, PB e PE serão tratados como variedades do português.

O presente trabalho está estruturado em seis capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles. No capítulo 2, são apresentadas as bases teóricas desta tese, com o intuito de situá-la dentro dos quadros gerais estabelecidos para os temas advérbio e aspecto e, mais especificamente, a Linguística Cognitiva. Assim, no que diz respeito a essa área, apresenta-se seus princípios fundamentais; as subdivisões da Linguística Cognitiva; alguns dos principais processos cognitivos envolvidos na aquisição, no processamento e na produção da linguagem e, por fim, a Semântica de Frames. Em relação aos advérbios e ao aspecto, apresenta-se a evolução dos conceitos. No caso dos advérbios, a trajetória percorrida é a da evolução da abordagem desde algumas gramáticas tradicionais até estudos descritivos de caráter funcionalista sobre o português brasileiro. No caso do aspecto, a evolução dá-se a partir da ideia inicial do aspecto como estritamente vinculado ao verbo, passando à sua relação com a predicação e até mesmo com o discurso.

No capítulo 3, são pormenorizados as decisões metodológicas e os procedimentos que viabilizaram a obtenção dos resultados. Cabe destacar, nesse ponto, a utilização da Linguística de Corpus enquanto instrumental metodológico. Entende-se que essa decisão relaciona-se intimamente com os postulados da Linguística Cognitiva, explicitados no capítulo 2, que advoga pela necessidade de se realizar estudos linguísticos baseados no uso efetivo que os falantes fazem de sua língua. Além disso, as variáveis de estudo são apresentadas e explicadas, bem como os recortes que posteriormente mostraram-se necessários. Em termos de procedimentos, destaca-se ainda a utilização de cálculos estatísticos como base para inferências de natureza quanti-qualitativa.

Os capítulos 4 e 5 são destinados à descrição e à análise dos resultados. No capítulo 4, são apresentadas as medidas descritivas e testes de associação decorrentes da categorização dos dados segundo as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração*. No capítulo 5, são apresentadas as análises quantitativas e qualitativas de dados, bem como discussões delas decorrentes.

No capítulo 6, Considerações Finais, os resultados obtidos são sumarizados a partir das hipóteses apresentadas, as limitações do estudo são colocadas e os direcionamentos futuros são traçados.

2 A RELAÇÃO ASPECTO-ADVÉRBIO E A VISÃO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Este capítulo pontua os princípios teóricos que fundamentam a pesquisa. Para tanto, abordam-se brevemente os temas principais que conduzirão este estudo. O primeiro pilar acerca do qual se discorrerá na seção 2.1 é a Linguística Cognitiva, principal fio condutor da tese, visto que esta embasará a explicação de fenômenos linguísticos a partir dos resultados obtidos com a análise dos dados. A segunda temática central é advérbios, a ser abordada na seção 2.2, pois é um tipo específico de advérbios que se está estudando, constituindo um critério formal para a identificação das construções observadas. Por fim, na seção 2.3, são feitas considerações acerca da categoria semântica do aspecto, devido ao fato de se lidar com advérbios aspectualizadores, unindo-se, assim, forma e significado.

2.1 Linguística Cognitiva

A ânsia por conhecer, compreender e explicar o mundo é uma característica que sempre acompanhou o ser humano. Não é à toa que nos classificamos como *Homo sapiens*. Saber (e a consciência desse ato) é algo que nos é inerente por definição. Historicamente, temos buscado, seja via processos indutivos ou dedutivos de construção do conhecimento, definir, conceituar, categorizar, explicitar as razões que subjazem a fenômenos de diferentes ordens. Esse movimento levou-nos, inclusive, a questionar o que há em nós que possibilita essas práticas. Já na Antiguidade Clássica ocidental, Sócrates afirmava: “Conhece-te a ti mesmo”, levando-nos à percepção de nossa própria ignorância, até mesmo sobre a própria condição humana. Em relação às capacidades cognitivas humanas, Sinha (2006, p. 01) afirma que:

O paradoxo é a descontinuidade na continuidade: as características biológicas da espécie humana não apresentam descontinuidades dramáticas em relação a outras espécies, e as construções culturais humanas aparecem, a partir de nosso ponto de vista atual, tão excepcionais quanto foram no mundo de Descartes (SINHA, 2006, p. 01).³

³ The paradox is one of discontinuity in continuity: the biological characteristics of the human species display no dramatic discontinuities with those of other species, while human cognitive capacities and human cultural constructions appear from our current vantage point to be as exceptional in the living world as they did to Descartes.

Essa busca por saber levou-nos, através dos séculos, a construir diferentes tipos de conhecimento (relacionado ao empirismo, à lógica ou à metafísica, por exemplo) e, à medida de seu conseqüente acúmulo, esse conhecimento, especialmente o científico, foi sendo dividido em “áreas de saber”, tal como vislumbramos hoje. Ciências exatas, ciências naturais, ciências humanas, etc., cada área subdivide-se em outras tantas, tendo em vista, entre outros fatores, a especificidade atribuída ao objeto de estudo.

Nesse cenário, é pertinente destacar a ciência da cognição como o conjunto de atividades de natureza científica que visam a compreender e explicar como o conhecimento humano é obtido/construído. Surgida no berço da psicologia, a ciência cognitiva tem-se pautado pela multidisciplinaridade, flagrante que é sua relação com áreas como a psicologia, a psicolinguística, a neuroanatomia, a neurofisiologia, bem como as questões relativas à aprendizagem como um todo e especialmente à aquisição da linguagem (FODOR e PYLYSHYN, 1988; EVANS e GREEN, 2006).

Em termos de paradigmas, alguns modelos teóricos buscam explicar as capacidades cognitivas humanas. O paradigma behaviorista postulava ser o comportamento modelado a partir da experiência, ou seja, do surgimento de uma resposta condicionada a um estímulo. Ao nascer, o ser humano seria uma “tabula rasa”, pronta para ser estimulada de modo a comportar-se (responder) da maneira esperada. Os fenômenos mentais seriam “traduzíveis” pelo próprio comportamento, não sendo relevantes os processos subjacentes às respostas. Para essa visão, portanto, interessam os aspectos “externos” da aprendizagem – o input e o output – enquanto permanece um mistério o que efetivamente se dá em meio à entrada e saída de uma informação, a relação entre aprendizagem e memória, bem como se ignora qualquer aspecto social ligado à cognição. A linguagem, como atividade cognitiva de qualquer natureza, também seria um “comportamento aprendido” (SKINNER, 1957; CHOMSKY, 1959).

Já o paradigma simbólico ou cognitivista, em relação ao qual interessa ressaltar o trabalho de Chomsky (1957, 1965, 1970, entre outros), preconiza a existência de uma realidade mental distinta, ainda que relacionada, da realidade física. Esta realidade mental seria o “repositório” de nossos conhecimentos e o cérebro humano estaria geneticamente programado para ser o suporte físico desse armazenamento. Além disso, aponta-se para a existência de módulos inatos capazes de arquivar conceitos, representações e abstrações de um modo geral; o que, ao contrário do paradigma anterior, implica estar o cérebro “pré-configurado” para reter determinado tipo de informação e/ou para controlar o desempenho de

determinada atividade. Em outras palavras, usar o termo *inato*, segundo Elman *et al.* (1996), implica postular a existência de um conjunto de genes especificamente relacionados à produção de comportamentos ligados à linguagem.

Nessa perspectiva, caberia então um módulo específico designado para a linguagem (assim como a existência de outros para diferentes aspectos da cognição), denominado Gramática Universal, que contribuiria para a determinação dos comportamentos linguísticos, tendo em vista ser ela um sistema computacional anterior à aquisição de qualquer língua. Essa seria a explicação para o fato de a criança ter uma poderosa capacidade de adquirir estruturas linguísticas em seus primeiros anos de vida, apesar da assistemática e da pobreza do estímulo (CHOMSKY, 1959). Da mesma forma, este módulo seria subdividido em módulos menores, cada um responsável por um nível linguístico (fonologia; sintaxe, semântica, etc.), que atuariam serialmente tanto na produção quanto no processamento de sequências linguísticas. O objetivo passa a ser, pois, entender, via dedução, quais são e como funcionam os mecanismos mentais que subjazem os comportamentos linguísticos independentemente das diferenças entre línguas (FODOR, 1975).

Entretanto, muitas críticas vêm sendo atribuídas ao paradigma simbólico: a existência de representações mentais; a distinção mente/ cérebro; a modularidade da cognição e o processamento serial da atividade linguística são pontos que passam a ser questionados por estudiosos, especialmente a partir da década de 1970. No que se refere especificamente aos estudos sobre a linguagem, destaca-se o movimento de pesquisadores (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, entre outros) que reagiram ao pensamento então hegemônico no âmbito da psicologia do desenvolvimento, sobre aquisição, processamento, bem como sobre o funcionamento da linguagem como um todo. De acordo com Kemmer (2008),

A linha de pesquisa seguiu no sentido de examinar a relação da estrutura da linguagem para pensar além da linguagem: princípios cognitivos e mecanismos não específicos à linguagem, incluindo princípios de categorização humana; princípios interacionais e pragmáticos; e princípios funcionais em geral como iconicidade e economia (KEMMER, 2008).

Trata-se da Linguística Cognitiva, quadro teórico que tem por objetivo analisar as línguas naturais a partir da premissa de que é através da linguagem que o homem organiza, processa e transmite informações (GEERAERTS e CUYCKENS, 2007). A afirmação fundamental da Linguística Cognitiva é a de que a gramática é uma estrutura simbólica (LANGACKER, 1987, 1990, 1991), cujas unidades (fonológicas, morfológicas, sintáticas) são formadas pelo pareamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica, e a

estrutura simbólica, ao mesmo tempo em que se constitui pela soma de ambas, resulta em algo além da soma dessas partes.

Os princípios fundamentais dessa área a colocam em posição antagônica em relação aos paradigmas anteriormente referidos, especialmente o conhecido como Gramática Gerativa. Croft e Cruse (2004) sintetizam os princípios fundamentais da teoria: (1) a linguagem não consiste em uma faculdade autônoma; (2) a gramática caracteriza-se pela conceptualização e (3) o conhecimento linguístico é emergente do uso.

O primeiro princípio opõe a Linguística Cognitiva à Gramática Gerativa porque, ao contrário desta, entende que as representações ligadas ao conhecimento linguístico são governadas pelos mesmos processos mentais que dão base a outros tipos de conhecimento. Recentemente reunidos no grupo intitulado *Five Graces Group*, Beckner e colegas (2009) afirmam que a linguagem é um sistema complexo adaptativo que resulta da atuação de múltiplos agentes em interação. Segundo eles,

O sistema é adaptativo, isto é, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações passadas, e interações presentes e passadas juntas guiam o comportamento futuro. Um comportamento do falante é a consequência de fatores que vão desde restrições perceptuais até motivações sociais. A estrutura da linguagem emerge de padrões interrelacionados de experiência, interação social e mecanismos cognitivos.⁴ (BECKNER *et al.*, 2009, p. 02)

A relação entre esses mecanismos é concebida de modo tal que efeitos significativos podem ser resultantes de pequenas mudanças e o que parece um evento único pode ser causado por uma multiplicidade de fatores (ELMAN, 1996). Na base desse sistema estão, nessa perspectiva, processos cognitivos gerais, igualmente atuantes na construção de outros tipos de conhecimento (tais como atenção, memória, categorização, etc.) (BYBEE, 2010). Tanto a organização quanto a recuperação do conhecimento linguístico não são distintas da organização e recuperação de conhecimentos de outra natureza, ou seja, a linguagem resulta da atuação conjunta desses mecanismos gerais (CROFT e CRUSE, 2004). Assim, a especialização ou modularidade cerebral podem ser decorrentes da aprendizagem.

O segundo princípio da Linguística Cognitiva postula que gramática é conceptualização, e opõe-se à semântica baseada em condições de verdade ligadas à realidade objetiva. Nessa visão, as estruturas linguísticas refletem um grande conjunto de

⁴ The system is adaptive; that is, speakers' behavior is based on their past interactions, and current and past interactions together feed forward into future behavior. A speaker's behavior is the consequence of competing factors ranging from perceptual constraints to social motivations. The structures of language emerge from interrelated patterns of experience, social interaction, and cognitive mechanisms.

conceitualizações baseadas em processos de categorização, ligados a outros mecanismos de processamento, bem como nas influências do ambiente e de experiências passadas (GEERAERTS e CUYCKENS, 2007). Isso significa afirmar que as conceitualizações que estão na base das construções linguísticas têm uma realidade material (resultado da atividade cerebral e/como atividade corporal) e uma realidade social (da qual participam os interlocutores, utilizando o próprio conhecimento de mundo para negociar significados) (LANGACKER, 2008). Para Langacker (1987, p. 12), categorias são frequentemente organizadas em torno de instâncias prototípicas, identificáveis de diferentes maneiras. Assim, considera-se pertinente investigar as características estruturais dos mecanismos que permitem a conceptualização e que constituem o fundamento da organização linguística. É a partir de tais categorias que o ser humano lida com o mundo, percebe-o e reflete sobre ele, age sobre o mundo. Por isso, a Linguística Cognitiva vê a linguagem como faceta integral da cognição (LANGACKER, 2008).

O fundamento é a ideia de que as estruturas conceituais não decorrem pura e simplesmente da correspondência, em termos de condições de verdade, com o mundo e a realidade, mas constituem formas de organização do conhecimento que se refletem na linguagem. Bybee (2010, p. 07)⁵, define categorização como:

A semelhança ou correspondência de identidade que ocorre quando as palavras e frases e suas partes componentes são reconhecidas e combinadas às representações armazenadas. As categorias resultantes são o fundamento do sistema (...). A categorização é de domínio geral no sentido de que as categorias de percepção de vários tipos são criadas a partir da experiência independentemente da linguagem.

Ao se ponderar que a finalidade precípua da linguagem reside na criação e comunicação de significados, percebe-se que a própria função semiológica da linguagem é um de seus fatores constitutivos, de caráter fundacional, consistindo o símbolo dessa natureza “um emparelhamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica, de modo que uma é capaz de evocar a outra (...). A Gramática, é claro, está preocupada com a forma como tais elementos se combinam para formar expressões complexas.”⁶ (Langacker, 2008, p. 05). Nesse sentido, a estrutura linguística serve à função de comunicar significados.

⁵ By categorization I mean the similarity or identity matching that occurs when words and phrases and their component parts are recognized and matched to stored representations. The resulting categories are the foundation of the system, whether they are sound units, morphemes, words, phrases or constructions. Categorization is domain-general in the sense that perceptual categories of various sorts are created from experience independently of language.

⁶ Let us first define a symbol as the pairing between a semantic structure and a phonological structure, such that one is able to evoke the other. [...] Grammar, of course, is concerned with how such elements combine to form complex expressions.

O terceiro princípio é o de que o conhecimento sobre a linguagem emerge do uso. Categorias e estruturas semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas são construídas a partir da experiência, por meio de processos indutivos de abstração e esquematização capazes de dar conta de nuances encontradas entre construções bastante particulares. A emergência do conhecimento linguístico depende das condições de seu surgimento, que são basicamente de natureza biológica, psicológica e sociocultural (SILVA, 2004). Por isso, o uso traduz o assentimento decorrente desse jogo de forças na esfera sócio-cultural, dentro do qual ocorre não só o processo aquisição da linguagem, mas todos os usos linguísticos, o que permite afirmar que esses usos estão fortemente ancorados em aspectos experienciais e pragmáticos. De acordo com Geeraerts e Cuykens (2007, p. 05)⁷:

A Linguística Cognitiva é cognitiva da mesma forma que a psicologia cognitiva é: supondo que a nossa interação com o mundo é mediada através de estruturas de informação na mente. É mais específica do que a psicologia cognitiva, no entanto, concentrando-se em linguagem natural como um meio para organizar, processar e transmitir essa informação. A linguagem, então, é vista como um repositório de conhecimento de mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e armazenam informações sobre as antigas.

Por tudo isso, a Linguística Cognitiva enfatiza o significado, criado via categorização dos diversos aspectos do mundo, como função primeira da linguagem. As estruturas linguísticas são resultado de um processo de perspectivação que é situado sócio-culturalmente. Como a linguagem está envolta na capacidade cognitiva humana, a descrição dos princípios funcionais de organização que regem as línguas, na perspectiva da interação entre sintaxe e semântica, constitui tema de interesse central para a Linguística Cognitiva.

Ora, se a linguagem é um sistema complexo adaptativo, cuja organização dá-se através de conceitualizações que emergem em função do uso, o corolário é afirmar que a linguagem é em essência significativa (LANGACKER, 1987; GEERAERTS, 2006, entre outros). O significado, agora ponto fulcral, é identificado como “conceitualização associada a expressões linguísticas” (GEERAERSTS, 2006, p 04), tornando-se o cerne dos estudos linguísticos. Nesse sentido, Langacker (2008) entende a própria gramática como significativa, na medida em que possibilita construir os mais elaborados significados de expressões complexas. Assim, a Linguística Cognitiva propõe-se a descrever e explicar aspectos de estruturas conceituais a partir de evidências linguísticas sujeitas a investigação empírica.

⁷ Cognitive Linguistics is cognitive in the same way that cognitive psychology is: by assuming that our interaction with the world is mediated through informational structures in the mind. It is more specific than cognitive psychology, however, by focusing on natural language as a means for organizing, processing, and conveying that information. Language, then, is seen as a repository of world knowledge, a structured collection of meaningful categories that help us deal with new experiences and store information about old ones.

Cabe ressaltar, ainda, que é através da construção de significados que o homem elabora sua visão do mundo, suas concepções de vida. Ademais, dada a dinamicidade típica do mundo e da vida, também a linguagem é dinâmica e flexível o bastante para acompanhar mudanças tanto ambientais quanto sócio-históricas e culturais, refletindo as experiências humanas de modo global (GEERAERTS, 2006). Segundo Langacker (2008, p. 04), a gramática é significativa em dois sentidos: (1) os elementos da gramática têm significado em si; (2) a gramática permite construir e simbolizar os mais elaborados significados de expressões complexas como sintagmas, orações e frases. Para o autor, a gramática é “um aspecto essencial do aparato conceitual através do qual apreendemos e nos engajamos no mundo”⁸. E em vez de ser um sistema cognitivo distinto e auto-contido, a gramática não apenas é uma parte integrante da cognição, mas também a chave para entendê-la.⁹ Assim, entende-se que é a gramática que organiza o conhecimento de mundo, daí a importância do significado.

Dada a repercussão dos primeiros estudos fundamentados nesses postulados, desde a década de 1980 vem crescendo continuamente o número de pesquisas em Linguística Cognitiva. Consequência disso foi o surgimento de diferentes correntes de pensamento que, ainda que compartilhem dos princípios gerais apresentados, manifestam determinadas nuances que permitem identificá-las como independentes.

Vale ressaltar que o que diferencia a Linguística Cognitiva de outras abordagens que também se preocupam com o significado (tal como a semântica formal) é a concepção de uma cognição situada (no corpo, na sociedade, na história, na cultura), que destaca a relação da linguagem com as demais habilidades cognitivas. E o que faz essa área para buscar dar conta de tamanha complexidade? Ao invés de postular uma teoria geral e hegemônica, a Linguística Cognitiva vem se desenvolvendo como uma área que se organiza a partir da contribuição de vários estudiosos que têm elaborado diferentes quadros conceituais para dar conta de diversos fenômenos linguístico-cognitivos. Cita-se, a título de exemplo, a gramática cognitiva (LANGACKER, 1987), a teoria dos protótipos (ROSCH, 1975, 1977, 1978), a teoria da metáfora conceitual (LAKOFF e JOHNSON, 1980), a teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER e TURNER, 1998), a linguística baseada no uso (BYBEE, 2010), e a semântica de frames (FILLMORE, 1978). Todas elas, além de outras que não foram referidas, compartilham os mesmos princípios norteadores anteriormente explicitados, ao mesmo tempo

⁸ (...) an essential aspect of the conceptual apparatus through which we apprehend and engage the world.

⁹It is thus an essential aspect of the conceptual apparatus through which we apprehend and engage the world. And instead of being a distinct and self-contained cognitive system, grammar is not only an integral part of cognition but also a key to understanding it.

em que tentam explicar diferentes facetas dos fenômenos estudados. A complexidade é tratada então, por um “arquipelago” (GEERAERTS, 2006) de teorias.

De especial interesse para esta tese são as formulações da gramática cognitiva de Langacker (1987), especialmente suas formulações sobre *grounding* e perfilamento; bem como a semântica de frames de Fillmore (1978). Sobre esses temas, discute-se nas seções 2.1.1 e 2.1.2. Para além dessas perspectivas teóricas, cumpre anteriormente tratar de alguns processos cognitivos gerais que dão base ao fenômeno linguístico como um todo. É o que se faz na próxima seção.

2.1.1 Processos cognitivos relacionados à aquisição, processamento e produção da linguagem

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, não há como tratar de linguagem sem abordar os processos cognitivos gerais, visto que são eles que dão base à gramática e à própria comunicação. Por isso, nesta seção serão abordados alguns processos cognitivos em relação aos quais se entende que a explicitação, em termos teóricos, contribuirá para a melhor compreensão do fenômeno que ora se estuda.

A categorização é um dos processos fundamentais cognição humana (ROSCH, 1975, 1977, 1978; LANGACKER, 1987), visto que o homem compreende o mundo na medida em que agrupa objetos, seres, situações segundo determinados critérios que permitem “aproximar” elementos de acordo com certas características. Se pensarmos, por exemplo, na palavra *felino*. Essa palavra designa um grupo de animais que compartilham algumas características tidas como suficientes para pertencerem a essa categoria. Assim, tanto um gato quanto um lince são felinos, ainda que não compartilhem todos os atributos que constituem a categoria.

A categorização, de acordo com Croft e Cruse (2004, p. 54), “envolve a comparação da experiência em questão com experiências anteriores e o julgamento de se ela pertence à classe de experiências anteriores em relação às quais uma expressão linguística tem sido aplicada”¹⁰.

¹⁰ The act of categorization (...) involves comparison of the experience in question to prior experiences and judging it to belong to the class of prior experiences to which the linguistics expression has been applied.

Infindáveis são os exemplos de categorização na linguagem. Quando definimos se um objeto qualquer é verde-musgo ou verde-bandeira, estamos categorizando. Quando, em anúncios classificados de imóveis, buscamos por apartamentos de três quartos, estamos categorizando. Quando, mais adiante, perguntamos ao corretor quais apartamentos, entre todos os que têm três quartos, têm varandas, estamos categorizando. No primeiro caso, o critério é a semelhança da tonalidade de cor com aquela típica do musgo ou da bandeira; no segundo e no terceiro casos, estamos dividindo os apartamentos segundo dois critérios: número de quartos (aqueles que têm três e os demais) e varanda. Ao retomar as ideias do parágrafo anterior, percebemos que é com base nas experiências anteriores, em nosso conhecimento de mundo acumulado, que somos capazes de realizar essas categorizações.

Cabe ainda salientar que decorre da habilidade cognitiva de categorizar a fixação, dentro da categoria, do que é protótipo e o que não é. Assim, quando pensamos em *ave*, temos à nossa disposição, na memória, um grande número de animais, entre os quais está o pardal, a águia, o avestruz e o pinguim, por exemplo (UNGERER e SCHMID, 2006). Entretanto, pesquisas revelam que, ao pensar em uma ave, a maioria das pessoas lembra-se de um pequeno pássaro, assemelhado ao pardal. Observamos ainda que, mesmo considerando esse pequeno grupo de apenas quatro pássaros citados, não há entre os mesmos um compartilhamento total de características (somente o pardal é de pequeno porte; somente a águia faz voos em altitudes maiores; somente o avestruz tem pernas longas e, assim como o pinguim, não voa). Apesar disso, muitas pessoas, quando pensam em uma ave, pensam em animais de pequeno porte que voam.

Isso implica afirmar que existem características que são mais centrais para a definição de uma categoria do que outras. As categorias, portanto, se organizam em torno de um núcleo, chamado de protótipo (ROSCH, 1977), e a distância de determinado membro da categoria em relação ao núcleo tem relação com a quantidade de características que com ele compartilha, havendo, portanto, instâncias mais e menos prototípicas.

Um processo conexo à categorização é chamado de esquematização. Segundo Langacker (1987, p 371), um esquema é uma caracterização abstrata compatível em relação a todos os membros de uma categoria que define, “é uma estrutura integrada que personifica a comunhão de seus membros”¹¹. SILVA (s.d., p. 11) afirma que “Na semântica de um item lexical (ou de uma outra categoria), polissêmico ou não, há sentidos ou referentes esquemáticos e específicos, prototípicos e periféricos. A sua estrutura tem, por isso, a forma

¹¹ (...)it is an integrated structure that embodies the commonality of its members.

de um ‘network’ (rede).” Essa formulação é importante porque salienta a existência de uma dinâmica, de uma relação entre os sentidos.

Outro processo cognitivo importante para o estudo é a metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 1980), que desempenha papel fundamental na estruturação do pensamento e na apreensão do mundo. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), citados por Silva (2006, p. 112), “a metáfora é omnipresente na linguagem do dia-a-dia e ocorre não só na linguagem, mas também no pensamento e na acção. O nosso sistema conceptual é essencialmente metafórico por natureza”. Segundo os autores, o sistema conceitual humano, em termos dos quais ele pensa e age, é essencialmente metafórico. Esse processo consiste num mecanismo de conceptualização que funciona mediante a comunicação entre dois domínios: um domínio-fonte e um domínio-alvo, sendo que o primeiro é usado para retratar ou definir o segundo. Quando se ouve algo do tipo *Marcelino é uma pedra*, o domínio-fonte é *pedra*, que “empresta” a *Marcelino* determinadas características que servem para defini-lo: talvez seja uma pessoa inflexível, pouco dada a emoções.

São muitas as metáforas presentes em nosso cotidiano. Seu emprego é tão presente nos usos linguísticos que muitas vezes nem percebermos que estamos falando metaforicamente. Por exemplo, é bastante conhecido um conjunto de usos metafóricos que relaciona o futebol, como domínio-alvo, à guerra, como domínio-origem. Por isso, usamos vocabulários típicos de uma guerra para falarmos sobre futebol. Observe os exemplos em (1):

(1) Cristiano Ronaldo liderou o ataque do Real Madrid.

O time conquistou o campeonato após ficar 12 semanas invicto.

A derrota por 6X0 foi vergonhosa.

O goleiro defendeu o pênalti.

É possível citar outros tantos exemplos. Quando dizemos que alguém é “de esquerda” ou “de direita”, não nos referimos ao fato de ser essa pessoa canhota ou destra, mas à sua orientação política. A metáfora presente, nesse caso, é a de que orientação política (domínio-alvo) é localização (domínio-origem). Além disso, existe a metáfora “pessoas são animais”, que aparece quando se diz que *Ferdinando é um burro*, *é uma raposa*, ou que *come feito um passarinho*. Em todos os casos, são determinadas características do elemento que é domínio-origem que são transpostas para o elemento que figura como domínio-alvo;

respectivamente, a estupidez/ignorância do burro; a esperteza da raposa; o a pequena porção de alimento ingerida pelo passarinho.

Outro processo importante para a estrutura semântica e gramatical é o designado perspectiva (LANGACKER, 1987). Quando pensamos em orientação espacial, por exemplo, o papel da perspectiva é evidente, dada nossa dependência em relação a certa posição relativa (CROFT e CRUSE, 2004). Da mesma forma, atitudes, crenças e valores também se constituem a partir de uma perspectiva, ou seja, a maneira como nos situamos no mundo, tanto em termos físicos quanto socioculturais, baseia-se nesse processo cognitivo. Para Langacker (1987), estão implicadas nessa habilidade cognitiva as noções de *grounding* (alinhamento figura/fundo), de ponto de vista, de dêixis e de subjetividade/objetividade.

Através do *grounding*, o estímulo, seja de natureza visual, auditiva, etc. é organizado a partir do estabelecimento de relações de proeminência entre os elementos que compõem esse estímulo. Assim, a partir do input recebido organiza-se uma figura, o elemento proeminente, que tem uma estrutura perceptível, dado que seus contornos são bem definidos. A figura é uma subestrutura destacada do remanescente (fundo), é o elemento em torno do qual a cena se organiza (LANGACKER, 1987). Por outro lado, a fixação da figura pressupõe um fundo, que passa a parecer um continuum, sem limites delimitados. Uma mudança nessa relação de proeminência, segundo esse entendimento, decorre do fato de que o foco da percepção muda, pois a percepção é dinâmica (BRISARD, 2002; LANGACKER, 1987; TALMY, 2000).

Como exemplo, pode-se imaginar uma situação em que dois estímulos auditivos estão em competição (ex.: conversar pelo telefone estando próximo a uma televisão ligada e com volume). É possível prestar atenção em um dos estímulos e abstrair o outro, deixando-o em segundo plano; também é possível mudar o foco de atenção, passando a identificar aquilo sobre o que não se prestava atenção até o momento. Durante a comunicação, o falante tenta direcionar a atenção de seu interlocutor a um referente através de uma expressão de referência, que situa os falantes, definindo um elemento saliente (RADDEN e DIRVEN, 2007). Em um ato de referência, o falante situa seu interlocutor, assegurando que ele evocará as mesmas instâncias, os mesmos referentes.

Essa é, segundo Langacker (1991), uma característica de expressões relacionais, nas quais a assimetria entre participantes é situada. Talmy (2000) usa esse processo para dar conta da expressão de relações espaciais nas línguas, visto que tanto a localização quanto a movimentação de um objeto qualquer no espaço dependendo da fixação desse objeto

enquanto figura e a simultânea fixação de um fundo. O autor estabelece algumas características que favorecem que um objeto seja figura ou fundo em uma construção, o que se apresenta no QUADRO 1 ,a seguir (TALMY, 2000, p. 315):

QUADRO 1 Características que favorecem que um objeto seja figura ou fundo em uma construção

Figura	Fundo
localização menos conhecida	localização mais conhecida
Menor	maior
mais móvel	mais estacionário
estruturalmente mais simples	estruturalmente mais complexa
mais saliente	menos saliente (<i>more backgrounded</i>)
mais recentemente na consciência	Mais cedo na cena/ na memória

Note-se que, nessa formulação, e vale lembrar que, quando se está tratando de localização espacial, tem-se um fundo sempre mais genérico, mais abstrato segundo algum critério, em comparação com a figura, mais específica. O autor apresenta, ainda, exemplo de eventos relacionados, como ocorre em *Eu li enquanto ela costurava* em oposição a *Eu li e ela costurava*. No primeiro caso, percebe-se a assimetria entre a oração subordinada e a principal, a primeira constituindo o fundo para a segunda. Saliente-se que o estabelecimento do que é figura e do que é fundo parte de processos de comparação que ocorrem simultaneamente em diferentes domínios e diferentes níveis de complexidade (LANGACKER, 1987). Em outras palavras, algum tipo de contraste entre os elementos é requerido para que a assimetria se estabeleça e se determine a figura. Segundo LANGACKER (1987, p. 125):

Atenção e organização figura/fundo são claramente relevantes para domínios espaciais e não espaciais (...). Trabalho recente sugere que generalizações apropriadas desses constructos são críticas para descrição reveladora de muitos fenômenos não espaciais.¹²

Outro aspecto relacionado à perspectiva é o ponto de vista, importante especialmente para os conceitos fundados em experiências/ percepções visuais. Para

¹² Attention and figure/ground organization are clearly relevant to both spatial (especially visual) and nonspatial domains. (...) Recent works suggests that appropriate generalizations of these constructs are critical for the revealing description of many nonspatial phenomena.

Langacker (1987), ponto de vista é um ajuste focal composto por dois subtipos: o ponto de vantagem e a orientação. O ponto de vantagem é “a posição da qual uma cena é vista” (LANGACKER, 1987, p. 123). Já a orientação é o alinhamento em relação aos eixos do campo visual (ex.: vertical e horizontal). Assim, a partir de certo ponto de vantagem, mais de uma orientação é possível. O autor reconhece, ainda, a existência de pontos de vantagem e orientações canônicos, o que faz parte de nossa caracterização enciclopédica (ex.: quando pensamos em uma casa, normalmente imaginamos sua fachada). Entretanto, uma mesma cena pode ser vista de diferentes pontos de vantagem.

Se tomarmos o evento de fala (seus participantes, seu contexto como um todo) como fundo, a dêixis pode ser explicada como o processo que se manifesta através de algumas expressões que fazem alguma referência a algum elemento dentro do escopo da predicação (LANGACKER, 1987). Palavras como *eu*, *você*, *aqui* e *agora* se relacionam a elementos do fundo, situando determinada entidade em ligação com o evento de fala. Vale lembrar que, na formulação de Langacker (1987), a relação assimétrica resultante do perfilamento figura/ fundo, quando instanciada via linguagem, tem seus elementos designados como trajetor e marco. O primeiro é a figura posta em relevo no perfil relacional, enquanto os demais elementos são identificados como marco, pois prototipicamente fornecem pontos de referência para a localização do trajetor. Assim, “dentre as entidades participantes nas interconexões perfiladas, uma predicação relacional seleciona uma para ser interpretada como figura e rastreadas contra o background fornecido pelos outros elementos” (LANGACKER, 1987, P. 231). Esses elementos desempenham, portanto, papel fundamental nas combinações sintagmáticas que compõem os predicados, sendo comum haver múltiplos marcos em uma predicação relacional, ideia que permite considerar o perfilamento como um fenômeno que ocorre em graus.

Por fim, a subjetividade/objetividade é um fator importante para a compreensão da perspectiva. De acordo com Langacker (1987), ao conceptualizar uma cena, o falante faz necessariamente uma série de escolhas que consistem nas configurações, nos ajustes focais considerados adequados por ele para o evento de fala e, assim, estrutura a cena de uma maneira específica. Nesse sentido, o próprio falante (e sua concepção) está presente na fala. Croft e Cruse (2004) exemplificam o caso com a seguinte situação: imagine-se uma mãe dizendo a seu filho *não minta para mim* e *não minta para sua mãe*. No primeiro caso, tem-se uma construção mais subjetiva, haja vista o uso do dêitico. Já no segundo caso, tem-se uma construção mais objetiva na medida em que a falante evoca o papel de mãe em termos, de

certa forma, independentes da situação de fala em si. Por isso, os autores afirmam que a criação da perspectiva resulta do fato de estarmos no mundo de determinada maneira, a partir de um ponto de vista em termos espaciais e não espaciais (ex.: localização temporal e papéis no evento de fala), o que implica uma dada visão/compreensão do todo.

Esses são alguns processos cognitivos relacionados à linguagem. Ao refletir um pouco mais sobre eles, percebe-se que nenhum opera isolado, encapsulado, ou de maneira seriada. Na realidade, o que se depreende é que esses princípios gerais são fortemente interligados, atuando em diferentes níveis concomitantemente e de maneira interdependente, o que reforça a visão integradora própria da Linguística Cognitiva.

Até o momento, a linha de raciocínio que se pretendeu desenvolver ao longo desse capítulo foi no sentido de demonstrar que Linguística Cognitiva desenvolveu e possui um arcabouço teórico que permite observar diversos fenômenos linguísticos com mais profundidade na medida em que ancora suas constatações nos processos cognitivos gerais e não em mecanismos especializados e encapsulados. Dessa visão mais totalizante que norteia a Linguística Cognitiva também faz parte a Semântica de Frames, teoria que se baseia fortemente na ideia de conhecimento construído e estruturado em rede. É o que se apresenta a seguir.

2.1.2 Semântica de Frames

Quando se afirma que a Linguística Cognitiva surge como uma reação de alguns linguistas aos princípios e formulações do programa gerativista, a Semântica de Frames parece ser um bom exemplo, especialmente porque constitui atualmente uma das principais vertentes teóricas dos estudos sobre linguagem nessa área. Mais especificamente, Fillmore estava preocupado em demonstrar “as insuficiências da descrição do significado lexical em termos de uma lista de condições necessárias (os “componentes”, ou “traços semânticos”) cuja conjunção constituiria a condição suficiente para a pertinência de um lexema a uma dada categoria significativa” (SALOMÃO, 2009, p. 171-172).

A Semântica de Frames surge e tem sua trajetória fortemente marcada pelo trabalho de Charles Fillmore (1978). O ponto inicial para ele foi certa insatisfação com a teoria dos casos, cujas razões são explicitadas em seu trabalho de 1968 (FILLMORE, 1968). Naquela época, ele percebia a necessidade de se descrever a valência semântica de todos os

argumentos presentes em um predicado. Ele propôs que o verbo possui dois atributos significativos para seu surgimento em dada sentença: (1) uma descrição de sua valência, que ele nomeou como “frame de casos” e (2) uma descrição em termos de traços de regra. Esse trabalho tinha o intuito de elaborar um dicionário de valência de base semântica no qual a valência sintática seria explicada por regras gerais.

Essa formulação mesclava sintaxe e semântica, e permitia constatar que certas valências pareciam relacionar-se mais fortemente a determinados atributos semânticos dos verbos, tais como verbos causativos ou verbos de movimento, por exemplo. Entretanto, parecia-lhe também que a descrição da valência sintática deixava escapar características semânticas importantes, tais como a diferença entre *give it to John* e *send it to Chicago* (*dê isso a John* e *mande isso para Chicago*). O frame de caso, nessa formulação, era entendido como “uma pequena ‘cena’ abstrata ou ‘situação’, de modo que, para compreender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as propriedades de esquematização dessas cenas”¹³ (FILLMORE, 2006, p. 376). Ainda que essa formulação representasse um avanço, o autor percebia que ainda não era suficiente para descrever a estrutura semântica de determinados verbos e orações. De acordo com Fillmore *et al.* (2003), resultados de trabalhos posteriores de Fillmore permitem afirmar que um conjunto reduzido e fixo de papéis não é suficiente para caracterizar de modo satisfatório as propriedades dos itens lexicais.

O autor passou a cogitar que a existência de estruturas cognitivas maiores é que davam conta da caracterização semântica dos domínios lexicais. Em 1971, em um trabalho sobre verbos de julgamento (como *culpar*, *acusar*, *criticar*), distinguiu a figura do Juiz (aquele que julga algo ou alguém); o Réu (uma pessoa sobre a qual o Juiz emite um julgamento) e uma Situação (situação relevante a ponto de ser alvo de uma emissão de julgamento). A partir dessas distinções, Fillmore (1971) estabeleceu as características dos verbos de julgamento. Essa formulação permitiu constatar a existência de um domínio vocabular no qual os elementos relacionam-se na medida em que pressupõem uma operação de esquematização. É o que ocorre com outro exemplo de domínio, hoje já considerado clássico: o “evento comercial”, que basicamente abrange, na cena esquemática, o Vendedor, o Comprador, a Mercadoria e o Dinheiro. Assim, verbos como *gastar*, *pagar* e *cobrar* compõem essa cena esquemática e têm seu significado determinado pelas relações que se estabelecem entre Vendedor, Comprador, Mercadoria e Dinheiro. Da comparação entre *comprador* e *vendedor*, depreende-se que as relações semânticas entre palavras de um frame

¹³ I thought of each case frame as characterizing a small abstract ‘scene’ or ‘situation’, so that to understand the semantic structure of a verb it was necessary to understand the properties of such schematized scenes.

por vezes implicam diferença de perspectiva em relação a um mesmo evento, o que mostra haver relações mais complexas que o papel temático e a transitividade (FILLMORE *et al.*, 2003).

Outro exemplo útil corresponde aos dias da semana. Quando fazemos referência à *quarta-feira* ou ao *final de semana*, estamos trazendo à tona uma formulação esquemática, típica de uma dada cultura, que organiza o decorrer do tempo a partir da afirmação da existência de um ciclo de sete dias ao qual demos o nome de semana. A compreensão de *quarta-feira* e *final de semana* requer o conhecimento prévio desse frame (FILLMORE e ATKINS, 1998). Por isso, pode-se afirmar que “Ao empregar a palavra *frame* para indicar a maneira estruturada por meio da qual a cena é apresentada ou lembrada, podemos dizer que o *frame* estrutura os significados das palavras, e que a palavra ‘evoca’ o *frame*” (FILLMORE, 2006, p. 378); e que, portanto, compreender uma palavra implica compreender o frame inteiro (PETRUCK, 1996). Os frames são estruturas conceituais organizadas em redes: nelas encontram-se os conhecimentos relacionados a cada palavra e as relações entre palavras que constituem o frame. Pode-se pensar também em relações entre frames. Integrados, esses constituem a visão de mundo do falante (GAWRON, 2008; FILLMORE e BAKER, 2001).

Então, a Semântica de Frames ressalta a continuidade entre léxico e gramática (PETRUCK, 1996). Caracteriza-se como um programa investigativo de base empírica que tem por objetivo proporcionar, mediante descrições e análises, uma nova forma de compreender tanto o sentido quanto a criação de novas construções. Por frame, o autor concebe “um termo amplo que abarca um conjunto de conceitos conhecidos na literatura sobre compreensão da linguagem natural por diversas denominações, tais como ‘esquema’, ‘script’, ‘cenário’, ‘estruturação ideacional’, ‘modelo cognitivo’ ou ‘teoria do ‘senso comum’”¹⁴ (FILLMORE, 2006, p. 373).

A ideia básica é a de que todo ser humano, através de processos de esquematização, estrutura e interpreta suas experiências de tal modo que as vivências futuras serão interpretadas em termos dessas novas categorias. Essa é uma experiência sempre contextualizada: primeiramente, no sentido de que todo processo de enquadramento¹⁵ acontece em dado contexto; e também porque é o contexto que possui as informações necessárias para que ocorra a interpretação. Isso significa que a evocação do frame depende da percepção do contexto, das condições de produção do enunciado a ser interpretado, bem

¹⁴ I intend the word “frame” as used here to be a general cover term for the set of concepts.

¹⁵ No original, o autor utilizou o termo *framing* para designar esse processo.

como das memórias de experiências anteriores, que deram base a uma dada esquematização (FILLMORE e BAKER, 2001).

Assim, compreender palavras e interpretar um enunciado implica a identificação da experiência que se vive com uma estrutura delineada e coerente (que pode conter objetos, eventos e situações) resultante de seleções, filtragens e generalizações feitas a partir de memórias. No processo de compreensão, o interlocutor, na medida de seu conhecimento e de seu interesse, vai “recuperando” as informações pertencentes aos frames introduzidos, relacionando-os com o restante do enunciado, com seu conhecimento do contexto atual, com seu conjunto de frames, com seu conjunto de crenças e valores. Um momento de comunicação bem sucedido, nesse sentido, requer que as pessoas envolvidas compartilhem um repertório de frames pelo menos semelhante, o que implica uma relação necessária entre processo de enquadramento e cultura e, como pano de fundo, implica a noção de cognição situada (SINHA, 2005).

Assim, um grupo que compartilha experiências culturais tende a compartilhar esse repertório de frames, caso contrário, as interações entre seus membros estariam, no mínimo comprometidas. Segundo Gawron (2008, p. 04), “frames são motivados não apenas por palavras, mas por estereótipos sobre costumes, práticas, instituições e jogos”¹⁶. Segundo Fillmore e Baker (2010, p. 316), isso justifica a assertiva, comum entre semanticistas, de que o significado presente em um texto é “vastamente indeterminado” pela forma linguística em si.

Nesse ponto, cabe salientar dois aspectos importantes. O primeiro é a existência de elementos do frame¹⁷ centrais (relações consideradas nucleares) e periféricos, com base na ideia de protótipo (ROSCH, 1973). Mesmo no caso de categorias tidas como periféricas (é o caso tradicional de adjuntos de tempo, lugar e modo) possuem seus elementos mais centrais, assim como podem assumir um papel mais central em determinados contextos comunicativos (FILLMORE e BAKER, 2001).

O segundo aspecto consiste na conclusão de que, se o conhecimento linguístico é organizado em rede, também os frames organizam-se dessa maneira, o que implica a existência de relações entre eles, o que é pertinente para a melhor compreensão dos significados (FILLMORE *et al.*, 2003). Conforme Ruppenhofer *et al.* (2010, p. 73), as unidades lexicais são situadas em espaços semânticos por seu significado e pelas relações

¹⁶ Frames are motivated not just by words, then, but by stereotypes about customs, practices, institutions, and games.

¹⁷ De acordo com Fillmore e Baker (2010), elementos do frame são propriedades que podem ou devem estar presentes nas instâncias do frame.

entre frames. A análise dessas relações, além de tornar a abordagem mais “robusta”, melhora a compreensibilidade dos frames, visto que “o significado de um frame mais complexo pode ser clarificado relacionando-o a outro frame existente e de mais fácil compreensão”¹⁸.

De um modo geral, então, cada frame relaciona-se a outros de modo que haja subframes e superframes. Todos os subframes compartilham elementos do frame, mas conservam suas especificidades. O quadro a seguir, traduzido pela autora, apresenta as relações possíveis entre frames, bem como os respectivos frames e superframes:

QUADRO 2 Tipos de relações entre frames, segundo Ruppenhofer *et al.* (2010)

Relações	Subframes	Superframes
Herança	Filho	Pai
Perspectiva	Perspectivizado	Neutro
Subframe	Componente	Complexo
Precedência	Posterior	Anterior
Incoativo	Incoativo	Estado
Causativo	Causativo	Incoativo/Estado
Uso	Filho	Pai
“Veja também”	Entrada de referência (<i>Reference Entry</i>)	Entrada Principal (<i>Main Entry</i>)

De acordo com Fillmore e Baker (2001, p. 330), são oito os tipos de relações possíveis entre frames:

1) Relações de generalizações:

(a) herança: é considerada a mais forte relação entre frames. Caracteriza-se pelo fato de elementos do frame pai estarem contidos também no frame filho, sem que o inverso necessariamente ocorra. O frame filho pode ter mais elementos de frame, pois semanticamente é um subtipo do frame pai. Ex.: o frame de vingança herda elementos do frame de punição.

¹⁸ The intended meaning of more complex frame can be clarified by relating it to an existing, easily-understood frame.

(b) perspectiva: indica a existência de mais de um ponto de vista, inclui pelo menos uma posição neutra e outra perspectivizada. É um tipo de relação figura-fundo. Ex.: comprar e vender.

(c) uso: ocorre quando um frame mais específico faz referência a um frame mais abstrato, portanto mais esquemático. Isso significa que o frame mais específico necessita do conhecimento de *frame de background*¹⁹ referente ao mais abstrato. Ex.: o frame intitulado comunicação de julgamento usa elementos dos frames de afirmação e de julgamento.

2) Relações de estrutura de evento:

(a) subframe: são subeventos de eventos complexos; nesse caso, os elementos do frame complexo podem ser mapeados a partir dos elementos dos subframes. Ex.: frame processo criminal (superframe) e julgamento (subframe).

(b) precedência: relação que especifica ordenamento temporal.

3) Relações sistemáticas:

(a) causativas: o frame pai representa a causa em relação ao frame filho.

(b) incoativas: o frame pai representa o incoativo e o frame filho, o estado. Ex.: subir (incoativo) e alto (estado)

(4) “Veja também”: redireciona o leitor a outro frame, fazendo referências cruzadas.

Os autores salientam ainda que, assim como há relações entre frames, também há relações entre elementos de frames. Há também um sistema de tipos semânticos que se aplica a esses elementos, estabelecendo-se uma hierarquia na qual os elementos mais altos aproximam-se dos papéis temáticos tradicionais. “Cada instância de um frame ou elemento de frame é também uma instância de frames mais gerais ou elementos de frames dos quais herda”²⁰ (FILLMORE e BAKER, 2010, p. 331).

Por tudo isso, a Semântica de Frames preconiza que “o significado das palavras deve ser descrito em relação aos frames (...) que fornecem a base para a interação significativa em uma dada comunidade de fala”²¹ (FILLMORE, JOHNSON e PETRUCK, 2003, p. 235).

¹⁹ Dada a dificuldade encontrada na tradução do termo *background frame*, que consta na bibliografia de referência, optou-se simplesmente pela inversão dos termos do inglês, buscando adaptar as palavras do inglês à ordem típica do português.

²⁰ Every instance of a frame or a frame element is also an instance of more general frames or frame elements from which it inherits.

²¹ The central Idea of Frame Semantics is that word meaning must be described in relation to *semantic frames* (...) that provide a foundation for meaningful interaction in a given speech community.

Quando se afirma que cada palavra tem o poder de evocar um frame, ao mesmo tempo ela “perfila algum aspecto ou componente desse frame. O pareamento de uma palavra com seu *frame de background* significa que quando nós compreendemos uma palavra, nós devemos simultaneamente reconhecer a relevância da informação de background dentro da qual aquela palavra desempenha um papel interpretativo” (FILLMORE e BAKER, 2001, p. 317-318). Por isso a pertinência do desenvolvimento de um dicionário estruturado em rede, que ao mesmo tempo apresente as unidades lexicais (UL)²², descreva sua posição dentro do frame e estabeleça relações entre elas. Vale salientar que, para o desenvolvimento do projeto desse tipo, assumiu-se que a compreensão de qualquer palavra de conteúdo (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e muitas preposições) requer a evocação do *frame de background* dentro do qual o significado é interpretado (FILLMORE e BAKER, 2001).

Essa é uma das justificativas para o desenvolvimento do projeto FrameNet. A partir dessa perspectiva, Fillmore e seus colegas desenvolveram-na junto à Universidade de Berkeley, nos EUA. Esse projeto consiste na elaboração de uma base de dados disponibilizada *on line*, construída a partir de evidências extraídas de corpus do inglês²³, que apresenta os significados segundo os postulados da Semântica de Frames. O item lexical passa a ser tratado como unidade lexical, que é a soma de uma forma (palavra) e um conteúdo (significado). Cada novo significado de uma palavra representa uma nova unidade lexical. Atualmente, conta com mais de 10.000 unidades lexicais descritas, sendo que cerca de 6.000 delas encontram-se amplamente anotadas; há aproximadamente 800 frames relacionados e 135.000 sentenças anotadas (RUPPENHOFER *et al.*, 2010). Assim como os dicionários tradicionais, as unidades lexicais aparecem acompanhadas de definição; porém são acompanhadas de vários exemplos de cada sentido, que ilustram todas as possibilidades combinatórias. As unidades lexicais estão necessariamente ligadas a frames e a outras unidades lexicais que também evocam aquele frame. A FrameNet inclui, ainda redes de relações entre frames (categorizados como herança; uso; subframe e perspectiva).

Para o português brasileiro, um projeto da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) propõe a criação de um banco de dados nos moldes da FrameNet do inglês. A partir de um corpus de aproximadamente 104 milhões de palavras, constituído de textos escritos, de fala transcrita e de legendas de filmes, e utilizando-se de um software de anotação próprio

²² Unidades lexicais são pareamentos entre forma e significado, conceito correlato à ideia de construção de Langacker (1987), bem como de formulações de outros autores da Linguística Cognitiva.

²³ Foi utilizado o British National Corpus (BNC), por conter grande número de textos de diferentes gêneros (RUPPENHOFER *et al.* 2010).

(SALOMÃO, 2009). Atualmente, encontram-se descritos cerca de 32 frames e 38 unidades lexicais. Pode-se considerar, portanto, que trabalho ainda encontra-se em fase inicial.

O desenvolvimento de um frame, no projeto, parte sempre de uma pressuposição a respeito de sobreposições semânticas entre certas unidades lexicais. A análise que se procede envolve a caracterização do tipo de situação evocada por ULs, determinando os elementos que constituem o frame e as instâncias possíveis para o mesmo mediante a análise de sua realização sintática. O método de análise lexical é composto, segundo Fillmore e Baker (2001), por cinco etapas:

- 1) Caracterização do frame, ou seja, dos tipos de situação para os quais a língua forneceu determinados recursos expressivos;
- 2) Descrição e nomeação dos elementos do frame (EF), ou seja, das unidades lexicais e aspectos do frame que devem ser mencionados nas sentenças que constituem instâncias daquele frame;
- 3) Seleção das ULs que pertencem ao frame, que evocam e dependem do *frame de background*;
- 4) Anotação das sentenças escolhidas como amostra, capaz de mostrar as maneiras pelas quais determinada UL propicia que uma informação relevante sobre o frame seja apresentada;
- 5) Geração de entradas lexicais e as respectivas descrições de valência contidas nelas.

Para ilustrar a constituição de um frame, apresenta-se, na seção a seguir, um exemplo de frame, escolhido por seu conteúdo ser de interesse para o presente trabalho, especialmente algumas unidades lexicais.

Um exemplo: Frequência (*Frequency*)

O frame designado Frequência relaciona-se com a ideia de repetição de situações/ eventos. A definição apresentada para o frame é a seguinte:

Este frame tem a ver com a repetição (e especialmente a frequência de repetição) de um evento. Muitos dos adjetivos e advérbios neste frame são baseados em substantivos no frame Unidade de Calendário.

China terá de enfrentar uma alta frequência de tempestades de areia nos próximos anos.

China terá de enfrentar uma alta **FREQUÊNCIA** de tempestades de areia nos próximos anos.²⁴

Apresenta-se, portanto, o nome do frame e uma definição que indica seu papel na descrição das situações, e uma sentença que ilustra o frame de um modo geral.

A descrição dos elementos de frame considerados centrais para o inglês é apresentada no quadro a seguir, traduzido pela pesquisadora:

QUADRO 3: Descrição dos elementos centrais do frame *Frequência* no inglês

Elemento	Caracterização	Exemplo
Atributo	A característica de frequência do evento ou entidade saliente que está em discussão. Todas as unidades lexicais neste quadro incorporam esse elemento do frame	Essas exposições eram susceptíveis de ser INTERMITENTES na frequência que ocorre apenas quando os trabalhadores estavam participando de atividades nestas áreas específicas.
Evento	Este EF é utilizado para qualquer evento (limitado) cuja frequência ou iteração é descrita.	Os sintomas eram <u>esporádicos</u> .
Taxa	O número de vezes por unidade de tempo real ou “de varredura” que um evento ou entidade saliente é encontrado.	O governo do Estado gasta, em seu ano fiscal de 2006, de 23,4 bilhões dólares a <u>uma taxa de 742 dólares por segundo</u> .
Entidade saliente	Uma entidade que o “conhecedor” implícito encontra com a frequência especificada	Custa cerca de US\$ 2,50 para viajar 200 km (124 milhas), mas os <u>ônibus não são frequentes</u> e apenas um ou dois ônibus por dia servem a maior parte das rotas.
Intervalo de tempo	É a duração de tempo de intervalo. Este EF é incorporada pela maioria das unidades lexicais neste frame.	Você tem que renovar a licença <u>todos os anos</u> .

Ainda há os elementos Grupo e Tempo, considerados não centrais. O primeiro diz respeito ao grupo em que determinado evento ou entidade saliente é frequente (ex.: A obesidade é comum nos americanos). O segundo diz respeito ao tempo em que determinado

²⁴ This frame has to do with the repetition (and especially the frequency of repetition) of an event. Many of the adjectives and adverbs in this frame are based on nouns in the Calendric_unit frame.
China will have to face a high FREQUENCY of sand storms in the years to come.

evento tem uma frequência particular (não são apresentados exemplos). Como relações entre frames, aponta-se herança para atributos graduáveis (*gradable attributes*); e uso para eventos. Não são apontadas relações de perspectivação, subframe, precedência, incoação ou causação.

As unidades lexicais que compõem o frame incluem substantivos, adjetivos e advérbios. Os advérbios (objeto de interesse desta tese) que foram citados são: *todo o tempo*, *sempre*, *anualmente*, *“em tempo”*, *constantemente*, *de vez em quando*, *geralmente*, *em geral*, *normalmente*, *ocasionalmente*, *frequentemente*, *ordinariamente*, *regularmente*, *raramente*, *às vezes*, *“de tempos em tempos”* e *usualmente*. Constata-se, pois, que a lista de unidades lexicais apresentadas para esse frame não é exaustiva, visto que possibilidades de expressão de frequência não foram apresentadas, o que pode indicar que esse frame ainda não esteja completamente descrito.

A seção 2.1 tratou da Linguística Cognitiva, o primeiro pilar da presente tese, que contém os fundamentos teóricos para as reflexões que se pretenderá fazer posteriormente, ao longo das discussões dos resultados. Na referida seção, foram apresentados os postulados gerais das teorias que compõem essa área da Linguística, também se discorreu sobre alguns processos mentais de domínio geral que estão presentes e dão base ao fenômeno linguístico. Por fim, apresentou-se a Semântica de Frames, teoria de especial interesse para a análise posterior dos dados.

A seguir, passa-se à seção que trata de advérbios, pois a presença de determinados advérbios em construções do PB e do PE contribuiu fortemente para a delimitação do objeto de estudo. Além disso, o que se pretende observar nos dados é a interação desses advérbios com outros elementos presentes na construção (sua posição na sentença, a conjugação verbal, o tipo de oração e os frames verbais que se relacionam com esses advérbios).

2.2 Advérbio

Muito da dificuldade que comumente se atribui ao estudo da classe dos advérbios decorre da diversidade dos itens que a compõem: formas, significados e comportamentos bastante distintos estão em jogo quando o falante faz uso de advérbios. Para os estudiosos da linguagem, isso se revela um problema. Perini reivindica que determinado critério de unidade fundamente a fixação das referidas classes, afirmando que “só faz sentido estabelecer classes

se for para colocar em cada uma as palavras que funcionam de maneira semelhante” (2006, p. 30).

Ora, palavras como *bem*, *ontem*, *completamente* e *não*, entre tantas outras, são classificadas como advérbios. Como muitas vezes essa classe é vista como problemática (e de certa forma espelhando o problema em si), o que se observa, ao se proceder a uma revisão de literatura sobre o assunto, é certa heterogeneidade nas abordagens, o que pode ser sintomático em relação à alegada dificuldade em se trabalhar com a classe como um todo.

Por esse motivo, realiza-se, neste capítulo, um breve panorama sobre a forma como o advérbio vem sendo tratado por alguns autores brasileiros de diferentes orientações teóricas. Obviamente, o propósito não é atingir a exaustão do tema, mas buscar elementos que permitam conjecturar sobre com o que se está afinal lidando ao se tratar de advérbios. Para isso, este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 2.1.1, são apresentadas algumas visões presentes em gramáticas tradicionais do português brasileiro, bem como uma rápida exposição sobre o tratamento dado ao tema no âmbito da teoria gerativa; na seção 2.1.2., são apresentados alguns trabalhos de orientação funcionalista, com especial destaque para a *Gramática do Português Falado*; na seção 2.1.3., trata-se especificamente de advérbios aspectualizadores, ponto fundamental para o estudo desenvolvido na tese. Em todos os casos, buscou-se realizar breves reflexões críticas, com o intuito não só de conferir base teórica ao objeto de estudo, mas de contribuir para a discussão desse tema tão complexo.

2.2.1 Da abordagem tradicional a uma visão gerativista

Começa-se essa panorâmica a partir da gramática tradicional normativa (doravante GT). Basicamente, critérios morfológicos e semânticos são empregados na definição tradicional. É a classe de palavras composta por palavras invariáveis que têm por função modificar verbos, adjetivos e advérbios (CEGALLA, 2002, CUNHA e CINTRA, 2001). Palavras e expressões (locuções adverbiais) assumem função sintática de adjunto adverbial, e são classificadas segundo as circunstâncias ou ideia acessória que exprimem²⁵.

²⁵ Dentre as gramáticas tradicionais pesquisadas, verificou-se a divergência quanto à classificação dos advérbios. Somente Cunha e Cintra (2001) fazem coincidir sua classificação com aquela estabelecida na Nomenclatura Gramatical Brasileira (afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo tempo, negação, ordem, exclusão e designação).

Normalmente, as explicações são acompanhadas de exemplos extraídos de obras literárias²⁶ (CUNHA e CINTRA, 2001).

O tratamento dado ao tema por Bechara (2002, p. 290) já apresenta certo caráter descritivo. O autor define advérbio como expressão modificadora que denota circunstância e desempenha função de adjunto adverbial relacionado a um verbo, adjetivo, advérbio ou a uma declaração inteira, quando o papel sintático-semântico do advérbio extrapola o núcleo da oração, espalhando-se para todo o predicado. Isso acarreta relativa mobilidade e “certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito do falante”, o que contribuiria fortemente para a heterogeneidade da classe e a decorrente dificuldade de atribuição de uma classificação uniforme e coerente.

As principais circunstâncias denotadas por advérbios e locuções desse tipo, segundo Bechara (2002), são: assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação; e todas as categorias são acompanhadas de frases-exemplo. O autor menciona ainda: (a) o processo de adverbialização de adjetivos; (b) a intensificação gradual dos advérbios (comparativo e superlativo absoluto); (c) o uso de diminutivo com valor de superlativo (como *cedinho*); e (d) os advérbios de base nominal (como *rapidamente*) e pronominal (como *aqui, em que, alhures, onde?*).

Constata-se, então, que a análise de Bechara já apresenta alguns avanços em relação às abordagens de Cegalla e de Cunha e Cintra. O autor já dá alguma atenção a certos contextos de uso, à flexibilidade do advérbio, inclusive quando esse passa a ser a própria oração, e não o considera apenas um termo acessório da oração, como postulam as gramáticas tradicionais. Entretanto, há que se enfatizar a existência de tantos outros contextos capazes de interferir no comportamento dos advérbios.

Dentro da perspectiva da gramática gerativa, Miotto et al. (2004, p. 14) problematizam a definição de advérbio apresentada por Cunha na *Gramática do Português Contemporâneo*. A partir de exemplos nos quais constam advérbios terminados em *-mente*, postulam que essa categoria de palavras não tenha um “lugar claro no conjunto de categorias lexicais” (p. 55). A única exceção seriam os advérbios justamente com essa terminação, que

²⁶ Todos os exemplos apresentados no presente capítulo foram extraídos dos respectivos autores sobre os quais se discorre. Essa escolha deu-se devido ao fato de, desde as abordagens mais tradicionais até as de Cunha descritivo e mais recentes, ser vasto o número de exemplos. Além disso, considera-se de especial interesse os exemplos empregados em trabalhos baseados em *corpora*, pois os mesmos constituem situações reais de uso.

seriam os únicos a serem designados advérbios nas línguas. Apoiados em Radford (1988), afirmam que o que pode ocorrer é um caso de distribuição complementar dos demais advérbios em relação a adjetivos, “no sentido os últimos modificam nominais, enquanto os primeiros modificam constituintes não nominais (verbais, adjetivais, preposicionais)”. A partir do quadro teórico da Teoria X-Barra, os autores acreditam na existência da categoria lexical Adv, que projetaria o nível intermediário Adv’ e o nível máximo, AdvP.

Ainda que os autores afirmem que as questões ligadas ao advérbio extrapolem os objetivos da obra, a crítica que se pode fazer relaciona-se à visão gerativista em si. Com base na Teoria X-Barra, qualquer categoria classificada como lexical possui o mesmo comportamento, projeta um nível intermediário e um nível máximo. Em outras palavras, o comportamento dessas categorias é visto, de certa forma, como regular, no sentido de que todas são preconizadas dessa maneira. De resto, a diversidade de comportamento dos advérbios pode ser tratada como uma questão de movimento, em relação à qual uma regra transformacional geral também se aplica. Sabe-se que o objetivo do programa gerativista é a busca dos “universais linguísticos”, bem como que as questões semânticas não são priorizadas pelo programa. Por isso, muitas das questões ligadas aos advérbios ficam sem respostas dentro desse quadro teórico.

Os estudos sobre advérbio no Brasil tem se desenvolvido muito nos últimos anos, especialmente devido a trabalhos descritivos baseados em *corpus*. Na próxima seção, são apresentados alguns desses trabalhos com o intuito de expor uma visão geral sobre como o tema vem sendo tratado, bem como atender aos propósitos da presente tese.

2.2.2 Algumas abordagens descritivas baseadas em corpus

Uma observação mais atenta das questões implicadas no tratamento dos advérbios mostra uma grande quantidade de “problemas” com os quais o linguista tem de lidar. Esse fator tem levado os estudiosos a desenvolver trabalhos extensos e minuciosos baseados em *corpora*.

Perini (1995, p. 118) atesta a diversidade de comportamento das chamadas funções adverbiais, que “corresponderiam, no nível da oração, às funções de atributo, adjunto adverbial, adjunto oracional, negação verbal e muitos casos de adjunto circunstancial”. Isso impediria a categorização dos advérbios em um único tipo de sintagma. Segundo ele, pode-se,

no máximo, apontar algumas características mais frequentes, e aguarda “que se elabore uma taxonomia mais rigorosa” (p. 119).

Essa taxonomia foi desenvolvida no final da década de 1980 e aprimorada na década de 1990 devido ao trabalho de um grupo de linguistas. As descrições sobre advérbios no português brasileiro que serão apresentadas aqui consistem, basicamente, no trabalho de três autores: Ilari (1992), Moura Neves (2000) e Castilho (2008, 2010). As afirmações desses coincidem em muitos aspectos, especialmente por desenvolverem pesquisas de caráter funcionalista e baseadas em *corpus*. Há textos, inclusive, que dão conta do diálogo entre esses pesquisadores, das escolhas de pesquisa em determinados momentos (ILARI, 2007). Como boa parte desse trabalho foi publicada dentro do Projeto Gramática do Português Falado, iniciar-se-á a apresentação dos mesmos pelos artigos sobre advérbios que constam nessa Gramática.

2.2.2.1 A Gramática do Português Falado

Uma obra que merece destaque é a *Gramática do Português Falado*, que traz artigos sobre advérbios em diferentes volumes. As discussões sobre advérbios nesse projeto abrangem diversos aspectos do comportamento dessa classe. Para tentar abreviar o debate no presente trabalho, manter-se-á o foco de atenção naqueles artigos em relação aos quais se entende que haja uma relação direta com objeto de estudo, nomeadamente Ilari *et al.* (1989) e Ilari (1992). No volume I, Ilari *et al.* (1989) apresentam o artigo “Considerações sobre a posição dos advérbios”. O trabalho é considerado bastante completo e em muito concorda com a descrição feita na *Gramática de Usos do Português* (Moura Neves, 2000) e com a *Nova Gramática do Português Brasileiro* (Castilho, 2010), bem como outros estudos de Castilho, sobre os quais tratar-se-á adiante.

O trabalho parte da crítica à tradição gramatical em relação ao tratamento generalizante e, de certa forma, contraditório dado à classe. Ao mesmo tempo em que preconiza uma posição final para esses elementos, expõe a mobilidade que também lhe é característica (crítica que se encontra em Ilari, 2007). Os autores propõem uma categorização semântica dos advérbios, ponderando os limites imprecisos da mesma, decorrentes de dificuldades ao lidar com os critérios tradicionais – morfossintático (invariabilidade; caráter modificador que se aplica a não substantivos); sintático (relação com o verbo o adjetivo e o

advérbio); nocional (caráter de modificador e circunstancial) –, e afirmando que “os critérios tradicionais não são imediatamente aproveitáveis para uma análise rigorosa” (p. 65).

Nesse contexto, Ilari *et al.* (1989) apresentam uma proposta alternativa de tratamento do tema, considerando dois pontos básicos. O primeiro deles vincula-se ao escopo dos advérbios, postulando que os mesmos podem ser classificados em: advérbio de constituinte, advérbio de sentença e advérbio do discurso. O segundo ponto liga-se ao caráter predicador ou não desses elementos.

Em relação ao primeiro aspecto, Ilari e colegas (1989) salientam que o advérbio de constituinte é aquele cujo papel se esgota quando aplicado ao constituinte oracional. Já no caso do advérbio sentencial, esse elemento influencia a sentença como um todo. Advérbios desse tipo extrapolam a visão tradicional, visto que não se esgotam na aplicação ao constituinte oracional (Ilari, 2007). É o que ocorre em *Basicamente, eu posso não interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo*. A esse exemplo, somam-se construções contendo *praticamente, no fundo, de fato, humanamente, pura e simplesmente, oficialmente*, advérbios que limitam o ponto de vista sob o qual se pode considerar correta a asserção.

A variedade dos exemplos apresentados indica que é fundamental o papel do advérbio de sentença na organização desta enquanto segmento temático-discursivo. Há advérbios, ainda, que extrapolam o nível da sentença e atingem o nível do discurso; esse é o caso de elementos dêitico-anafóricos, como *agora, daí e então*, que introduzem um “momento no discurso”, operando mudança de tópico ou de orientação discursiva (Ilari, 2007).

O segundo ponto destacado por Ilari *et al.* (1989) vincula-se ao caráter predicador do advérbio em relação a uma característica da qualidade ou ação atribuída ao sujeito. Segundo os autores, “a distinção predicativo/não-predicativo não se fundamenta na possibilidade de obter para as ocorrências em questão paráfrases em que a expressão adverbial seja substituída por um predicado, mas na diferença dos papéis que desempenham” (p. 74). Os advérbios categorizados como predicadores podem ser divididos em classes: predicativos; intensificadores; e modalizadores. Os advérbios não-predicativos, por sua vez, não modificam sentido. É o caso da negação, das expressões de inclusão/ exclusão e de focalização, que atuam sobre o valor de verdade da proposição.

Em relação à ordem, os autores lembram que, em princípio, os advérbios parecem ter liberdade posicional. Entretanto, o estudo revelou que a posição não é aleatória, mas

influenciada pela classe funcional a que pertence o advérbio em análise, visto que “as diferentes classes de advérbios tomam como escopo diferentes classes de expressões em relação às quais se ordenam. (...) Para cada paradigma há geralmente uma posição preferencial, sendo outras posições disponíveis por deslocamento” (ILARI *et al.* 1989, p. 113).

Por fim, os autores enfatizam o caráter heterogêneo da classe, especialmente com base na variedade de funções sintáticas assumidas e os tipos de construções sintáticas em que ocorrem. Destacam que a posição ocupada por advérbios segue um paradigma que sugere uma posição preferencial e posições possíveis através de deslocamento, sendo que um mesmo advérbio pode aparecer em diversos paradigmas e, em virtude disso, assume diferentes características, o que permite postular a polissemia dos advérbios.

Seis são os artigos dedicados aos advérbios no volume II da Gramática do Português Falado. Devido à relação direta com o tema da presente tese, dar-se-á mais atenção ao primeiro deles. Intitulado “Sobre os advérbios aspectuais”, é de autoria de Ilari (1992), que afirma constituírem os advérbios aspectualizadores uma classe à parte, especialmente com base na “existência de uma restrição de coocorrência que envolve aspecto” (p. 139). Mais especificamente, o autor constata que muitos advérbios dizem respeito ao modo pelo qual se representa o evento em termos de constituição interna. Observem-se os exemplos em (2):

(2) [o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então geralmente ele vai com o tio.

[o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então geralmente ele está indo com o tio.

[o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então geralmente ele tem ido com o tio.

[o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então geralmente ele ia com o tio.

[o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então geralmente ele foi com o tio.

A análise dos exemplos mostra que o emprego de *geralmente* vincula-se a restrições de coocorrência em relação ao pretérito perfeito do indicativo, o que não acontece nos exemplos cuja forma verbal está conjugada em tempos verbais relacionados ao aspecto imperfectivo. O autor afirma, assim, que a representação do evento descrito é afetada “pela

natureza do próprio adjunto, pela escolha do verbo como unidade lexical, pelo tempo verbal em que ele é conjugado e pela quantificação dos sintagmas nominais” (p. 141). Como hipótese, postula que é pequeno o número de categorias aspectuais aplicadas para distinguir eventos, e que a compatibilidade entre advérbio e verbo justifica-se pela compatibilidade com o processo descrito na oração.

Sobre os advérbios aspectualizadores propriamente ditos, Ilari (1992, p. 179) faz referência explícita à noção *Aktionsart*, citando autores tradicionais e reconhecidos na evolução da aspectologia, tais como Dowty (1979) e Mourelatos (1981) e especialmente Vendler (1967), no qual se baseia para introduzir sua abordagem sobre adjuntos, dividindo-os em três grupos e indicando em que avançar no estudo de cada um deles: 1), associado a *accomplishments* e *achievements*); 2) Adjuntos que operam uma distinção entre tempo empregado e tempo escoado (ex.: *em três semanas, por três semanas*); 3) Adjuntos que indicam reiteração (ex.: *muitas vezes*).

No que diz respeito à reiteração, o autor recorre à noção de vez, que “se refere à reiteração cíclica de eventos”, à qual se pode aplicar a pergunta “quantas vezes?”, o que permite distinguir sentenças cujo predicado ocorre uma única vez (aspecto semelfactivo) e aquelas cujo evento se repete. Para esquematizar as possibilidades de expressão da ideia de repetição/reiteração, o autor elabora o esquema exposto no QUADRO 4:

QUADRO 4: Possíveis respostas à pergunta “quantas vezes?”, segundo Ilari (1992a, p. 166)

Único				
Plural	Totalização	numérico: <i>três vezes</i>		
		indefinido	sem comparação: <i>algumas vezes</i>	
			com comparação implícita	discretamente numeroso: <i>um pouco</i>
				menos numeroso: <i>(muito) pouco</i>
	simples recorrência: <i>de novo, novamente</i>			
	recorrência / ciclo	ciclo não medido	frequência	alta: <i>(amiúde), frequentemente, seguido, constantemente</i>
				média: <i>de vez em quando, vez por outra</i>
				baixa: <i>raramente</i>
		regularidade	mais regular: <i>regularmente, periodicamente</i>	
			menos regular: <i>eventualmente</i>	
ciclo medido		quantas vezes num período: <i>anualmente, semestralmente, mensalmente, quinzenalmente, semanalmente, diariamente</i>		
	a cada quanto tempo: <i>cada três meses, quase todos os anos, todo dia, em cada prestação</i>			

Nessa apresentação, as possíveis respostas à pergunta “quantas vezes” subdividem-se, primeiramente, entre as categorias *único* (semelfactivo) e *plural*. Este, por sua vez, subdivide-se em três grandes grupos. O primeiro, *totalização*, divide-se em *numérico* (*três vezes*); e *indefinido* (sem comparação – *algumas vezes*; com comparação implícita – *muito, um pouco* e *(muito) pouco*). O segundo grupo é designado *simples recorrência* (*de novo, novamente*). O terceiro grupo, *recorrência/ciclo*, subdivide-se em *ciclo não medido* (frequência – *amiúde, frequentemente, seguido, constantemente, de vez em quando, vez por outra, raramente*; regularidade – *regularmente, periodicamente, eventualmente*) e *ciclo medido* (quantas vezes num período – *anualmente*; a cada quanto tempo – *cada três meses, quase todos os anos, todo dia, em cada prestação*).

A noção de vez também pode ser interpretada, segundo o autor, como correspondente a “ensejo, ocasião, oportunidade”. A categorização dos advérbios correspondentes mais uma vez é apresentada esquematicamente no QUADRO 5:

QUADRO 5: Quantificação sobre ocasiões, segundo Ilari (1992a, p. 172)

Quantificação sobre vezes	Universal	positiva: <i>sempre, toda vez</i>
		negativa: <i>nunca, jamais</i>
	particular: <i>certa vez, uma vez</i>	
Proporcionalidade num universo de vezes	normativa: <i>normalmente, habitualmente</i>	
	comparativa	alta: <i>geralmente, na maioria das vezes, o mais das vezes, em geral</i>
		baixa: <i>raramente</i>

A quantificação sobre ocasiões subdivide-se em dois grandes grupos. O primeiro é chamado *quantificação sobre vezes*, e subdivide-se em *universal* (*sempre, toda vez, nunca, jamais*) e *particular* (*certa vez, uma vez*). O segundo é chamado *proporcionalidade num universo de vezes*, que se subdivide em *normativa* (*normalmente, habitualmente*) e *comparativa* (*geralmente, na maioria das vezes, o mais das vezes, em geral, raramente*).

Vale ressaltar que todos os advérbios elencados são acompanhados de exemplos extraídos do corpus de análise. Entretanto, o trabalho de certa forma peca pelo fato de não ter sido feita uma apresentação, se não exaustiva, pelo menos mais completa das possibilidades de advérbios que o português brasileiro possui para a expressão da noção aspectual de reiteração. Além disso, entende-se que a categorização é excessivamente detalhada, visto que, em algumas subdivisões consta apenas uma palavra. A partir dessa percepção, Prestes-Rodrigues (2010) propôs uma nova categorização para advérbios aspectualizadores, julgando-a mais econômica e objetiva. O QUADRO 6 a seguir esquematiza a proposta:

QUADRO 6: Categorização dos advérbios aspectualizadores de reiteração segundo Prestes-Rodrigues (2010)

Único: *certa vez, uma vez*

Plural	Numérico: <i>(três) vezes</i>		
		Ciclo indefinido (ou simples): <i>novamente, de novo, outra vez</i>	
	Recorrência	Ciclo não medido	Frequência absoluta: <i>sempre, toda vez, nunca, nenhuma vez</i>
			Frequência alta: <i>frequentemente, seguido, seguidamente, constantemente, regularmente, normalmente, habitualmente, geralmente, na maioria das vezes, em geral, o mais das vezes, várias vezes, muitas vezes, muito</i>
			Frequência média: <i>de vez em quando, vez por outra, eventualmente, algumas vezes</i>
Frequência baixa: <i>raramente, poucas vezes, um pouco, (muito) pouco.</i>			
	Ciclo medido: <i>Anualmente, semestralmente, mensalmente, semanalmente, diariamente, periodicamente, cada três meses, todos os meses, todo dia, em cada prestação.</i>		

Nessa proposta, em termos de quantificação sobre vezes, os eventos ocorrem uma única vez (semelfactivo, nomenclatura da teoria aspectual) ou mais de uma vez, categoria à qual se dá o nome de plural. A pluralidade de ocorrências subdivide-se em numérico (ex.: *três vezes*) e recorrência. A recorrência, por sua vez, subdivide-se em ciclo indefinido ou simples (ex.: *novamente, de novo, outra vez*), em que não se tem a informação precisa sobre quantas vezes o evento já ocorreu, nem quanto à eventual frequência de ocorrência; ciclo medido (ex.: *anualmente, semestralmente, mensalmente, semanalmente, diariamente, periodicamente, cada três meses, todos os meses, todo dia, em cada prestação*), variando de acordo com a definição de um período de tempo (ano, semestre, trimestre, o vencimento de uma prestação); e ciclo não-medido. O ciclo não-medido encontra-se subdividido segundo um critério de frequência de repetição do evento: frequência absoluta (ex.: *sempre, toda vez, nunca,*

nenhuma vez), compreendida em termos de totalidade de ocorrência (positiva ou negativa); frequência alta (ex.: *frequentemente, seguido, seguidamente, constantemente, regularmente, normalmente, habitualmente, geralmente, na maioria das vezes, em geral, o mais das vezes, várias vezes, muitas vezes, muito*); frequência média (ex.: *de vez em quando, vez por outra, eventualmente, algumas vezes*); e frequência baixa (ex.: *raramente, poucas vezes, um pouco, (muito) pouco*).

Entende-se que uma proposta mais enxuta contribui para que se tenha uma visão panorâmica do fenômeno de maneira mais didática. Cabe salientar que algumas das nuances de comportamento entre membros de uma mesma subdivisão serão estudados com base em análise de caráter estatístico na tese que ora se desenvolve, visto que constituem objeto de interesse da pesquisadora, que pretende dar continuidade a essas observações no futuro.

Ilari (1992) relaciona, ainda, a expressão do aspecto de reiteração em consonância com a quantificação sobre nomes ou sobre sentenças em que o núcleo semântico do predicado é um nome. É o que ocorre nos exemplos a seguir:

(3) Os associados muitas vezes têm problemas de origem conjugal.

(4) A classe comerciária tem um horário estipulado pela CLT em torno de oito horas diárias... mas frequentemente pelo que tenho lido há uma certa burla.

Os fatores implicados nesse fenômeno, segundo Ilari (1992, p. 177), são: (a) a possibilidade de o substantivo indicar um só evento ou um estado durável; (b) a possibilidade de os adjuntos localizarem um momento, pontualmente, ou um período; (c) a possibilidade de o tempo verbal, tal como o presente, o imperfeito e o passado composto, marcar duração ou repetição, ou, ainda, marcar a globalidade ou unicidade do evento.

Nota-se que a visão de Ilari sobre advérbios aspectualizadores, muito provavelmente por ser uma abordagem baseada em *corpus*, apresenta um caráter muito mais dinâmico. Diferentemente das abordagens tradicionais, que se baseiam na invariabilidade, no caráter modificador, circunstancial e acessório do advérbio; bem como da visão gerativista anteriormente apresentada, que preconiza uma estrutura a que qualquer advérbio se encaixaria, os estudos de Ilari (1992a) mostram que os advérbios aspectualizadores têm um comportamento repleto de nuances marcadas pela interação com outros elementos coocorrentes, tais como o substantivo e o tempo verbal.

Moura Neves (1992) trata dos advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). Inicialmente, reporta este trabalho como uma continuidade de Ilari *et al.* (1989), considerando que advérbios de tempo e de lugar têm “um estatuto particular” negligenciado pela gramática tradicional. De acordo com a autora:

De fato, se o advérbio se define como modificador do verbo (ou, ainda, do adjetivo e do advérbio), como ocorre tradicionalmente, os circunstanciais não pertencem à classe, já que nenhum advérbio de tempo e lugar modifica o expresso no verbo. Por outro lado, se o advérbio se define como a palavra que indica circunstância, conforme também ocorre tradicionalmente, os circunstanciais são os advérbios por excelência. (MOURA NEVES, 1992, p. 250)

Esses advérbios são definidos como dêiticos, e as respectivas classificações são acompanhadas de uma grande quantidade de exemplo. De especial interesse para a presente tese é a relação entre tempo e aspecto, categoria não dêitica ligada à quantificação, à “intermediação na polaridade” (Moura Neves, 1992, p. 266), indicando frequência (intervalos de tempo que se somam) e duração (intervalos de tempo que se estendem), ambos ligados ao processo de constituição interna do evento. No que se refere à ideia de repetição/reiteração, afirma que todos os advérbios de frequência são não-fóricos, e apresenta exemplos (*Anualmente o governo... estabelece os chamados... reajustes salariais. / eu sempre viro as folha(s) / O senhor nunca cozinhou nada?*). Como conclusão, afirma que as diferenças de distribuição quanto a circunstanciais de tempo e lugar deve-se principalmente a sua representação por sintagmas fóricos e não-fóricos.

Os artigos de Oliveira (1992) e Possenti (1992) discutem, respectivamente, a colocação dos advérbios qualitativos no português falado e a ordem e interpretação de alguns advérbios do português. Em ambos os casos, trata-se de aprofundamentos dos trabalhos já realizados e apresentados no âmbito desse projeto, especialmente o artigo de Ilari *et al.* (1989).

No âmbito do Projeto Gramática do Português Falado, muitos avanços foram feitos para dar conta da heterogeneidade de comportamento dos advérbios, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico. Além dos resultados desse projeto, outros trabalhos têm sido desenvolvidos, alguns deles aproveitando as contribuições anteriores e sistematizando achados. É o que se apresenta a seguir.

2.2.2.2 Outras abordagens

Para além dos trabalhos desenvolvidos na *Gramática do Português Falado*, merece destaque a descrição do advérbio desenvolvida por Castilho *et al.* (2008) na *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, obra que tem sua origem no projeto *Gramática do Português Falado*, apresentada anteriormente. Por isso, essa abordagem em muito se assemelha aos textos dos mesmos autores e que constam naquela obra. Para evitar repetições, apresentam-se somente os aspectos em que esta abordagem difere das anteriormente citadas. No que se refere à ordem, Castilho *et al.* (2008, p. 408) sistematizam as possibilidades de distribuição de advérbios em relação a um sintagma ou a uma sentença:

P1: antes da sentença;

P2: depois da sentença;

P3: entre o sujeito e o V da sentença;

P4: entre o V e o argumento que vem imediatamente depois do verbo. Normalmente, o Adv está próximo da frase sobre a qual opera (seu escopo), mas este é apenas um princípio geral, cuja aplicação dá margem a várias alternativas que podem variar de classe para classe.

Castilho e Ilari (2008) procedem à descrição dos advérbios predicadores. São apresentados exemplos correlatos às categorias de advérbios predicadores, quais sejam: qualificadores (salienta-se as referências a expressões nominais adverbializadas, como em *a Kombi dá pra fazer isso de modo que eu vou tranquilo*); aspectualizadores (durativos, pontuais e indicadores de perfectividade, tais como *já* e *pronto*); modalizadores (epistêmicos, deônticos e atitudinais) e, como novidade, os advérbios graduadores. Também conhecidos como “intensificadores”, subdividem-se em graduadores intensificadores (gradação para mais) e graduadores atenuadores (gradação para menos), tendo como característica principal a possibilidade de ter como escopo outro advérbio. Os autores apresentam, ainda, uma seção sobre advérbios que expressam iteratividade, indicando “pluralização de eventos” (p. 447). São referidos alguns advérbios (e adverbiais): (a) terminados em *-mente* (*o meu problema é doce...raramente eu como doce. / normalmente a gente tem que esperar.*); (b) construídos com o item *vezes* (*também nós ouvimos... muitas vezes / mandavam a gente copiar a mesma lição várias vezes*); (c) adverbiais de escalaridade determinada (*todo mês temos um jantar de diretoria / cada três meses tem um jantar dançante*). Por fim, são apresentados os advérbios que quantificam sobre indivíduos (*esses técnicos são frequentemente aventureiros*).

A segunda parte do capítulo, de autoria de Ilari e Basso (2008), trata dos advérbios verificadores. São eles: de focalização (de número, especificação, identificação, de verificação da qualidade da verbalização, de verificação da congruência com um protótipo, de factualidade); de negação; de inclusão e exclusão; aproximadores e delimitadores.

Na comparação com os demais trabalhos apresentados até então, a novidade encontra-se nas duas últimas categorias. Segundo os autores, constituem o conjunto dos advérbios aproximadores aqueles que marcam “a expressão a que se aplicam indicando que ela denota um estado de coisas que não se realiza por completo no mundo real” (p.473), dos quais é exemplo “*Coisas Nossas*’ passou praticamente em todas as grandes cidades brasileiras.”. Já os delimitadores apontam “um domínio (...) dentro do qual se deve escolher a interpretação a ser dada a uma palavra” (p. 476), dos quais é exemplo “*uma ceia de Natal é tradicionalmente composta com um peru, né?*”.

A terceira parte, elaborada por Moura Neves (2008), trata dos advérbios circunstanciais. A autora acrescenta uma explicação cognitiva aos fenômenos devido à natureza fórica da referência.

(...) consiste em selecionar uma relação cronológica ou espacial e fixar para essa relação um segundo termo, que é tomado como ponto de referência para a localização do primeiro.

Além de se obter um grau de condensação da informação, via uso de circunstanciais, o funcionamento sintático assume contornos próprios, tais como a possibilidade de o advérbio funcionar como argumento do predicado, bem como de combinar-se de maneiras específicas no sintagma nominal. Como conclusão, os autores destacam a polifuncionalidade do advérbio, destacando suas diferenças de comportamento sensíveis ao contexto, especialmente ao nível linguístico, o que torna difícil dar “um tratamento exaustivo e categórico” à classe (p. 498).

Perini (2010, p. 317) apresenta nova formulação em alguns pontos coincidente com os trabalhos já apresentados, preferindo usar o termo “adverbiais” para referir-se a algo que, em seu entendimento, não é uma classe de palavras, mas classes distintas. Segundo ele, “um adverbial é membro de uma classe muito generalizada que se define apenas como ‘palavra invariável (em gênero, número, pessoa, etc.) que não é um conectivo”, e que, em termos de função, guardam paralelismo com sintagmas maiores (ex.: *apressadamente* e *com pressa*).

O autor destaca como características relevantes a posição e o escopo. Posição relaciona-se à condição de o advérbio estar funcionando como complemento ou como adjunto. A partir de exemplos como *A reunião durou uma hora*, enuncia a hipótese de que “quando um adverbial é complemento de um verbo, ocorre em regra imediatamente depois do verbo” (p. 318), podendo sofrer topicalização em geral relacionada à ênfase. Quando funciona como adjunto, pode assumir diferentes posicionamentos, além da possibilidade de estar dentro de um sintagma nominal ou de um sintagma adjetival. Em relação ao escopo, verifica que a posição do advérbio em função de adjunto por vezes afeta o escopo, alterando significativamente o sentido da oração. Observe-se:

(5) *Somente a professora passou a palavra ao visitante.*

A professora somente passou a palavra ao visitante.

A professora passou somente a palavra ao visitante.

A professora passou a palavra somente ao visitante.

Isso implica afirmar que o escopo faz parte do significado de alguns advérbios, sendo motivado por suas propriedades lexicais, podendo inclusive espalhar-se para a sentença (como em *A inundação, felizmente, não atingiu a biblioteca.*).

Merece especial destaque, ainda, a obra de Castilho (2010), sobretudo por ser a obra mais recente que dá amplo e aprofundado tratamento ao tema e estudo. Para discutir o estatuto categorial do advérbio, o autor retoma a Gramática Tradicional, a Nomenclatura Gramatical Brasileira e, por fim, a trajetória do Projeto Gramática do Português Falado, apresentando definições que em tudo convergem com as desse projeto.

Em termos de descrição, adota dois critérios fundamentais: sintático e semântico. Do ponto de vista sintático, discute as funções sentencias do advérbio: advérbio quase argumental (ex.: *afrouxa a gravata e abre o colarinho então ele está vestido adequadamente / ser regiamente tratado*); advérbio como adjunto (ex.: *A glândula mamária (...) infelizmente é sede de muitos tumores malignos*); advérbio como marcador gramatical de argumentos e adjuntos (ex.: *ele está assumindo tarefas ...assim ...precocemente... não é?*). Também discute sua relação com a transitividade, bem como a colocação do sintagma adverbial, evocando os postulados já apresentados em 2008.

Do ponto de vista semântico, as classificações e definições são as mesmas apresentadas em 2008, apenas dá-se mais ênfase a alguns tópicos que antes não tinham sido tão explorados. A novidade em relação aos trabalhos anteriormente citados é a visão do advérbio no texto. A título de exemplo, cita-se o fato da ausência de advérbios modalizadores asseverativos em receitas de comida e em relatos da vida familiar. O mesmo não acontece em trecho em que há uma conclusão de raciocínio. Observe-se:

(6) normalmente... quando existe um presidente [de sindicato] ... que: procure defender ... os interesses da classe... que seja realmente dinâmico... no sentido amplo da palavra... o sindicato realmente sofre um processo... evolutivo... nós verificamos por exemplo que determinados sindicatos realmente tomam... um passo... adiante.

Também são feitas referências a diferenças nos usos de advérbios entre homens e mulheres, bem como devido ao fato de o texto ser genérico ou específico, tudo apontando para a plurifuncionalidade do advérbio. Além disso, menciona-se os usos de advérbios como conectores textuais (ex.: *Traduzir é servir. Consequentemente, trabalho de inferiores.*), como especificadores (ex.: *ele vem bem raramente aqui*) e como complementadores (ex.: *Contrariamente às expectativas, os preços baixaram.*).

Feita esta revisão bibliográfica, enfatiza-se a evolução nos estudos sobre a classe dos advérbios. Da Gramática Tradicional, ainda preconizada nas escolas, à amplitude e profundidade dos trabalhos descritivos, o que se constata é a dificuldade de se trabalhar de uma maneira homogênea e generalizante com a classe, tanto do ponto de vista da forma quanto do significado. Neste ponto, entende-se pertinente lembrar as palavras de Castilho e Castilho (1992, p. 212-213):

É muito árduo captar o sentido exato (ou os sentidos) que o falante quis passar ao se valer de um advérbio. (...) Não é possível, pois, avançar na descrição dos advérbios sem que se forneçam algumas respostas a questões tipo: (i) como as línguas naturais administram a significação? E (ii) qual é a atuação dos advérbios na criação dos sentidos? (...) será necessário correr esse risco, ao menos para “pôr as idéias no lugar”.

Parece que o que os autores querem dizer, para além das dificuldades decorrentes da plurifuncionalidade e do comportamento dinâmico dos advérbios, é que, sempre que alguém se propõe a estudá-los, depara-se com questões bem mais profundas do que as que se colocam num primeiro olhar. Pensar sobre advérbios, mais do que simplesmente dar conta

dos aspectos estruturais envolvidos, é pensar nos advérbios como “instrumentos” que o falante tem a serviço de sua intenção comunicativa, da produção de uma significação.

Entre esses instrumentos, conforme mencionado anteriormente, encontram-se os advérbios aspectualizadores de repetição/ reiteração (Ilari, 1992). A seguir, trata-se dos estudos referentes ao comportamento dessa categoria no português brasileiro.

2.2.3 Os advérbios aspectualizadores de reiteração no português brasileiro

Conforme já referido, a primeira formulação sobre advérbios aspectualizadores no português brasileiro é de Ilari (1992), na *Gramática do Português Falado*. Dessa obra, destaca-se basicamente a categorização desses advérbios. Mais tarde, tanto em Ilari (2007) quanto em Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2010), encontram-se abordagens que situam os advérbios aspectualizadores dentro de um quadro descritivo mais geral. Segundo Castilho e Ilari (2008, p. 421), essa é uma categoria de advérbios que exprime a faceta quantitativa do aspecto, pois através dela “entra em jogo a possibilidade de representar um evento como tendo ocorrido (...) reiteradas vezes”, contribuindo para caracterizar o predicado quanto à duração, telicidade e (im)perfectividade²⁷.

É uma categoria, portanto, que tem por função indicar a frequência com que determinado evento se reitera (ILARI, 2007). Em termos de classificação, fazem parte de uma categoria maior, designada advérbios predicativos (ou predicadores), que se caracterizam por realizar uma operação pela qual “o predicado (de ordem superior) se aplica a outro predicado (de ordem inferior), modificando-o” (CASTILHO e ILARI, 2008, p. 413). Mais especificamente, esses advérbios atuam na formulação de um conteúdo que descreve um estado de coisas, modificando a extensão de seu escopo²⁸ pela designação de um conjunto de eventos (CASTILHO e ILARI, 2008). Observe-se que, muitas vezes, o advérbio aspectualizador de repetição/ reiteração influencia a extensão da predicação no sentido de que, por sua presença, o que era um evento (ação ou estado expresso pelo verbo) passa a ser um subevento de um evento maior. É o que ocorre em *Flávio disse que faria a prova*, em contraposição a *Flávio disse várias vezes que faria a prova*²⁹. No primeiro exemplo, tem-se um único evento, no segundo, a inserção do advérbio fez com que o evento *dizer* passasse a ser um subevento de algo maior, que consiste na própria ideia de repetição. O que o advérbio

²⁷ As noções de duração, telicidade e perfectividade/ imperfectividade serão apresentadas na seção 2.3, que trata de aspecto.

²⁸ Entende-se por escopo o conjunto de conteúdos afetados pelo conteúdo do advérbio (ILARI, 2007).

²⁹ Exemplos criados pela pesquisadora.

faz, então, é instaurar a pluralidade de eventos na medida em que indica a repetição (CASTILHO e ILARI, 2008).

Dentre os advérbios aspectualizadores de repetição/ reiteração, é de especial interesse a subclasse designada por Castilho (2010, p. 568) como “de escalaridade indefinida”, que é composta por advérbios que não especificam o intervalo entre um evento em outro (ex.: *raramente*, em contraposição a *toda semana*). Segundo o autor, esses são advérbios essencialmente sentenciais e preferem as posições P1 e P2, ou seja, antes da sentença ou depois da sentença.

Neste ponto, é necessário enfatizar que, no que se refere aos advérbios aspectualizadores, e mais especificamente os de repetição/ reiteração, a presente tese vincula-se às propostas das três fontes citadas nesta seção. Apenas cabe destacar, para evitar contradições posteriores, a discordância em relação a uma subdivisão dos aspectualizadores apresentada por Castilho (2010). O autor subdivide-os em semelfactivos (aqueles em que o estado de coisas descrito é apresentado como ocorrendo uma única vez) e os iterativos (aqueles em que o estado de coisas é apresentado como ocorrendo mais de uma vez). Conforme será possível compreender a partir da próxima seção, o uso da palavra iterativo pelo autor conflita com outra orientação teórica adotada na presente tese, segundo a qual a ideia de frequência pode se manifestar de três maneiras: a frequência, a habitualidade e a iteração.

Após se discorrer sobre advérbios no PB, desde a gramática tradicional até os estudos descritivos mais recentes, bem como apresentar estudos sobre advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração, cumpre fazer uma breve abordagem sobre o advérbio sob a ótica da Linguística Cognitiva, um dos pilares que fundamenta teoricamente a presente tese. É o que se expõe na próxima seção.

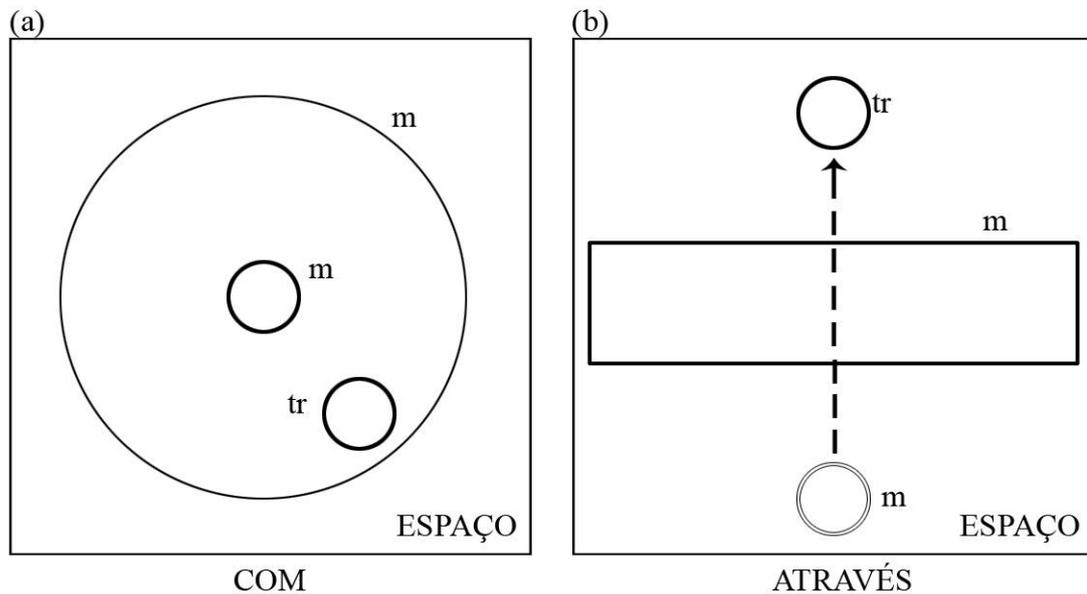
2.2.4 O advérbio na Linguística Cognitiva

Para a Linguística Cognitiva, há dois tipos de predicções linguísticas: as predicções nominais e as relacionais. As predicções nominais designam coisas; uma região ou ponto em um domínio, funcionando como polo semântico de um nome. Já as predicções relacionais dividem-se em dois grupos: (a) processos, que correspondem aos verbos; e (b) relações atemporais, que incluem adjetivos, advérbios e preposições (LANGACKER, 1987, 1991).

As relações atemporais, dentre as quais se encontram os advérbios, estabelecem interconexões em perfil, mediante proeminência relativa entre as entidades relacionadas. Segundo Langacker (1987, p. 216), essas relações são conceitualmente dependentes, pois a conceitualização das entidades envolvidas é pré-requisito para a conceitualização das respectivas interconexões. Assim, “uma predicção relacional foca em interconexões e perfila eventos cognitivos em que a conceitualização dessas interconexões reside”.

Tais interconexões, para serem perfiladas, pressupõem uma assimetria entre os participantes da predicção. Retorna-se, portanto, às noções de trajetór e marco, apresentadas na seção 2.1.1. Para lembrar, trajetór é a figura, que adquiriu status privilegiado em relação aos demais elementos do perfil relacional; enquanto o marco compõe-se dos demais elementos que fazem parte desse perfil. Vale enfatizar que Langacker admite haver múltiplos marcos em uma predicção relacional, fornecendo pontos de referência para a localização do trajetór. Em síntese, ambos fazem parte da estrutura interna de uma predicção relacional. Como exemplo, citam-se as preposições *com* e *através*, esquematizadas a seguir (LANGACKER, 1987, p. 218).

FIGURA 1: Esquematização do alinhamento trajetor/marco nas preposições *com* e *através* segundo Langacker (1987, p. 218)

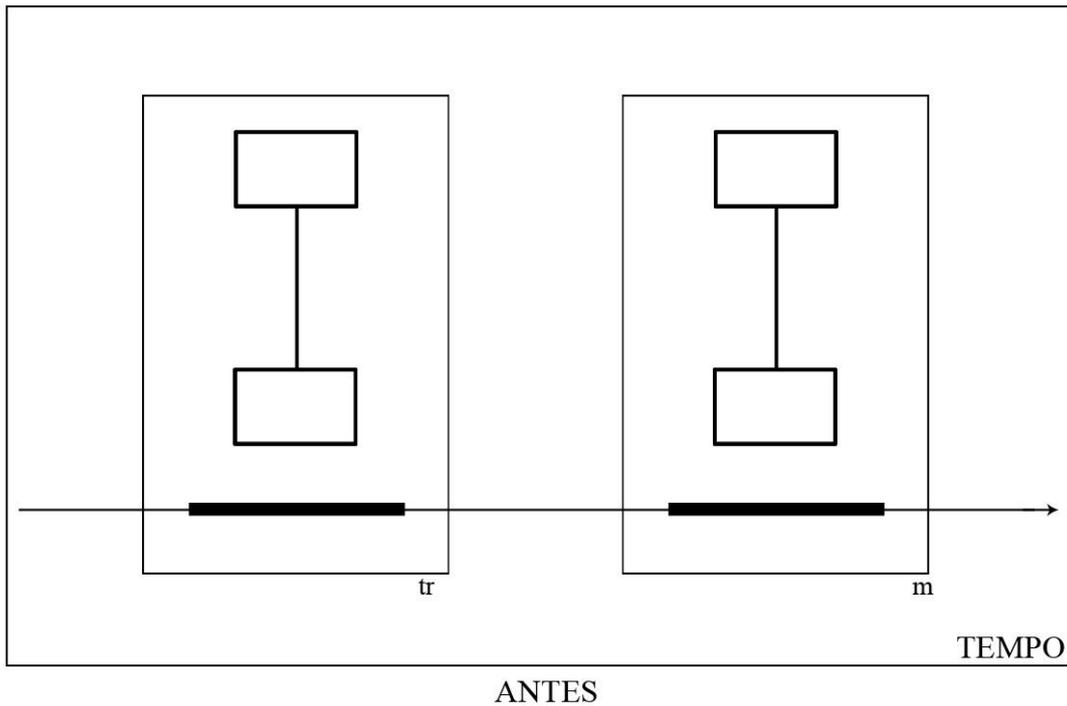


Enquanto em *com* o trajetor é situado nas proximidades do marco; em *através* o trajetor é localizado pela oposição de um lado de um marco relativo ao ponto de referência normalmente mais próximo do posicionamento do falante. Em ambos os casos, observa-se marcos múltiplos, que diferem entre si quanto à saliência, por isso são percebidos como diferentes. Nesse sentido, “como um tipo de proeminência, o perfilamento é razoavelmente considerado como uma questão de graus”³⁰ (LANGACKER, 1987, p. 218), pois havendo vários marcos, haverá graus de proeminência entre eles. Do contrário, seriam percebidos como um só elemento.

Esclarecedora é também a explicação sobre o advérbio *antes*, cujo diagrama, exibido na figura a seguir, explicita a posição relativa ocupada por dois eventos, sendo o primeiro o trajetor e o segundo, marco (LANGACKER, 1987, p. 222).

³⁰ (...) as a type of proeminence, profiling is reasonably a matter of degree.

FIGURA 2: Esquemática do alinhamento trajetor/marco no advérbio *antes* segundo Langacker (1987, p. 222)



Nota-se o papel do tempo para o perfilamento que ocorre nesse advérbio, pois é através dele que se estabelecem interconexões entre os elementos. Em outras palavras, ao se usar o advérbio *antes*, pressupõe-se dois eventos em comparação segundo o critério tempo: usa-se *antes* para aquele evento que precedeu o outro cronologicamente.

Esses exemplos mostram o caráter relacional que reveste o advérbio. Além das interconexões constituídas e necessárias para a compreensão de seu sentido, é na relação com outros elementos da construção em que ocorre que irá contribuir para o sentido dessa construção, independentemente da categoria a que pertença.

Com o intuito de elucidar as distinções aspectuais relacionadas aos advérbios (especialmente os aspectualizadores de repetição/reiteração), bem como permitir o posterior aprofundamento das discussões dos dados, passar-se-á à apresentação e reflexão sobre o aspecto na próxima seção.

2.3 Aspecto

Se consultarmos um dicionário à procura da palavra *Tempo*, constataremos o expressivo número de acepções que a palavra pode tomar. Se observarmos algumas das definições ali presentes (tais como a “medida de duração dos seres sujeitos à mudança da sua substância ou a mudanças acidentais e sucessivas da sua natureza, apreciáveis pelos sentidos orgânicos”; “uma época, um lapso de tempo futuro ou passado”; ou “a existência humana considerada no curso dos anos”³¹) e aplicarmos a elas um critério qualitativo, perceberemos, por outra perspectiva, a complexidade da noção, a ponto de, considerando as experiências de vida que temos, ser possível afirmar “É isso!” e, simultaneamente, “Não é bem isso!”. Em outras palavras, uma tentativa de definição do que seja o *Tempo*, por mais completa que pareça, de alguma maneira parece deixar escapar algum aspecto importante. Não é por acaso que, para além dos dicionários, diferentes áreas do conhecimento humano tentam de alguma maneira responder ao anseio do homem nesse sentido.

Assim, alguns filósofos da tradição ocidental tentam explicar o fenômeno; também a literatura, assim como outras manifestações artísticas têm-se voltado para o tema em diferentes épocas. Na seção a seguir, discorre-se brevemente acerca das facetas da noção de Tempo dentro de uma perspectiva gramatical: o aspecto.

2.3.1 O fenômeno Tempo e suas “facetas”: inter-relações e diferenças

As ideias mais básicas acerca do fenômeno *Tempo*, no pensamento ocidental, remontam às discussões sobre verbo entre pensadores gregos. No âmbito da filosofia, é da tradição greco-romana que herdamos e que se reflete na nossa atual compreensão e categorização do fenômeno *Tempo* relacionada ao verbo (VENDLER, 1967; LYONS, 1977; BINNICK, 1991; VERKUYL, 1993).

Assim, Platão define o verbo como palavra que denota ação. Já os estoicos entendem que o fenômeno tempo compreende “os três tempos” _ passado, presente e futuro _ visão herdada integralmente pela tradição gramatical do ocidente, amplamente difundida, e

³¹ Dicionário Michaelis on line, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tempo>, acessado em 10.07.2011.

considerada fundamental para o entendimento acerca da maneira como o homem concebe o tempo: vincula-se às ideias de continuidade e de intervalo ou ponto específico que o falante situa em relação ao seu momento presente. O gramático romano Varrão estabeleceu a distinção entre processo concluído (*perfectum*) e processo não concluído (*imperfectum*), demonstrando o entendimento de que o referido fenômeno é ainda mais complexo do que os gregos ousaram afirmar (LYONS, 1977).

Ao proceder a um salto na trajetória evolutiva da compreensão sobre a noção de *Tempo*, alcançando tempos mais modernos, já no âmbito da Linguística do século XX, pode-se afirmar que as percepções que o ser humano tem da existência e do transcorrer do tempo expressam-se através de duas “facetas”, relacionadas, porém independentes, basicamente: o tempo verbal e o aspecto (VENDLER, 1967; COMRIE, 1976; LYONS, 1977).

O tempo verbal é a faceta dêitica da expressão linguística do fenômeno tempo. O termo “faceta dêitica” aponta a relação do enunciado com o momento da enunciação, seja falado ou escrito. Isso implica afirmar que esta é uma categoria que atua com mais de um elemento. Toda vez que nos referimos a um acontecimento anterior, concomitante ou posterior ao momento da enunciação, estamos fazendo referência a essa faceta dêitica do tempo através do uso do que, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, se convencionou chamar de tempo verbal, ocasionalmente em associação com alguns advérbios (ex.: hoje, ontem, amanhã). Segundo Comrie (1976, p. 09), o tempo verbal é a “expressão gramaticalizada da localização no tempo”³². Ocorre, portanto, a localização de alguém ou algo em relação a um contexto temporal criado e sustentado no próprio ato ilocucionário.

O tempo enquanto “linha” é concebido como um conjunto ordenado e linear de unidades que se sucedem (CUNHA; 2004). Cada enunciação fixa, explícita ou implicitamente, um contexto temporal, um ponto ou intervalo que se vincula a um “agora” do enunciador, mediante diferentes graus de proximidade em cada caso e estabelecendo relações de anterioridade, simultaneidade ou sucessividade. Em línguas como o inglês e o português, por exemplo, a relação estabelecida entre a situação descrita e o momento da enunciação dá-se através de morfemas flexionais, de mecanismos de construção perifrástica e de alguns

³² A ideia de localização dos eventos no tempo, segundo Ilari e Basso (2008), não se dá unicamente pelos chamados “tempos verbais”, mas pela combinação de formas verbais com diferentes tipos de modificadores e operadores, o que implica afirmar que a interpretação da referência temporal decorre de informações contidas em diferentes pontos do predicado.

advérbios^{33 34}. O tempo caracteriza-se, segundo Comrie (1976) por ser externo à situação propriamente dita.

Contudo, conforme já referido, o fenômeno *Tempo* não se expressa unicamente através dessa vinculação, mas também pela estrutura temporal interna da situação descrita (COMRIE, 1976). Essa é a faceta não-dêitica da noção temporal, designada aspecto. Termo menos usado e menos conhecido do que o tempo verbal, o aspecto também suscitou interesse desde nossa origem greco-romana. Aristóteles e os filósofos alexandrinos relacionavam a ideia de *Tempo* com a noção aspectual de completude/incompletude. Varrão cunhou os termos *perfectum* e *imperfectum*, posteriormente traduzidos como “perfeito” e “imperfeito”³⁵.

O uso da palavra aspecto para denominar a noção tem sua origem em um empréstimo linguístico do eslavo *vid*, etimologicamente cognato à palavra *visão*, enquanto a raiz etimológica de aspecto é *spect-*, que significa *ver* (comum aos vocábulos *espectador* e *espetáculo*, por exemplo) (BINNICK; 1991). Segundo Cunha (1998, p. 75), originalmente tem como significado “aparência exterior, lado, face, ângulo (...). Do latim *aspectus*, ‘ato de olhar’”³⁶. A ideia que com essa palavra se tenta explicitar é a de que, primeiramente e independentemente da relação com o momento da enunciação, toda situação possui uma constituição própria no que se refere ao tempo. É nesse sentido que se podem identificar diferenças, por exemplo, entre *saber* (um estado) e *aprender* (um processo)³⁷. Além disso, para uma mesma situação, seja ela um estado ou um processo, o enunciador pode assumir um ponto de vista determinado, resultando em um “olhar” que expresse (in)completude; progressividade; repetição; habitualidade; momentaneidade, e/ou outras noções não dêiticas de temporalidade.

Estão presentes, portanto, um critério objetivo e outro subjetivo em relação ao tempo da eventualidade considerado em si e por si mesmo. Por um lado, considera-se a relação objetiva entre o processo ou estado expresso pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento (CASTILHO, 1968, p. 41); por outro, de acordo com Comrie (1976, p. 03),

³³ Há línguas, entretanto, tais como o japonês, por exemplo, em a expressão do tempo dá-se também pelo uso de adjetivos (CASTILHO, 2003). O chinês, por outro lado, faz uso de advérbios para a expressão da faceta dêitica do tempo (SAEED, 2009). Comrie (1976), afirma que muitas línguas do mundo não gramaticalizam a referência ao tempo, mas provavelmente todas lexicalizam essa noção.

³⁴ É importante salientar que tanto morfemas flexionais quanto certas perífrases e advérbios de tempo carregam igualmente informações relevantes ao nível aspectual. A título de exemplo, cita-se o morfema flexional *-va*, do tempo designado pretérito imperfeito do indicativo, que contém a informação aspectual de intervalo.

³⁵ A esse respeito, Lyons (1977) faz referência a equívocos em traduções de textos gregos para o latim, que teriam originado uma confusão de nomenclaturas que, consolidada, resultou no emprego dos termos “perfeito” e “imperfeito” ligados à noção de tempo verbal, contribuindo para obscurecer, ao longo da história dos estudos sobre linguagem, as diferenças entre esta e a noção de aspecto.

³⁶ MACHADO (1952, p. 331) define aspecto como originário do Latim *aspectu-*, “ato de olhar, o sentido da vista, a faculdade de ver; vista, olhares, campo de visão; o facto de ser visto, aspecto”.

³⁷ Ao longo de toda a abordagem sobre aspecto, optou-se por apresentar exemplos que não constam nos referenciais citados. Ao contrário do que aconteceu durante o desenvolvimento da abordagem sobre advérbios, no que diz respeito ao aspecto, muitos dos trabalhos apresentados não são ricos em exemplos e grande parte deles não lida com exemplos extraídos de situações reais de uso.

“aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição interna de uma situação”, traduzindo a subjetividade do enunciador. Ao contrário do tempo verbal, o aspecto centra-se unicamente na situação descrita, independentemente de qual seja a relação que o enunciador estabelece entre esta e o momento da enunciação, o que implica afirmar o caráter autônomo do aspecto, posto que prescinde de informações extrínsecas.

De acordo com Travaglia (1981, p.302), no português a expressão do aspecto dá-se por meio dos seguintes elementos: “a flexão verbal, as perífrases, o semantema do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo”. Diferentemente do tempo verbal, pode-se afirmar que o aspecto faz parte da ontogênese da situação, visto que todo evento tem uma configuração interna que está sujeita ao olhar do enunciador. Nesse sentido, é uma categoria anterior ao tempo verbal, pois caracteriza a situação independentemente da relação que o falante estabelece com o momento da enunciação. Assim, a situação *espirrar* é pontual, independentemente de ter sido fixada no passado, no presente ou no futuro.

Apesar de o aspecto ter sido alvo de interesse de filósofos e estudiosos da linguagem desde a antiguidade clássica, somente com o advento da Linguística Moderna esse interesse sistematizou-se, passando a integrar os postulados de teorias linguísticas e de programas de investigação. Por isso, passa-se, a seguir, a apresentar e tecer considerações sobre algumas propostas teóricas avaliadas como relevantes para a apreensão da evolução do conceito.

2.3.2 Evolução da Aspectologia

Atualmente, entende-se que o aspecto é um fenômeno complexo a ponto de expressar-se mediante diferentes tipos de recursos linguísticos: a raiz verbal, alguns morfemas derivacionais, algumas perífrases verbais, argumentos do verbo, alguns adjuntos adverbiais e sentenças condicionais, a predicação como um todo e até mesmo o discurso. Entretanto, sua apreensão deu-se através da evolução do conceito, que pode ser apresentada, como fez Castilho (2003, p. 84), considerando-se as seguintes fases:

- 1) uma “fase léxico-semântica”, durante a qual foram identificadas as classes semântico-aspectuais do verbo, ou *Aktionsarten*. Esta perspectiva atribui à semântica do radical verbal as noções aspectuais apuradas (...);

- 2) uma “fase semântico-sintática”, ou “composicional”, durante a qual se examina o aspecto como resultante da combinação da *Aktionsart* do verbo com a) a flexão e os verbos auxiliares; b) os argumentos do verbo e os adjuntos, adverbiais, aqui incluídas as sentenças condicional-temporais. Nesta perspectiva, o aspecto passa a ser encarado mais claramente como uma propriedade da predicação;
- 3) uma “fase discursiva”, em que se investigam as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos assim constituídos (...).

O autor afirma, assim, que o falante dispõe de recursos diversos para a codificação da informação aspectual. A percepção desses recursos como pertencendo à noção de aspecto foi evoluindo com o passar do tempo, mediante contribuições de muitos estudiosos e debates entre escolas de pensadores. A apresentação de autores que será feita a seguir procurará, tanto quanto possível, pautar-se por essa ideia de que a evolução da aspectologia dá-se do “âmbito do verbo ao discurso”. Cabe enfatizar, mais uma vez, que a intenção não é fazer uma abordagem exaustiva do fenômeno, dada a complexidade das abordagens, conforme será possível constatar; mas fornecer uma visão geral a respeito de como se desenvolveram as reflexões sobre o fenômeno.

A primeira fase enunciada por Castilho (2003) caracteriza-se pela identificação de classes semântico-aspectuais do verbo. É a noção denominada *AKTIONSART*³⁸, termo alemão traduzível como “modo de ser da ação” e que, para muitos teóricos³⁹, equivale ao aspecto lexical. Para Verkuyl (1993, p. 43), esse conceito remonta à metafísica de Aristóteles, quando o filósofo refere-se à *enérgeia* (movimento incompleto, processo) e à *Kíne:sis* (movimento completo), designando dois tipos de eventualidades⁴⁰ evidenciadas no ambiente natural.

Muitos autores, no entanto, postulam a separação entre as noções de aspecto e *AKTIONSART*. Segundo BACHE, (1982), pode-se entender o aspecto em termos de oposição perfeitividade/imperfeitividade, enquanto que *AKTIONSART* é uma categoria mais complexa, consistindo em um conjunto de oposições interrelacionadas representando contrastes de “tipos de situações” expressas pelo verbo (+/- complexo, +/- pontual, +/- télico, +/- dirigida). Nessa perspectiva, *AKTIONSART* seria a qualidade lexical objetiva concernente ao verbo em si; enquanto o aspecto marcaria o ponto de vista subjetivo do falante, portanto, externo à própria situação.⁴¹ BERTINETTO (2001) considera ponto fulcral o estabelecimento de fronteiras

³⁸ Ilari e Basso (2008) traduzem o termo como “classe acional”, definindo-o como um agrupamento de predicados que compartilham determinadas características.

³⁹ A relação entre os conceitos de aspecto e de *AKTIONSART* foi alvo de debates entre teóricos das tradições eslava e alemã. Para maiores aprofundamentos, ver BINNICK (1991) e MLYNARCZYK (2004).

⁴⁰ O termo *eventualidade* será usado neste texto como sinônimo de situação, denotando qualquer tipo de processo verbal, seja ele um estado ou processo propriamente dito. Originalmente, o termo foi cunhado por Bach (1981) (referência em VERKUYL, 1993), que subdividiu seu conteúdo em nas categorias de estados, processos e eventos.

⁴¹ Também no estabelecimento da distinção entre aspecto e *AKTIONSART*, as escolas eslava e alemã divergiram, dando ênfase a diferentes critérios: morfológico e semântico, respectivamente. (MLYNARCZYK, 2004).

entre essas duas instâncias, o que permitiria uma compreensão mais clara da interação entre ambas para a emergência de determinada interpretação aspectual. Nesse mesmo caminho, VERKUYL (1999), entre outros autores, propõe aspecto lexical, que coincidiria com a *AKTIONSART*, e aspecto gramatical, uma propriedade de caráter morfológico e/ou sintático que pode ser “manipulada” pelo falante. De acordo com LYONS (1977, p. 704), a noção repousa sobre duas distinções: “(i) a distinção entre gramaticalização e lexicalização; (ii) a distinção, dentro da morfologia, entre flexão e derivação.”

Por ser mais complexa, portanto, a noção de *AKTIONSART* implicaria um conjunto de distinções que caracterizariam a estrutura interna da circunstância descrita pelo verbo, considerando propriedades semânticas relevantes. Os linguistas têm tentado captar essas distinções, estabelecendo classes verbais. Dentre eles, e por ser o tema em estudo muito amplo e, portanto, apoiado em vasta bibliografia, serão apresentados alguns a seguir.

Vendler (1967, p. 97), retomando Aristóteles, afirma que considerações relevantes sobre o conceito de tempo extrapolam a discriminação já conhecida entre passado, presente e futuro, visto que há uma peculiaridade no conceito: “o uso de um verbo pode revelar também o modo particular em que o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo”. O autor baseia-se na ideia de que cada verbo implica uma noção específica de tempo que pressupõe um esquema temporal também próprio.

O autor fixa uma classificação baseada em quatro classes de verbos, apresentando quatro exemplos que demonstram seu esquema de tempo:

Para ATIVIDADES: *A estava correndo no tempo T* significa que aquele instante de tempo T está em um período de tempo ao longo do qual A estava correndo;

Para PROCESSOS CULMINADOS: *A estava desenhando um círculo no tempo T* significa que T está no trecho de tempo em que A desenhou aquele círculo;

Para CULMINAÇÕES (ou REALIZAÇÕES): *A venceu uma corrida entre T1 e T2* significa que o instante de tempo em que A venceu a corrida está entre T1 e T2;

Para ESTADOS: *A amou alguém de T1 a T2* significa que a qualquer instante entre T1 e T2 A amou aquela pessoa,⁴² (VENDLER, 1967, p. 106).

Os verbos que expressam atividades (*activities*) caracterizam-se pela homogeneidade, denotando processos que se desenrolam no tempo sem ocorrer uma progressão para um ponto final. Por isso, quando se pensa na eventualidade *brincar* (tal como

⁴² For activities: *A was running at time t* means that time instant *t* is on a time stretch throughout which A was running. For accomplishment: *A was drawing a circle at the time t* means that *t* is on the time stretch in which A drew that circle. For achievements: *A won a race between t1 and t2* means that the time instant at which A won that race is between *t1* and *t2*. For states: *A loved somebody from t1 to t2* means that at any instant between *t1* and *t2* A loved somebody.

o exemplo de Vendler), pode-se afirmar que, Se *José estava brincando no tempo T*, significa que em qualquer momento daquele período é verdadeiro afirmar que ele estava brincando. Isso significa dizer que, mesmo que a ação de brincar seja interrompida, a mesma não é descaracterizada como tal, pois basta brincar por um instante para que a ação de brincar esteja efetivada. Não é necessário, para a configuração da ação da forma como está sendo descrita, um clímax, constatação que implica a noção de telicidade, que será apresentada mais adiante.

Os verbos do tipo processo culminado (*accomplishments*) compartilham com as atividades a característica de serem durativos, pois também se desenvolvem no tempo, porém especificam-se por progredirem no sentido de um ponto final, considerado sua culminação. Assim, *desenhar um círculo* (exemplo de Vendler) ou *montar uma estante* é um processo culminado, pois dizer que *José estava desenhando um círculo no tempo T* significa que T está no intervalo de tempo em que José desenhou um círculo. Observe-se que os exemplos constituem ações não homogêneas, pois cada momento no intervalo de tempo em que a ação perdura é diferente dos demais e cada parte da eventualidade não corresponde ao todo. Para os exemplos dados, só haverá círculo desenhado ou estante montada com a culminação desse processo, ou seja, atingir o ponto terminal é condição para que a ação descrita pelo verbo se configure como tal.

Classificam-se como culminações ou realizações (*achievements*) as eventualidades caracterizadas por não possuírem tempo contínuo, ocorrendo instantaneamente e, por consequência, implicando a passagem repentina de um estado a outro, portanto, sem duração interna. *Atingir o topo de uma colina* (exemplo de Vendler) ou *espirrar* são situações que ocorrem por um átimo. Nesse sentido, pode-se afirmar que, se *José atingiu o topo da colina* entre T1 e T2, significa que o instante de tempo em que ele o fez está entre T1 e T2.

Segundo Bertinetto (2001), estas seriam as classes não estativas, definidas como dinâmicas, pois implicam mudança de estado, sejam elas durativas ou não. Para além das situações dinâmicas, estão, portanto, as estativas. Vendler (1967) apresenta os estados (*states*) como eventualidades que se mantêm inalteradas, homogêneas por determinado intervalo de tempo, por isso a ideia de que não se desenvolvem no tempo. Por isso, *amar* (exemplo do autor) e *saber* configuram-se em estados, pois dizer que *José ama Marieta* de T1 a T2 significa que a qualquer instante entre esses dois pontos ele amou-a. O autor considera hábitos como estativos, pois quando se afirma que *José fuma* ou que *José governa o estado* não se afirma que ele esteja fumando ou que governe o estado em um dado momento no passado, presente ou futuro, mas que fumar ou governar o estado, em cada caso, faz parte de seus

atributos. A essas subcategorias, Vendler dá os nomes de estados específicos (*specific states*) e estados genéricos (*generic states*), respectivamente.

O autor afirma que grande parte dos verbos, ou pelo menos seu uso dominante, enquadra-se dentro de uma dessas categorias. Muitas são as críticas feitas a essa classificação. De um modo geral, afirma-se ser esta uma categorização de caráter ontológico, por basear-se no modo como as situações se desenrolam no mundo; além disso, em muitos casos, parece mais adequado aplicar a classificação a predicados completos ou mesmo a sentenças (ILARI e BASSO, 2008). Cabe destacar que Vendler (1967) reconhece a existência de verbos em que é difícil estabelecer a categoria à qual originalmente pertencem, tais como *pensar*, *compreender*, *ver* e *ouvir*.⁴³

Já Noreen (1912)⁴⁴ reconhece que algumas situações são marcadas por uma maneira específica de ocorrer, que envolve a ideia de fases ou estágios. É a chamada taxonomia de Noreen, que é esquematizada por Binnick (1991, p. 202) através do QUADRO 7, apresentado a seguir:

QUADRO 7: Taxonomia aspectual de Noreen (1912)

Aktionsarten									
Uniforme					intermitente				
momentâneo			Durativo		frequentativo	iterativo	intensivo		
pontual	perfectivo	aoristo	Virtual		agencial				
		incoativo	decessivo	perdurativo					

A *Aktionsarten* subdivide-se, primeiramente, em uniforme e intermitente. A primeira subdivisão refere-se a eventualidades cujo curso é homogêneo e, por isso, não compartimentável em unidades distintas; a segunda refere-se a eventualidades que não são tomadas homogeneamente e que, em consequência, podem ser “quebradas”. O uniforme divide-se em momentâneo e durativo. No primeiro caso, a ação é vista como restrita a um só momento, e no segundo caso, a ação é vista como representando uma duração independentemente da fixação de um período para sua ocorrência. Assim, eventualidades momentâneas não têm extensão temporal, enquanto as durativas têm.

⁴³ Binnick (1991) afirma que a essência da classificação de Vendler já estava presente em Ryle (1949).

⁴⁴ *Apud* Binnick (1991).

A categoria de situações durativas divide-se em virtual e agencial. A primeira subdivide-se em incoativo, uma ação considerada em seu início, decessivo (uma ação considerada em sua fase final) e perdurativo (uma ação considerada em sua duração). A situação durativa classificada como agencial relaciona-se aos estados consequentes.

A categoria intermitente relaciona-se a ações não contínuas: o frequentativo diz respeito à repetição irregular de uma ação; o iterativo considera a repetição em sua regularidade e o intensivo considera uma duração repetida (ex.: *ela dormiu e dormiu*). Essa formulação mostra-se de especial interesse para a presente tese, pois nela considera-se a ideia de reiteração da ocorrência de eventos. Mais especificamente, a noção de repetição parece trazer à tona a existência de “subeventos” que compõem o evento que está sendo descrito na predicação. Mais especificamente, está implícita na ideia de reiteração a existência de momentos de ocorrência de um evento e estágios em que o dito evento não ocorre.

Leech (1971), por sua vez, desenvolve uma abordagem do verbo no inglês ancorada na noção de aspecto e na relação desta com os usos dos tempos verbais. Relaciona, por exemplo, o uso irrestrito do presente simples da língua inglesa à expressão de estado (*Roma fica à margem do Rio Tevere.*), enquanto o uso instantâneo liga-se à expressão dos eventos (*Eu adiciono uma gota de baunilha à receita.*). Destaca a possibilidade de um sentido habitual ou iterativo para esse tempo verbal em verbos que expressam eventos: o primeiro representando uma série de eventos que forma um todo, passando a ser apreendida como um estado (*Ele caminha até seu escritório.*)⁴⁵. Assim, a repetição expressa pelo presente tem a conotação de um hábito. Além dessa relação entre tempo verbal e a manifestação do aspecto, o autor destaca ainda a possibilidade de expressões adverbiais reforçarem a noção de repetição (*Geralmente compro camisas na Loja X.*). O autor também desenvolve abordagens para os usos relacionados ao progressivo e à expressão do tempo futuro. Constata-se, então, que, em Leech, o aspecto é visto como atributo da predicação, que resulta da interação de elementos de diferentes ordens. No mesmo sentido, Ilari e Basso (2008) ressaltam a existência de determinações recíprocas entre tempo verbal e aspecto, o que contribui para demonstrar que o aspecto é altamente sensível ao contexto.

Comrie (1976) retoma a discussão entre estudiosos do russo e de outras línguas eslavas para defender que

⁴⁵ O autor também refere a possibilidade de um uso ficcional para o *presente simples do inglês*, citando exemplos da Literatura.

Aspecto não é concernente ao tempo relativo à situação em qualquer ponto do tempo, pode-se afirmar a diferença entre tempo interno da situação (aspecto) e tempo externo da situação (tempo).⁴⁶

O autor postula que o aspecto relaciona-se a “diferentes formas de se olhar para a constituição temporal interna de uma situação” (p. 03). Note-se que essa afirmação implica já a noção de perspectiva, extrapolando a *Aktionsart*, no sentido de que o falante pode “ver” de diferentes maneiras essa constituição interna. Essa constatação conduz à ideia de que o aspecto desmembra-se em categorias: o aspecto lexical e o aspecto gramatical, considerados independentes, mas relacionados para a constituição do quadro geral da expressão das eventualidades nas línguas do mundo.

O aspecto lexical é independente de qualquer elemento morfológico de natureza gramatical, pois é expresso pela raiz verbal e denota a situação em si, independentemente do referente temporal. Assim, pode-se considerar uma eventualidade como pontual (*morrer*) ou durativa (*cantar*), por exemplo, a partir de seus atributos intrínsecos. Já o aspecto gramatical manifesta-se através de elementos linguísticos aos quais tradicionalmente se atribui função gramatical, tais como morfemas derivacionais (*refazer*), morfemas flexionais (*jogava*) e certos auxiliares (*começou a limpar*). Nesse sentido, o uso pelo falante de elementos desse tipo evoca seu ponto de vista sobre a eventualidade. Observem-se os exemplos:

(6) a. Mafalda está pintando seu quarto.

Aspecto gramatical: imperfectivo / aspecto lexical: verbo de processo culminado.

b. Mafalda tocou violino na festa.

Aspecto gramatical: perfectivo. / aspecto lexical: verbo de atividade.

Portanto, o aspecto gramatical vem para acrescentar informações ao aspecto lexical, o que implica perceber que a noção de Tempo *latu sensu* se expressa por três formas distintas e identificáveis: pelo aspecto lexical, inerente ao verbo; pelo aspecto gramatical (perceptível pelas formas gramaticais derivacionais e flexionais, bem como através dos auxiliares) e pela relação estabelecida com o momento da enunciação (tempo verbal – passado, presente e futuro).

⁴⁶ Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation ; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense).

O autor postula categorias básicas para a categorização de estados e eventos. São eles: estático/ dinâmico; télico/ atélico e durativo/ instantâneo. Para a primeira dicotomia, afirma que situações estáticas consistem em um período único e homogêneo, enquanto as situações dinâmicas “estão continuamente sujeitas a um input de energia” (COMRIE, 1976, p. 49)⁴⁷, consistindo em estágios sucessivos e, por isso, com características próprias em diferentes momentos. Para a segunda dicotomia, afirma que eventos télicos apresentam uma mudança de estado que é um resultado ou objetivo do evento; enquanto eventos atélicos podem ser interrompidos em qualquer momento sem prejuízo de sua efetividade, visto que seu ponto final é arbitrário. Em outras palavras, a telicidade é uma propriedade da situação que consiste em ser ela voltada para um fim (ILARI e BASSO, 2008). Em relação à terceira dicotomia, afirma que situações durativas estendem-se no tempo, enquanto situações instantâneas dão-se num átimo.

Comrie ainda apresenta, discute e exemplifica distinções semânticas que estão na base da diferenciação das categorias aspectuais básicas. Assim, distingue primeiramente as eventualidades em estados de situações dinâmicas. O primeiro caracteriza-se pela não-dinamicidade, pelo fato de determinado estado de coisas descrito pelo verbo permanecer inalterado, homogêneo, uniforme e, portanto, sem a possibilidade da existência de fases que o constituam. É, por consequência, durativo e atélico. Os estados, por sua vez, subdividem-se em dois grupos: aqueles que manifestam situações inalteráveis sobre o sujeito (por exemplo, *a terra gira em torno do sol*) e situações alteráveis (por exemplo, *conhecer Veneza, ser adolescente*). Neste último caso, destaca-se que o início e o fim desses estados caracterizam-se como situações dinâmicas, haja vista a mudança de estado (passar a conhecer Veneza, deixar de ser adolescente).

As situações dinâmicas envolvem uma mudança em determinado estado de coisas, demandando certo esforço do agente. Tais situações serão pontuais ou durativas, mais uma classificação de Comrie (1976). As situações dinâmicas pontuais, por definição, não duram no tempo, não têm estrutura interna. Pode-se pensar, por exemplo, em *espirrar*. Neste ponto, o autor introduz a noção de verbos semelfactivos, aqueles que denotam eventualidade que ocorre uma só vez (Manoel *espirrou*). Segundo ele, são eventualidades desse tipo que permitem o surgimento do aspecto iterativo, que implica a repetição da situação (Manoel estava espirrando). As situações durativas, ao contrário, pressupõem um decurso de tempo e, conseqüentemente, uma estrutura interna. A partir da conjugação dos critérios dinamicidade,

⁴⁷ (...) continuously subject to a new input of energy”.

duração, telicidade e homogeneidade, seria possível caracterizar as eventualidade estativas e dinâmicas.

Conforme já referido, os estados são não-dinâmicos, durativos, atélicos e homogêneos. Em relação às situações dinâmicas, Comrie retoma as categorias de Vendler (1967) para afirmar que a atividade, enquanto situação dinâmica, caracteriza-se pela dinamicidade, duração, atelicidade e homogeneidade. Os processos culminados são dinâmicos, durativos, télicos, e heterogêneos. Já as culminações ou realizações são dinâmicos, pontuais, télicos e heterogêneos. Por fim, os atos (pontos) são dinâmicos, instantâneos, télicos e sem estado consequente.

Cabe destacar, ainda, a distinção semântica entre perfectivo e imperfectivo, indispensáveis ao estudo do aspecto, especialmente no que se refere à sua interação com os tempos verbais. Tradicionalmente, as formas perfectivas são caracterizadas por indicar situações de curta duração. Mais especificamente, o perfectivo indica uma situação tomada como um todo único e completo, em relação a qual não se propõe dividir em graus de desenvolvimento (início, meio e fim). De acordo com Comrie (1976, p. 17-18):

Embora seja incorreto dizer que a função básica do perfectivo é representar um evento como momentâneo ou pontual, há alguma verdade na opinião de que o perfectivo, não dando expressão direta à estrutura interna de uma situação, independentemente da sua complexidade objetiva, tem o efeito de reduzir a um único ponto.⁴⁸

Pode-se afirmar também, que o perfectivo é uma forma resultativa, no sentido de que indica a conclusão bem sucedida de uma situação. Entretanto, a caracterização precípua do perfectivo reside na situação em sua totalidade, na representação da ação pura e simples. Seria, portanto, o elemento não marcado na descrição do fenômeno perfectividade.

Já as formas imperfectivas indicam situações de duração mais longa, que pressupõe uma complexidade interna traduzida em pontos ou fases de desenvolvimento. Salienta-se que, enquanto no perfectivo, por denotar uma situação completa, enfatiza justamente essa completude, sua finalização, o imperfectivo permite que a ênfase seja dada em qualquer uma de suas fases, o que permite que, em muitas línguas, existam várias formas para expressar a imperfectividade.

⁴⁸ While it is incorrect to say that the basic function of the perfective is to represent an event as momentary or punctual, there is some truth in the view that the perfective, by not giving direct expression to the internal structure of a situation, irrespective of its objective complexity, has the effect of reducing it to a single point.

Em muitas línguas, a imperfectividade pode ser subdividida em habitualidade e continuidade. Com a habitualidade descreve-se “uma situação que é característica de um período de tempo prolongado, de modo alargado, de fato, que a situação referida é vista não como uma propriedade incidental do momento, mas, precisamente, como um aspecto característico de um período inteiro” (COMRIE, 1976, p.28). Consequentemente, destaca-se que o estabelecimento de uma situação como habitual implica uma decisão do falante. É nesse sentido, portanto, que se postula o aspecto como uma instanciação da perspectiva. Com a continuidade descreve-se a progressão de uma situação não-estativa.

Como exemplos de formas perfectivas e imperfectivas, cita-se a oposição presente em *Joana comprou flores na feira* e *Joana comprava flores na feira*. No primeiro caso, tem-se a situação considerada em sua totalidade; enquanto que na segunda, ainda que a situação não perdure até o momento da enunciação, pressupõe uma continuidade, nesse caso específico, uma repetição da ação durante certo período.

Constata-se, então, que em Comrie, o entendimento do fenômeno aspecto extrapola os limites do verbo na medida em que se relaciona com os demais elementos envolvidos tanto no nível da palavra, da perífrase e da predicação como um todo.

Dowty (1979) retoma os critérios de Vendler (1967), incorporando as classes aspectuais em sua gramática ao propor uma análise reducionista (Verkuyl, 1993, p. 52): atividades, processos culminados e culminações/realizações “são construídos a partir de um ou mais predicados estativos e operadores como *tornar-se* e *causar*”⁴⁹.

O autor apresenta uma série de testes que visam à fixação da classe aspectual a que pertencem os diversos predicados. A título de exemplo, cita-se a distinção entre estativos e não-estativos, sendo que somente os predicados não-estativos: (a) podem ocorrer no progressivo; (b) podem ocorrer como complemento de verbos como *force* (forçar) e *persuade* (persuadir); (c) ocorrem como imperativos; (d) ocorrem com advérbios agentivos do tipo de *deliberadamente*, por exemplo, e (e) podem ocorrer em construções pseudo-clivadas do tipo “*O que X fez foi...*”. Em contrapartida, com estativos: (a) o Presente do Indicativo tem valor temporal de presente "real", ou seja, de algo que efetivamente ocorre em concomitância ao momento da enunciação.

⁴⁹ He proposed a “reductionist analysis”: Activity verbs, Accomplishment verbs and Achievement verbs are constructed out of one or more Stative predicates and operators like *BECOME* and *CAUSE*.

A categorização de Mourelatos (1981)⁵⁰ em muito se assemelha à de Vendler (1967), na medida em que, fundamentalmente, toma uma constituição tripartida do fenômeno aspectual: estados, processos e eventos são as categorias.

Esta tipologia aspectual é apresentada a partir de traços binários que, combinados, distinguem as classes aspectuais. A seguir, apresenta-se quadro contendo a matriz de traços de Mourelatos (1981), apresentada no QUADRO 8.

QUADRO 8 Matriz de traços segundo Mourelatos (1981)

traço distintivo	(+)	(-)
dinamicidade	ocorrências	estados
telicidade	eventos	processos
duratividade	desenvolvimentos	ocorrências pontuais

Como se observa, essa é uma visão baseada em traços. Através dessa teoria, constata-se que um mesmo predicado pode relacionar-se a classes aspectuais diversas em função de determinadas características sintáticas e semânticas envolvidas. Observe-se, exemplificativamente, o verbo *pintar*:

- (7) a. *Inês pinta quadros lindos.* (hábito)
 b. *Inês pintou a casa.* (processo culminado)
 c. *Inês pintou a tarde inteira.* (processo)
 d. *Inês parou de pintar às 15hs.* (ponto)

Percebe-se que os demais elementos que compõem a predicação interagem com o verbo, resultando, em cada caso, em uma categoria da classificação aspectual. Nesse sentido, Cunha (1998) postula que certos verbos caracterizam-se, no que se refere ao aspecto, por essa mobilidade. Segundo ele (p. 14),

são as predicções, enquanto expressões complexas, e não os predicados, enquanto itens lexicais, que podem ser classificadas. A ideia de que é todo o complexo linguístico compreendido na noção de predicação que é o responsável pela inclusão numa ou noutra categoria aspectual, não só permite explicar a multivalência de

⁵⁰ Apud Verkuyl (1993, p. 51).

alguns verbos, como também possibilita dar conta dos factores semânticos e sintácticos que intervêm na determinação aspectual (CUNHA, 1998, p. 14).

Para Mourelatos (1981), os fatores que interfeririam nesse processo são:

- (a) as informações lexicais do próprio verbo;
- (b) a natureza de determinados argumentos;
- (c) a presença de certas expressões adverbiais (de tempo),
- (d) o próprio aspecto (relação com perfectivo/imperfectivo);
- (e) a relação com o tempo gramatical.

Nota-se, neste ponto, que a abordagem de Mourelatos já corresponde à segunda fase, na qual o aspecto tem caráter semântico-sintático ou composicional, relacionando-se com outros elementos presentes na predicação.

Entretanto, as objeções que se pode fazer a estas formulações é a mesma que se tem feito a todas as abordagens baseadas em traços: são formulações criadas a partir de exemplos isolados, desprovidos da influência do contexto e, portanto, de uma intenção comunicativa, além de os próprios parâmetros serem constituídos via processo de introspecção pelo linguista. Esse fator tende a simplificar, a reduzir o volume de problemas com os quais os linguistas têm de lidar, pois nuances se perdem. Cabe salientar que, segundo Verkuyl (1993), ainda que as nomenclaturas sejam diferentes, alguns parâmetros expostos no quadro compartilhariam as seguintes propriedades temporais: (a) a transição de um ponto a outro; (b) a limitação (no sentido de que o intervalo em progresso é definido) e (c) o comprimento do intervalo.

Ao retomar as contribuições de Verkuyl (1993) para a evolução da aspectologia, o próprio autor retoma uma formulação sua, datada de 1987, em que define a noção designada *Specified Quantity of A* (quantidade especificada de A)⁵¹, ligada à ideia de limitação. Como avanços dessa abordagem, Verkuyl (1993) afirma que a ideia de limitação permite a melhor compreensão da quantificação de eventos (tais como a frequência e a repetição). Mais especificamente em relação ao objeto de estudo desta tese, Verkuyl (1993, p. 277) afirma que os adverbiais de frequência podem ser vistos como “a atribuição de cardinalidade para

⁵¹ The basic Idea was to identify it with the intersection $A - B$ (...) given certain conditions.

DEFINITION 1: An NP of the form Det N denotes a *Specified Quantity of A* in E relative to B if $A - B$ is bounded.

DEFINITION 2: An NP of the form Det N denotes an *Unspecified Quantity of A* in E relative to B if: (a) $A - B = \emptyset$; or (b) $A - B$ cannot be determined.

DEFINITION 3: A set S is *bounded* if there is an $m \in \mathbb{Z}^+$ ($= \mathbb{N} \setminus \{0\}$), such that for all $x_i \in S$, $i \leq m$ (I a number assigned to member of S).

quantificadores generalizados, isto é, coleções de intervalos constroem a função de sucessão considerando um ponto de origem 0”⁵². Em outras palavras, trata-se de contar, por vezes de forma mais específica ou não, os pontos que estruturam determinada progressão no tempo considerando, para isso, seus intervalos.

Neste ponto, já tendo discorrido sobre os estudos de alguns autores que extrapolam a visão inicial de que o aspecto é um atributo precipuamente do verbo para uma visão sintático-semântica, considera-se pertinente lembrar a definição de aspecto fornecida por Binnick (1991), como denotando fases ou sequências de fases, que podem ser reiteradas para constituir subfases ou sequências de subfases. Na elaboração de um significado aspectual, é possível, portanto, acrescentar modificadores, acrescentando nuances de significado, conforme se observa nos exemplos em (8).

- (8) Ela cantou.
 Ela continuou a cantar.
 Ela cessou de continuar a cantar.
 Ela começou a cessar de continuar a cantar.
 Ela retomou começando a deixar de continuar a cantar.
 Ela estava prestes a continuar a cantar.
 Ela estava continuando a cantar.
 Ela estava prestes a continuar a cantar.
 Ela tinha vindo a cantar.
 Ela continuou a cantar.

Então, um verbo pode expressar uma situação como um todo ou uma fase dela. Para o autor (BINNICK, 1991, p. 208), as noções de *Aktionsart* e de aspecto vem sendo tratadas na tradição dos estudos linguísticos de maneira muito aberta. Apesar de diferenças constatáveis nas abordagens, parece haver concordância no sentido de que as “oposições aspectuais têm a ver com a natureza dos objetos temporais (situações, eventos, episódios, etc.), sem considerações dêiticas, sem referência ao momento do ato de fala”⁵³, o que implica certa confusão no emprego de definições, crítica que endereça a autores como Bybee (1985) e Lyons (1977).

Uma via alternativa em relação às teorias baseadas em traços, em condições de verdade em relação ao mundo, bom como às formulações que não se utilizam das noções

⁵² (...) assigning cardinality to generalized quantifiers, that is, collections of intervals built up the successor function given a point of origin 0.

⁵³ (...) aspectual oppositions have to do with the nature of temporal objects (situations, events, episodes, etc.), without deictic considerations, without reference to the speech-act time.

aspectuais com precisão é o emprego da noção de evento. Binnick (1991, p. 320) afirma que a noção intuitiva de evento já é esclarecedora: “algo que ocorre em certo lugar durante um intervalo particular de tempo”⁵⁴. Segundo ele, um evento pressupõe mudança em um intervalo de tempo, progredindo de um ponto inicial a um ponto final. Nessa concepção, mesmo os estados podem ser vistos como eventos. O exemplo dado pelo autor é o caso de alguém estar doente. Esse estado é delimitado por uma situação anterior e por outra posterior de boa saúde, limitando o estado. Isso destaca o caráter temporal do evento.

Da mesma forma, um evento pode ser constituído por subeventos que constituem etapas intermediárias entre o momento inicial e o momento final da progressão. Woisetschlaeger (1976) introduz a noção de evento, subevento e tipo de evento. Assim, um evento poderia ser fracionado em subeventos e etapas intermediárias, e o subevento seria o acontecimento que se dá entre duas dessas etapas. O autor classifica as *Aktionsarten* segundo seis critérios: (a) quantificação existencial *versus* quantificação universal sobre eventos (distinguindo imperfectivo e perfectivo); (b) independência *versus* dependência de informação sequencial (distinguindo continuativo de imperfectivo); (c) referência *versus* não-referência a pausas (distinguindo interruptivo de imperfectivo); (d) primeiro *versus* último subevento (distinguindo inceptivo de completivo); (e) subevento antes *versus* subevento depois da pausa (distinguindo cessativo/continuativo de resumptivo); e (f) pausa afirmada *versus* pausa negada (distinguindo cessativo de continuativo). Observa-se, portanto, que está em jogo justamente a limitação do evento e do subevento, suas fronteiras.

Essa teoria é interessante para que se introduza a noção de recorrência de situações. Segundo Cunha (2006), a recorrência de eventos manifesta-se através de três categorias aspectuais: a iteração, a frequência e a habitualidade. O QUADRO 9 sumariza elementos comparativos entre essas categorias:

⁵⁴ (...) something that occurs in a certain place during a particular interval of time.

QUADRO 9: Características das categorias aspectuais *iteração, frequência e habitualidade* segundo Cunha (2006)

ITERAÇÃO	FREQUÊNCIA	HABITUALIDADE
<ol style="list-style-type: none"> 1. As configurações de iteração convertem um número não especificado de eventos de natureza delimitada ou discreta num único evento de caráter até certo ponto homogêneo, em que as situações repetidas se apresentam como as suas subfases constitutivas, 2. Descrevem tipicamente situações formadas a partir de um conjunto de eventos idênticos entre si, que se organizam em contiguidade, sem suportarem pausas significativas, assumindo o papel das subfases sucessivas de um processo, 3. Ostentam as propriedades características de um evento processual de um evento processual, ou seja, comportam-se como situações dinâmicas, durativas e atélicas, 4. Requerem, normalmente, um intervalo de ocorrência relativamente curto e bem delimitado. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. As configurações de frequência não alteram substancialmente o perfil aspectual básico das eventualidades a que se aplicam, funcionando, em geral, como meros operadores de quantificação ou de pluralização, 2. Admitem, sem problemas, a presença de pausas entre situações repetidas, o que indicia fortemente a sua independência em termos espaço-temporais, 3. Comparecem em períodos de tempo de extensão bastante variável, não impondo grandes restrições quanto ao tipo de intervalo de enquadramento que as acompanha, 4. Permitem dar conta de padrões de repetição muito diversificados, sendo possível distinguir entre estruturas que apontam para a baixa, para a média ou para a alta frequência de ocorrência das situações. Para além disso, se pensarmos na expressão da frequência em sentido estrito, ela dá igualmente conta de uma certa regularidade no que respeita à distribuição das eventualidades repetidas pelo intervalo de tempo em que decorrem. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Expressam normalmente certas características típicas ou atribuem propriedades de caráter genérico aos indivíduos que predicam, efetuando, assim, uma generalização sobre eventualidades, 2. Ao conferirem propriedades gerais às entidades a que se aplicam, manifestam um comportamento linguístico muito próximo daquele que caracteriza os estados de indivíduo. Porém, não comutam integralmente as situações básicas que nelas tomam parte, funcionando, dessa forma, não como operadores, mas como perspectivadores aspectuais, 3. Mais do que quantificarem sobre situações, exprimem propriedades gerais, o que significa, em última instância, que tanto o número concreto de eventos que as integram quanto o grau de frequência em que estes ocorrem não se revelam indicadores particularmente relevantes para o seu licenciamento, 4. Ao descreverem estados do indivíduo, requerem um intervalo de comparência obrigatoriamente longo e estável que, preferencialmente, se apresenta como não delimitado.

A iteração necessariamente tem subeventos que lhe dão base, o que implica asseverar que suas configurações relacionam-se a processos derivados, também designados por Smith (1991) como atividades de múltiplos eventos. É o que se constata em *O passarinho saltitou sobre o muro*, em que as subfases são mesmo constitutivas do evento como tal, no sentido de que, para saltitar, é indispensável a recorrência do subevento. Por isso, Cunha (2006) afirma que os eventos iterativos caracterizam-se por ser cumulativos e relativamente homogêneos, durativos e atélicos.

A frequência indica mera repetição de ocorrências de determinado evento. Quando se dá a ideia de frequência, está-se simplesmente fazendo referência à quantificação sobre o evento independentemente do tamanho do intervalo entre uma ocorrência e outra. Por isso, é característica da frequência não interferir substancialmente, segundo o autor, no conteúdo temporal da proposição. Em outras palavras, a situação mantém sua autonomia. É o caso de *No mês passado, meu computador travou várias vezes*.

Já a habitualidade, mais do que expressar mera recorrência, é capaz de estabelecer para o indivíduo ou objeto predicado uma característica, que é justamente marcada por essa repetição. Para Smith (1991, p. 33), os “predicados habituais apresentam um padrão de eventos e denotam um estado que se mantém consistente e inalterado”. Por isso, Krifka (1995) dá-lhes o nome de frases caracterizadoras, configurando-se como um estado. É o que ocorre em *Mathias geralmente chega atrasado*.

Para estabelecer relações entre as três categorias, Cunha (2006) afirma que:

Nesse sentido, propomo-nos encarar estas três formas de reiteração de situações como constituindo uma espécie de contínuo ou de escala, em que factores como o grau de generalização alcançado, a duração do intervalo de enquadramento ou a quantidade de situações que dão corpo ao padrão de repetição podem ser tomados em consideração enquanto elementos relevantes para o seu estabelecimento e organização (CUNHA, 2006, p. 20).

Após analisar diferentes formulações teóricas que concebem o aspecto como um atributo que atua de maneira dinâmica na predicação, vale lembrar a lição de Castilho (2003), que preconiza que os estudos sobre o aspecto também se dão no âmbito do discurso. Não é de interesse aprofundar esses debates neste trabalho, especialmente devido ao fato de o mesmo fixar seu interesse de estudo no âmbito da frase. Entretanto, parece pertinente fazer uma breve referência ao trabalho de Flores *et al.* (2008), segundo o qual aliar o estudo das categorias aspectuais à perspectiva fornecida pela Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 1995) permite vislumbrar o aspecto, muitas vezes, como uma categoria dêitica, contrariando o que a tradição nesses estudos vem afirmando. Nessa perspectiva, “o aspecto tem, em termos enunciativos, um componente dêitico porque marca uma continuidade que se realiza simultaneamente ao presente incessante da instância de discurso de *eu*, mas que o ultrapassa” (FLORES *et al.*, 2008, p. 166).

2.3.3 Os estudos sobre aspecto no português brasileiro e no português europeu

Em termos de estudos sobre o aspecto no português brasileiro, os estudos de três autores merecem destaque: Castilho (2002); Travaglia (1981) e Ilari e Basso (2008), descrevendo o fenômeno a partir de dados.

Em termos de definição do fenômeno aspecto, parece existir consenso entre os autores: em linhas gerais, todos definem aspecto como um atributo da predicação que caracteriza a estrutura interna da situação, por isso considerado uma informação não-dêitica, e que implica, em alguns casos, observar as fases que compõem essa situação.

Castilho (2002) propõe que o aspecto seja estudado a partir de duas facetas: na faceta qualitativa, ao considerar as situações como pontuais/ acabadas ou durativas/ não acabadas, aponta para o aspecto imperfectivo (por sua vez subdividido em inceptivo, cursivo ou terminativo, segundo a ênfase dada seja à fase inicial, medial ou final da situação, respectivamente); já na faceta quantitativa, propõe os aspectos semelfactivo e iterativo (conforme a ação descrita pelo verbo se realize uma única vez ou mais de uma vez). Nesse sentido, o autor afirma:

Reconheço que o perfectivo e o imperfectivo configuram a faceta qualitativa do aspecto. Observa-se, entretanto, que em *arruma, está arrumada, fecha, pôs-se a citar, calou-se, acabou de fumar*, a ação ocorreu uma única vez, ao passo que em *vivem dizendo* a ação de *dizer* ocorreu mais de uma vez. Isso leva a reconhecer que o aspecto tem igualmente uma faceta quantitativa, distinguindo-se a ocorrência singular (aspecto semelfactivo) da ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (aspecto iterativo) (CASTILHO, 2002, p. 86-87).

Essa é a tipologia proposta pelo autor para o estudo de dados do PB. Para o desenvolvimento desta tese, interessa a ideia de interação entre a classe acional, a *Aktionsart* do verbo, com as propriedades semânticas presentes nas flexões modo-temporais, revelando a “vocação aspectual das flexões verbais. Aparentemente, o presente, o imperfeito simples e o gerúndio favorecem a emergência do imperfectivo. As formas de futuro e as perífrases em *ir – r* parecem bloquear o aspecto (...)” (CASTILHO, 2002, p. 90). O autor faz ampla exemplificação de sua tipologia, destacando o papel das perífrases, de argumentos e adjuntos para a configuração aspectual da predicação. Sobre os adjuntos, especificamente, importa destacar o papel dos advérbios aspectualizadores, dividindo-os em (1) qualitativos durativos e pontuais (ex.: durante três horas) e quantitativos (remetendo-se ao trabalho de Ilari, 1989, já apresentado na seção 2.2.2.1).

Sobre as propriedades do aspecto iterativo, ressalta que: (1) constitui uma quantificação do perfectivo e do imperfectivo; (2) a predicação quantificada normalmente tem um sujeito não específico ou pluralizado; e (3) o componente léxico é irrelevante, o que implica afirmar que a noção de reiteração se aplica a qualquer verbo. Sobre a repetição expressa com o auxílio de advérbios quantificadores, esta pode ser específica ou não, segundo as características do adverbial empregado.

Travaglia (1981, p. 32) conceitua aspecto como “um tempo interno à situação”, que permite delimitar a duração da situação em si, bem como de suas fases se for o caso. A ideia de fases, por sua vez, instaura o aspecto como ponto de vista, como perspectiva do falante, que pode dar ênfase ao grau de desenvolvimento da situação (em seu início, meio ou fim), ao fato de estar ela completa ou incompleta ou mesmo à sua realização (se é vista como algo que está por começar, algo começado ou algo acabado).

Sobre o aspecto no PB, o autor faz um levantamento minucioso das referências diretas e indiretas feitas por autores brasileiros em diferentes obras⁵⁵, além explicitar as noções aspectuais que fundamentam sua descrição do quadro aspectual do PB. Em termos de descrição, seu trabalho pauta-se nos conceitos esquematizados no QUADRO 10, a seguir, bem como nas relações possíveis entre os aspectos.

⁵⁵ O autor examina as obras de Said Ali (1971); Cunha (1975); Azevedo Filho (1975); Bechara (1977); Luft (1976); Pontes (1972); Garcia (1976), Câmara Jr. (1970, 1974a e 1974b) e Castilho (1967).

QUADRO 10: Noções aspectuais presentes no PB, adaptado de Travaglia (1981)

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS
DURAÇÃO	Duração	Contínua	Limitada DURATIVO (ex.: estava nandando)
			Ilimitada INDETERMINADO (ex.: gira)
		Descontínua	Limitada ITERATIVO (ex.: saltitar)
			Ilimitada HABITUAL (ex.:fuma)
	Não duração ou pontualidade		
FASES	Fases de realização	a. Por começar b. Prestes a começar	NÃO-COMEÇADO (ex.: está para chegar)
		Não acabado ou começado	NÃO-ACABADO OU COMEÇADO (ex.:continua jogando)
		c. Acabado há pouco d. acabado	ACABADO (ex.:acaba de fazer)
	Fases de desenvolvimento	Início	INCEPTIVO (ex.:começa a subir)
		Meio	CURSIVO (ex.: continua falando)
		Fim	TERMINATIVO (ex.: termina de escrever)
	Completa-mento	Completo	PERFECTIVO (ex.: ficou olhando)
		Incompleto	IMPERFECTIVO (ex.: limpava)
	Ausência de noções aspectuais		

Ao quadro fixado por Travaglia foram acrescentados exemplos que ilustram as categorias. Observe-se que alguns exemplos se manifestam por perífrases e outros, ainda demonstram uma relação importante entre aspecto e tempo verbal. Então, pode-se afirmar a presença de aspecto compostos, que vão além do tipo de situação em si. Para os propósitos desta tese, destacam-se as noções: iterativo; habitual; perfectivo e imperfectivo.

Nos primeiros dois casos, a repetição é o pressuposto. A iteração é uma situação que se dá de maneira descontínua, ou seja, pressupõe interrupções e, por consequência a repetição, permitindo que um conjunto de situações, a partir do ponto de vista do falante, passe a ser encarada como uma situação única. Já o hábito, situação de duração descontínua ilimitada, pressupõe uma repetição que se torna regular, constante, ou mesmo automática, e que pode dar ensejo a adverbiais que reforçam essa ideia, tais como *todos os dias* e *sempre*, por exemplo. Percebe-se a diferença entre iteração e hábito ao confrontar frases como *De tempos em tempos explodia uma bomba*, na qual há iteração; e *Sempre acordo às 6 da manhã*, na qual há hábito.

O perfectivo, em consonância com definições já expostas, caracteriza-se “por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos” (TRAVAGLIA, 1981, p. 76). O imperfectivo apresenta “a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, ela é apresentada em uma das suas fases desenvolvimento” (TRAVAGLIA, 1981, P. 78). Em outras palavras, a situação é vista de dentro. Como exemplos, pode-se contrapor *Eu estive doente*, caso de perfectividade; e *A mistura estava endurecendo*, caso de imperfectividade.

Dessas categorias, depreende-se uma relação clara entre tempo verbal e aspecto. O autor faz um levantamento minucioso sobre como se dá essa relação no PB. Nesta seção, discute-se somente sobre os tempos verbais que obtiveram frequência mais expressiva nos dados, conforme será possível verificar no capítulo 4: presente do indicativo, pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo e formas nominais.

No caso do presente do indicativo, muitas são as nuances resultantes da interação de diferentes fatores. Esse tempo verbal pode expressar: (a) o aspecto imperfectivo em sentenças como em *Tenho muitos selos antigos*; o cursivo, como em *João ama Marilda*; (c) o aspecto indeterminado, como em *O ano tem 365 dias*; (d) o habitual, como em *Tu só bebes água pura*; (e) o durativo, como em *Eles moram em Curitiba*. A ideia de hábito, nesse caso, pode ser reforçada por um adverbial (advérbio, locução ou mesmo oração), enfatizando a habitualidade, como é o caso de *Normalmente ele já está no escritório às nove horas*.

O pretérito perfeito do indicativo não expressa duração, fase de desenvolvimento, realização, ou completude, pois a situação é vista como contemplando um período completo, único. Por isso, pode expressar: (a) o aspecto pontual, quando a situação em si o é, como em *Paulo arrebitou o cordão*; (b) o durativo, quando a situação não é pontual, como em *Ele*

*ensaiou a música o dia todo*⁵⁶; (c) o iterativo, como em *Ele falou comigo várias vezes*; (d) o habitual, como em *Aquele menino sempre desobedeceu aos pais*.

Já o pretérito imperfeito do indicativo (a) o durativo, como em *Josué pulava o muro, quando viu o cachorro*; (b) o habitual, como em *Ele chegava às dez horas e o chefe o repreendeu*. Em casos como este, muitas vezes, segundo o autor, a habitualidade vem marcada, reforçada por um adverbial, como em *Ele sempre falava às dez horas* e *Quando eu virava as costas, eles gritavam*. Entretanto, não há necessidade incondicional de que o adverbial apareça junto ao pretérito imperfeito para que a habitualidade esteja caracterizada, como ocorre em *Mamãe só comparava frutas do Sr. José* e em *José fumava muito*, casos em que o imperfectivo associado à raiz verbal é suficiente para atribuir uma característica ao sujeito predicado.

Sobre as formas nominais, Travaglia aponta que seriam em princípio aspectualmente neutras, mas destaca que o gerúndio manifestaria uma situação não acabada e cursiva; enquanto que o particípio, uma situação acabada, concluída. Cabe destacar, porém, o papel dessas formas nominais em orações subordinadas, especialmente as adjetivas e adverbiais, que podem contribuir para a caracterização de uma situação como reiterada ou habitual. Como ocorrem em *Dado o sinal, os casais iniciavam os rodopios frenéticos* e *Sendo bons, os meninos resolveram ajudá-lo*.

Além da descrição da relação aspecto e tempo verbal, fica evidente no trabalho do autor que a expressão do aspecto no PB dá-se pela relação entre vários elementos. É feita uma descrição exaustiva das perífrases aspectuais⁵⁷. Sobre os adjuntos adverbiais, tema de interesse desta tese, Travaglia afirma que sua função é evitar ambiguidades, marcar o aspecto em si em combinação com outros elementos, bem como reforçar o aspecto já manifesto por outros elementos. Na expressão do iterativo e do habitual, afirma que:

Adjuntos adverbiais de frequência, tais como sempre, muitas vezes (...) evitam a ambiguidade com o pretérito imperfeito do indicativo; reforçam o aspecto com o presente e o pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e o marcam com os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo (TRAVAGLIA, 1981, p. 313).

O autor ainda salienta o papel do tipo oracional contribuindo para a expressão do aspecto. Segundo eles, as subordinadas adjetivas e as adverbiais podem contribuir para a expressão do aspecto habitual. No primeiro caso, podem ter seus verbos conjugados no

⁵⁶ Note-se que, nesse caso, o durativo pode ser marcado pela presença de advérbios, locuções adverbiais e mesmo orações subordinadas adverbiais.

⁵⁷ Também Longo e Campos (2003) descrevem as perífrases aspectuais no português brasileiro.

presente do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo e no subjuntivo, além do gerúndio, marcando o imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo. No segundo caso, a habitualidade surge quando as subordinadas adverbiais condicionam “a ocorrência da situação da principal cujo verbo aparece no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo”, e reforçam a ideia de hábito quando o verbo conjuga-se no presente do indicativo (TRAVAGLIA, 1981, p. 313).

Por fim, elenca a repetição do verbo e a ênfase entonacional como recursos capazes de interferir na expressão do aspecto.

Em relação aos estudos sobre aspecto no português europeu, primeiramente salienta-se a existência de uma pequena quantidade de estudos descritivos sobre o tema a partir de dados dessa variedade do português. Apesar disso, são destacadas as seguintes obras: Oliveira (2004); Mória e Alves (2004) e Barrozo (1999).

Oliveira (2004) apresenta um atipologia aspectual baseada fundamentalmente na distinção entre eventos (situações dinâmicas) e estados (situações não dinâmicas). Da telicidade decorrem processos culminados (eventos que tendem a um fim) em contraposição aos processos. Há ainda pontos (eventos indivisíveis), razão pela qual não se considera a telicidade para esses casos. Em relação aos estados, aponta para estados faseáveis e não faseáveis. O estado habitual é definido como derivado de eventos ou estados faseáveis com a contribuição de outros elementos.

Em linhas gerais, defende a existência de um núcleo aspectual adotando perspectivas diferentes na frase. Por exemplo, o presente do indicativo, aliado a processos conduz a uma leitura preferencial de estado habitual, decorrente da indeterminação da frequência e dos intervalos entre os eventos (ex.: *A Maria corre.*). Segundo a autora, o estado habitual decorrente do uso do presente do indicativo “permite compreender por que razão frases genéricas caracterizadoras surgem usualmente no presente” (OLIVEIRA, 2004, p. 145).

A quantificação de eventos, estando fora da unidade temporal, é expressa por adverbiais de frequência, que podem expressar uma repetição cíclica em termos de unidades de tempo (ex.: semana); definir uma situação de dentro de um intervalo de tempo; ou contribuir para leitura genérica (ex.: geralmente).

O trabalho de Barrozo (1999) é destacado pelo extenso e pormenorizado levantamento das perífrases aspectuais no PE, construção que está, segundo ele, em franco

desenvolvimento, caminhando “para uma forte sistematização”, graças a processos de gramaticalização (BARROZO, 1999, p. 341).

Móia e Alves (2004) comparam usos de PB e PE em relação a adverbiais temporais. Em relação às questões de frequência, especificamente, salientam que a repetição constante pode ser expressa em ambas as variedades por formas como *constantemente* e *(a) toda hora*; enquanto a repetição de baixa frequência pode ser expressa por formas como *raramente*, *esporadicamente* e *algumas vezes*. Nesse estudo, em relação à expressão da frequência, não foram detectados comportamentos distintos entre PB e PE.

O presente estudo tem como objetivo geral discutir a noção aspectual de frequência quando expressa através de adjuntos adverbiais, sob o ponto de vista da Linguística Cognitiva, a partir de dados de escrita do português brasileiro e do português europeu. Para tanto, foi desenvolvido um referencial teórico baseado em três grandes pilares. O primeiro diz respeito à cognição, através do qual se buscou suporte para explicar como as referidas noções se estruturam e como se relacionam. O segundo pilar é o do advérbio, através do qual se procurou refletir acerca da complexidade da classe, dada sua heterogeneidade tanto de forma quanto de função e significado. Por fim, o terceiro pilar é o do aspecto, através dele buscou-se retomar brevemente as origens remotas e a evolução da própria visão do que seja o fenômeno (e de conceitos que se relacionam às diferentes visões), dando atenção especificamente ao século XX, apresentando também as formas pelas quais o aspecto vem sendo recentemente tratado pela Linguística Cognitiva.

Para além das considerações sobre PB e PE, cabe enfatizar, ainda, que, conforme discutido no referencial teórico (seção 2.3.2) desta tese, a ideia de repetição de um dado evento, ou de frequência em sentido amplo, pode ser subdividida em três categorias: hábito, frequência (termo agora usado em sentido restrito) e iteração (CUNHA, 2006). Na primeira delas, tem-se uma repetição que ocorre de modo a passar a caracterizar o sujeito, razão pela qual essa categoria figura, em termos de classificação, entre os estativos, configurando o estado habitual; na segunda (frequência), tem-se unicamente a repetição de um evento sem consequências para os atributos da predicação, apenas fazendo uma referência mais ou menos precisa a respeito de quantas vezes esse evento ocorreu; já na terceira categoria (iteração), a repetição dá-se em um intervalo curto de tempo, o que conduz à interpretação os esses eventos passam a ser interpretados como subfases ou etapas do evento, que é a repetição propriamente dita.

Assim, de acordo com a discussão realizada na seção 2.3.2, a presente tese compromete-se com a noção de frequência em sentido amplo, como categoria maior, que abrange as demais. As razões para tal escolha envolvem basicamente dois aspectos: (1) a discrepância numérica encontrada nos corpora entre as categorias (visto que a maioria das ocorrências é de frequência, e são poucas as construções classificadas como habituais e iterativas), o que conduz a algumas dificuldades operacionais; (2) a fragilidade das três categorias, pois são muitos os casos em que, ao par das definições tradicionais sobre cada uma delas, constata-se a dificuldade de interpretação e escolha por uma delas.

2.3.4 O aspecto na Linguística Cognitiva

A visão da Linguística Cognitiva sobre aspecto caracteriza-se por colocá-lo como parte integrante da situação em si, e sua interpretação é decorrente da relação entre elementos na sentença.

Primeiramente, vale lembrar que, nessa perspectiva, as predicções são nominais ou relacionais. As predicções relacionais estabelecem interconexões entre elementos, perfilando um deles em relação aos demais, e subdividem-se, por sua vez, em processos e relações atemporais. A distinção entre aspecto perfectivo e imperfectivo reside no âmbito dos processos. Para Langacker (1987,1991) o perfectivo retrata a mudança de situação através do tempo; enquanto o imperfectivo descreve uma situação como constante ao longo do tempo. A distinção reside, pois, na presença/ausência de mudança. Assim, as fases que compõem um processo imperfectivo são tidas como idênticas; enquanto que um processo perfectivo é limitado temporalmente pela própria predicção, pois seu ponto final está compreendido em seu escopo. Em outras palavras, essa concepção reflete a existência de um tipo específico de perfilamento para cada processo.

Radden e Dirven (2007) entendem o aspecto como a forma gramatical que os falantes usam para especificar um ponto de vista particular de uma situação. Sobre os diferentes esquemas temporais pode incidir esse ponto de vista, que pode ser mais ampliado (ex.: eventos vistos externamente) ou mais restrito (ex.: eventos vistos em uma de suas fases de desenvolvimento). A maneira como se dá essa relação entre tipo de situação e a perspectiva adotada depende basicamente, segundo os autores, de se tratar de eventos ou estados. Os eventos são necessariamente situações heterogêneas, pois implicam mudança; já

os estados, por não envolverem mudanças, são homogêneos. A aplicação de um ponto de vista ampliado a um evento conduz a eventos limitados, vistos em sua totalidade; enquanto que essa mesma perspectiva aplicada a um estado acarreta eventos ilimitados (ex.: *Ana mudou a fralda.*⁵⁸); enquanto que a aplicação desse mesmo ponto de vista a um estado acarreta um estado duradouro, ilimitado (ex.: *Ana ama o bebê.*). Já a aplicação de um ponto de vista restrito a um evento, o foco será a progressão deste, tornando o evento ilimitado (ex.: *Ana está mudando a fralda.*); enquanto que a aplicação desse ponto de vista a um estado acarreta um estado temporário (ex.: *Ana está vivendo com seus pais.*). A interação entre esquemas de tempo gerais e os pontos de vista possíveis para uma situação dão ensejo às categorias aspectuais básicas, que são esquematizadas no QUADRO 11, a seguir:

QUADRO 11: Classes aspectuais básicas Segundo Radden e Dirven (2007)

	tipo de situação	características	exemplo
evento	processo culminado	ilimitados, tólicos e durativos	Ana mudou a fralda.
	atividade de culminação	uso do progressivo	Ana estava mudando a fralda.
	atividade	durativo e atélico	Ana abraçou/ estava abraçando o bebê.
	realização	limitados, pontuais e tólicos	Ana adormeceu.
	realizações de culminação	uso do progressivo	Ana estava adormecendo.
	ato	limitado, atélico e pontual	O bebê arrotou.
	atividade iterativa	uso do progressivo	O bebê estava arrotando.
estado	estado duradouro indefinido	situações que permanecem por tempo indefinido	Acho que vou me tornar um professor.
	estado temporário	uso do progressivo	Estou pensando em me tornar professor.
	estado habitual	evento recorrentes vistos como estado atemporal	Você constantemente entra em apuros.
	estado habitual temporário	uso do progressivo	Você está constantemente entrando em apuros.
	estado perpétuo	situação imutável	Brighton fica no litoral sul.

Note-se que as características dos tipos aspectuais básicos, e mesmo os critérios que definem cada tipo, são muito semelhantes aos anteriormente apresentados. Tanto nomenclatura quanto conceitos coincidem (ex.: telicidade, duração, processo culminado, entre outros). Destaca-se que determinados tipos aspectuais dão origem a outro mediante o uso do progressivo. A ideia de repetição, de interesse para a presente tese, aparece como iteração (*o bebê estava arrotando.*), estado habitual e estado habitual temporário, sendo a diferença

⁵⁸ Exemplos dos autores.

apontada entre eles o uso de um adverbial de reiteração associado à mudança de tempo verbal, dando caráter progressivo à construção.

A iteração requer que eventos pontuais separados sejam perspectivados como um só evento durativo e de complexidade interna múltipla. Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), o aspecto iterativo manifesta-se especialmente em predicções télicas e expressa que determinada ação ocorreu uma só vez (definição que equivale ao semelfactivo em Castilho, 2002, 2008, 2010). Esses autores diferenciam iterativo de frequentativo. Para eles, o frequentativo requer a existência da repetição e que se especifique em qual período de tempo essa repetição ocorre.

Há o estado habitual, que requer uma sucessão de situações equivalentes constituindo padrões regulares de comportamento. Assim, uma multiplicidade de eventos é sintetizada, tornando-se uma homogeneidade (RADDEN e DIRVEN, 2007). Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) apontam para a relação do estado habitual com o imperfectivo, bem como para diferenças entre a habitualidade expressa no presente e no passado do inglês. A interpretação habitual do presente pode ser uma “leitura aspectual default” (BYBEE, PERKINS e PAGLIUCA, 1994, p. 151). No presente, as diferenças entre o habitual outros estativos não são tão claras, e depende de uma leitura do predicado como um todo: o habitual cobre um número de instâncias diferentes da mesma situação; enquanto os estativos são vistos como situações contínuas. No passado, a correlação default se dá entre o *simple past* e uma leitura perfectiva. Para expressar a ideia de hábito no passado, é necessário acrescentar outro elemento no discurso.

Encerrada a revisão teórica sobre os três temas que conduzem o presente estudo, passa-se à explicitação das escolhas metodológicas e dos passos procedimentais que pautaram a pesquisa. É o que será apresentado a seguir

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os objetivos e os passos metodológicos tomados para a construção e implementação da pesquisa, que se sustenta sobre a *Linguística baseada em corpus*. Então, este capítulo organiza-se em quatro seções, quais sejam: (1) objetivo geral e objetivos específicos e hipóteses; (2) uma breve panorâmica sobre a Linguística baseada em Corpus como método; (3) a escolha dos corpora e a definição das variáveis; (4) organização das variáveis.

3.1 Objetivos e hipóteses

Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, o presente estudo tem como objetivo geral discutir a noção aspectual de frequência quando expressas através de adjuntos adverbiais, sob o ponto de vista da cognição, a partir de dados de escrita do português brasileiro e do português europeu.

A partir do objetivo geral, foram traçados objetivos específicos, a saber:

- 1) Verificar, por meio de buscas em corpora de língua escrita do Português Brasileiro e Europeu, a ocorrência de construções que contêm determinados advérbios que, aliados a outros elementos, expressam a noção aspectual de frequência e hábito;
- 2) Analisar como se configuram as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *tipo de oração* em coocorrência com os advérbios referidos, verificando como compõem as referidas construções;
- 3) Estabelecer comparações entre essas variáveis para português brasileiro e o português europeu.
- 4) Verificar e analisar os frames verbais associados às ocorrências desses advérbios.

A partir dos objetivos específicos, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- 1) Dentre as variáveis apresentadas na seção 3.3, as variáveis *Tempo verbal* e *Tipo de oração (recodificada)*⁵⁹ serão identificadas como estatisticamente relevantes

⁵⁹ A variável *Tipo de oração recodificada* constitui-se pela exclusão, para efeito de cálculo estatístico, dos casos em que os advérbios vinculam-se a orações principais. O intuito da recodificação é verificar qual o “peso” de determinada oração subordinada, mais especificamente das adjetivas, em comparação às demais.

para a descrição e a explicação de diferenças de comportamento dos advérbios estudados;

- 2) O estudo dos frames verbais associados aos advérbios permitirá vislumbrar a existência de superframes ligados a esses advérbios.

Explicitados os objetivos geral e específicos, bem como as hipóteses de trabalho, cabe abordar brevemente a Linguística baseada em Corpus enquanto etapa metodológica deste estudo. É o que será feito na próxima seção.

3.2 Organização e exploração dos corpora e a Linguística baseada em Corpus

Dadas as especificidades dos objetivos, percebeu-se que esta é uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, aliando o uso de dados numéricos e ferramentas estatísticas a um olhar mais global, que proporcione ao mesmo tempo uma compreensão mais ampla e mais aprofundada. Para atender ao caráter quantitativo, optou-se pela utilização da Linguística baseada em Corpus enquanto etapa metodológica. A Linguística de Corpus é uma área de conhecimento que pressupõe o armazenamento em meio eletrônico de uma quantidade significativa de linguagem em situações reais de uso, seja ela oral ou escrita, coletada e organizada segundo critérios prévia e detalhadamente definidos, tendo em vista a verificação e análise acurada de determinados fenômenos. Segundo Sardinha (2004), esta área trata da coleta, organização e exploração de corpora, que consistem em um conjunto de dados sistematizados segundo critérios pré-definidos, com o intuito de servir de base à pesquisa linguística de natureza empírica. Para tanto, utiliza como instrumento ferramentas computacionais específicas.

Assim, todo trabalho nessa área parte da elaboração de um corpus linguístico informatizado, que, segundo Biderman (2001), consiste em uma coletânea de textos com características comuns, que são organizados de modo a obter-se um padrão, uma homogeneidade de tratamento. A autora destaca, ainda, que a amostra de língua que constitui o corpus pode ser de qualquer natureza (oral, escrita, literária, coloquial, etc.) e que seu planejamento leva em conta que o objetivo do mesmo será dar base a generalizações sobre a língua em estudo. Por tudo isso, as investigações linguísticas baseadas em corpora apresentam algumas características tidas como fundamentais: (a) são empíricas, pois debruçam-se sobre situações reais de uso de uma língua ou variedade linguística mediante a utilização do corpus;

(b) utilizam-se de computadores com atributos específicos para esse fim e (c) têm consequentemente uma análise quanti-qualitativa.

Todos esses aspectos revelam a complexidade do trabalho quando se trata de Linguística baseada em Corpus. Desde a década de 1960, outros corpora vêm sendo elaborados, novos estudos vêm sendo implementados e os resultados vêm contribuindo para consolidar uma nova perspectiva filosófica para os estudos linguísticos. Oliveira (2009), citando Leech (1992, p. 106), afirma que esse tipo de empreendimento constitui para a Linguística uma nova forma de fazer pesquisa que só é possível via utilização das referidas ferramentas computacionais. Nesse contexto, é pertinente recordar a afirmação de Halliday (1985), segundo o qual as pesquisas baseadas em corpora estão trazendo importantes consequências para noções fundamentais dentro do estudo sobre linguagem, tais como a visão sobre o léxico, sobre padrões no vocabulário das línguas, bem como sobre nossas próprias ideias sobre a gramática.

3.3 Da escolha dos corpora e definição das variáveis

Definida a utilização do aparato da Linguística de Corpus, o passo seguinte foi definir qual corpus utilizar como fonte para busca de dados. Optou-se pelos corpora CETENFolha e CETENPúblico, pertencentes ao Projeto Liguateca⁶⁰.

O CETENFolha (Corpus de **E**xtractos de **T**extos **E**lectrónicos **N**ILC/**F**olha de S. Paulo) é um corpus de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro, criado pelo Projeto *Processamento Computacional do Português*, com base nos textos do jornal Folha de S. Paulo que fazem parte do corpus NILC/São Carlos, compilado pelo *Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional* (NILC). O corpus inclui o texto da Folha de S. Paulo do ano de 1994, incluindo cadernos não-diários, num total ligeiramente inferior a 24 milhões de palavras. O CETENFolha está dividido em 340.947 extratos, classificados por

⁶⁰ Segundo informações contidas em <http://www.liguateca.pt>, a Liguateca consiste em um centro de recursos distribuído para o processamento computacional da língua portuguesa, com o intuito de servir à comunidade que se dedica a pesquisas desse tipo, facilitando o acesso a recursos na rede de computadores através de um portal próprio. O projeto norteia-se por alguns princípios: (1) as atividades e trabalhos desenvolvidos pelo projeto são públicos; (2) criar condições para a existência de recursos bons e gratuitos para a língua portuguesa. As atividades da Liguateca compreendem: (1) formação de pessoal; (2) prestação dos serviços de repositório, distribuição de catálogo; (3) manutenção de contato para aperfeiçoamento dos serviços; organização de avaliações conjuntas.

semestre e caderno do jornal do qual provêm. Cada extrato está dividido em parágrafos e frases, e os títulos e os autores dos artigos estão assinalados⁶¹.

O CETEMPúblico (**Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público**) é um corpus de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, criado pelo projecto Processamento Computacional do Português (projeto que deu origem à Linguateca) após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) português e o jornal *PÚBLICO* em Abril de 2000. Este corpus, em termos de organização, é paralelo ao CETENFolha, possuindo 1.504.258 extratos.

Assim, retomando a classificação de corpus a que procedeu Sardinha (2004), os corpora de estudo (CETENFolha e CETEMPúblico) têm os seguintes atributos:

- a) escrito (composto por textos escritos);
- b) sincrónico (compreende um período de tempo);
- c) contemporâneo (representa o período de tempo corrente);
- d) de amostragem (composto por porções de texto ou de a variedade textual, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo);
- e) estático (cujo crescimento ou diminuição não é permitido); equilibrado (os componentes são distribuídos em quantidades semelhantes);
- f) especializado (os textos são de um gênero específico);
- g) de língua nativa (os autores são falantes nativos); e
- h) de estudo (o corpus tem finalidade descritiva).

A coleta de dados no corpus foi feita mediante a utilização do programa computacional *Wordsmith Tools*. De acordo com Sardinha (2009), é um pacote de programas desenvolvido especificamente para o trabalho de análise linguística, possibilitando obter dados de frequência e coocorrência de palavras extraídas do corpus, além de pré-processar arquivos de corpus antes da análise propriamente dita.

Dado o caráter da pesquisa, optou-se, dentre os recursos disponíveis no WordSmith Tools, pelo uso do concordanciador designado *Concord*, ferramenta que realiza

⁶¹ Informações disponibilizadas no site <http://www.linguateca.pt>, acessado em 22.02.2010.

concordâncias⁶², oferecendo, além de informações de frequência, as colocações, ou seja, as palavras que ocorrem no entorno da palavra ou expressão pesquisada.

Feitos os levantamentos, em ambos os corpora, da lista completa de advérbios aspectualizadores proposta por Prestes-Rodrigues (2010), apresentada no capítulo 2, seção 2.2.3.1, chegou-se a um número de ocorrências de 70.077. Dado o elevado número obtido e as dificuldades disso decorrentes, impôs-se a necessidade de se estabelecerem critérios para proceder a um recorte nos dados e, por conseguinte, na pesquisa como um todo.

Inicialmente, determinou-se que o trabalho seria desenvolvido somente com advérbios aspectualizadores pertencentes às categorias plural/ recorrência / ciclo não medido / frequência alta, frequência média e frequência baixa. Essa escolha deveu-se ao fato de estes advérbios terem uma característica comum, a escalaridade indefinida (CASTILHO, 2010), no sentido de que não se pode definir ao certo quantas vezes um fato sobre o qual se afirma que ocorre “geralmente” ou “raramente”, o que implica afirmar que são, de certa forma, vagos. Entende-se que justamente essa característica contribui para uma análise mais rica da dinâmica envolvida nessas construções. A seguir, apresenta-se a TABELA 1, na qual constam as ocorrências para cada um dos advérbios que pertencem a essa classificação:

⁶² Segundo Sardinha (2009, p. 83), “concordâncias são listagens de ocorrências de um item específico (chamado de termo de busca ou nóculo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (co-texto)”.

TABELA 1: Número de ocorrências dos advérbios selecionados para a pesquisa nos corpora de PB e PE

advérbios	ocorrências no corpus CETENFolha	ocorrências no corpus CETENPúblico
amiúde	3	9
constantemente	220	44
em geral	1.455	152
frequentemente	1	78
geralmente	763	93
habitualmente	93	117
na maioria das vezes	78	3
normalmente	1276	154
o mais das vezes	5	0
regularmente	158	55
seguidamente	26	10
seguido	579	129
várias vezes	446	70
muitas vezes	967	183
muito	24.776	4.097
de vez em quando	165	35
vez por outra	24	2
eventualmente	338	110
algumas vezes	131	13
raramente	238	54
poucas vezes	102	12
um pouco	3.095	363
pouco	8.736	1.700
muito pouco	319	57
total	43.994	7.540

Esse primeiro recorte reduziu o volume de dados para 43.994 (dados do PB) e 7.540 ocorrências (dados do PE). A seguir, também optou-se por excluir as ocorrências de *seguido, muito, um pouco, pouco e muito pouco*, tendo em vista o fato de ser grande o número de ocorrências com essas palavras que não têm significado aspectualizador. Esse segundo recorte reduziu o número de ocorrências para 6.489 (PB) e 1.194 (PE). Entretanto, verificou-se que, em alguns casos, o número de ocorrências para determinado advérbio era muito pequeno para que fosse viável fazer uso das ferramentas estatísticas tal como é a proposta do estudo.

A partir desses recortes, buscou-se estabelecer um critério para especificar ainda mais o objeto de estudo. Primeiramente, realizou-se um estudo piloto com o advérbio *eventualmente*, partindo-se de uma análise global dos dados, de natureza puramente qualitativa, com o intuito de, observando as concordâncias e seus entornos, identificar possíveis variáveis que pudessem, de alguma maneira, estar envolvidas na noção aspectual estudada.

Neste estudo, pensou-se em um primeiro momento em lidar com as noções aspectuais de hábito, frequência e iteração. Porém, dada a disparidade numérica verificada entre as ocorrências para as três categorias, bem como a complexidade da análise a ser desenvolvida, optou-se, para a elaboração da tese, por trabalhar com somente com a frequência, considerando-a em sentido amplo, ou seja, abrangendo as noções de hábito e iteração, que às vezes se interpenetram. Outro aspecto a considerar é o da própria fragilidade das categorias, constatada quando não se lida com exemplos criados, mas com dados de ocorrência efetiva. Em outras palavras, o que ocorre é que, em muitos casos, é bastante difícil caracterizar determinada construção como habitual, frequentativa ou iterativa, independentemente das características formais da mesma, ou seja, de possuir seus verbos conjugados em determinados tempos verbais, por exemplo.

Além disso, a análise piloto com o advérbio *eventualmente*, realizada com uma amostra de 180 ocorrências e a partir de sete variáveis (tipo e posição do advérbio no eixo sintagmático; tempo verbal; tipo de oração; presença de perífrase aspectual; *aktionsart* do verbo; presença de outro advérbio de tempo; papel temático do sujeito), demonstrou que o referido advérbio apresenta no corpus um comportamento bastante diversificado no que diz respeito a essas variáveis, tanto que nenhuma delas mostrou-se estatisticamente relevante.

Essas constatações conduziram a redirecionamentos importantes no método de estudo: conforme referido, decidiu-se investigar somente a categoria aspectual da frequência;

o número de variáveis para a primeira parte do estudo foi reduzido para três (posição, tempo verbal e tipo de oração), além de introduzir-se na pesquisa um outro tipo de análise, baseada na semântica de frames, com o objetivo de verificar a quais frames esses advérbios que expressam a noção de frequência se associam.

Entretanto, para além desses redirecionamentos, ainda permanecia em aberto a questão de quais advérbios escolher para a análise. O que permitiu o recorte final foi a seleção, dentre os advérbios classificados por Castilho (2010) como sendo “de escalaridade indefinida”, somente daqueles que tinham mais de 80 ocorrências no corpus⁶³. Assim, *várias vezes*, *algumas vezes*, *geralmente* e *raramente* foram os advérbios escolhidos. A escolha fundamentou-se em critérios ligados à forma e ao significado. Em relação à forma, tem-se dois advérbios formados por derivação sufixal (*geralmente* e *raramente*) e dois formados por locução da qual faz parte a palavra “vezes” (*várias vezes* e *algumas vezes*); em relação ao significado, todos são de escalaridade indefinida, porém dois expressam ideia de frequência alta (*geralmente* e *várias vezes*) e dois, de frequência baixa (*raramente* e *algumas vezes*).

Excluídos os casos de advérbio de constituinte, para que se trabalhasse somente com os advérbios de sentença⁶⁴, obteve-se um número de 1550 ocorrências, considerando-se a soma das ocorrências em ambos os corpora, conforme a TABELA 2, a seguir:

TABELA 2 Número de ocorrências, no PB e no PE, dos advérbios selecionados para a pesquisa

advérbio	número de ocorrência no corpus CETENFolha	número de ocorrências no corpus CETENPúblico
várias vezes	380	70
algumas vezes	122	13
geralmente	597	93
raramente	221	54
total	1320	230

As variáveis estabelecidas (e os respectivos fatores) são:

⁶³O número de 80 ocorrências foi fixado arbitrariamente pela pesquisadora, visto que, conforme já referido, um número pequeno de ocorrências para uma dada categorização de variável pode comprometer a realização dos testes de associação.

⁶⁴De acordo com Castilho (2010, p. 407), um advérbio de sentença é aquele que tem por escopo todo o conteúdo da sentença, “e por isso são passíveis de paráfrases em que a sentença é tratada como um bloco”. É o que ocorrem no trecho “as frutas que são colocadas são frutas leves... *normalmente* eles colocam abacaxi... colocam mamão...” [DID RJ 328] (exemplo do autor).

- (a) Posição do advérbio no eixo sintagmático (de sentença em P1; de sentença em P2; de sentença em P3; de sentença em P4 e de sentença em P5⁶⁵);
- (b) Tempo verbal (presente do indicativo; pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo; futuro do pretérito do indicativo; futuro do presente do indicativo; formas do subjuntivo, formas nominais⁶⁶ e outros⁶⁷);
- (c) Tipo de oração (oração principal; orações subordinadas substantivas; orações subordinadas adjetivas e orações subordinadas adverbiais⁶⁸);

A definição das variáveis justifica-se da seguinte maneira: 1) a primeira variável, posição do advérbio, busca identificar possíveis relações entre o sentido e a posição ocupada pelo advérbio na construção; 2) a segunda variável, tempo verbal, busca verificar se é correta a afirmação de que a expressão de certas noções aspectuais de natureza frequentativa ligam-se diretamente ao emprego de determinados tempos verbais (tais como o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo para a noção de hábito, por exemplo); 3) a terceira variável diz respeito ao tipo de oração, visto que observações anteriores revelaram dados importantes sobre a presença de um advérbio desse tipo em determinados tipos de orações.

Além do estudo ligado às variáveis, realizou-se uma análise vinculada aos frames dos verbos que acompanhavam as ocorrências dos advérbios selecionados. A análise baseou-se em outros critérios segundo certas especificidades. Para esse tipo de estudo, é necessário o uso de um dicionário de frames. Entretanto, o projeto Framenet Brasil, descrito por Salomão (2010), encontra-se em fase inicial, sendo ainda pequeno o número de unidades lexicais descritas até o momento. Por isso, optou-se pelo uso do projeto Framenet, da Universidade de Berkeley, bem mais avançado em termos de andamento, visto que conta com mais de 10.000 sentidos de palavras (extraídos de mais 170.000 frases anotadas manualmente), descritos em mais de 1.000 frames mapeados⁶⁹.

⁶⁵ É pertinente lembrar que, de acordo com perspectivas funcionalistas apresentadas na seção 2.2.3, classifica-se o advérbio como sendo de constituinte, de sentença e de discurso. Castilho (2010) apresenta formulação acerca das possíveis posições dos advérbios de sentença: P1 para advérbios que ocorrem antes da sentença; P2 para aqueles que ocorrem depois da sentença; P3 para os que aparecem entre o sujeito e o verbo e P4 para aqueles que aparecem entre o verbo e seu argumento interno. Para complementar a proposta de Castilho, acrescentou-se P5, para os advérbios que aparecem entre um verbo auxiliar e um verbo principal.

⁶⁶ Optou-se por incluir as formas nominais nessa variável por tratar-se de uma ocorrência verbal (para que um verbo em forma nominal não fique sem classificação), especialmente considerando casos como os das orações subordinadas adverbiais finais, na qual o verbo aparece no infinitivo.

⁶⁷ Uma análise prévia permitiu agrupar tempos verbais na categoria “outros”, dado que o pequeno número de ocorrências desses tempos inviabilizaria a realização de cálculos estatísticos.

⁶⁸ Optou-se por tratar as orações coordenadas como principais, dada a independência estrutural das mesmas em relação às demais que formam a coordenação. Além disso, em um primeiro momento, não foram consideradas as subdivisões das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, com o intuito de manter o número mínimo de ocorrências para cada categoria dentro da variável de modo a viabilizar a realização posterior dos testes de associação.

⁶⁹ Informações disponíveis em <https://framenet.icsi.berkeley.edu/>, acessado em 16.08.2012.

O processo de levantamento e análise dos frames foi conduzido pelos seguintes procedimentos:

- a) levantamento dos verbos em coocorrência com os advérbios estudados (organizados em planilha de Excel, separados por advérbio);
- b) *ranking* desses verbos segundo o número de ocorrências;
- c) exclusão dos verbos que tinham número de ocorrências menor ou igual a 2;
- d) tradução dos verbos para o inglês, respeitando-se, dentro do possível, as nuances de contexto (ex.: repetir → *repeat*);
- e) busca desses verbos no FrameNet (ex.: *repeat* → frame *communication*);
- f) identificação do frame ao qual pertence cada verbo;
- g) análise qualitativa propriamente dita, buscando os frames mais frequentes e relações entre frames.

Realizados levantamento e análises com as variáveis citadas e com os frames, o passo seguinte foi verificar a existência de relações, em termos de frequência, entre as variáveis e os frames.

3.4 Da organização das Variáveis

Depois de fixadas as variáveis de estudo, os dados foram dispostos e organizados em tabelas, conforme exemplifica o QUADRO 11.

QUADRO 12 Exemplo de organização das variáveis para categorização dos dados

dados	posição do advérbio	tempo verbal	tipo de oração
Geralmente, as fábricas só aceitam pedidos acima de 30 caixas.	antes da sentença	presente do indicativo	oração principal

A primeira coluna da tabela traz a concordância extraída pelo *Concord*, acompanhada das sequências que precedem e sucedem a ocorrência. As demais colunas da tabela foram organizadas de modo a dispor as variáveis de natureza quantitativa anteriormente

explicitadas, permitindo, assim, que em cada célula se especificasse o valor da variável para determinada ocorrência.

Em caso de dúvida, o programa *WordSmith Tools* permite recuperar a totalidade do texto em que a ocorrência está inserida, o que foi feito eventualmente. Em alguns casos, somente a recuperação de um contexto linguístico maior, por vezes até global, é que permite uma interpretação mais precisa do sentido pretendido com o uso do advérbio. Cabe destacar, ainda, que essa “releitura” dos dados permitiu constatar algumas falhas no corpus, resultantes especialmente de erros de digitação. Por isso, procedeu-se a uma nova busca, manual, dos dados, que funcionou como uma espécie de “filtro” para detectar os dados realmente passíveis de serem analisados. O número final de 1320 ocorrências para o corpus de PB e 230 para o corpus de PE, apresentado anteriormente, resulta desse “filtro”.

Categorizados os dados segundo os fatores de cada uma das variáveis, passou-se à realização de rodadas estatísticas, mediante a utilização do programa computacional SPSS 17.0 *intra-corpus*, através das quais foram comparadas as variáveis entre si para cada um dos advérbios em estudo para os dados de ambos os corpora. Como todas as variáveis descritas anteriormente são do tipo nominal, recorreu-se à estatística para empregar cálculos de medidas descritivas para cada uma das variáveis, verificando assim quais fatores, dentro de cada uma delas, ocorrem mais. Recorreu-se também ao teste Qui-quadrado, útil para se buscar possíveis correlações, associações entre variáveis.

A análise dos dados associa os resultados das rodadas estatísticas ao referencial teórico na tentativa de atender aos objetivos previamente propostos, debruçando-se sobre os resultados de testes que se mostraram significativos ($p < 0,05$).

Passar-se-á, portanto, à descrição e análise dos dados no capítulo a seguir.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados e a discussão dos resultados estão organizadas de maneira a buscar maior clareza e objetividade na explicitação dos dados, sendo, por isso, subdividida em seções. Como a análise que consubstancia a presente tese divide-se em duas partes, também a apresentação dos resultados organiza-se dessa maneira. Assim, neste capítulo apresentam-se os resultados ligados às variáveis pesquisadas (medidas obtidas para as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração*, bem como testes de associação) para, no capítulo seguinte, apresentarem-se os resultados ligados ao levantamento dos frames dos verbos encontrados. Este capítulo está subdividido em seções.

Primeiramente, os resultados são divididos segundo o fato de os dados serem do PB ou do PE. Em seguida, apresentam-se os resultados de medidas descritivas de acordo com a seguinte ordem estabelecida para os advérbios: *geralmente*; *raramente*; *várias vezes* e *algumas vezes*. Para cada advérbio, são apresentados os resultados referentes a cada uma das variáveis. A descrição dos dados é feita mediante apresentação de percentuais de frequência e número de ocorrências, organizados em gráficos. Para cada variável, serão apresentados exemplos, referentes à categoria mais frequente, extraídos do corpus. No caso dos resultados de PB, sempre que os resultados dos testes de associação Qui-quadrado (por serem todas as variáveis nominais) demonstrarem relevância estatística, tais relações serão evidenciadas. Ressalta-se que esses testes serão apresentados somente para os dados de PB, tendo em vista que, na maioria dos casos, o número de *ocorrências* encontrado no PE é insuficiente para a realização do referido cálculo. Posteriormente, serão apresentadas comparações entre os resultados de PB e PE.

Feita a descrição dos dados, passa-se à seção destinada à discussão dos mesmos à luz do referencial teórico. Neste caso, são discutidos primeiramente os dados quantitativos, isoladamente e em separado para, em seguida, serem estabelecidas comparações que permitam estabelecer aproximações e distanciamentos entre PB e PE.

A seguir, são apresentados os resultados de medidas descritivas e testes de associação para os advérbios estudados a partir de construções do PB.

4.1 Medidas descritivas para resultados do português brasileiro

A presente seção está subdividida em quatro partes, cada uma delas destinada a um dos adverbiais estudados (*geralmente*, *raramente*, *várias vezes* e *algumas vezes*). A seguir, inicia-se a descrição dos resultados obtidos para medidas descritivas e medidas de associação para o advérbio *geralmente* no PB.

4.1.1 Medidas descritivas e testes de associação para o advérbio *geralmente*

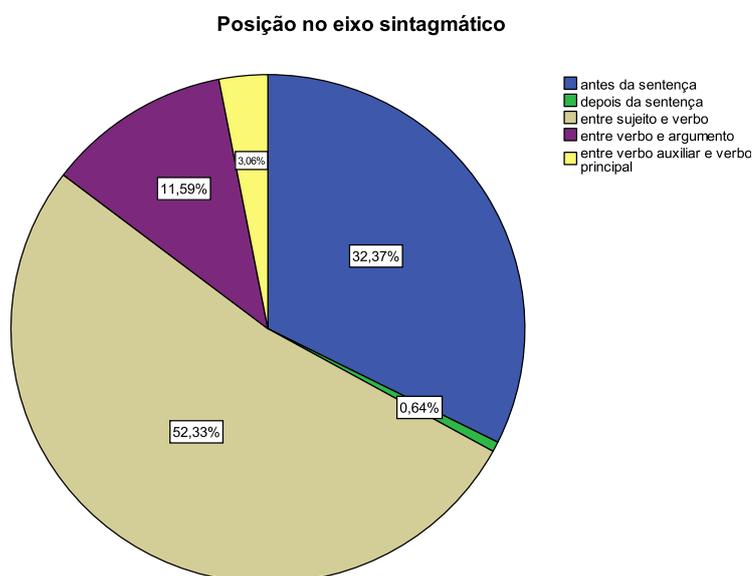
Nesta seção os resultados obtidos para o advérbio *geralmente* no PB são apresentados. Apresentam-se os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.1.1.1), *tempo verbal* (4.1.1.2) e *oração* (4.1.1.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente). Além disso, são expostos os resultados dos testes de associação Qui-quadrado cruzando as referidas variáveis.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas referentes à variável *posição*.

4.1.1.1 Variável posição

A primeira variável definida para o estudo especifica a posição que o advérbio ocupa no eixo sintagmático, correspondendo às seguintes categorias: *antes da sentença*; *depois da sentença*; *entre sujeito e verbo*; *entre verbo e argumento*; *entre verbo auxiliar e verbo principal*. O GRÁFICO 1 apresenta os resultados obtidos:

GRÁFICO 1: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



Das 621 ocorrências, e considerando-se a variável *posição*, constatou-se que a maior frequência aconteceu na categoria *entre sujeito e verbo*, com 52,33% (o equivalente a 325 ocorrências); seguida da posição *antes da sentença*, com 32,37% (201); *entre verbo e argumento*, com 11,59% (72); *entre verbo auxiliar e verbo principal*, com 3,06% (17) e, por fim, *depois da sentença*, com 0,64% (4). Assim, a posição em que o advérbio *geralmente* apareceu com mais frequência no PB foi *entre sujeito e verbo*, tal como no exemplo a seguir:

(9) Essas mudanças *geralmente* coincidem com a «crise da meia idade», que é definida não pela faixa etária, mas como um certo momento em que as pessoas reavaliam as escolhas feitas na sua vida.

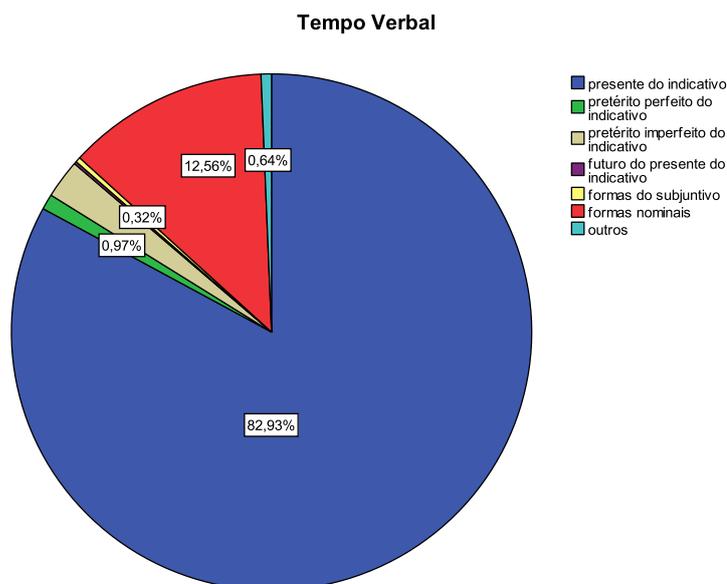
A seguir, apresentam-se as medidas descritivas referentes à variável *tempo verbal*.

4.1.1.2 Variável tempo verbal

A variável *tempo verbal* foi elaborada por compreender-se haver uma relação entre o tempo verbal e a expressão, a especificação da noção aspectual de repetição/reiteração. Para esta variável, conforme o referido na seção 3.3, foi necessário excluir algumas categorias, permanecendo as seguintes: *presente do indicativo*; *pretérito perfeito do*

indicativo; pretérito imperfeito do indicativo; futuro do presente do indicativo; formas do subjuntivo; formas nominais; e outros. O GRÁFICO 2 mostra os resultados:

GRÁFICO 2: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



A maioria das ocorrências (82,93%, equivalente a 515) apresentou o verbo conjugado no *presente do indicativo*. Foram classificadas 12,56% (78) das construções como contendo *formas nominais* do verbo. A categoria *pretérito imperfeito do indicativo* abrangeu 2,4% (15) dos casos; enquanto as categorias *pretérito perfeito do indicativo*, *outros*, *formas do subjuntivo* e *futuro do presente do indicativo* apresentaram menos de 1% das ocorrências cada uma. A seguir, apresenta-se exemplo correspondente à categoria mais frequente – presente do indicativo:

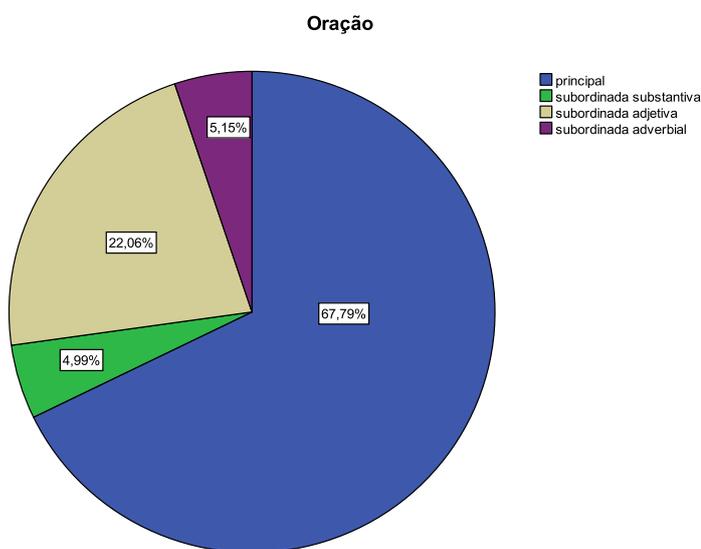
(10) O valor do cheque caução *geralmente* gira em torno de 20% do valor do contrato.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas referentes à variável *oração*.

4.1.1.3 Variável oração

O intuito de se incluir a variável *oração* na análise dos dados foi verificar se o fato de haver uma oração principal ou uma oração subordinada (e seus tipos) contribui ou não para o aparecimento do advérbio aspectualizador em estudo. Conforme mencionado anteriormente, a primeira análise dos dados levou em considerações todas as possibilidades de orações subordinadas que se conhece no português brasileiro. Entretanto, como muitas dessas orações não ocorreram na amostra, surgiu a necessidade de excluí-las enquanto categorias, optando-se por trabalhar apenas com as seguintes: *oração principal*; *oração subordinada substantiva*; *oração subordinada adjetiva*; *oração subordinada adverbial*. O GRÁFICO 3 apresenta os resultados.

GRÁFICO 3: Resultados obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PB

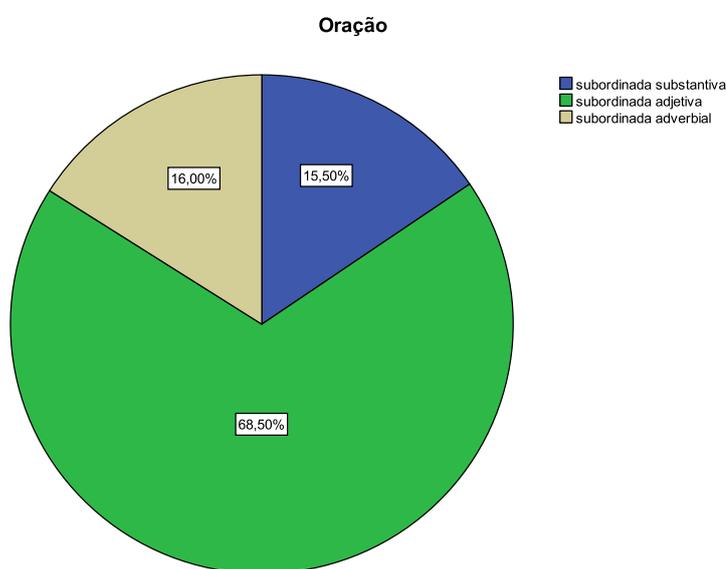


O maior índice de ocorrência de *geralmente* foi em *orações principais* (67,79%, correspondendo a 421 ocorrências). Entre as orações subordinadas, destacam-se as *orações subordinadas adjetivas* (22,06%, equivalendo a 137), seguidas pelas *adverbiais* (5,15%, correspondendo a 32) e, por fim, as *substantivas* (4,99%, equivalendo a 31). A seguir, apresenta-se um exemplo da construção mais frequente segundo essa variável – oração principal:

(11) O revestimento completo *geralmente* é encontrado pronto, na medida do carro.

No caso desta variável, como era de se esperar, foi verificada a preponderância da categoria oração principal sobre as demais. Como esse resultado poderia encobrir a participação de algum tipo de oração subordinada, procedeu-se a uma recodificação da variável, ou seja, a um novo cálculo de medida descritiva, agora excluindo as orações principais. O GRÁFICO 4 apresenta os resultados.

GRÁFICO 4: Resultados obtidos para a variável *oração recodificada* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



Com a recodificação, o número de ocorrências observadas passou a ser de 200. Entre elas, o número mais expressivo verificado foi de *orações subordinadas adjetivas* (68,5%, equivalente a 137), seguido das *orações subordinadas adverbiais* (16%, equivalente a 32) e, por fim, das *orações subordinadas substantivas* (15,5%, equivalente a 31). A seguir, apresenta-se exemplo da construção (contendo oração subordinada) mais frequente – oração subordinada adjetiva:

(12) Estão incluídas desde as curtas e secas dedicatórias de Machado de Assis, que *geralmente* apenas «oferece» o livro a um “distinto amigo e colega”, até longas mensagens como as de Raul Bopp, criador do nome “Sabadoyle”.

A seguir, são apresentados os resultados dos testes de associação Qui-quadrado, na tentativa de se encontrar correlações entre as variáveis nominais que fazem parte deste estudo. Ressalta-se que serão apresentados somente os resultados dos testes cujos resultados são estatisticamente significativos. Na próxima seção, apresentam-se os resultados para a correlação entre as variáveis *posição* e *tempo verbal*.

4.1.1.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis analisadas são *posição* e *tempo verbal*, o resultado revelou-se significativo ($X^2(24) = 140.356$; $p = .000$). Ao se analisar o GRÁFICO 5, a correlação a ser estabelecida é entre tempo verbal – no caso, presente do indicativo – e posição no eixo sintagmático – no caso duas (entre sujeito e verbo e antes da sentença). Tais correlações se depreendem do GRÁFICO 5, a seguir.

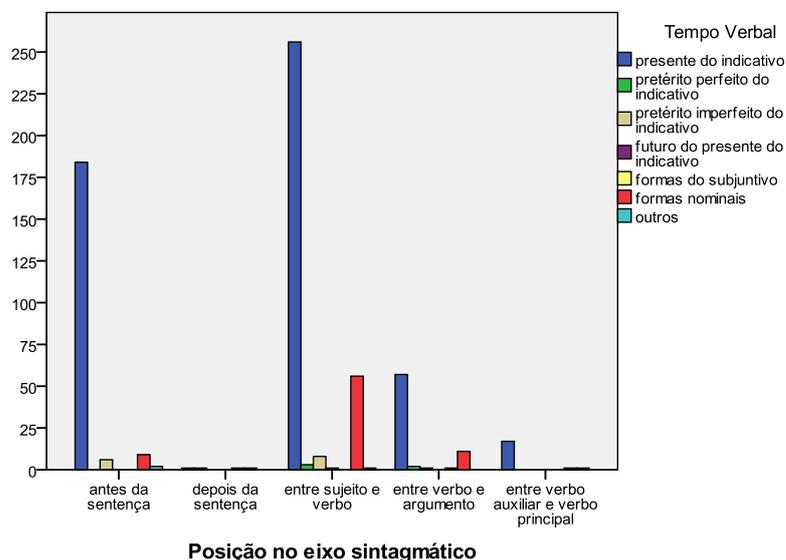


GRÁFICO 5: Correlações entre as variáveis *posição* e *tempo verbal* para as construções contendo o advérbio *geralmente* no PB

Por isso, pode-se afirmar que, quando o verbo está conjugado no presente do indicativo – o tempo verbal mais frequente na amostra – as posições preferenciais do advérbio

geralmente são, respectivamente, entre sujeito e verbo e antes da sentença. A seguir, apresenta-se um exemplo correspondente às duas associações mais frequentes:

(13) O revestimento completo *geralmente* é encontrado pronto, na medida do carro.

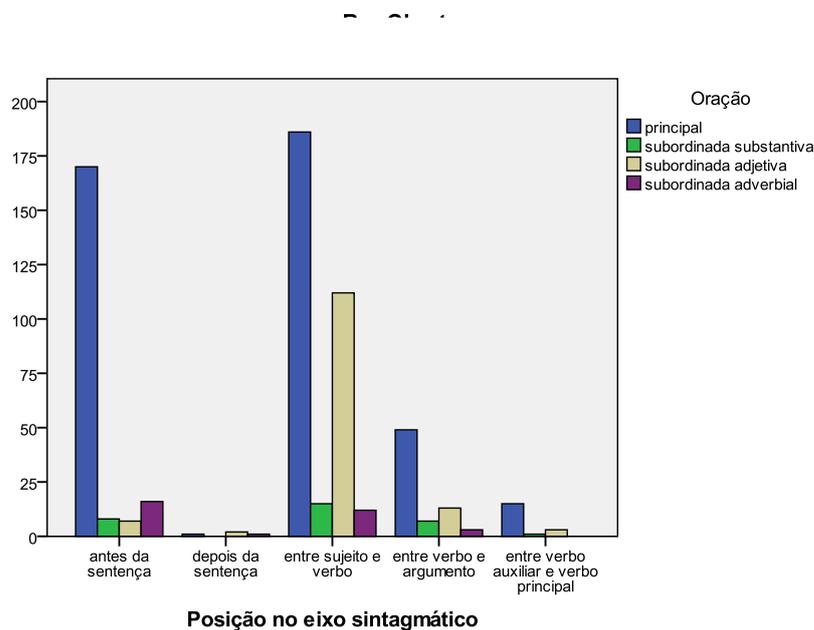
(14) *Geralmente* vão às reuniões apenas 10% dos condôminos.

A seguir, são mostradas as medidas de associação entre as variáveis *posição* e *oração*.

4.1.1.5 Medidas de associação entre as variáveis posição e oração

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis analisadas são *posição* e *oração*, o resultado revelou-se significativo ($X^2(12) = 84.035$; $p = .000$). As associações mais relevantes, como se pode observar através do GRÁFICO 6, relacionam-se ao fato de, enquanto as posições entre sujeito e verbo e antes da sentença terem aparecido na maior parte dos casos de oração principal (em 186 e 170 construções, respectivamente), a posição depois da sentença não foi preferida (tendo ocorrido apenas uma vez nos dados). Em relação às orações adjetivas, também se observa a preferência pela posição entre sujeito e verbo, que aconteceu em 112 ocorrências. O GRÁFICO 6 explicita essas correlações.

GRÁFICO 6: Correlações entre as variáveis *posição* e *oração* para as construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



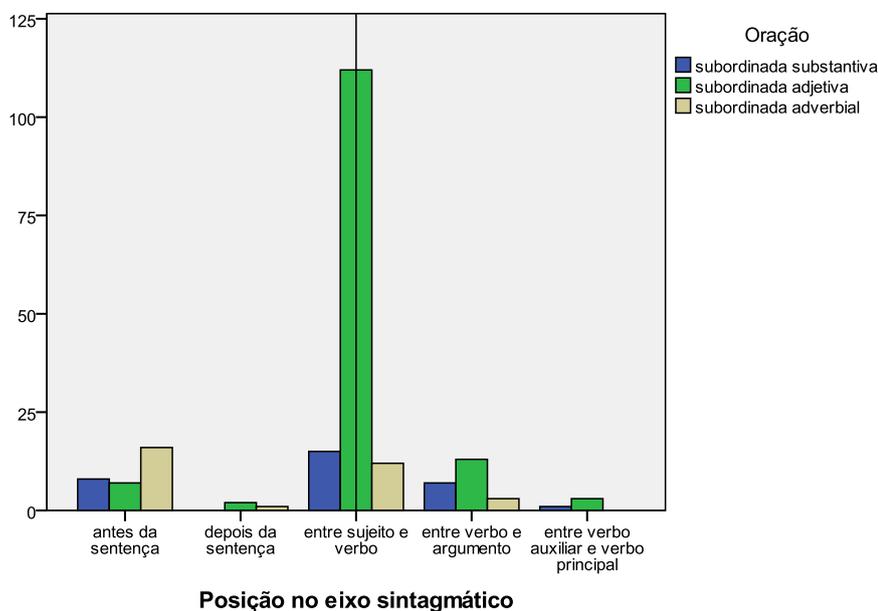
É possível afirmar, então, que no PB, considerando-se as construções que contêm o advérbio *geralmente*, as posições preferencialmente ocupadas são *entre sujeito e verbo* e *antes da sentença*. A seguir, apresentem-se exemplos das correlações mais frequentes:

(15) Os migrantes *geralmente* vivem em favelas sem saneamento.

(16) *Geralmente*, ele se coloca atrás da linha dos zagueiros, fazendo a cobertura em todas as áreas da defesa.

Tal como se procedeu em relação às medidas descritivas, considerou-se a recodificação da variável *oração*, com o intuito de observar isoladamente o comportamento das orações subordinadas, realizou-se o teste Qui-quadrado relacionando as variáveis *posição* e *oração recodificada*. O resultado obtido foi significativo ($X^2(8) = 51,746$; $p = 0,000$). O GRÁFICO 7 mostra que a associação positiva dá-se entre a posição entre sujeito e verbo e a oração subordinada adjetiva, visto que das 137 construções em que o advérbio estudado apareceu em uma oração desse tipo, sua posição foi a referida em 112 delas. O GRÁFICO 7 apresenta as correlações:

GRÁFICO 7: Correlações entre as variáveis *posição* e *oração (recodificada)* para as construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



Assim, considerando-se as orações adjetivas, tipo de oração subordinada mais frequente nos dados, a posição preferencial é *entre sujeito e verbo*, conforme se observa pelo exemplo a seguir:

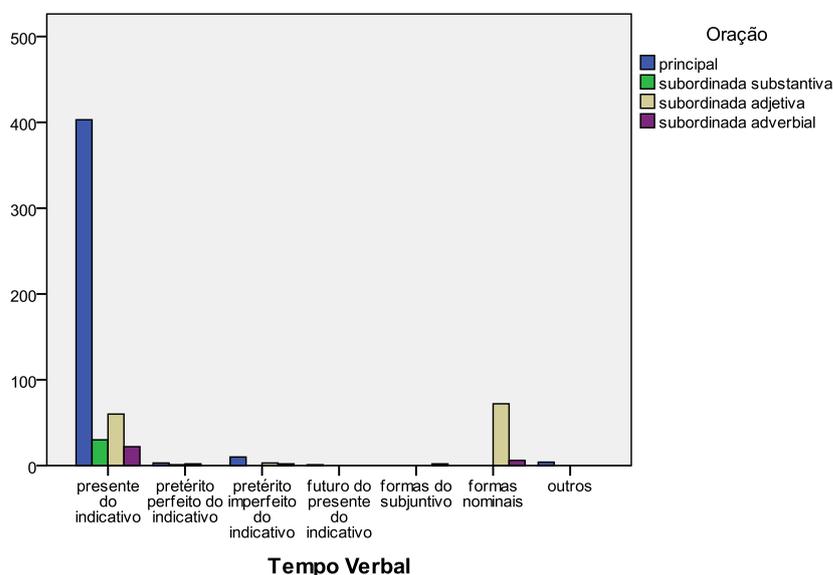
(17) Não se dá, por exemplo, uma camiseta de gola pólo para alguém que *geralmente* se veste com um visual «metal».

A seguir, mostram-se as medidas de associação entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* para as construções do corpus de PB que contêm o advérbio *geralmente*.

4.1.1.6 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis analisadas são *tempo verbal* e *oração*, o resultado revelou-se significativo ($X^2(18) = 311.809$; $p = .000$). As correlações encontradas são apresentadas no GRÁFICO 8.

GRÁFICO 8: Correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* para as construções contendo o advérbio *geralmente* no PB

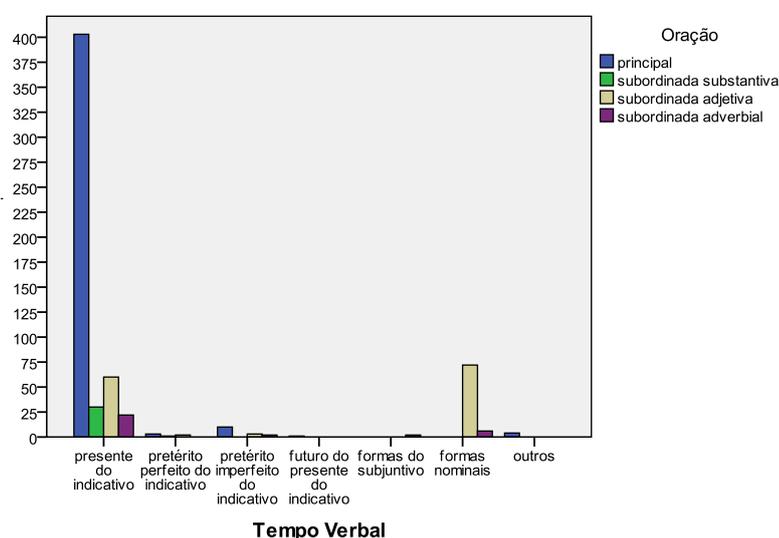


O GRÁFICO 8 mostra que a relação positiva que aconteceu neste caso foi entre o tempo presente do indicativo e oração principal, tendo em vista que, das 421 construções em que o advérbio ocorre em oração principal, em 403 delas o verbo foi conjugado no referido tempo. A seguir, apresenta-se um exemplo correspondente:

(18) Os ventos brasileiros *geralmente* são acompanhados de uma única nuvem.

Conforme já referido, a variável oração foi recodificada, excluindo-se as orações principais. Após a recodificação, realizou-se novo teste Qui-quadrado para buscar associações entre *tempo verbal* e *oração recodificada*. O resultado encontrado foi significativo ($X^2(8)=49.910$; $p=.000$). As correlações encontradas são apresentadas no GRÁFICO 9, a seguir:

GRÁFICO 9: Correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração (recodificada)* para as construções contendo o advérbio *geralmente* no PB



Como, entre as orações subordinadas, o número de orações adjetivas é o mais expressivo, a relação mostrou-se entre esse tipo de oração e a posição *entre sujeito e verbo*. A seguir, apresenta-se um exemplo correspondente:

(19) Não é só a nudez, mas a libido que *geralmente* é suprimida nas interpretações de Hamlet.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PB, as construções que contêm o advérbio *geralmente* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *entre sujeito e verbo*; ter o verbo conjugado no *presente do indicativo*; o advérbio ocorrer em oração principal; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em adjetivas. Neste caso, todas as correlações entre variáveis foram apontadas como estatisticamente relevantes.

A seguir, são mostradas as medidas descritivas e os resultados de testes de associação para o advérbio *raramente* no corpus de PB.

4.1.2 Medidas descritivas e testes de associação para o advérbio *raramente*

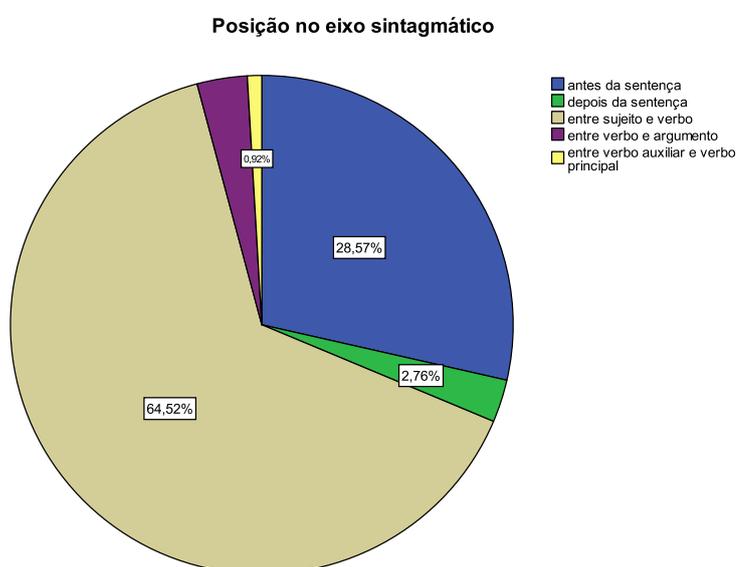
Os resultados apresentados nesta seção correspondem ao advérbio *raramente* no PB. São mostrados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.1.2.1), *tempo verbal* (4.1.2.2) e *oração* (4.1.2.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente). Além disso, são expostos os resultados dos testes de associação Qui-quadrado cruzando as referidas variáveis.

A seguir, inicia-se a descrição dos resultados pela apresentação das frequências referentes à variável *posição*.

4.1.2.1 Variável posição

A variável *posição*, para o advérbio *raramente*, apresentou-se da maneira como mostra o GRÁFICO 10, a seguir:

GRÁFICO 10: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir construções contando o advérbio *raramente* no PB



Das 217 ocorrências observadas, a maioria (64,52%, equivalendo a 140 ocorrências) teve o advérbio ocupando a posição *entre sujeito e verbo*; em seguida, em 28,57% (62), o advérbio estava *antes da sentença*; em 3,2% dos casos (7), estava *entre verbo*

e argumento; enquanto que em 2,76% (6), apareceu depois da sentença; por fim, em 0,92% (2), o advérbio estava *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à maior frequência – advérbio entre sujeito e verbo:

(20) Palpites sobre a Copa *raramente* dão certo.

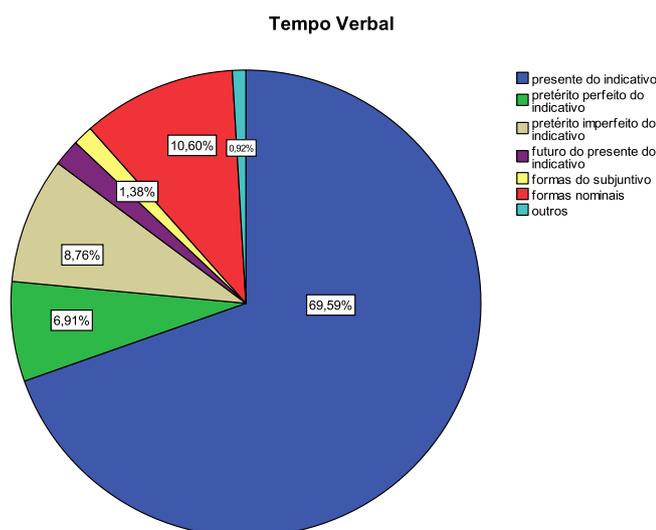
A seguir, são mostrados os resultados obtidos para a variável *tempo verbal*.

4.1.2.2 Variável tempo verbal

Para o advérbio *raramente*, os resultados obtidos estão expressos no GRÁFICO

11:

GRÁFICO 11: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PB



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das construções observadas teve seu verbo conjugado no *presente do indicativo* (69,59%, equivalente a 151); em seguida, em 10,60% (23) das ocorrências o verbo apareceram em uma das *formas nominais*; em 8,76% (19) o verbo estava no *pretérito imperfeito do indicativo*; em 6,91% (15) o verbo estava no *pretérito perfeito do indicativo*; em 1,8% (4) o verbo foi conjugado no *futuro do presente do indicativo*; em 1,4% (3) o verbo foi conjugado em *formas do subjuntivo* e em 0,92% (2) em outras

conjugações verbais. A seguir, apresenta-se exemplo da categoria de maior frequência – presente do indicativo:

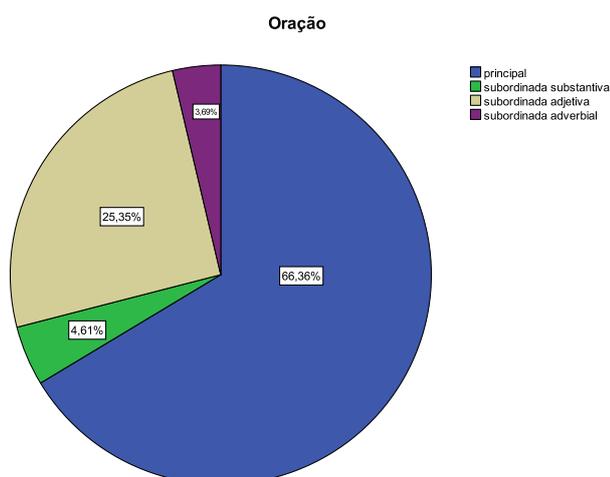
(21) Damascene viaja *raramente* de navio, mas não é um estranho ao mar.

A seguir, são mostrados os resultados de medidas descritivas considerando-se a variável *oração*.

4.1.2.3 Variável oração

A variável Oração, para o advérbio *raramente*, apresenta-se da maneira como se observa no GRÁFICO 12, a seguir:

GRÁFICO 12: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PB

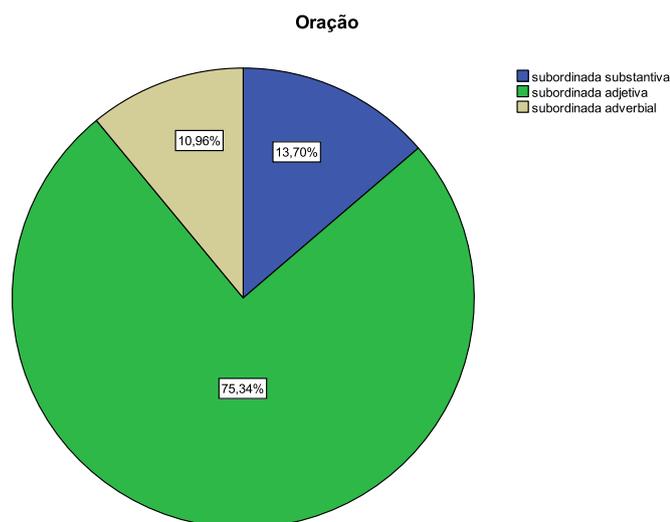


Para a variável oração, a maioria das ocorrências (66,36%, equivalente a 144) foi de *oração principal*. Em relação às subordinadas, 25,35% (55) foi de *orações subordinadas adjetivas*; 4,61% (10) foi de *orações subordinadas substantivas*; e 3,69% (8) foi de *orações adverbiais*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à maior frequência encontrada nos dados – oração principal:

(22) *Raramente*, o consumidor encontra o veículo mais simples para comprar.

Tal como ocorreu com os dados de *geralmente*, esta variável passou por recodificação, a fim de separar os dados de oração principal, com o intuito de verificar os índices somente das orações subordinadas. A seguir, apresenta-se o GRÁFICO 13, com os resultados.

GRÁFICO 13: Resultados obtidos para a variável *oração* (recodificada) a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PB



O número de ocorrências observadas após a recodificação passou a ser de 73. Assim, 75,34% (correspondente a 55) foram de *orações subordinadas adjetivas*; 13,70% (10) foram de *orações subordinadas substantivas* e 10,96% (8) foram de *orações subordinadas adverbiais*. A seguir, aponta-se exemplo correspondente à categoria que obteve maior frequência – oração subordinada adjetiva:

(23) Pois a literatura de Nepomuceno, nesta como nas suas obras anteriores, é na verdade uma literatura de ausências e exílio, em que os personagens *raramente* estão nos seus próprios países ou em suas casas.

A seguir, apresentam-se os resultados dos testes de associação Qui-quadrado entre variáveis para o advérbio *raramente*, considerando-se os cruzamentos entre *posição* e *tempo verbal*, e *posição* e *oração*.

4.1.2.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal e entre posição e oração

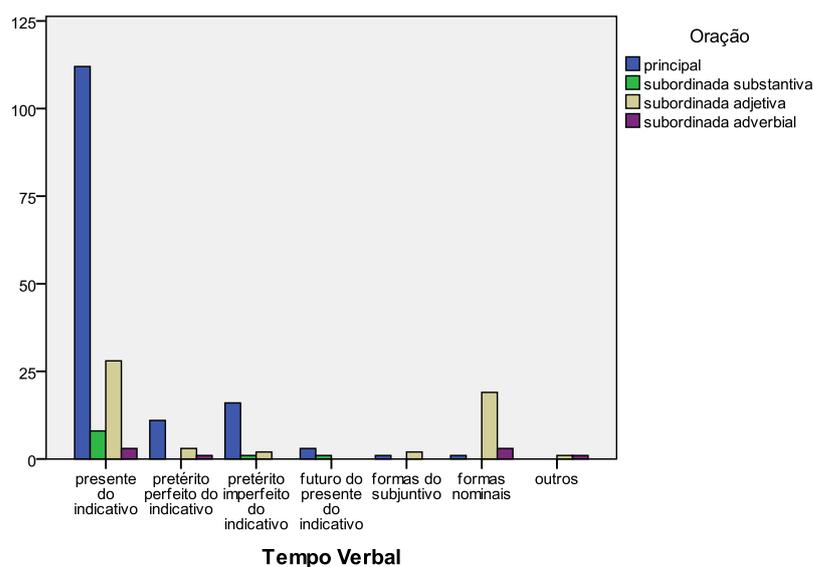
No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *posição* e *tempo verbal*, os resultados mostraram-se estatisticamente irrelevantes ($X^2(24)=7,236$; $p > .05$). No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *posição* e *oração*, os resultados mostraram-se, novamente, estatisticamente irrelevantes ($X^2(12)=26,952$; $p > .05$).

A seguir, mostram-se os resultados dos testes de associação que buscaram correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração*.

4.1.2.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *tempo verbal* e *oração*, os resultados mostraram-se significativos ($X^2(18)=80,814$; $p=.000$). As correlações encontradas são apresentadas no GRÁFICO 14, a seguir:

GRÁFICO 14: Correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* para as construções contendo o advérbio *raramente* no PB



O GRÁFICO 14 mostra que a relação positiva encontrada neste caso foi entre o tempo verbal presente do indicativo e a oração principal, visto que, das 144 construções em que o advérbio apareceu na oração principal, em 112 delas o verbo foi conjugado no presente do indicativo. A seguir, aponta-se um exemplo correspondente à correlação:

(24) *Raramente* pensamos que viemos de um mistério, o nascimento, e caminhamos para outro mistério, a morte.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PB, as construções que contêm o advérbio *raramente* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *entre sujeito e verbo*; ter o verbo conjugado no *presente do indicativo*; o advérbio ocorrer em oração principal; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em adjetivas. Os testes de associação mostraram que a única correlação significativa ocorreu entre as variáveis *tempo verbal* e *oração*.

A seguir, são mostrados os resultados de medidas descritivas e dos testes de associação para a locução verbal *várias vezes* a partir de construções do PB.

4.1.3 Medidas descritivas e testes de associação para a locução adverbial *várias vezes*

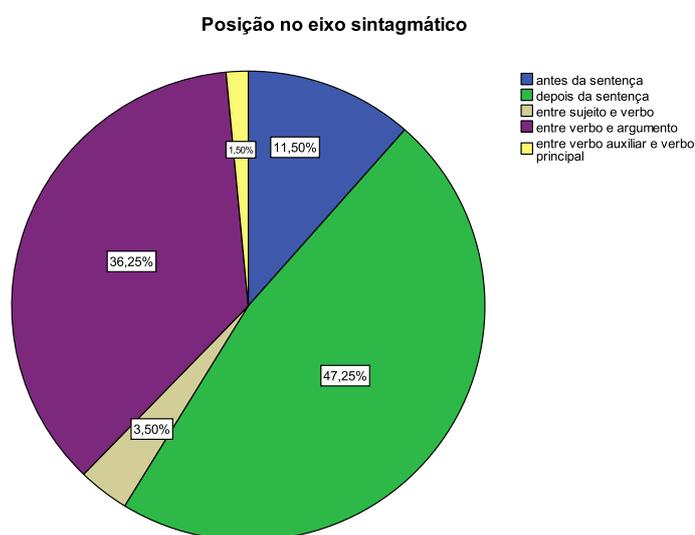
Os resultados obtidos para a locução adverbial *várias vezes* no PB são explicitados nesta seção. São mostrados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.1.3.1), *tempo verbal* (4.1.3.2) e *oração* (4.1.3.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente). Além disso, apresentam-se os resultados dos testes de associação Qui-quadrado cruzando as referidas variáveis.

A seguir, apresentam-se os resultados das medidas descritivas referentes à variável *posição*.

4.1.3.1. Variável posição

Para a locução adverbial *várias vezes*, os resultados obtidos em relação à variável *posição* são os seguintes, de acordo com o que se expressa através do GRÁFICO 15.

GRÁFICO 15: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB



Para as 400 ocorrências observadas, na maioria delas (47,25%, equivalendo a 189) a locução adverbial apresentou-se *depois da sentença*; em 36,25% dos casos (145), encontrou-se *entre verbo e argumento*; em 11,50% (46), estava *antes da sentença*; em 3,5% (14), encontrou-se *entre sujeito e verbo*; e em 1,5% (6) apareceu *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria que obteve maior frequência – locução adverbial depois da sentença:

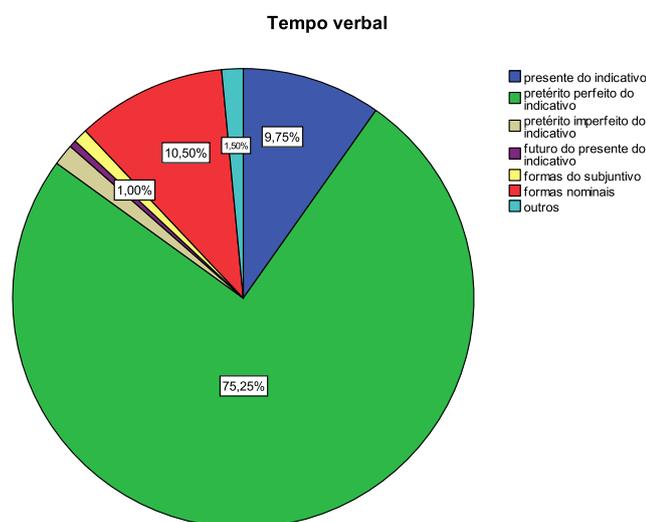
(25) Stempel, aposentado, vive humildemente em Nova York. Para interpretá-lo, Turturro engordou 11 quilos e visitou Stempel *várias vezes*.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas correspondentes à variável *tempo verbal*.

4.1.3.2 Variável tempo verbal

Para a locução adverbial *várias vezes*, a variável *tempo verbal* comportou-se da seguinte maneira, conforme se apresenta no GRÁFICO 16, a seguir.

GRÁFICO 16: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das ocorrências observadas (75,25%, equivalente a 301) teve seus verbos conjugados no *pretérito perfeito do indicativo*; em 10,50% (42), os verbos apareceram em uma das *formas nominais*; em 9,75% (39), o verbo foi conjugado no *presente do indicativo*; em 1,5% (6) dos casos, respectivamente, verbos foram conjugados no *pretérito imperfeito do indicativo* e em *outras conjugações*; em 1% (4) apareceram em *formas do subjuntivo* e em 0,5% (2) apareceram no *futuro do presente do indicativo*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria cujo percentual foi maior – pretérito perfeito do indicativo:

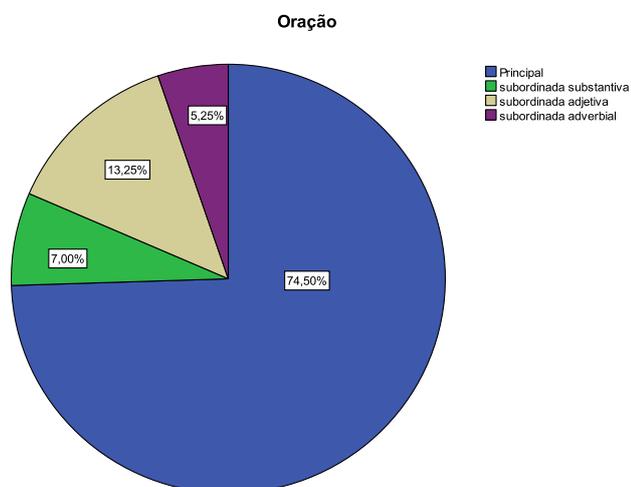
(26) Não fui campeão, mas tive glórias lá. Liguei *várias vezes* para conversar com o presidente do Guarani, que é meu amigo.

A seguir, são mostrados os resultados das medidas descritivas referentes à variável *oração*.

4.1.3.3 Variável oração

A variável *oração*, para a locução adverbial *várias vezes*, apresenta-se da maneira como se observa no GRÁFICO 17, a seguir:

GRÁFICO 17: Resultados obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB

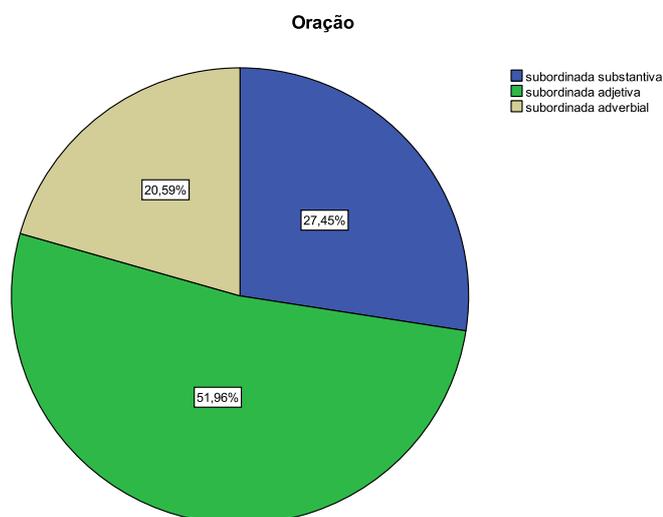


A maioria das ocorrências obtidas para essa locução adverbial (74,5%, correspondendo a 298) ocorreu em *oração principal*. Entre as subordinadas, a que obteve maior número foi a *oração subordinada adjetiva*, com 13,25% (53) dos casos; em seguida, a *oração subordinada substantiva*, com 7% (28) das ocorrências e, por fim, as *orações subordinadas adverbiais* com 5,25% (21). A seguir, apresenta-se exemplo em que a locução em estudo aparece na oração mais frequente – oração principal:

(27) Na partida, a defesa do Corinthians foi envolvida *várias vezes* pelos jogadores do Palmeiras.

Tal como ocorreu com os dados de *geralmente* e *raramente*, esta variável passou por recodificação, a fim de separar os dados de oração principal, com o intuito de verificar os índices somente das orações subordinadas. A seguir, apresenta-se o GRÁFICO 18, com os resultados.

GRÁFICO 18: Resultados obtidos para a variável *oração* (recodificada) a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB



Após a recodificação, o número de ocorrências passou a ser de 102. Entre estas, a maioria (51,96%, equivalente a 53) foi de *orações subordinadas adjetivas*; 27,45% (28) foi de *orações subordinadas substantivas*; e 20,59% (21) foi de *orações subordinadas adverbiais*. A seguir, apresenta-se exemplo da categoria cujo índice encontrado é maior – oração subordinada adjetiva.

(28) Lula deixou de fumar cigarros há alguns anos, mas reclama de ter contraído o hábito do charuto, que ele reacendeu *várias vezes* durante a entrevista.

A seguir, apresentam-se os resultados dos testes de associação Qui-quadrado entre variáveis para a locução adverbial *várias vezes*. Primeiramente, são mostrados os resultados correspondentes às variáveis *posição* e *tempo verbal*, bem como entre *posição* e *oração*.

4.1.3.4 Medidas de associação entre as variáveis *posição* e *tempo verbal* e *posição* e *oração*

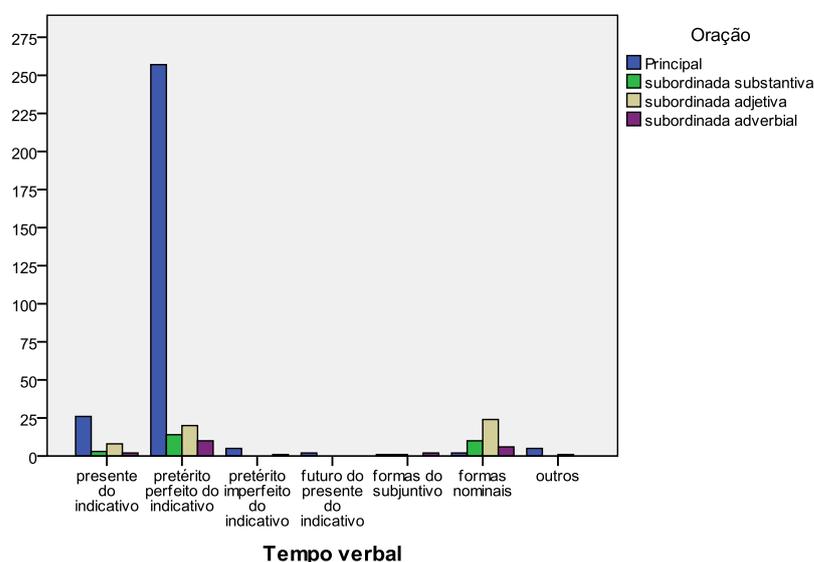
No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *posição* e *tempo verbal*, o resultado mostrou-se estatisticamente irrelevante ($X^2(24) = 29.940$; $p > .05$). No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *posição* e *oração*, o resultado mostrou-se estatisticamente irrelevante ($X^2(12) = 10.953$, $p > .05$).

A seguir, são apresentados os resultados de testes de associação em busca de correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração*.

4.1.3.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis relacionadas foram *tempo verbal* e *oração*, o resultado mostrou-se significativo ($X^2(18)= 156.330$; $p=.000$). O GRÁFICO 19 revela correlação positiva entre o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo e a oração principal: das 298 vezes em que o advérbio ocorreu em uma oração principal, em 257 delas o verbo foi conjugado no pretérito perfeito do indicativo. O GRÁFICO 19 explicita as correlações.

GRÁFICO 19: Correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* para as construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB



Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PB, as construções que contêm a locução adverbial *várias vezes* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *depois da sentença*; ter o verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*; o advérbio ocorrer em *oração principal*; entre as

subordinadas, ocorrer principalmente em *adjetivas*. Os testes de associação revelaram correlação somente entre *tempo verbal* e *oração*.

4.1.4 Medidas descritivas e testes de associação para a locução adverbial *algumas vezes*

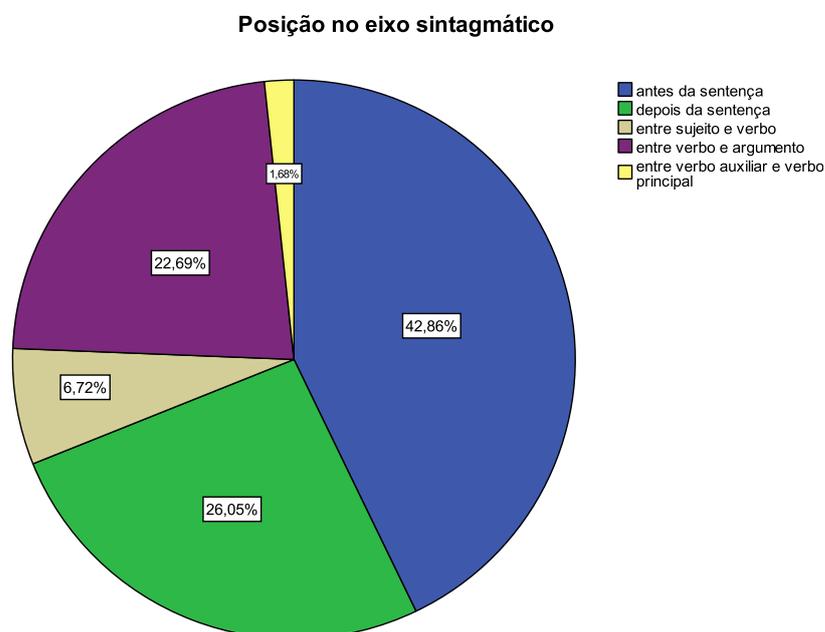
Nesta seção apresentam-se os resultados obtidos para o advérbio *geralmente* no PB. São mostrados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.1.4.1), *tempo verbal* (4.1.4.2) e *oração* (4.1.4.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente). Além disso, são expostos os resultados dos testes de associação Qui-quadrado cruzando as referidas variáveis.

A seguir, inicia-se a apresentação dos resultados pelas medidas descritivas referentes à variável *posição*.

4.1.4.1 Variável posição

Para a variável *posição*, a locução adverbial *algumas vezes* comporta-se da seguinte maneira, conforme se pode observar através do GRÁFICO 20, a seguir.

GRÁFICO 20: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB



Das 119 ocorrências, para a variável *posição*, a maioria das ocorrências (42,86%, correspondendo a 51) apareceu *antes da sentença*; em seguida, 26,05% (31) ocupou a posição *depois da sentença*; 22,69% (27) estava *entre verbo e argumento*; 6,72% (8) apareceu *entre sujeito e verbo* e, por fim, 1,68% (2) estava *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se ocorrência que exemplifica a categoria que obteve maior índice – antes da sentença:

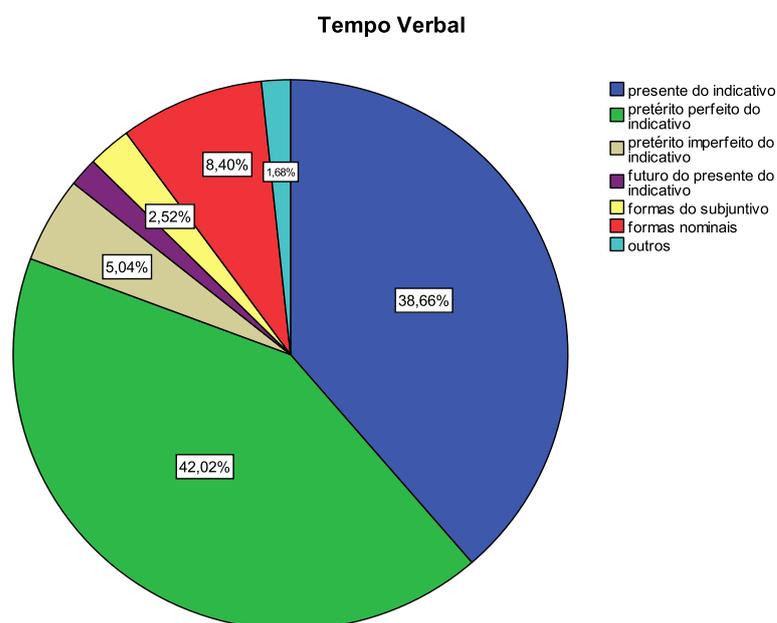
(29) *Algumas vezes*, o inquilino é o beneficiado.

A seguir, são mostradas as medidas descritivas correspondentes à variável *tempo verbal*.

4.1.4.2 Variável tempo verbal

Para a variável *tempo verbal*, os resultados obtidos foram os seguintes, conforme se observa no GRÁFICO 21, a seguir:

GRÁFICO 21: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das ocorrências (42,02%, equivalendo a 50) foi de *pretérito perfeito do indicativo*; enquanto 38,66% (46) teve o verbo conjugado no *presente do indicativo*; 8,4% (10) apareceu em *formas nominais*; 5,04% (6) no *pretérito imperfeito do indicativo*; 2,52% (3) apareceu conjugado em *formas do subjuntivo*; e 1,68% (2) apareceu conjugado no *futuro do presente do indicativo*, bem como em outros tempos verbais. A seguir, apresenta-se exemplo correspondente à categoria mais frequente para a variável – pretérito perfeito do indicativo:

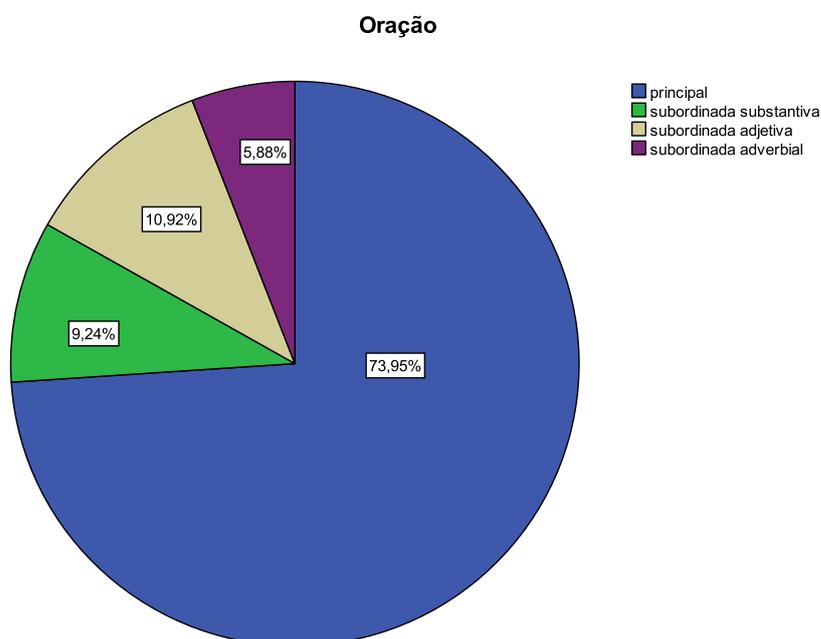
(30) Lula já ensaiou o gesto *algumas vezes*, mas recuou.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas referentes à variável *oração*.

4.1.4.3 Variável oração

Para a variável *oração*, os dados da locução adverbial *algumas vezes* comportaram-se da seguinte maneira, de acordo com o que mostra o GRÁFICO 22, a seguir.

GRÁFICO 22: Resultados obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB

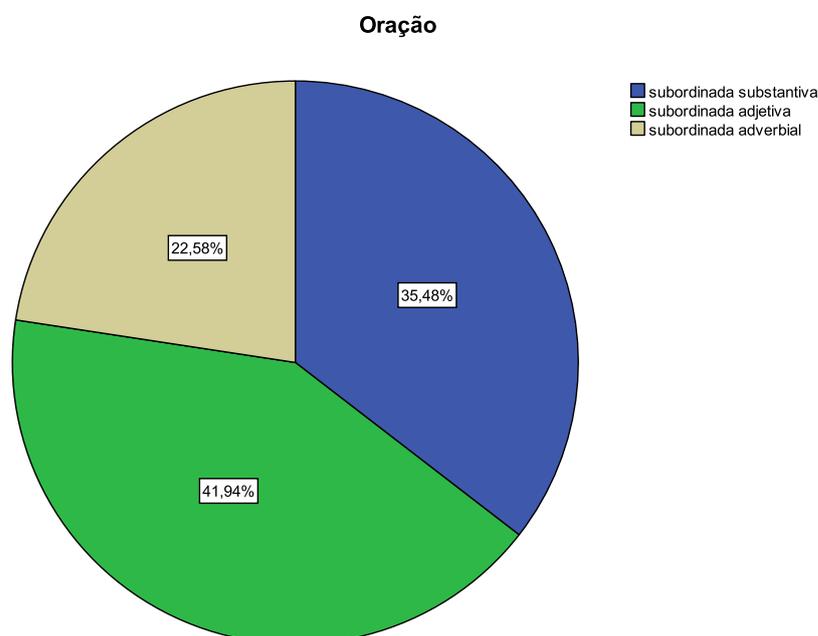


Para a variável *oração*, a maioria das ocorrências (73,95%, equivalente a 88) foi de oração principal. Entre as subordinadas, 10,92% (13) foi o índice para as *orações subordinadas adjetivas*; 9,24% (11) para as *orações subordinadas substantivas* e 5,88% (7) para as *orações subordinadas adverbiais*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria que obteve maior frequência – oração principal:

(31) O atacante Edmundo saiu *algumas vezes* à noite com Dener nas últimas semanas.

Tal como ocorreu com *geralmente*, *raramente* e *várias vezes*, também procedeu-se à recodificação dessa variável, com o intuito de observar o comportamento das orações subordinadas isoladamente. Os resultados obtidos após a recodificação são os seguintes, apresentados no GRÁFICO 23.

GRÁFICO 23: Resultados obtidos para a variável *oração recodificada* a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB



Após a recodificação, o número de construções observadas passou a ser de 31. Entre estas, a maioria (41,94%, equivalente a 13) foi de *orações subordinadas adjetivas*; 35,48% (11) foi de *orações subordinadas substantivas* e 22,58% (7) foi de *orações subordinadas adverbiais*. A seguir, apresenta-se exemplo da categoria cujo índice foi maior – oração subordinada adjetiva:

(32) «Os políticos só falam besteira», diz Fernanda Oliveira, 16, que acompanha *algumas vezes* as sessões pelo sistema de som.

A seguir, apresentam-se os resultados dos testes de associação Qui-quadrado entre variáveis para a locução adverbial *algumas vezes*, na tentativa de se encontrar correlações entre as variáveis nominais que fazem parte deste estudo. Ressalta-se que serão apresentados somente os resultados dos testes cujos resultados são estatisticamente significativos.

4.1.4.4 Medidas de associação entre as variáveis posição e tempo verbal e entre posição e oração

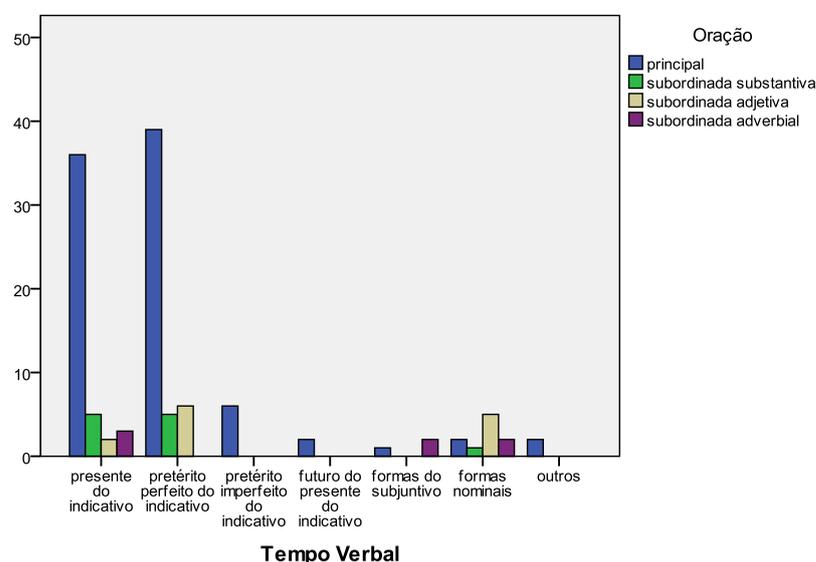
No teste de associação Qui-quadrado em que foram relacionadas as variáveis *posição* e *tempo verbal*, o resultado revelou-se estatisticamente irrelevante ($X^2(24)= 27.791$; $p>.05$). Também no teste de associação Qui-quadrado em que em que foram relacionadas as variáveis *posição* e *oração*, o resultado revelou-se estatisticamente irrelevante ($X^2(12)= 14.449$, $p>.05$).

A seguir, são apresentados os resultados dos testes de associação entre as variáveis *tempo verbal* e *oração*.

4.1.4.5 Medidas de associação entre as variáveis tempo verbal e oração

No teste de associação Qui-quadrado em que as variáveis *tempo verbal* e *oração* foram relacionadas, o resultado mostrou-se significativo ($X^2(12)= 50.184$; $p= .000$). As correlações positivas verificadas entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* justificam-se porque, das 88 construções em que a locução adverbial apareceu em oração principal, em 39 delas o verbo foi conjugado no pretérito perfeito do indicativo e em 33 delas, no presente do indicativo. O GRÁFICO 24 apresenta as correlações.

GRÁFICO 24: Correlações entre as variáveis *tempo verbal* e *oração* para as construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB



Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PB, as construções que contêm a locução adverbial *algumas vezes* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *antes da sentença*; ter o verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*; o advérbio ocorrer em *oração principal*; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em *adjetivas*. Os testes de associação revelaram correlação somente entre as variáveis *tempo verbal* e *oração*.

Apresentados os resultados de medidas descritivas e dos testes de associação Qui-quadrado das variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração* para as construções em que constam os quatro adverbiais estudados, cumpre estabelecer comparações entre as medidas descritivas obtidas. É o que será feito a seguir.

4.1.5 Comparações entre medidas descritivas – resultados do português brasileiro

Após a apresentação de medidas descritivas e testes de associação para os dados de PB cabe realizar algumas comparações entre resultados obtidos. Assim, primeiramente, os

resultados são comparados dentro de cada variedade, confrontando-os segundo diferentes critérios (resultados para advérbios; resultados para locuções adverbiais; resultados para expressão da ideia de frequência alta; resultados para a expressão da ideia de frequência baixa). Além disso, pretende-se comparar os percentuais de frequência para todas as variáveis, considerando os resultados de ambas as variedades, buscando aproximações e distanciamentos entre elas.

A seguir, passa-se às comparações estabelecidas no PB. A TABELA 3 agrupa os resultados para a variável *posição*.

TABELA 3: Percentuais de frequência obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
posição	antes da sentença	32,37	28,57	11,50	42,86
	depois da sentença	0,64	2,76	47,25	26,05
	entre sujeito e verbo	52,33	64,52	3,50	6,72
	entre verbo e argumento	11,59	3,23	36,25	22,69
	entre verbo auxiliar e verbo principal	3,06	0,92	1,50	1,68

Quando o critério é a *posição* ocupada pelo advérbio/locução adverbial na sentença, observa-se que os advérbios *geralmente* e *raramente* ocupam preferencialmente a posição *entre sujeito e verbo*, com percentuais de 52,33% e 64,52%, respectivamente. Já as locuções adverbiais comportam-se de maneira diferente: para *várias vezes*, a posição preferencial é *depois da sentença*, com percentual de 47,25%; enquanto para *algumas vezes*, a posição preferida é *antes da sentença*, com 42,86%.

Quanto à variável *tempo verbal*, os resultados obtidos para os advérbios/locuções estudados encontram-se sistematizados na TABELA 4, a seguir.

TABELA 4: Percentuais de frequência obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
tempo verbal	pres. do indicativo	82,93	69,59	9,75	38,66
	pret. perf. do indicativo	0,97	6,91	75,25	42,02
	pret. imp. do indicativo	2,40	8,76	1,50	5,04
	fut. do pres. do indicativo	0,20	1,80	0,50	1,68
	formas subjuntivo do	0,30	1,42	1,00	2,52
	formas nominais	12,56	10,60	10,50	8,40
	outros	0,64	0,92	1,50	1,68

Ao analisar as construções que compõem a amostra, percebe-se comportamentos diferentes para advérbios e locuções: os advérbios *geralmente* e *raramente* aparecem preferencialmente em construções cujo verbo está conjugado no *presente do indicativo*, com índices expressivos de ocorrência (82,93% e 69,59%, respectivamente). Já para as locuções adverbiais *várias vezes* e *algumas vezes*, o tempo verbal preferido é o *pretérito perfeito do indicativo*, com índices de 75,25% e 42,02%, respectivamente.

Em se tratando da variável *oração*, os resultados obtidos para os advérbios/locuções adverbiais estudados são os seguintes, conforme mostra a TABELA 5.

TABELA 5: Percentuais de frequência obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
oração	principal	67,79	66,36	74,50	73,95
	subord. substantiva	4,99	4,61	7,00	9,24
	subord. adjetiva	22,06	25,35	13,25	10,92
	subord. adverbial	5,15	3,69	5,25	5,88

Para esta variável, observa-se que os quatro itens estudados apresentam comportamento semelhante no que diz respeito à categoria mais frequente: para todos eles, como era de se esperar, o tipo de oração preferido foi a *oração principal*.

Ao observarem-se os resultados após a exclusão dos dados de oração principal, constata-se, novamente, comportamento semelhante: tanto os advérbios quanto as locuções adverbiais estudados apresentam maior índice de ocorrência em orações subordinadas adjetivas, conforme se verifica através da TABELA 6, a seguir:

TABELA 6: Percentuais de frequência obtidos para a variável *oração recodificada* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
oração	subord. substantiva	15,50	13,70	27,45	35,48
	subord. adjetiva	68,50	75,34	51,96	41,94
	subord. adverbial	16,00	10,96	20,59	22,58

A exclusão dos dados categorizados para a variável *oração* como oração principal também acabou por revelar um comportamento semelhante entre os quatro adverbiais estudados: quando ocorrem em oração subordinada, a construção em que preferencialmente aparecem é a oração subordinada adjetiva (em 68,50% das vezes para *geralmente*; 75,34% para *raramente*; 51,96% para *várias vezes*; e 41,94% para *algumas vezes*). Observam-se, nesse caso, números ligeiramente maiores para os advérbios do que para as locuções.

Assim, pode-se sumarizar os resultados obtidos fixando alguns pontos:

- 1) a variável em que mais se observa variação entre os advérbios pesquisados é *posição*;
- 2) em termos de *tempo verbal*, os advérbios formados via processo derivacional (*geralmente, raramente*) aparecem preferencialmente junto a verbos conjugados no presente do indicativo, enquanto que as locuções advérbias aparecem preferencialmente com verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo;
- 3) os quatro advérbios aparecem mais frequentemente em *orações principais*;
- 4) ao se considerar somente as orações subordinadas, os advérbios aparecem preferencialmente em *orações adjetivas*.

A seguir, passa-se à apresentação dos dados de PE.

4.2 Medidas descritivas para resultados do português europeu

A presente seção está subdividida em quatro partes, cada uma delas destinada a um dos advérbios estudados (*geralmente, raramente, várias vezes e algumas vezes*) a partir do corpus de PE. Assim, são apresentadas as medidas descritivas obtidas a partir da categorização das variáveis *posição, tempo verbal e oração*. Salienta-se, no entanto, que, conforme já referido na metodologia deste trabalho (seção 3.3), não foram realizados testes de associação para esta variedade, haja vista que alguns advérbios no PE apresentaram um número pequeno de ocorrências, o que inviabilizaria a realização destes testes.

A seguir, inicia-se a apresentação das medidas descritivas a partir dos resultados obtidos para construções que contêm o advérbio *geralmente*.

4.2.1 Medidas descritivas para o advérbio *geralmente*

Os resultados encontrados para o advérbio *geralmente* no PE são explicitados nesta seção. São apresentados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição*

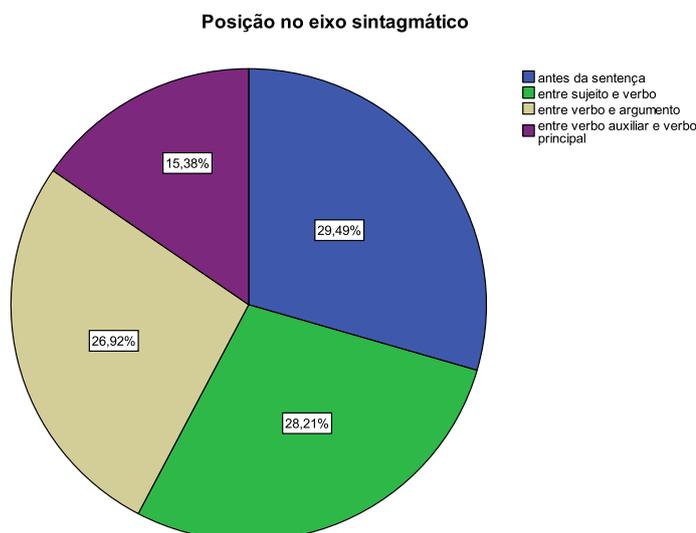
(seção 4.2.1.1), *tempo verbal* (4.2.1.2) e *oração* (4.2.1.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente).

A seguir, são mostrados os resultados referentes à variável *posição*.

4.2.1.1. Variável posição

Para a variável *posição*, considerando-se o advérbio *geralmente* na amostra do PE, os resultados obtidos são os seguintes, apresentados no GRÁFICO 25.

GRÁFICO 25: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PE



Das 78 ocorrências encontradas no corpus, a maioria delas (29,49%, correspondente a 23) apareceu *antes da sentença*; em seguida, 28,21% (22) apareceram *entre sujeito e verbo*; 26,92% (21) estavam *entre verbo e argumento*; e 15,38% (12), *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria que obteve maior frequência em relação a essa variável – antes da sentença:

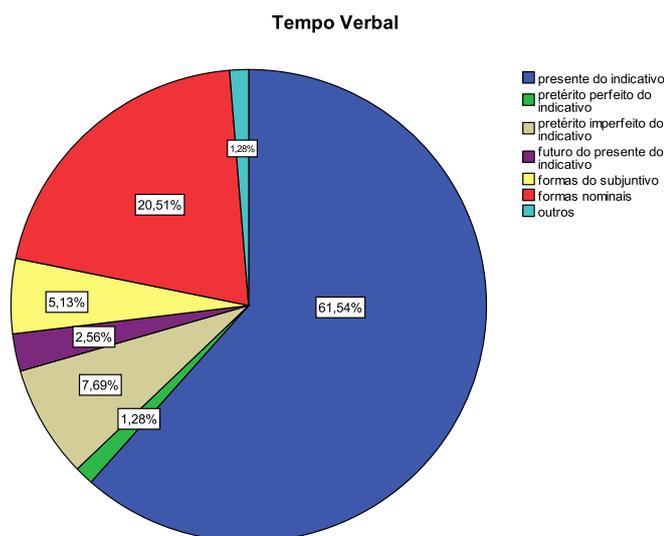
(33) *Geralmente*, as festas decorrem no primeiro fim-de-semana de Agosto ou em data posterior.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas correspondentes à variável *tempo verbal*.

4.2.1.2. Variável tempo verbal

Para a variável *tempo verbal*, os resultados obtidos são os seguintes, conforme se visualiza no GRÁFICO 26.

GRÁFICO 26: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PE



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das ocorrências (61,54%, equivalente a 48) teve seu verbo conjugado no *presente do indicativo*; 20,51% (16) apareceram em uma das *formas nominais*; 7,69% (6) apareceram no *pretérito imperfeito do indicativo*; 5,13% (4) estava conjugada em uma das *formas do subjuntivo*; 2,56% (2) foi o índice de verbos conjugados no *futuro do presente do indicativo*; e 1,28% (1) foi o índice obtido para *pretérito perfeito do indicativo* e para *outras conjugações*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria mais frequente no corpus – presente do indicativo.

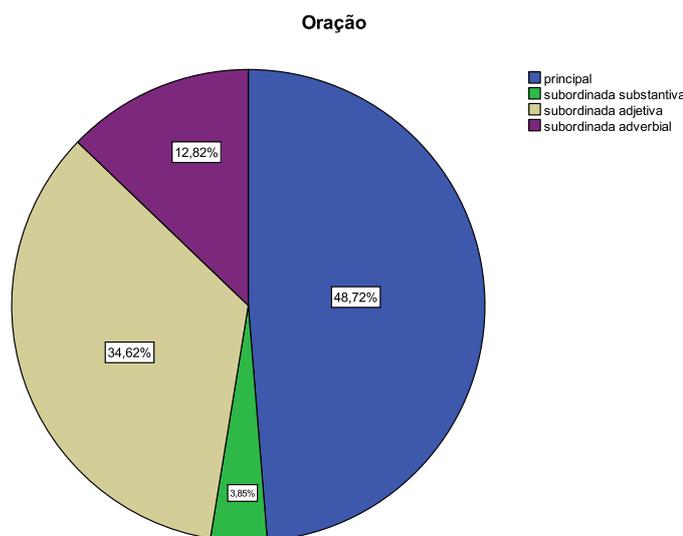
(34) *Geralmente* nada acontece e a preocupação dá lugar ao alívio.

A seguir, são apresentados os percentuais de frequência referentes à variável *oração*.

4.2.1.3. Variável oração

Para a variável *oração*, os resultados obtidos foram os seguintes, como se pode observar no GRÁFICO 27, a seguir.

GRÁFICO 27: Resultados obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PE

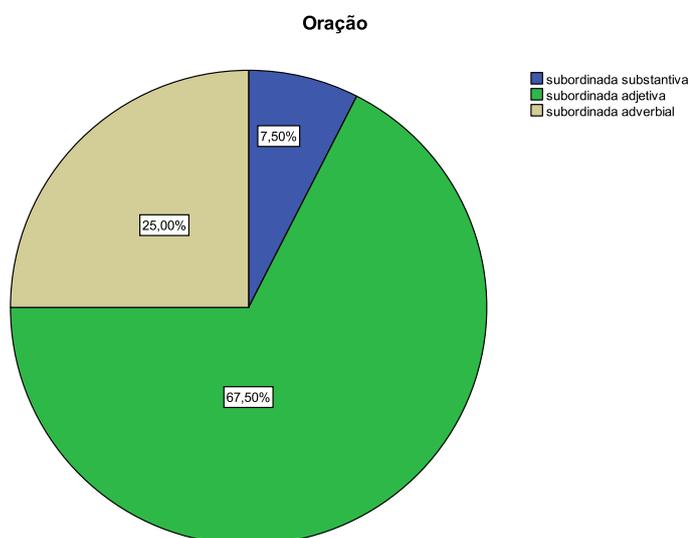


Para a variável *oração*, o maior índice obtido (48,72%, correspondendo a 38 ocorrências) foi de *orações principais*; em seguida, com 34,62% (27), aparecem as *orações subordinadas adjetivas*; 12,82% (10) é o índice de *orações subordinadas adverbiais* e 3,85% (3), o de *orações subordinadas substantivas*. A seguir, apresenta-se exemplo relativo à categoria mais frequente – oração principal:

(35) Um quebra-mar é *geralmente* feito de materiais incoerentes, que estão ligados entre si.

Da mesma forma como se procedeu com a amostra de PB, também para os dados de PE recodificou-se os dados a fim de excluir os casos de oração principal, o que permite observar somente o comportamento das subordinadas. O GRÁFICO 28, a seguir, apresenta os resultados.

GRÁFICO 28: Resultados obtidos para a variável *oração (recodificada)* a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PE



Ao se excluir os dados de oração principal, o número de ocorrências passou a ser de 40. Entre estas, a maioria das ocorrências (67,50%, equivalente a 27) foi de *orações subordinadas adjetivas*; 25,00% (10) foi de *orações subordinadas adverbiais* e 7,50% (3), de *orações subordinadas substantivas*. A seguir, apresenta-se exemplo da categoria mais frequente – oração subordinada adjetiva:

(36) Não tem nada a ver com aquilo que *geralmente* identificamos com um som português.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PE, as construções que contêm o advérbio *geralmente* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *antes da sentença*; ter o verbo conjugado no *presente do indicativo*; o advérbio ocorrer em *oração principal*; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em *adjetivas*.

A seguir, são apresentados os resultados de medidas descritivas para as construções contendo o advérbio *raramente* no PE.

4.2.2 Medidas descritivas para o advérbio *raramente*

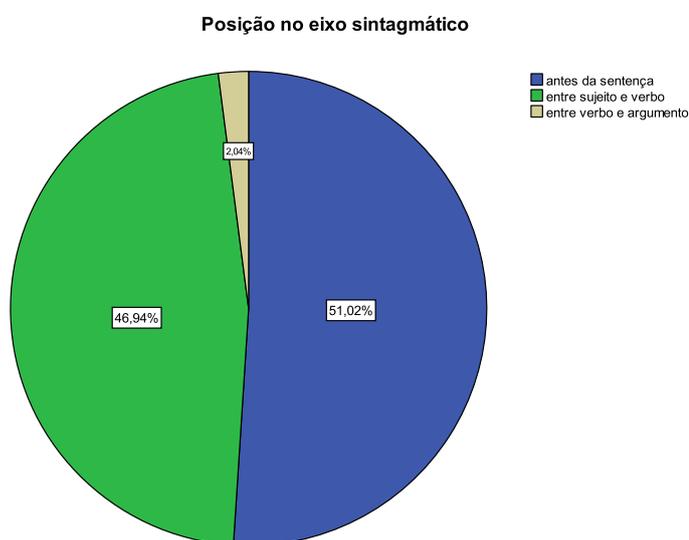
Esta seção mostra os resultados obtidos para o advérbio *raramente* no PE. São explicitados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.2.2.1), *tempo verbal* (4.2.2.2) e *oração* (4.2.2.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente).

A seguir, inicia-se a apresentação dos referidos resultados a partir da variável *posição*.

4.2.2.1. Variável posição

Para a variável *posição*, os resultados encontrados para o advérbio *raramente* no PE foram os seguintes, de acordo com o que mostra o GRÁFICO 29.

GRÁFICO 29: Resultados obtidos para a variável *posição* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PE



Das 49 ocorrências do advérbio *raramente* na amostra de PE, a maioria delas (51,02%, equivalente a 25) apareceu *antes da sentença*; 46,94% (23) apareceram *entre sujeito e verbo*; e 2,04% (1) apareceram *entre verbo e argumento*. A seguir, a categoria que obteve maior frequência na amostra é ilustrada por um exemplo:

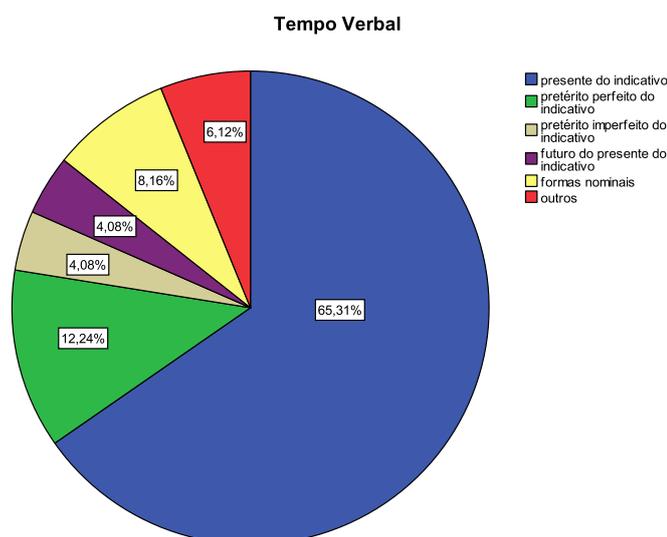
(37) *Raramente* as instituições de planejamento falam claro.

A seguir, apresentam-se as medidas descritivas referentes à variável *tempo verbal*.

4.2.2.2 Variável tempo verbal

Para a variável *tempo verbal*, os resultados obtidos são os seguintes, exibidos no GRÁFICO 30, a seguir.

GRÁFICO 30: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PE



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das ocorrências (65,31%, correspondente a 32) teve o verbo conjugado no *presente do indicativo*; em 12,24% dos casos (6), estavam conjugados no *pretérito perfeito do indicativo*; em 8,16% (4), apareceram em uma das *formas nominais*; em 6,12% (3) apareceram em *outras conjugações* e em 4,08% (2) apareceram no *pretérito imperfeito do indicativo* e no *futuro do presente do indicativo*. A seguir, apresenta-se exemplo de ocorrência que contém a categoria mais frequente para essa variável – presente do indicativo:

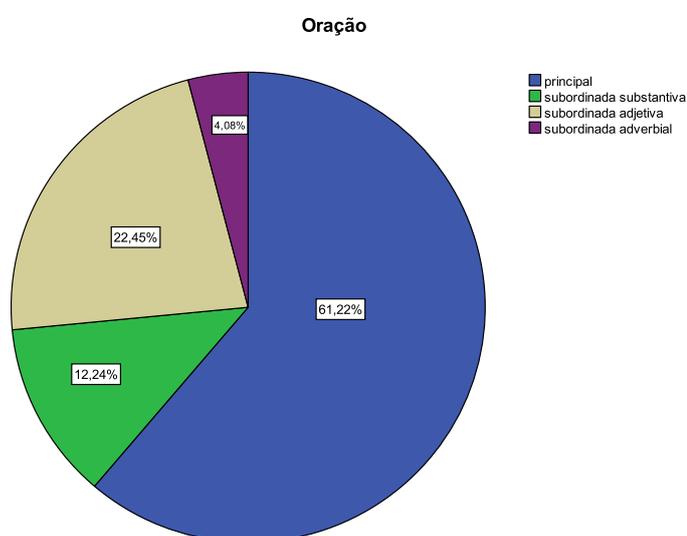
(38) As receitas da caça *raramente* ficam nos locais onde se pratica.

A seguir, são mostrados os resultados correspondentes à variável *oração*.

4.2.2.3 Variável oração

Para a variável *oração*, os resultados obtidos são os seguintes, conforme apresentado no GRÁFICO 31, a seguir.

GRÁFICO 31: Resultados obtidos para a variável *oração* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PE

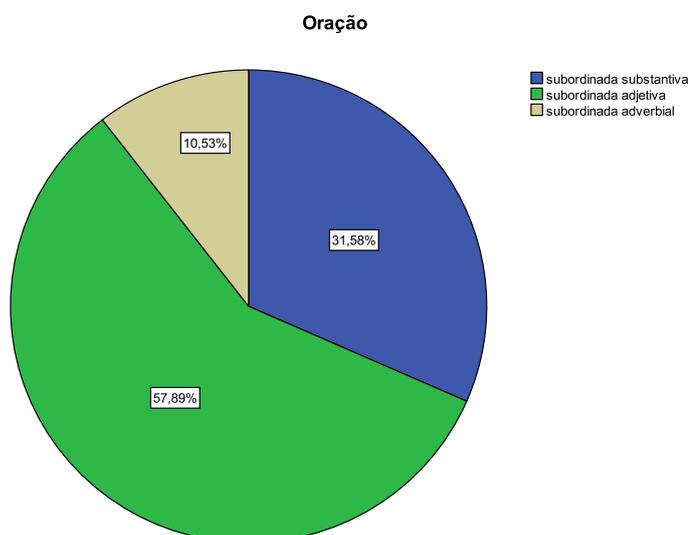


Para a variável *oração*, na maioria das ocorrências (61,22%, equivalente a 30) o advérbio estudado ocorreu em *oração principal*; em 22,45% (11), ocorreram em *oração subordinada adjetiva*; em 12,24% (6) em *oração subordinada substantiva* e, em 4,08% (2), em *oração subordinada adverbial*. A seguir, apresenta-se exemplo correspondente à categoria que apresentou maior frequência – *oração principal*:

(39) Na Rússia actual, *raramente* se encontra um homem satisfeito.

A variável *oração*, para o advérbio *raramente*, foi também recodificada. O GRÁFICO 32 mostra os resultados.

GRÁFICO 32: Resultados obtidos para a variável *oração recodificada* a partir de construções contendo o advérbio *raramente* no PE



A partir da recodificação, o número de ocorrências observadas passou a ser de 19. Na maioria delas (57,89%, correspondendo a 11), o advérbio estudado ocorreu em *oração subordinada adjetiva*; em 31,58% (6) dos casos, em *oração subordinada substantiva* e, em 10,53% (2), em *oração subordinada adverbial*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria mais frequente – *oração subordinada adjetiva*.

(40) Pouco mais fez que um ou dois contra-ataques esporádicos, que *raramente* levavam perigo à defesa estrelista.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PE, as construções que contêm o advérbio *raramente* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *antes da sentença*; ter o verbo conjugado no *presente do indicativo*; o advérbio ocorrer em *oração principal*; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em *adjetivas*.

A seguir, são apresentados os resultados referentes às construções contendo a locução adverbial *várias vezes*.

4.2.3 Medidas descritivas para a locução adverbial *várias vezes*

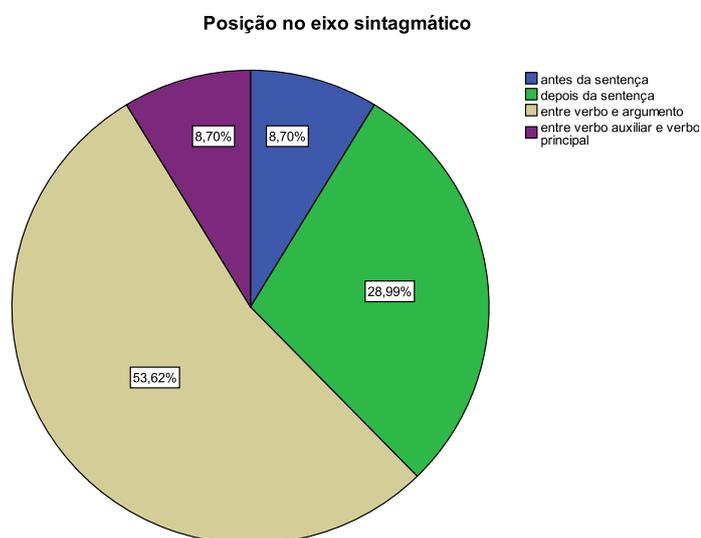
Nesta seção mostram-se os resultados obtidos para a locução adverbial *várias vezes* no PE. São apresentados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.2.3.1), *tempo verbal* (4.2.3.2) e *oração* (4.2.3.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente).

A seguir, passa-se à descrição dos resultados referentes à variável *posição*.

4.2.3.1 Variável posição

Para a variável *posição*, os resultados obtidos são mostrados através do GRÁFICO 33, a seguir:

GRÁFICO 33: Resultados obtidos para a variável *posição*, a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PE



Das 69 ocorrências estudadas, na maioria delas (53,62%, equivalente a 37) a locução adverbial ocupou a posição *entre verbo e argumento*; em 28,99% (20) apareceu *depois da sentença*; em 8,70% (6), o advérbio ocorreu *antes da sentença* e *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria mais frequente – entre verbo e argumento.

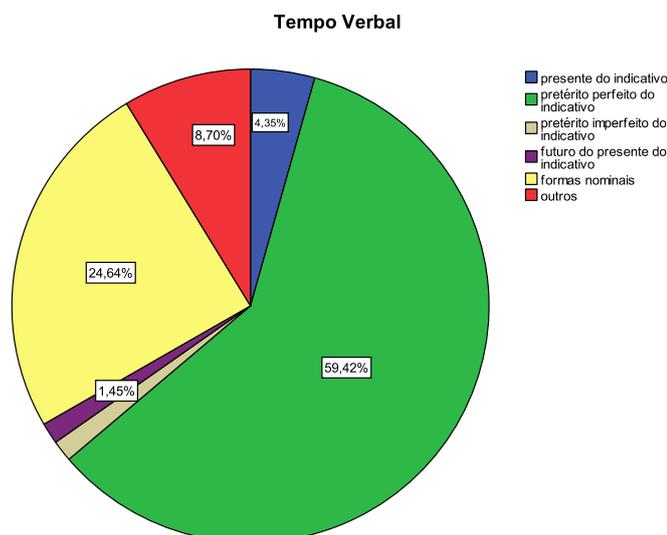
(41) Se um doente renal, por exemplo, tem de usar *várias vezes* os mesmo filtros, tem dores de cabeça, tensão alta, insónias.

A seguir, são mostrados os resultados relativos à variável *tempo verbal*.

4.2.3.2 Variável tempo verbal

Para a variável *tempo verbal*, os resultados obtidos são apresentados pelo GRÁFICO 34, a seguir:

GRÁFICO 34: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal*, a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PE



Para a variável *tempo verbal*, a maioria das ocorrências teve seus verbos conjugados no *pretérito perfeito do indicativo* (59,42%, correspondente a 41); em 24,64% (17) apareceu em uma das *formas nominais*; em *outras* conjugações verbais apareceu 8,70% (6) das ocorrências; em 4,35% (3) o verbo foi conjugado no *presente do indicativo*; e em 1,45% (1) apareceram verbos conjugados no *pretérito imperfeito do indicativo* e no *futuro do indicativo*. A seguir, apresenta-se exemplo que corresponde à categoria mais encontrada nos dados analisados – pretérito perfeito do indicativo.

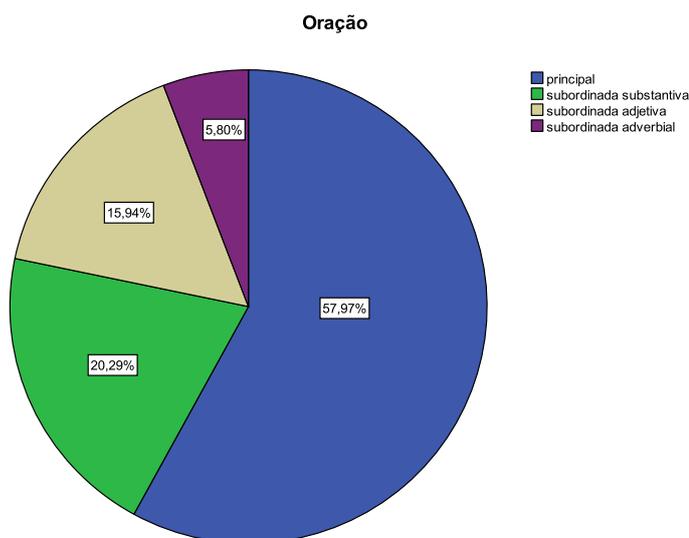
(42) Por *várias vezes* o assunto veio à baila em reuniões da assembleia local.

A seguir, apresentam-se os resultados correspondentes à variável *oração*.

4.2.3.3 Variável oração

Para a variável *oração*, os resultados obtidos são os seguintes, apresentados pelo GRÁFICO 35, a seguir:

GRÁFICO 35: Resultados obtidos para a variável *oração*, a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PE

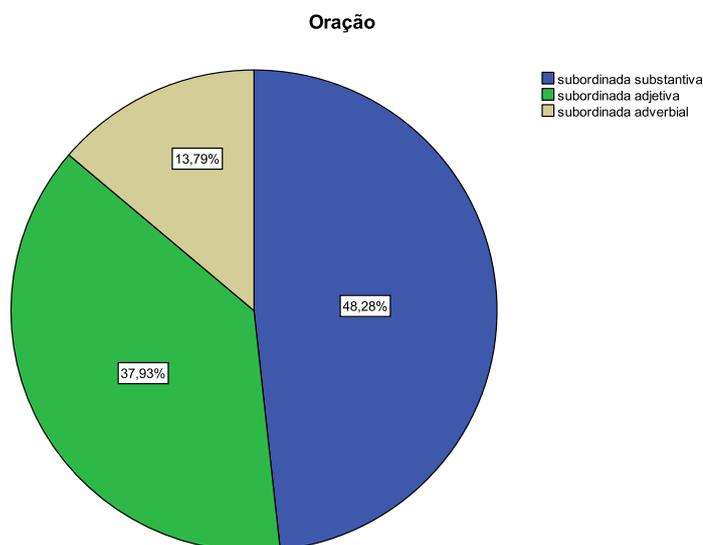


Para a variável *oração*, a maioria das ocorrências da locução adverbial (57,97%, equivalente a 40) aconteceu em *oração principal*. Entre as subordinadas, 20,29% (14) ocorreu em *oração subordinada substantiva*; 15,94% (11) em *oração subordinada adjetiva* e 5,80% (4) em *oração subordinada adverbial*. A seguir, apresenta-se exemplo correspondente à categoria de maior frequência nos dados – *oração principal*.

(43) Vaclav Havel, dramaturgo e activista político, foi preso *várias vezes* pelo Governo comunista e durante vinte anos teve suas peças banidas.

Tal como feito nas etapas anteriores dessa descrição, procedeu-se à recodificação da variável, a fim de excluir as orações principais. O GRÁFICO 36 mostra os resultados obtidos:

GRÁFICO 36: Resultados obtidos para a variável *oração (recodificada)* a partir de construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PE



Após a recodificação que exclui as orações principais, o número de ocorrências observadas passou a ser de 29. Entre as subordinadas, a de maior ocorrência foi de *substantivas* (48,28%, correspondente a 14); seguida pelas *adjetivas* (37,93%, equivalente a 11) e, por fim, as *adverbiais* (13,79%, equivalente a 4). A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria que obteve maior índice após a recodificação – oração subordinada substantiva.

(44) E o que fui fazer foi confirmar que a pólvora foi descoberta já *várias vezes*: o que nós fizemos neste século é uma vanguarda entre outras.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PE, as construções que contêm a locução adverbial *várias vezes* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *entre verbo e argumento*; ter o verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*; o advérbio ocorrer em oração principal; entre as subordinadas, ocorrer principalmente em *substantivas*.

A seguir, passa-se à apresentação das medidas descritivas referentes às construções do PE que contêm a locução adverbial *algumas vezes*.

4.2.4. Medidas descritivas para a locução adverbial *algumas vezes*

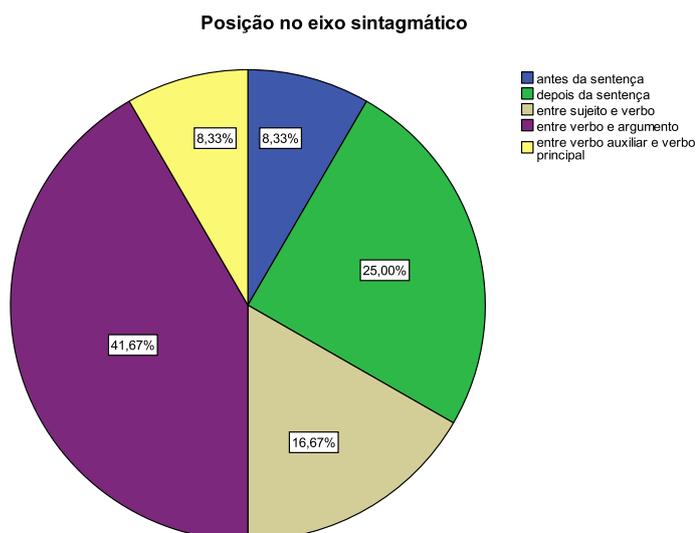
Nesta seção apresentam-se os resultados obtidos para a locução adverbial *algumas vezes* no PE. São mostrados os resultados de medidas descritivas para as variáveis *posição* (seção 4.2.4.1), *tempo verbal* (4.2.4.2) e *oração* (4.2.4.3, o que inclui a recodificação da variável para observação das orações subordinadas isoladamente).

A seguir, inicia-se a apresentação dos resultados pelas medidas descritivas referentes à variável *posição*.

4.2.4.1 Variável posição

Para a variável *posição*, os resultados obtidos são os seguintes, apresentados pelo GRÁFICO 37, a seguir:

GRÁFICO 37: Resultados obtidos para a variável *posição*, a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PE



Das 12 ocorrências encontradas para a locução estudada, a maioria delas (41,67%, equivalente a 5) teve a locução na posição *entre verbo e argumento*; em 25% dos casos (3), a locução apareceu *depois da sentença*; em 16,67% (2), *entre sujeito e verbo*; em 8,33% (1) a locução ocorreu *antes da sentença* e *entre verbo auxiliar e verbo principal*. A seguir, apresenta-se exemplo relativo á categoria mais frequente nos dados – entre verbo e argumento.

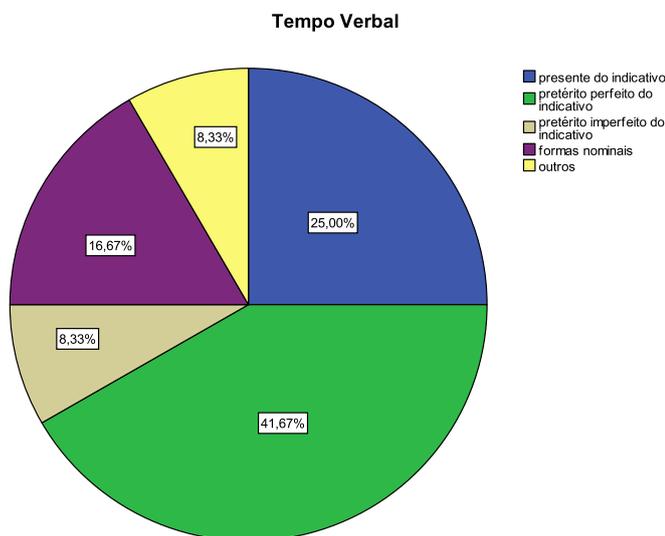
(45) Em criança passei *algumas vezes* fome e fui vestido mais que uma vez pela coletividade.

A seguir, são mostrados os resultados correspondentes à variável *tempo verbal*.

4.2.4.2 Variável tempo verbal

Para a variável *tempo verbal*, os resultados obtidos são os seguintes, apresentados pelo GRÁFICO 38, a seguir:

GRÁFICO 38: Resultados obtidos para a variável *tempo verbal*, a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PE



Para a variável *tempo verbal*, a maioria dos verbos (41,67%, equivalente a 5) foi conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*; em 25% (3), apareceu no *presente do indicativo*; em 16,67% (2), o verbo ocorreu em uma das *formas nominais*; e em 8,33% (1), no

pretérito imperfeito do indicativo, bem como em *outras conjugações verbais*. A seguir, apresenta-se exemplo referente à categoria mais frequente – pretérito perfeito do indicativo.

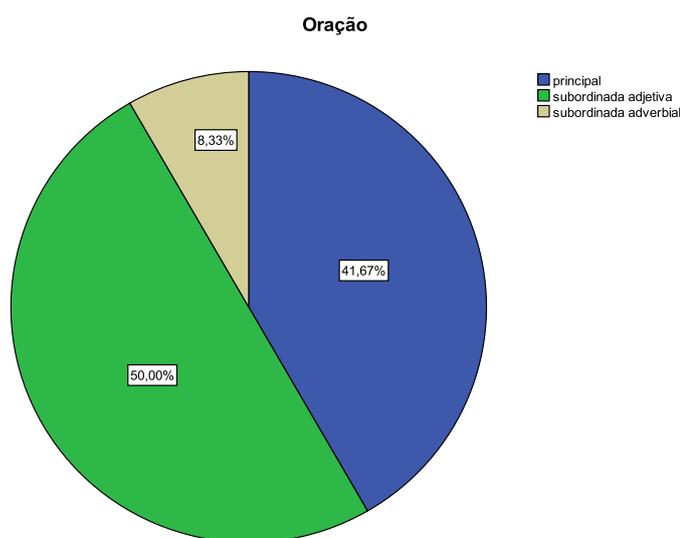
(46) Esses são exemplos do TV2 Jornal, em que a jornalista se descaiu *algumas vezes*.

A seguir, apresentam-se os percentuais de frequência relativos à variável *oração*.

4.2.4.3 Variável oração

Para a variável *oração*, os resultados obtidos são os seguintes, apresentados pelo GRÁFICO 39, a seguir:

GRÁFICO 39: Resultados obtidos para a variável *oração*, a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PE

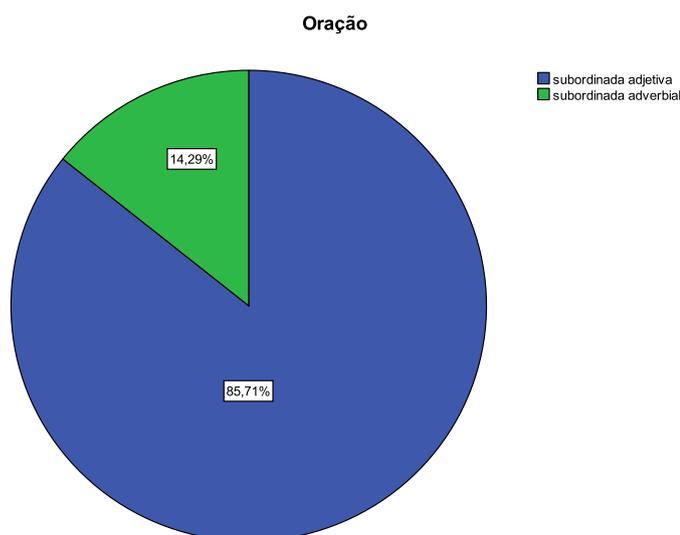


Para a variável *oração*, a maioria das locuções adverbiais (50%, correspondente a 6) ocorreu em *oração subordinada adjetiva*; em seguida, 41,67% (5) ocorreu em *oração principal*; e 8,33% (1), em *oração subordinada adverbial*. O exemplo a seguir ilustra a categoria mais frequente – *oração subordinada adjetiva*.

(47) O sol começou a ser ocultado pela Lua, numa visão que as nuvens *algumas vezes* interrompiam.

Feita a recodificação que permite a observação isolada das orações subordinadas, os resultados encontrados foram os seguintes, conforme se apresenta através do GRÁFICO 40.

GRÁFICO 40: Resultados obtidos para a variável *oração* (recodificada), a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PE



Após a exclusão das orações principais, o número de ocorrências observadas passou a ser de 7. Na maioria delas (85,71%, equivalente a 6), a locução apareceu em *oração subordinada adjetiva*; enquanto que em 14,29% (1), em *oração subordinada adverbial*. A seguir, apresenta-se exemplo correspondente à categoria de maior frequência – oração subordinada adjetiva:

(48) O sol começou a ser ocultado pela Lua, numa visão que as nuvens *algumas vezes* interrompiam.

Em síntese, os resultados revelam que, para o corpus do PE, as construções que contêm a locução adverbial *algumas vezes* caracterizam-se, em termos de ocorrência mais frequente, por: o advérbio ocupar a posição *entre verbo e argumento*; ter o verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*; o advérbio ocorrer em *oração subordinada adjetiva*, independentemente da exclusão ou não da oração principal via recodificação da variável.

Apresentadas as medidas descritivas para as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração* referentes às construções que contêm um dos quatro adverbiais pesquisados, passa-se, a seguir, à comparação desses resultados.

4.2.5. Comparações entre medidas descritivas – resultados do português europeu

Apresentadas as medidas descritivas referentes aos dados do PE, passa-se à realização de comparações. Da mesma forma como se procedeu em relação aos dados do PB, os resultados são comparados primeiramente dentro de cada variedade, confrontando-os segundo diferentes critérios: resultados para advérbios; resultados para locuções adverbiais; resultados para expressão da ideia de frequência alta; resultados para a expressão da ideia de frequência baixa.

A seguir, apresenta-se através da TABELA 7 a comparação entre dados obtidos para a variável *posição* para os adverbiais estudados.

TABELA 7: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável *posição* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
posição	antes da sentença	29,49	51,02	8,70	8,33
	depois da sentença	0	0	28,99	25
	entre sujeito e verbo	28,21	46,94	0	16,67
	entre verbo e argumento	26,92	2,04	53,62	41,67
	entre verbo auxiliar e verbo principal	15,38	0	8,70	8,33

Os resultados mostram comportamentos distintos para advérbios e locuções adverbiais: para *geralmente* e *raramente*, a posição preferencial foi *antes da sentença* (com percentuais de 29,49% e 51,02%, respectivamente). No caso de *geralmente*, observa-se uma diferença pequena entre três posições: *antes da sentença* (29,49%); *entre sujeito e verbo* (28,21%) e *entre verbo e argumento* (26,92%); enquanto que esse advérbio não ocorreu depois da sentença em nenhum dos casos. Já em relação a *raramente*, percebe-se que a frequência de ocorrência, na maioria dos dados, esteve distribuída entre as posições *antes da*

sentença (51,02%) e entre sujeito e verbo (46,94%). No caso das locuções adverbiais *várias vezes* e *algumas vezes*, a posição preferencial foi *entre verbo e argumento* (com 53,62% e 41,67%, respectivamente).

A seguir, realiza-se a comparação entre percentuais de frequência obtidos para a variável *tempo verbal*, o que se apresenta na TABELA 8.

TABELA 8: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável *tempo verbal* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

			geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
tempo verbal	pres. do indicativo		61,54	65,31	4,35	25,00
	pret. perf. do indicativo		1,28	12,24	59,42	41,67
	pret. imp. do indicativo		7,69	4,08	1,45	8,33
	fut. do pres. do indicativo		2,56	4,08	1,45	0
	formas subjuntivo	do	5,13	0	0	0
	formas nominais		20,51	8,16	24,64	16,67
	outros		1,28	6,12	8,7	8,33

Para a variável *tempo verbal*, os adverbiais estudados comportam-se, novamente, de maneira distinta: *geralmente* e *raramente* apareceram mais frequentemente em construções cujo verbo foi conjugado no presente do indicativo (em 61,54% e 65,31% dos casos, respectivamente). Já em relação às locuções adverbiais *várias vezes* e *algumas vezes*, o maior índice de ocorrência foi de verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo (com 59,42% e 41,67% dos casos respectivamente). Observe-se que, entre as ocorrências de *geralmente*, *várias vezes* e *algumas vezes*, a segunda forma verbal preferida é a *forma nominal* (com 20,51%; 24,64; e 16,67%, respectivamente).

A seguir, apresenta-se, através da TABELA 9, os percentuais de frequência obtidos para a Variável *oração* em relação aos advérbios estudados.

TABELA 9: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável *oração* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
oração	principal	48,72	61,22	57,97	41,67
	subord. substantiva	3,85	12,24	20,29	0
	subord. adjetiva	34,62	22,45	15,94	50
	subord. adverbial	12,82	4,08	5,80	8,33

No que se refere à variável *oração*, o comportamento dos advérbios em estudo foi o seguinte: em *geralmente*, *raramente* e *várias vezes*, a oração em que preferencialmente apareceram foi a *oração principal* (com 48,72%, 61,22%, e 57,97%, respectivamente). Para a locução *algumas vezes*, a oração preferencial foi a *oração subordinada adjetiva* (com 50%).

A seguir, apresenta-se através da TABELA 10 os percentuais de frequência obtidos quando a oração principal foi excluída e a variável *oração*, recodificada.

TABELA 10: Percentuais de frequência obtidos com dados do PE para a variável *oração (recodificada)* a partir de construções contendo os advérbios e locuções estudados

		geralmente	raramente	várias vezes	algumas vezes
oração	subord. substantiva	7,50	31,58	48,28	0
	subord. adjetiva	67,50	57,89	37,93	85,71
	subord. adverbial	25	10,53	13,79	14,29

Após a recodificação, constatou-se que entre as orações subordinadas, os advérbios *geralmente* e *raramente*, assim como a locução *algumas vezes*, ocorreram preferencialmente em orações subordinadas adjetivas (com 67,50%, 57,89%, e 85,71%

respectivamente). A locução *várias vezes* apareceu preferencialmente em orações subordinadas substantivas (48,28%).

No capítulo a seguir, passa-se a realizar comparações, a partir dos resultados já descritos para as variáveis, entre PB e PE para cada um dos adverbais pesquisados, bem como a análise desses resultados.

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

Apresentados os resultados de medidas descritivas e testes de associação para as variáveis em estudo, cumpre realizar uma análise, relacionando esses achados ao referencial teórico apresentado no capítulo 2. Para uma melhor compreensão, a análise será apresentada em seções. Na seção 5.1., designada análise das variáveis, são apresentadas as comparações entre as variáveis analisadas no PB e no PE (seção 5.1.1), bem como as discussões sobre o contraste entre as variedades. Na seção 5.2, apresentam-se as comparações entre os frames verbais encontrados nas construções do PB e do PE (seção 5.2.1.), as discussões sobre frames verbais (seção 5.2.2.) e as discussões sobre relações entre as variáveis quantitativas e os frames verbais encontrados nas construções de PB e PE.

5.1 Análise das variáveis

A análise quantitativa apresentada nesta seção diz respeito, primeiramente, às comparações entre as variáveis analisadas no PB e PE, que são apresentadas na seção 5.1.1. Na seção seguinte (5.1.2.), são explicitadas as discussões sobre frames verbais e, na seção 5.2.3, apresentam-se algumas discussões sobre as relações entre as variáveis quantitativas e os frames verbais encontrados nas construções de PB e PE.

5.1.1 Comparações entre as variáveis analisadas no português brasileiro e no português europeu

Nesta seção, realizar-se-á a comparação entre os resultados obtidos para cada um dos advérbiais estudados nos corpora de PB e PE. Os dados são apresentados separadamente por advérbio/ locução adverbial, conforme se observa na TABELA 11, que contém os dados referentes ao advérbio *geralmente*.

TABELA 11: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio *geralmente*

		PB	PE
posição	antes da sentença	32,37	29,49
	depois da sentença	0,64	0
	entre sujeito e verbo	52,33	28,21
	entre verbo e argumento	11,59	26,92
	entre verbo auxiliar e verbo principal	3,06	15,38
tempo verbal	pres. do indicativo	82,93	61,54
	pret. perf. do indicativo	0,97	1,28
	pret. imp. do indicativo	2,4	7,69
	fut. do pres. do indicativo	0,2	2,56
	formas do subjuntivo	0,32	5,13
	formas nominais	12,56	20,51
	outros	0,64	1,28
oração	principal	67,79	48,72
	subord. substantiva	4,99	3,85
	subord. adjetiva	22,06	34,62
	subord. adverbial	5,15	12,82
oração recodificada	subord. substantiva	15,50	7,50
	subord. adjetiva	68,50	67,50
	subord. adverbial	16,00	25,00

Na comparação entre PB e PE, as construções que contêm o advérbio *geralmente* apresentam comportamento semelhante. A exceção é a *posição*, pois os dados de PB revelaram uma preferência de o advérbio ocorrer *entre sujeito e verbo* (52,33%); enquanto que no PE a posição preferencial foi *antes da sentença* (29,49%). Observou-se também uma distribuição mais equilibrada entre as posições nos dados de PE do que de PB. Na primeira variedade, os percentuais de ocorrência para as posições *antes da sentença*, *entre sujeito e verbo* e *entre verbo e argumento* foram próximos (29,49%; 28,21%; e 26,92%,

respectivamente); enquanto que na segunda variedade, a maioria dos dados distribuiu-se entre duas posições: *entre sujeito e verbo* (52,33%) e *antes da sentença* (32,37%).

Para as demais variáveis, PB e PE apresentaram semelhanças. O *tempo verbal* preferido por ambas a variedades foi o *presente do indicativo* (com índices de 82,93% para o PB e 61,54% para o PE). Em ambos os casos, o advérbio ocorreu com maioria frequência em *oração principal* (em 67,79% das vezes no PB e em 48,72% no PE). Quando recodificada esta variável, observando-se somente a ocorrência de orações subordinadas, o advérbio ocorreu mais frequentemente em orações subordinadas adjetivas (em 68,50% dos casos do PB e em 67,50% dos casos do PE).

A seguir, apresenta-se, através da TABELA 12, a comparação dos resultados de medidas descritivas entre dados do PB e PE para as construções contendo o advérbio *raramente*.

TABELA 12: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio *raramente*

		PB	PE
posição	antes da sentença	28,57	51,02
	depois da sentença	2,76	0
	entre sujeito e verbo	64,52	46,94
	entre verbo e argumento	3,23	2,04
	entre verbo auxiliar e verbo principal	0,92	0
tempo verbal	pres. do indicativo	69,59	65,31
	pret. perf. do indicativo	6,91	12,24
	pret. imp. do indicativo	8,76	4,08
	fut. do pres. do indicativo	1,80	4,08
	formas do subjuntivo	1,40	0
	formas nominais	10,60	8,16
	outros	0,92	6,12
oração	principal	66,36	61,22
	subord. substantiva	4,61	12,24
	subord. adjetiva	25,35	22,45
	subord. adverbial	3,69	4,08
oração recodificada	subord. substantiva	13,70	31,58
	subord. adjetiva	75,34	57,89
	subord. adverbial	10,96	10,53

A comparação entre as construções contendo o advérbio *raramente* a partir de dados do PB e do PE revelou comportamentos semelhantes em ambas as variedades. A posição mais frequente é *entre sujeito e verbo* (com 64,52% e 46,94% respectivamente), seguida de *antes da sentença* (com 28,57% e 51,02%, respectivamente). Constatou-se, assim, que a maioria dos dados de PE concentrou-se entre essas duas posições. Os verbos foram conjugados com mais frequência no *presente do indicativo* (em 69,59% e 65,31% dos casos respectivamente). A oração em que preferencialmente apareceu o advérbio estudado foi a

oração principal (com 66,36% e 61,22%, respectivamente). Ao se considerar somente as orações subordinadas, a de maior frequência foi a *oração subordinada adjetiva* (com 75,34% e 57,89%, respectivamente).

Na TABELA 13 faz-se a comparação entre os resultados de PB e PE considerando-se as construções contendo a locução adverbial *várias vezes*.

TABELA 13: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio *várias vezes*

		PB	PE
posição	antes da sentença	11,5	8,7
	depois da sentença	47,25	28,99
	entre sujeito e verbo	3,5	0
	entre verbo e argumento	36,25	53,62
	entre verbo auxiliar e verbo principal	1,5	8,7
tempo verbal	pres. do indicativo	9,75	4,35
	pret. perf. do indicativo	75,25	59,42
	pret. imp. do indicativo	1,5	1,45
	fut. do pres. do indicativo	0,5	1,45
	formas do subjuntivo	1	0
	formas nominais	10,50	24,64
	outros	1,50	8,7
oração	principal	74,50	57,97
	subord. substantiva	7,00	20,29
	subord. adjetiva	13,25	15,94
	subord. adverbial	5,25	5,8
oração recodificada	subord. substantiva	27,45	48,28
	subord. adjetiva	51,96	37,93
	subord. adverbial	20,59	13,79

Ao se considerar a locução adverbial *várias vezes*, também é possível constatar comportamento semelhante entre as construções que compõem os corpora de PB e PE. A posição mais frequentemente ocupada pelo adverbial no PB foi *depois da sentença* (47,25%); enquanto que no PE, a posição mais frequente foi *entre verbo e argumento* (53,62%). Observou-se, nesse caso, que a segunda posição mais frequente nos dados foi a mesma, porém invertida, na comparação entre as variedades: o PB, com 36,25% para a posição *entre verbo e argumento*; e o PE, com 28,99% para a posição *depois da sentença*, o que revela novamente comportamento semelhante.

Em relação ao tempo, os verbos das construções foram preferencialmente conjugados no *pretérito perfeito do indicativo* (em 75,25% dos casos do PB e 59,42% dos casos do PE). A locução adverbial ocorreu mais frequentemente em *oração principal* (em 74,50% das vezes no PB e em 57,97% no PE). Considerando-se somente as orações subordinadas, a preferência de ocorrência da locução foi em *orações subordinadas adjetivas* no PB (51,96%) e *orações subordinadas substantivas* no PE (48,28%).

A seguir, através da TABELA 14, é possível comparar medidas descritivas para PB e PE a partir de construções contendo a locução adverbial *algumas vezes*.

TABELA 14: Comparação entre percentuais obtidos para PB e PE a partir das construções contendo o advérbio *algumas vezes*

		PB	PE
posição	antes da sentença	42,86	8,33
	depois da sentença	26,05	25
	entre sujeito e verbo	6,72	16,67
	entre verbo e argumento	22,69	41,67
	entre verbo auxiliar e verbo principal	1,68	8,33
tempo verbal	pres. do indicativo	38,66	25
	pret. perf. do indicativo	42,02	41,67
	pret. imp. do indicativo	5,04	8,33
	fut. do pres. do indicativo	1,7	0
	formas do subjuntivo	2,52	0
	formas nominais	8,4	16,67
	outros	1,68	8,33
oração	principal	73,95	41,67
	subord. substantiva	9,24	0
	subord. adjetiva	10,92	50
	subord. adverbial	5,88	8,33
oração recodificada	subord. substantiva	35,48	0
	subord. adjetiva	41,94	85,71
	subord. adverbial	22,58	14,29

Os dados de PB e PE para construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* também apontaram para comportamentos semelhantes entre as duas variedades. A exceção foi a variável *posição*: nas construções do PB, a posição preferencial foi *antes da sentença* (42,86%); enquanto que no PE, foi *entre verbo e argumento* (41,67%). Tanto no PB quanto no PE, a maioria das construções apresentou seu verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo* (em 42,02% dos casos do PB e 41,67% dos casos do PE). A locução ocorreu mais frequentemente em *oração principal* (em 73,95% das construções do PB e em 41,67%

das construções do PE). Considerando-se somente as orações subordinadas, em ambas as variedades a preferência foi pela *oração subordinada adjetiva* (com índices de 41,94% e 85,71%, respectivamente).

Em síntese, os dados permitem descrever aproximações e distanciamentos entre as construções que contêm os adverbais estudados a partir de corpora escritos do PB e do PE. As aproximações são as seguintes:

- 1) Em ambas as variedades, quando na construção consta *geralmente* ou *raramente*, o tempo verbal preferido é o presente do indicativo; enquanto que, quando se usa *várias vezes* ou *algumas vezes*, prefere-se o pretérito perfeito do indicativo;
- 2) Em ambas as variedades, para todos os adverbais pesquisados, a maior frequência de ocorrência dá-se em oração principal;
- 3) Quando se considera somente as orações subordinadas, a preferência é por orações adjetivas nos dados das duas variedades para os adverbais *geralmente*, *raramente* e *algumas vezes*; já quando ocorre a locução *várias vezes*, a preferência por esse tipo de oração constata-se somente no PB, pois os resultados do PE revelam preferência por oração subordinada substantiva (para *várias vezes*).

A comparação entre PB e PE nos permite apontar diferenças de comportamento entre as variedades no que se refere à posição ocupada pelo adverbial. Ainda que todos os adverbais tenham ocorrido em todas as posições possíveis, pode-se afirmar que no PB, as posições preferenciais são: *entre sujeito e verbo* para *geralmente* e *raramente*; *depois da sentença* para *várias vezes*; e *antes da sentença* para *algumas vezes*. Da mesma forma, no PE: *antes da sentença* para *geralmente*; *entre sujeito e verbo* para *raramente*; e *entre verbo e argumento* para *várias vezes* e *algumas vezes*.

Apresentadas as comparações entre os resultados de medidas descritivas obtidos para as duas variedades do português, passa-se às discussões sobre o contraste entre essas variedades.

5.1.2 Discussões sobre o contraste entre as variedades

A presente tese propõe-se a afastar, a contestar, a visão tradicional sobre a classe dos advérbios, segundo a qual se caracterizam pela mobilidade na sentença e pela acessoriedade em termos de função. Para tanto, foi necessário tomar algumas decisões, vincular-se a determinadas perspectivas teóricas, bem como determinar, dentro da heterogeneidade de comportamento típica dessa classe, um recorte que permitisse uma pesquisa um pouco mais aprofundada.

Assim, no presente capítulo, foram apresentados os percentuais de frequência obtidos, para ambas as variedades citadas, considerando-se as categorizações feitas para as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração*. Foram realizados testes de associação Qui-quadrado com o intuito de encontrar correlações entre as variáveis. Além disso, os resultados foram comparados segundo diversos critérios.

Em relação aos resultados encontrados para o corpus de PB, pode-se afirmar, apesar da existência de alguma variação, um comportamento nítido em relação às construções pesquisadas, ao contexto em que os adverbiais observados estão inseridos e aos elementos com os quais se relacionam.

Nessa perspectiva, a variável posição foi aquela que demonstrou maior variação entre os adverbiais. *Geralmente e raramente*, os dois adverbiais obtidos através de processos derivacionais, ocorrem preferencialmente na posição *entre sujeito e verbo*, enquanto que a locução *várias vezes* aparece mais frequentemente *depois da sentença*, e *algumas vezes, antes da sentença*. Apesar dessas diferenças, entende-se que os resultados obtidos vão contra a tese tradicional de que, como termo acessório que é, o advérbio caracteriza-se pela aleatoriedade da posição, podendo acontecer em diversos pontos da sentença (CEGALLA, 2002; CUNHA e CINTRA, 2001). Dados os percentuais encontrados, todos superiores a 40% para a posição mais frequente nos dados, pode-se afirmar que cada um desses adverbiais possui uma posição preferencial.

Em relação a *geralmente*, constata-se um comportamento ainda mais específico no que se refere à correlação estabelecida entre a posição (*entre sujeito e verbo*) e as demais variáveis. Nesse caso, todas as correlações foram identificadas como positivas. Em outras palavras, as características que mais frequentemente se relacionam ao aparecimento desse

adverbial, além de sua posição, são: verbo conjugado no presente do indicativo, ocorrendo em oração principal ou em oração subordinada adjetiva. A seguir, apresentam-se exemplos correspondentes às associações significativas:

(49) Os migrantes *geralmente* vivem em favelas sem saneamento.

(50) Não se dá, por exemplo, uma camiseta de gola pólo para alguém que *geralmente* se veste com um visual «metal».

Não foram encontradas associações estatisticamente significativas envolvendo a variável *posição* a partir dos dados dos demais adverbiais estudados. Entretanto, em todos os casos, parece bem nítida a “preferência” por determinada posição. Como essa pesquisa tem seu foco na reiteração de eventos através dos adverbiais aspectualizadores, tem-se adverbiais que operam na formulação do conteúdo que descreve uma situação/ evento/ estado de coisas (Castilho *et al.*, 2008), atuando sobre seu escopo (neste caso, a sentença) para acrescentar a propriedade da quantificação. Cabe lembrar, neste ponto, que Ilari *et al.* (1989, p. 113) defendem que a posição dos advérbios seria influenciada pela classe funcional a que pertence o advérbio em análise, visto que “as diferentes classes de advérbios tomam como escopo diferentes classes de expressões em relação às quais se ordenam”. Mesmo aparecendo em todas as posições, pois trata-se de adverbiais cujo escopo é a sentença, em todos os casos foram encontradas posições preferenciais. Entretanto, se considerarmos que todos os adverbiais estudados destinam-se à mesma função, a quantificação de eventos via escalaridade indefinida (CASTILHO, 2010), possivelmente não seja somente a classe funcional que atue na determinação da posição preferencial nesses casos.

Em relação ao *tempo verbal*, encontra-se um comportamento ainda mais homogêneo. *Geralmente* e *raramente* ocorreram, na maioria das vezes, em construções cujo verbo foi conjugado no *presente do indicativo*. Já *várias vezes* e *algumas vezes* apareceram preferencialmente em construções com verbo conjugado no *pretérito perfeito do indicativo*. A reflexão que se faz gira em torno da relação entre o aspecto presente na flexão verbal e o aspecto decorrente da utilização desses adverbiais. Nesse caso, é a oposição imperfectivo *versus* perfectivo, em contraste com os adverbiais, que está na base da relação que se manifesta nos dados.

O imperfectivo indica situações para as quais se pressupõe a existência de uma duração maior, uma complexidade interna que torna as situações incompletas e passíveis de divisão em fases, ainda que não seja obrigatório focar em uma dessas fases (COMRIE, 1976;

TRAVAGLIA, 1981; LANGACKER, 1987). Já o perfectivo é usado para situações tidas como completas, acabadas, reduzidas como um todo indivisível, portanto sem graus de realização, desenvolvimento ou completude. Seu uso aponta para a conclusão bem sucedida do evento descrito (COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1981). No PB, considerando essa oposição segundo o recorte proposto por esta tese, estabelecem-se as relações aspecto imperfectivo – presente do indicativo e aspecto perfectivo – pretérito perfeito do indicativo, revelando a “vocação aspectual das flexões verbais” (CASTILHO, 2002, p. 90). Essa rela o   amplamente reconhecida na bibliografia acerca desses temas (LEECH, 1971; COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1981; BINNICK, 1991; BYBEE, PERKINS e PAGLIUCA, 1994; ILARI e BASSO, 2008).

O que se constata nos dados   uma preferência nítida, expressa por percentuais superiores a 60% no caso do presente do indicativo (em *geralmente* e *raramente*) e a 40% no caso do pretérito perfeito do indicativo (em *várias vezes* e *algumas vezes*). Parece, portanto, haver uma rela o entre o aspecto expresso pela flexão verbal e o aspecto de repeti o/reitera o. De um lado, tem-se a faceta qualitativa do aspecto, que nesse caso perspectiviza a situa o para caracterizar sua completude/incompletude; de outro, tem-se a faceta quantitativa do aspecto, que nesse caso pluraliza o evento (ILARI, 1992; TRAVAGLIA, 1981; CASTILHO *et al.*, 2008; CASTILHO, 2002).

Assim, qualquer um dos adverbiais estudados instaura na sentença uma quantifica o, seja de um evento perspectivizado como perfectivo ou como imperfectivo. Entretanto, os efeitos do uso da flexão, associados aos adverbiais, não são os mesmos.

De acordo com Travaglia (1981), o presente do indicativo tem como uma de suas características expressar a ideia de habitualidade, sendo possível que essa ideia seja reforçada pela presença de adjuntos adverbiais. Vale lembrar que o hábito, segundo Cunha (2006), exprime propriedades gerais, características típicas atribuídas ao sujeito predicado a ponto de torná-las generaliza es. Por isso, pouco importa o intervalo de tempo em que a reitera o dos eventos ocorre, normalmente sendo expresso como longo ou mesmo não delimitado. Também não importa, segundo o autor, o número específico e o grau de frequência dos eventos ocorridos. Via reitera o, constitui-se ao longo do tempo uma série de eventos que forma um todo e passa a ser interpretada como um estado (LEECH, 1971; BINNICK, 1991; RADDEN e DIRVEN, 2007). Configurado o hábito, o evento descrito pelo verbo passa a ser compreendido como um subevento, uma subfase de um evento maior que, nesse caso,   a repeti o em si (BINNICK, 1991), constituindo padrões regulares de comportamento capazes

de caracterizar o sujeito (RADDEN e DIRVEN, 2007), o que pressupõe uma progressão no tempo e a contagem de intervalos (de maneira específica ou não) entre a ocorrência dos subeventos (VERKUYL, 1993). Assim, têm-se os seguintes exemplos extraídos do corpus:

(51) O revestimento completo *geralmente* é encontrado pronto, na medida do carro.

(52) Palpites sobre a Copa *raramente* dão certo.

Esses são exemplos de construções marcadas, via flexão verbal, pela habitualidade e nas quais foram utilizados advérbios aspectualizadores (ambos formados mediante processo derivacional, porém o primeiro deles apontando para uma repetição mais frequente do que o segundo). Observe-se essas construções sem a presença dos referidos advérbios: tanto em *o revestimento completo é encontrado pronto, na medida do carro* quanto em *palpites sobre a Copa dão certo*, o que se percebe é a presença da ideia de hábito. Esses eventos acontecem de tal maneira que se pode afirmar que essa é uma característica intrínseca do sujeito predicado, ou seja, “dar certo” constitui uma característica típica de “palpites sobre a Copa”.

O que faz então, qual é o efeito semântico da presença desses advérbios em uma construção marcada pela habitualidade? Tanto no caso de *geralmente* quanto de *raramente*, o que acontece é que esses adverbais perspectivizam a ideia de hábito, visto que, no momento em que se afirma que *o revestimento completo geralmente é encontrado pronto* e que *palpites sobre a Copa raramente dão certo*, o que se afirma é que nem sempre o evento descrito na predicação ocorre. Em outras palavras, o evento que, sem a presença desses advérbios, poderia ser interpretado como categórico, com sua presença passa a ter sua reiteração relativizada. A diferença entre os advérbios pesquisados, neste ponto, reside na capacidade distinta que têm de enfraquecer a ideia de hábito: *geralmente* aponta para um evento que se repete mais vezes do que aquele que acontece *raramente*. Essa postulação vai ao encontro da visão de autores como Leech (1971); Travaglia (1981) e Mourelatos (1981) sobre o papel desses adverbais, segundo os quais sua função seria o reforço da habitualidade.

Já o pretérito perfeito do indicativo, tempo verbal em que se conjugou a maioria das ocorrências de *várias vezes* e *algumas vezes*, caracteriza-se por exprimir um evento completo, tomado como único, indivisível e acabado, podendo manifestar o aspecto pontual ou o durativo, dependendo da natureza da raiz verbal a que se associa. Quando a uma predicação cujo verbo se conjuga nesse tempo se alia um adverbial de reiteração, tem-se a

noção de frequência (TRAVAGLIA, 1981)⁷⁰. Cunha (2006) define frequência como o aspecto que se constitui mediante padrões de repetição diversificados (baixo, médio ou alto), de extensão variável e sem restrições quanto a intervalos de tempo. Por isso, construções frequentativas não alteram o perfil aspectual básico das predicções sobre as quais atuam.

Assim, os adverbiais citados, ao interagirem com construções frequentativas, simplesmente acrescentam a elas a ideia de frequência. Um evento que, sem o adverbial, aparece como tendo ocorrido uma única vez, como tendo sido completo, se constituído de maneira bem sucedida, com a presença do advérbio passa a ser concebido em sua pluralidade. Nesse sentido, o que, sem a presença do advérbio, era um evento, com sua presença passa a ser um subevento do evento maior, que é a reiteração em si (BINNICK, 1991). Observe-se os exemplos:

(53) O holandês Van Basten joga pelo Milan da Itália, pelo qual já foi artilheiro *várias vezes*.

(54) *Algumas vezes* critiquei o fato de a MTV não acompanhar os jovens fora do mundo da música.

Pode-se pensar nesses exemplos sem a presença do advérbio. Tanto em *o holandês (...) joga pelo Milan da Itália, pelo qual já foi artilheiro* quanto em *critiquei o fato de a MTV não acompanhar os jovens fora da música*, a conjugação dos verbos no pretérito perfeito do indicativo, associada à ausência de um adverbial de reiteração, conduz à interpretação de que o evento descrito ocorreu uma vez. Não se está aqui, no entanto, negando ou negligenciando a existência do semelfactivo, que é o aspecto do qual se depreende que um evento de fato ocorreu somente uma vez. O que se afirma é que a interpretação anteriormente citada é possível. Em contraste, a presença de um adverbial de reiteração pluraliza a predicção, podendo indicar frequência alta, média ou baixa. Assim, as afirmações de que *(...) já foi artilheiro várias vezes* ou que *algumas vezes critiquei o fato* apontam, respectivamente, para uma repetição comparativamente maior ou menor, fazendo com que o evento em si passe a constituir um subevento da repetição.

Em relação aos resultados de PE, o raciocínio que se propõe é o mesmo, visto que naquela variedade as preferências, expressas em termos de percentuais de frequência, mostraram-se as mesmas: preferência de presente do indicativo em construções contendo

⁷⁰ Travaglia (1981), assim como Castilho (2008, 2010) usam os termos “iteração” e “aspecto iterativo” nesse contexto. Entretanto, por entender ser uma formulação mais completa, está-se usando a palavra “frequência” de acordo com o exposto por Cunha (2006).

geralmente e *raramente*, e por pretérito perfeito do indicativo em construções contendo *várias vezes* e *algumas vezes*. Entretanto, os percentuais encontrados nos dados de PE para esses tempos verbais foram menores, constatando-se, por outro lado, índices maiores de uso de formas nominais, independentemente do adverbial observado. Em outras palavras, ainda que a segunda forma verbal preferida, tanto no PB quanto no PE, seja a forma nominal, no PE os percentuais são maiores. Isso conduz à afirmação de que o comportamento de construções contendo os adverbiais estudados nessa pesquisa, no que se refere ao tempo verbal, é semelhante.

Em relação às medidas de associação, a variável tempo verbal mostrou relevância estatística quando relacionada à variável oração nos dados dos adverbiais *geralmente*, *raramente* e *várias vezes*. As associações detectadas foram entre oração principal e os tempos presente do indicativo, para os três casos, além do pretérito perfeito do indicativo para o terceiro caso.

No que se refere à variável *oração*, para os dados referentes a todos os adverbiais estudados, a preferência mostrou-se por orações principais, o que era de se esperar, pelo simples fato de haver sentenças nas quais não consta oração subordinada, ou seja, pelo número de orações simples (somado ao de orações principais propriamente ditas) ser maior. Na realidade, ao se trabalhar com essa variável, a intenção era observar o comportamento das orações subordinadas isoladamente. Foi o que se obteve depois da recodificação dos dados, excluindo-se as orações principais.

Assim, analisando-se somente as subordinadas, constatou-se, para todos os adverbiais estudados no corpus do PB, a preferência por orações subordinadas adjetivas. Os índices encontrados, nesse caso, foram superiores a 65% para *geralmente* e *raramente* e a 40% para *várias vezes* e *algumas vezes*. Especialmente em relação aos advérbios *geralmente* e *raramente* era de se esperar que aparecessem nesse tipo de oração, especialmente devido aos expressivos percentuais de verbos conjugados no presente do indicativo, tempo verbal que pode exprimir o aspecto habitual. Como a habitualidade constitui-se uma generalização que caracteriza o sujeito predicado, esperava-se que esses advérbios, associados ao tempo verbal presente do indicativo, aparecessem em orações adjetivas. Mesmo quando associados a outro tempo verbal, e considerando-se os demais adverbiais, a oração adjetiva tem o condão de caracterizar, dada a função que exerce na sentença. Segundo Travaglia (1981), esse tipo de oração, juntamente com as subordinadas adverbiais, e também quando nela constam formas

nominais, podem contribuir para a caracterização de uma situação como reiterada ou habitual. É o que ocorre nos exemplos a seguir:

(55) Ele também disse que em 11 desses casos os palestinos foram alvejados na cabeça ou no tórax com munição de verdade não de borracha, *geralmente* usada para conter manifestações.

(56) Marlon Brando e Vivien Leigh em Nova Orleans mais Karl Malden, mais jazz, mais Bourbon Street, mais a música de Alex North criam uma dessas conjunções astrais que *raramente* rolam no cinema americano.

(57) A previsão dos economistas petistas, que têm errado *várias vezes*, é que uma recessão de bom tamanho é necessária para consolidar a estabilização no Plano Real.

(58) Prefere sair à noite, indo a restaurantes ou ao cinema, *algumas vezes* acompanhada pelo amigo Felipe Folgosi, seu companheiro de novela, também paulistano.

No PE, na maioria dos casos, a preferência entre as orações subordinadas foi pela oração subordinada adjetiva. Nesse sentido, aliando-se a preferência por esse tipo de oração com as preferências apontadas pela variável *tempo verbal* (presente do indicativo para *geralmente* e *raramente*; e pretérito perfeito do indicativo para *várias vezes* e *algumas vezes*), pode-se vislumbrar melhor o papel caracterizador das subordinadas adjetivas. No caso dos dois primeiros adverbiais, a associação da oração adjetiva com o tempo presente do indicativo parece reafirmar a expressão da ideia de hábito, ainda que suavizada pela presença do adverbial. No caso de *algumas vezes*, a associação da oração adjetiva ao pretérito perfeito do indicativo pode indicar que a caracterização estaria ocorrendo através da expressão da ideia de frequência. Em relação ao adverbial *várias vezes*, a oração subordinada preferida foi a substantiva, sendo este o único caso discrepante na comparação com os resultados de PB. A seguir, apresentam-se exemplos:

(59) Não tem nada a ver com aquilo que *geralmente* identificamos com um som português.

(60) Transformações criadas pelo homem dela conseguirão beneficiar, espécies estas que *raramente* são importantes a nível de conservação.

(61) As corporações de bombeiros da cidade foram também chamadas a intervir *várias vezes*, igualmente para transportar pessoal médico e doentes.

(62) Esses são exemplos do TV2 Jornal, em que a jornalista se descaiu *algumas vezes*.

Assim, as medidas descritivas encontradas para PB e PE permitem constatar um comportamento semelhante entre as variedades, encontrando-se diferenças mais expressivas no âmbito da variável posição. Além disso, destaca-se a discrepância numérica entre as construções levantadas para as duas variedades (1320 para PB e 230 para PE), o que é um indício para a existência de diferentes construções no PE, que estejam em concorrência com aquelas que foram levantadas e estudadas durante a presente pesquisa.

Em relação às comparações entre PB e PE, o que se constatou foi um comportamento semelhante entre as construções das duas variedades, considerando-se a maioria das comparações, independentemente do adverbial observado. Em termos de discrepâncias, salienta-se a posição. No PB, as posições preferenciais são *entre sujeito e verbo* (para *geralmente e raramente*), *depois da sentença* (para *várias vezes*) e *antes da sentença* (para *algumas vezes*). Já no PE, as posições preferenciais são duas: *antes da sentença* (para *geralmente e raramente*) e *entre verbo e argumento* (para *várias vezes e algumas vezes*). Constatou-se também haver uma distribuição mais equilibrada entre as posições no PE do que no PB, o que implica um índice de frequência menor. No caso de *raramente* e *várias vezes*, a posição preferencial tem percentual inferior a 55% e, para *geralmente* e *algumas vezes*, inferior a 30%.

Cabe lembrar, entretanto, que um dos objetivos da presente tese é discutir os resultados à luz dos postulados da Linguística Cognitiva. É preciso, pois, refletir sobre como essa área da linguística pode contribuir para a melhor compreensão da interação de advérbios aspectualizadores de reiteração/ repetição com as construções nas quais eles ocorrem.

Para isso, primeiramente é preciso lembrar que um dos princípios fundamentais da Linguística Cognitiva é o de que a linguagem humana baseia em processos cognitivos gerais, não exclusivos. Em outras palavras, os mesmos processos que atuam na linguagem atuam em outros aspectos da vida. A cognição, nessa visão, é situada biológica (o que implica a inexistência de módulos ou regiões específicas, encapsuladas, pré-estabelecidas no cérebro) e culturalmente (o que implica que a atuação desses processos gerais é influenciada pelo meio cultural no qual o indivíduo está inserido, pois é desse meio que se originam os inputs) (CROFT e CRUSE, 2004; LANGACKER, 1987).

Então, ao analisar construções com características específicas (no caso, aquelas que contêm determinados adverbiais aspectualizadores de reiteração/ repetição caracterizados pela escalaridade indefinida) e posteriormente buscar explicações em teorias que compõem a Linguística Cognitiva, está-se buscando compreender quais processos de domínio geral estão envolvidos no fenômeno estudado e como esses processos atuam. Para a interação desses adverbiais com as construções em que constam, e considerando especialmente, entre as variáveis observadas, a variável *tempo verbal*, foram identificados alguns processos cognitivos, inter-relacionados, entre os quais se destaca o *grounding*.

Porém, para melhor compreender a atuação dos processos cognitivos gerais na configuração da informação de natureza temporal, é pertinente retomar a noção de aspecto, foco de interesse dessa tese. O aspecto é entendido como a faceta não-dêitica do fenômeno tempo. À medida que o conceito foi evoluindo, passou-se a entender que é um atributo da predicação como um todo, e as línguas possuem diversos recursos para codificar a informação dessa natureza, no caso do português brasileiro: o semantema do verbo; a flexão verbal; as perífrases aspectuais; certos complementos do verbo; certos adverbiais; orações e até mesmo a ênfase entoacional (TRAVAGLIA, 1981). A diversidade de recursos implica a interação desses nas construções. Caracteriza-se por dois pontos: (i) a duração interna da situação; (ii) o ponto de vista dado pelo falante em relação a essa constituição temporal interna (COMRIE, 1976).

Observe-se o exemplo *Janete espirrava enquanto eu preparava seu bolo de aniversário* (criado pela pesquisadora). Inicialmente, deve-se considerar que o verbo *espirrar* um *achievement*, uma realização pontual, efetivando-se de uma só vez (VENDLER, 1967; COMRIE, 1976). A essa raiz verbal acrescenta-se a flexão típica do pretérito imperfeito do indicativo, que dá ao evento descrito pelo verbo uma perspectiva de imperfectividade (COMRIE, 1976; CASTILHO, 2002), dando ensejo à interpretação de que o evento espirrar ocorreu uma pluralidade de vezes e, nesse sentido, cada espirro passou a ser um subevento dessa repetição. Além disso, o fato de Janete ter espirrado repetidas vezes é circunscrito pela informação fornecida pela oração subordinada adverbial *enquanto eu preparava seu bolo de aniversário*, oração cujo verbo e argumento constituem um processo culminado. Esse exemplo tem o propósito de demonstrar que os recursos linguísticos que resultam na configuração aspectual que caracteriza uma predicação só existe em função de determinações recíprocas entre esses recursos (BINNICK, 1991; CUNHA, 2006; ILARI e BASSO, 2008; CASTILHO, 2002; 2008; 2010).

No âmbito da Linguística Cognitiva, Langacker (1987) distingue as predicções em dois tipos: as predicções nominais, que têm seu polo semântico a função de designar uma coisa ou situação; e as predicções relacionais, que estabelecem interconexões entre os elementos que as compõem. Ao se usar essa definição para pensar o objeto de estudo dessa tese, percebe-se que se está diante de predicções relacionais nas quais os elementos interagem, se interconectam. Nessas relações entre elementos, segundo o autor, estão presentes relações assimétricas, que garantem a individualidade de cada elemento e que implicam a saliência de um elemento em relação aos demais.

É nesse contexto que se pretende inserir a reflexão sobre aspecto de repetição/reiteração expresso via determinados advérbios. Entende-se que o exemplo apresentado anteriormente é capaz de demonstrar que a informação de natureza temporal presente em uma sentença é o resultado dessas relações assimétricas e, portanto, da saliência de determinado(s) elemento(s). Tratar do assunto nesses termos, inclusive (e também) porque essa compreensão já existe no âmbito da aspectologia, é trazer à tona a noção de perspectiva que está na base dessas relações, e conseqüentemente, como se postula nessa tese, na base da configuração que a informação de natureza temporal adquire em cada sentença (LANGACKER, 1987; CROFT e CRUSE, 2004).

Para se estabelecer uma dada perspectiva é necessário o *grounding*, processo através do qual um estímulo é organizado, fixando-se relações de proeminência entre seus elementos. O elemento proeminente, designado figura, passa a ter sua estrutura em destaque, mais perceptível tendo em vista seus contornos bem delimitados. Tudo o que não foi destacado como proeminente constitui o fundo, que por sua vez passa a ter contornos menos nítidos (LANGACKER, 1987; TALMY, 2000; BRISARD, 2002).

É esse mecanismo, que envolve a perspectiva tomada pelo falante ao realizar o alinhamento figura/fundo em sentenças, que se postula para a informação de natureza temporal. Nesse sentido, à duração interna da ação, expressa pelo semantema do verbo, o falante acrescenta já uma perspectiva, vendo a ação como perfectiva ou imperfectiva. Dessa relação entre as características da classe acional a que o verbo pertence (ILARI e BASSO, 2008) e o perfeito/ imperfeito, já surge um ponto de vista. A esse verbo flexionado podem ser acrescentados outros elementos, tais como auxiliares formadores de perífrases aspectuais; complementos do verbo (dependendo do caso); alguns advérbios e orações subordinadas adverbiais.

O que se percebe, portanto, é que aplicar essas ideias (de perspectiva, de *grounding*, de alinhamento trajetor/marco – termos análogos a figura/fundo utilizados especificamente para instanciações linguísticas) permite ver o fenômeno do aspecto, especificamente, bem como a informação de natureza temporal como algo que se configura em graus, comportamento típico dos perfis relacionais existentes nas sentenças (LANGACKER, 1987). No caso de construções marcadas pela ideia de habitualidade, como em (...) *a mudança da forma geralmente influi no próprio conteúdo*⁷¹, tem-se o semantema verbal, ao qual se acrescentou a flexão temporal (no caso o presente do indicativo) e a perspectiva imperfectiva decorrente do uso dessa conjugação, bem como a interpretação habitual. A essa configuração acrescentou-se o adverbial *geralmente*, que instaura uma nova perspectiva para o sentido habitual. Em outras palavras, o uso desse adverbial permite a interpretação no sentido de que nem sempre, mas geralmente, a mudança na forma influi no significado.

No caso de uma construção marcada pela ideia de frequência, como em *Naquela partida, recuou para armar jogadas, driblou e finalizou várias vezes*, ao semantema do verbo finalizar o falante acrescentou a perspectiva perfectiva através da flexão de tempo do pretérito perfeito do indicativo. A partir dessa perspectiva, sem o uso do adverbial, seria possível interpretar que o sujeito finalizou uma só vez. O uso do adverbial introduz a ideia de multiplicidade de eventos, *finalizou várias vezes*.

Comparativamente, pode-se afirmar que os advérbios estudados, considerando-se as características mais frequentes das construções em que ocorrem, especialmente o tempo verbal, comportam-se da seguinte maneira: *geralmente* e *raramente*, quando ocorrem em construções cuja perspectiva é a de habitualidade (via emprego de flexões verbais imperfectivas), atuam no sentido de retirar força dessa ideia de hábito. Pode-se afirmar também, que, sendo a perspectiva um processo cognitivo fortemente vinculado à subjetividade do falante, o uso desses advérbios em construções habituais tem um efeito de sentido que se aproxima da modalidade. Já que em uma construção do tipo habitual é uma generalização sobre eventos que acaba por caracterizar o sujeito predicado, e o uso desses advérbios parece tirar força dessa ideia de hábito, ao utilizá-los o falante não está aderindo totalmente à caracterização que faz do sujeito a que se refere. Isso é um indício da dinamicidade das categorias semânticas e, por consequência, dos sentidos.

⁷¹ Exemplo extraído do corpus de PB.

Já em relação aos adverbiais *várias vezes* e *algumas vezes*, quando ocorrem associados a verbos conjugados na perspectiva perfectiva, acrescentam a esses verbos a ideia de quantificação, de pluralização de eventos. Da mesma forma, destaca-se que a subjetividade presente na escolha do falante implicada na perspectiva. De acordo com Langacker (1987), o perfilamento, enquanto estruturação específica de uma cena, é decorrente da presença do próprio falante na fala.

Até este ponto da tese, foram descritos e analisados os resultados decorrentes de medidas descritivas e testes de associação, considerando-se as variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração*, para construções contendo os advérbios aspectualizadores selecionados. Na próxima seção, segue-se procedendo à descrição e análise, porém agora em relação aos frames verbais encontrados nas construções que constituíram os corpora de estudo.

5.2 Análise dos frames verbais encontrados nas construções estudadas

Esta seção destina-se à realização da análise dos frames verbais encontrados nas construções estudadas. Para tanto, na seção 5.2.1, realizam-se comparações entre os frames verbais encontrados nos dados de PB e PE. Na seção 5.2.2, são feitas discussões sobre esses frames verbais. Na seção 5.2.3, discutem-se algumas relações encontradas entre as variáveis quantitativas e os frames verbais encontrados nas construções estudadas.

A seguir, apresentam-se comparações entre frames verbais encontrados nos dados de PB e PE.

5.2.1 Comparações entre frames verbais encontrados no português brasileiro e português europeu

Esta seção apresenta a descrição, comparação e análise dos resultados referentes ao levantamento dos frames dos verbos que ocorreram nas construções com os advérbios estudados. Assim, as subseções apresentadas (de 5.2.1.1.a a 5.2.1.4) obedecem à ordem convencional para a apresentação dos dados relativos a cada advérbio: *geralmente*, *raramente*, *várias vezes* e *algumas vezes*; sendo expostos os resultados do PB e do PE para

cada adverbial na mesma seção. Na seção 5.5, realiza-se a discussão, relacionando os resultados ao referencial teórico.

A seguir, apresentam-se os resultados referentes ao levantamento dos frames verbais encontrados nas construções do PB e do PE para as construções que contêm o advérbio *geralmente*.

5.2.1.1 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio *geralmente* no português brasileiro e no português europeu

A apresentação dos resultados do levantamento dos frames verbais nos corpora de PB e PE é análoga àquela realizada com medidas descritivas e testes de associação, realizada no capítulo 4. Assim, os resultados são apresentados a partir dos adverbiais pesquisados. Entretanto, cabe lembrar algumas especificidades já relatadas no capítulo 3, durante a exposição dos procedimentos metodológicos deste trabalho.

Primeiramente, para uma abordagem mais objetiva dos resultados, optou-se por apresentar os resultados de PB e PE conjuntamente. No caso do PB, é preciso lembrar que foram estudadas 1320 construções. Dessas, foram extraídos 441 verbos. Uma quantidade como essa, aliada à diversidade de verbos e frames encontrados, dificultou a descrição desses resultados. Por isso, decidiu-se excluir os verbos que tiveram ocorrência igual ou menor que duas no corpus. Esse recorte reduziu o número de verbos para 119, correspondendo a 62 frames. No caso do PE, ainda que o número total de construções seja consideravelmente menor (230), procedeu-se da mesma maneira. Assim, foram analisadas 102 construções, nas quais foram encontrados 43 verbos e 35 frames.

Na próxima seção, apresentam-se os resultados obtidos do levantamento de frames verbais a partir de construções contendo o advérbio *geralmente* no PB e no PE. Dada a diversidade de verbos e frames encontrados, a descrição dos resultados, ainda que seja explicitada pela TABELA 15, será feita somente em relação a verbos com número de ocorrência igual ou superior a sete (7) no que se refere aos dados do PB. Já para os dados de PE, devido ao fato de o número de construções ser bem menor, serão apresentados todos os verbos e frames. Salienta-se, ainda, que serão apresentadas as definições dos frames

descritos⁷², acompanhadas de um exemplo do corpus de estudo (CETENFolha ou CETENPúblico).

TABELA 15: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio *geralmente* no PB e no PE

variedade do português	número de ocorrências	verbo	Frame	
PB	88	ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)	
	19	fazer	afetar intencionalmente (<i>intentionally affect</i>)	
	17	ter	posse/ inclusão (<i>possession/inclusion</i>)	
	12	possuir	posse (<i>possession</i>)	
	10	utilizar	uso (<i>using</i>)	
	9		existir	existence (<i>existência</i>)
			usar (objeto)	uso (<i>using</i>)
	8		começar	início de atividade (<i>activity start</i>)
			estar	estado temporário (<i>temporary state</i>)
			incluir	inclusão (<i>Inclusion</i>)
			ocorrer	evento (<i>event</i>)
			pagar	com (<i>commerce</i>)
	7		ficar	estado temporário (<i>temporary state</i>)
			vir	chegar (<i>arriving</i>)
	6		adotar	adotar seleção (<i>adopt selection</i>)
			dar	dar (<i>giving</i>)
			servir	função (<i>function</i>)
	5		aceitar	responder a um proposta (<i>respond a proposal</i>)
			acompanhar	co-tema (<i>cotheme</i>)
			encontrar	localizar/ considerar (<i>locating/regard</i>)
			envolver	participação (<i>participation</i>)
			Fixar	anexar (<i>attaching</i>)
			ir	movimento (<i>motion</i>)
			oferecer	oferta (<i>offering</i>)
			realizar	realizar (<i>accomplish</i>)
			receber	receber (<i>receiving</i>)
			terminar	fim de atividade (<i>activity finish</i>)
			trabalhar	trabalhar em (<i>working on</i>)
4		acabar	fim de processo (<i>process end</i>)	

⁷² As definições de frames apresentadas nesse capítulo têm como fonte o site do Projeto FrameNet (<https://framenet.icsi.berkeley.edu>, acessado em 22.02.2012) e foram traduzidas pela pesquisadora.

		conseguir	conseguir (<i>getting</i>)
		levar	falar (<i>taking</i>)
3		apresentar	dar a perceber (<i>cause to perceive</i>)
		atribuir	ser obrigado (<i>being obligated</i>)
		coincidir	simultaneidade (<i>simultaneity</i>)
		colocar	colocação (<i>placing</i>)
		conhecer	certeza (<i>certainty</i>)
		considerar	categorização (<i>categorization</i>)
		descobrir	tornar-se consciente (<i>becoming aware</i>)
		determinar	controle (<i>control</i>)
		dizer	afirmação (<i>statement</i>)
		falar	conversa (<i>chatting</i>)
		fechar	oclusão (<i>closure</i>)
		girar	causar mudança (<i>cause change</i>)
		ocupar	residência (<i>residence</i>)
		publicar	texto (<i>text</i>)
		saber	certeza (<i>certainty</i>)
		seguir	co-tema (<i>cotheme</i>)
		significar	significado linguístico (<i>linguistic meaning</i>)
		tentar	tentativa (<i>attempt</i>)
		vender	comércio (<i>commerce</i>)
		ver	percepção (<i>perception</i>)
PE	13	ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)
	4	fazer	afetar intencionalmente (<i>intentionally affect</i>)
	3	aparecer	tornar visível/ aparecer (<i>becoming visible/ appearing</i>)
		considerar	categorização (<i>categorization</i>)
	2	associar	conceitos relacionados (<i>relating concepts</i>)
		causar	causar mudança (<i>cause change</i>)
		conhecer	certeza (<i>certainty</i>)
		encontrar	localizar (<i>locating</i>)
		identificar	categorizar (<i>categorization</i>)
		referir	referir pelo nome (<i>referring by name</i>)

Sobre os dados de PB, das 363 ocorrências observadas, verifica-se primeiramente uma considerável diversidade de frames (46). Os mais frequentes são:

- (a) Performadores e papéis (*performers and roles*): com 88 ocorrências nos dados, é expresso pelo verbo *ser*, e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções determinadas para aquele papel particular. Ex.: *O curso de engenharia metalúrgica não é muito conhecido. Geralmente, não é a primeira opção dos vestibulandos.*
- (b) Afetar intencionalmente (*intentionally affect*): com 19 ocorrências nos dados, é expresso pelo verbo *fazer*, e é definido pela presença de um agente que causa algo a um paciente, que é afetado, pelo uso de um instrumento ou por determinado meio. Ex.: *Geralmente, o funileiro faz o reparo de acordo com o aspecto do amassado.*
- (c) Uso (*using*): com 18 ocorrências, esse frame é expresso nos dados pelos verbos *utilizar* e *usar*, e é caracterizado por um agente que manipula um instrumento visando a atingir um propósito. Ex.: (...) *para captar os lances da partida, os repórteres fotográficos usam geralmente lentes chamadas 400 milímetros em suas câmeras.*
- (d) Estado temporário (*temporary state*): com 15 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *estar* e *ficar*, e caracteriza-se pela presença de um convidado que permanece em um local por algum tempo. Ex.: *Uma segunda vantagem é que o pessoal da pequena empresa está geralmente mais próximo de seus clientes.*
- (e) Posse/ inclusão (*possession/ inclusion*): com 12 ocorrências, esses frames são expressos nos dados pelo verbo *ter*, e são descritos por: (i) um proprietário que tem (ou não tem) a posse; (ii) uma totalidade que contém um parte. Ex.: *Bactéria – Organismo microscópico de apenas uma célula que não tem um núcleo distinto e que se reproduz geralmente por divisão celular.*
- (f) Existência (*existence*): com 9 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *existir*, e é caracterizado pela declaração da existência de uma entidade, independentemente de sua localização espaço-temporal ou propósito inerente. Ex.: *Geralmente, existem parcelas intermediárias de alto valor, que você só vai descobrir na leitura atenta do contrato.*

- (g) Início de atividade (*activity start*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *começar*, e é caracterizado por um agente que inicia uma atividade contínua na qual será envolvido. Ex.: *Geralmente, a adoção começa com ajuda material.*
- (h) Inclusão (*inclusion*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *incluir*, e caracteriza-se pela existência de um todo que compreende um parte. Ex.: *A resposta das construtoras para essa questão geralmente inclui explicações de como, do ponto de vista financeiro, esses empreendimentos hoje não são atraentes.*
- (i) Evento (*event*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ocorrer*, e é caracterizado pela existência de um evento que tem lugar no espaço e no tempo. Ex.: *É, isso [impotência] pode ocorrer, e geralmente ocorre, com todo homem, pelo menos uma vez na vida.*
- (j) Co-tema (*cotheme*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelos verbos *acompanhar* e *seguir*, e caracteriza-se por conter palavras que indicam o movimento de dois objetos distintos. Ex.: *Os ventos brasileiros geralmente são acompanhados de uma única nuvem.*

O levantamento e a comparação entre os frames que ocorreram nas construções contendo o advérbio *geralmente* não permitiram encontrar relações entre frames na perspectiva proposta por Ruppenhofer *et al.* (2010)⁷³, o que aponta para a diversidade de usos possíveis, em termos de combinação com frames de verbos, do advérbio estudado.

Já em relação às 35 construções de PE analisadas nessa seção, foram encontrados 10 verbos relacionados a 9 frames. Ainda que o número de ocorrências seja bem menor, a relação verbo-frame nesse caso novamente revela a diversidade de usos relacionados ao advérbio *geralmente*. Os frames encontrados foram os seguintes (apresentados em ordem decrescente):

- (a) Performadores e papéis (*performers and roles*): com 13 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ser*, e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções

⁷³ Vale lembrar que, segundo Ruppenhofer *et al.* (2010), as relações entre frames são: herança; perspectiva; subframe; precedência; incoativo; causativo; uso e “veja também”.

determinadas para aquele papel particular. Ex.: *Já houve algumas invasões bem sucedidas mas geralmente o confronto é sangrento.*

- (b) Afetar intencionalmente (*intentionally affect*): com 4 ocorrências no dados, é expresso pelo verbo *fazer*, e é definido pela presença de um agente que causa algo a um paciente, que é afetado, pelo uso de um instrumento ou por determinado meio. Ex.: *Os Garotos Podres, uma banda brasileira de “Oi!” (gênero musical que geralmente faz as delícias dos “skinheads”) que já conta com três álbuns editados.*
- (c) Tornar-se visível (*becoming visible*): com 3 ocorrências, é expresso no dados pelo verbo *aparecer*, e caracteriza-se por uma entidade que não estava visível a um contemplador e passa a tornar-se. Ex.: *Dos cinco a dez centímetros de comprimento que geralmente aparecem em Março e Abril, ainda antes das folhas.*
- (d) Relacionar conceitos (*relating concepts*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *associar*, e é caracterizado quando um conceito está relacionado a outro por meio de alguma evidência. Ex.: *Em termos políticos práticos, ela está geralmente associada a grupos particulares que querem manter privilégios.*
- (e) Causar mudança (*cause change*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *causar*, e caracteriza-se quando um agente ou causa provoca mudança em uma entidade, seja em sua qualidade de membro de determinada categoria, seja em termos de valor de algum atributo dessa entidade. Ex.: *Na maioria, que fala pela sua cabeça, sabe que os desastres são geralmente causados pelos otimistas, eufemismo para inocentes.*
- (f) Certeza (*certainty*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *conhecer*, e relaciona-se à certeza de uma pessoa (conhecedor) sobre a correção de crenças e expectativas. Ex.: *(...) é de que o voto deixe de ser apenas numa lista fechada de candidatos, de que geralmente só se conhece o cabeça da lista.*
- (g) Localizar (*locating*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *encontrar*, e caracteriza-se quando um percebedor determina a localização de uma entidade dentro de um terreno. Ex.: *Ao contrário das algas microscópicas que se encontram geralmente na base da cadeia alimentar marinha – que usam energia solar (...).*
- (h) Categorização (*categorization*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *identificar*, e é caracterizado por um agente que interpreta um item como

pertencente a uma categoria. Ex.: *Não tem nada a ver com aquilo que geralmente identificamos como um som português.*

- (i) Referir pelo nome (*referring by name*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo referir, e é caracterizado pelo falante que usa determinada forma linguística, um nome, para referir-se a uma entidade, que pode ser um objeto, um interlocutor ou alguém sobre quem ele está falando. Ex.: *Mais tarde a ser designada por Forças Armadas de Moçambique, embora fossem geralmente referidas pelas siglas FAM/FPLM.*

Assim como ocorreu no PB, também nos dados de PE correspondentes ao advérbio *geralmente* não foi possível detectar qualquer tipo de relação entre frames que permita algum tipo de generalização a respeito. Desta maneira, apesar da discrepância numérica verificada entre as construções com esse advérbio nas duas variedades, pode-se afirmar que ambas se comportam de maneira similar, visto que o advérbio estudado parece poder se associar a uma diversidade de frames.

Na próxima seção, apresentam-se os resultados referentes ao levantamento dos frames verbais em construções contendo o advérbio *raramente* no PB e no PE.

5.2.1.2 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio *raramente* no português brasileiro e no português europeu

Com relação ao PB, dada a diversidade de verbos e frames encontrados, a descrição dos resultados, ainda que seja explicitada de maneira mais completa pela TABELA 16, será feita somente em relação a frames com número de ocorrência igual ou superior a sete (7). Já em relação ao PE, por ser bem menor o número de ocorrências observadas, a descrição de verbos e frames será feita em sua totalidade. Conforme se procedeu na seção anterior, serão apresentadas as definições dos frames descritos, acompanhadas de um exemplo do corpus de estudo (CETENFolha ou CETENPúblico).

TABELA 16: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo o advérbio *raramente* no PB

variedade do português	número de ocorrências	verbo	frame
PB	13	ver	percepção (<i>perception</i>)
	9	ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)
	7	acontecer	evento (<i>event</i>)
	5	aparecer	tornar-se visível (<i>becoming visible</i>)
		chegar	chegar (<i>arriving</i>)
		encontrar	localizar/ considerar (<i>locating/regard</i>)
	4	falar	conversa (<i>chatting</i>)
		ficar	estado temporário (<i>temporary state</i>)
		usar (objeto)	uso (<i>using</i>)
		aplicar	uso (<i>using</i>)
		apresentar	dar a perceber (<i>cause to perceive</i>)
		escrever	contatar/ criar texto (<i>contacting/text creation</i>)
		3	avançar
	conseguir		conseguir (<i>getting</i>)
	dizer		afirmação (<i>statement</i>)
	errar		correção (<i>correctness</i>)
	existir		existir (<i>existence</i>)
	subir		forma do traçado (<i>path shape</i>)
	ter		posse/ inclusão (<i>possession/ inclusion</i>)
	tocar música		fazer barulho (<i>cause to make noise</i>)
trabalhar	trabalhar em (<i>working on</i>)		
PE	3	ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)
		ver	percepção (<i>perception</i>)
	2	conseguir	conseguir (<i>getting</i>)
		encontrar	localizar (<i>locating</i>)
		falar	conversar (<i>chatting</i>)
		ficar	estado temporário (<i>temporary state</i>)
		ouvir	percepção (<i>perception</i>)
saber	certeza (<i>certainty</i>)		

sair	movimento (<i>motion</i>)
ter	posse (<i>possession</i>)

Em relação ao PB, das 98 ocorrências observadas, verifica-se primeiramente a diversidade de frames encontrados (20). Os mais frequentes são:

- (a) Percepção (*perception*): com 13 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ver*, e caracteriza-se pela presença de agentes que têm experiências perceptivas, independentemente de pretenderem tê-las. Ex.: *Notícia que Li Min, filha mais velha do líder Mao Tse-tung, vive isolada em Pequim e raramente vê seu marido e dois filhos e estaria doente do coração.*
- (b) Performadores e papéis (*performers and roles*): com 9 ocorrências, é expresso pelo verbo *ser*, e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções determinadas para aquele papel particular. Ex.: *Os melhores amigos raramente são fáceis.*
- (c) Uso (*using*): com 9 ocorrências, esse frame é expresso nos dados pelos verbos *aplicar* e *usar*, e é caracterizado por um agente que manipula um instrumento visando a atingir um propósito. Ex.: *As penas raramente são aplicadas.*
- (d) Evento (*event*): com 7 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *acontecer*, e é caracterizado pela existência de um evento que tem lugar no espaço e no tempo. Ex.: *Na Câmara dos Comuns, eleita, o governo sempre tem maioria e só é derrotado se houver dissidências, o que raramente acontece.*

A partir do levantamento e da comparação entre os frames que mais ocorreram nas construções contendo o advérbio *raramente*, não foi possível encontrar relações entre frames, de acordo com por Ruppenhofer *et al.* (2010), situação que novamente indica a diversidade de usos possíveis de frames associados ao advérbio estudado.

Já os dados de PE, que totalizam 35 ocorrências observadas, apresentaram um total de 10 verbos relacionados a 9 frames. Os frames encontrados são os seguintes, apresentados em ordem decrescente:

- (a) Performadores e papéis (*performers and roles*): com 3 ocorrências no dados, é expresso pelo verbo *ser*, e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções

determinadas para aquele papel particular. Ex.: *O sexo raramente é mesmo espontâneo; o prazer vai-se aprendendo com a prática.*

- (b) Percepção (*perception*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ver*, e caracteriza-se por um contemplador que percebe um fenômeno. Ex.: *A residente acrescenta que as ruas raramente vêem água.*
- (c) Conseguir (*getting*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *conseguir*, e caracteriza-se quando um agente começa sem o tema em sua posse e depois vem a possuí-lo. Ex.: *O Estorjal, por seu lado, não fazia melhor. Raramente conseguira sair do seu meio campo e teve na consciência defensiva.*
- (d) Localizar (*locating*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *encontrar*, e caracteriza-se quando um percebedor determina a localização de uma entidade dentro de um terreno. Ex.: *Na Rússia actual, raramente se encontra um homem satisfeito.*
- (e) Conversar (*chatting*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *falar*, e caracteriza-se por um grupo de pessoas tendo uma conversação. Ex.: *O mais discreto é Peter Matthiessen, que raramente fala de si – e quanto teria para contar!*
- (f) Estado temporário (*temporary state*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ficar*, e caracteriza-se pela presença de um convidado que permanece em um local por algum tempo. Ex.: *As estatísticas desta unidade de saúde quase correspondem a um bombardeamento que raramente se fica pelas unidades das centenas.*
- (g) Experiência de percepção (*perception experience*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ouvir*, e caracteriza-se quando um contemplador tem uma experiência perceptual, independentemente de sua vontade. Ex.: (...) *de acontecimentos no âmbito nacional e internacional, “sobre os quais raramente é ouvido”.*
- (h) Certeza (*certainty*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *saber*, e relaciona-se à certeza de uma pessoa (conhecedor) sobre a correção de crenças e expectativas. Ex.: *Há vários problemas nos centros de Imprensa, os voluntários são simpáticos mas raramente sabem o que é preciso.*

- (i) Movimento (*motion*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *sair*, e é caracterizado por uma entidade que começa e um lugar e termina em outro, tendo para isso percorrido um espaço. Ex.: *Os restantes artistas expõem no Solar Santa Maria, com obras que raramente saem do desenvolvimento de poéticas próprias.*
- (j) Posse (possession): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ter*, e caracteriza-se por um proprietário que tem (ou não tem) a posse. Ex.: *Fazer respiração boca-a-boca a uma vítima de um ataque cardíaco raramente tem alguma utilidade e pode mesmo revelar-se perigoso.*

Assim como no PB, também os dados de PE revelam a diversidade de frames verbais aos quais o adverbial *raramente* pode associar-se. Exceto pela relação do tipo uso entre os frames “percepção” (*perception*) e “experiência de percepção” (*perception experience*), não foram encontradas outras relações entre os frames levantados. Pode-se afirmar, então, que o comportamento das duas variedades é similar no sentido de apontar para usos que se caracterizam pela diversidade. Feita a ressalva a respeito da discrepância numérica entre os dados de PB e PE, salienta-se ainda o fato de os frames “performadores e papéis” (*performers and roles*) e “percepção” (*perception*) serem os mais frequentes nas duas variedades do português.

A próxima seção mostra os resultados atinentes ao levantamento dos frames verbais em construções que contêm a locução adverbial *várias vezes* no PB no PE.

5.2.1.3 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no português brasileiro e no português europeu

Os resultados para PB e PE são apresentados através da TABELA 17, que explicita os números de ocorrência dos verbos, em ordem decrescente, em seguida apresenta os verbos encontrados e os frames a que pertencem. Em relação ao PB, em função da diversidade de verbos e frames encontrados, a descrição dos resultados, ainda que seja explicitada de maneira mais completa pela referida TABELA, será feita somente em relação a frames com número de ocorrência igual ou superior a oito (8). Em relação ao PE, tendo em vista que o número de construções observadas é bem menor, serão apresentados todos os verbos e os respectivos frames. Salienta-se que, da mesma forma com que vem se procedendo

com os dados exibidos anteriormente, serão apresentadas as definições dos frames descritos, acompanhadas de um exemplo do corpus de estudo (CETENFolha ou CETENPúblico).

TABELA 17: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial *várias vezes* no PB

variedades do português	número de ocorrências	verbo	frame	
PB	26	repetir	afirmação (<i>statement</i>)	
	21	dizer	afirmação (<i>statement</i>)	
	12	mudar	substituição (<i>replacing</i>)	
	9	tentar	tentativa (<i>attempt</i>)	
	8	telefonar	contatar (<i>contacting</i>)	
	7	citar	referir pelo nome (<i>referring by name</i>)	
			jogar	competir (<i>competition</i>)
			prender	prender (<i>arrest</i>)
			reclamar	protestar (<i>protest</i>)
			ver	percepção (<i>perception</i>)
	6		aparecer	tornar visível (<i>becoming visible</i>)
			capotar	perder algo (<i>losing it</i>)
			errar	correção/ avaliação moral (<i>correctness/ morality evaluation</i>)
			estar (em)	localizar (<i>locating</i>)
			ir	movimento (<i>motion</i>)
	5		ameaçar	prognóstico (<i>omen</i>)
			perguntar	questionar (<i>questioning</i>)
	4		contradizer-se	evidência (<i>evidence</i>)
			conversar	conversar (<i>chatting</i>)
			ênfatizar	transmitir importância (<i>convey importance</i>)
			falar	conversar (<i>chatting</i>)
			gritar	ruído de comunicação (<i>communication noise</i>)
			pedir	requerer (<i>request</i>)
			procurar	escrutínio (<i>scrutiny</i>)
			receber	receber (<i>receiving</i>)
			trabalhar	trabalhar em (<i>working on</i>)

	3	andar	movimento próprio (<i>self motion</i>)
		atravessar	movimento do corpo (<i>body movement</i>)
		bater	impacto (<i>impact</i>)
		discutir	discussão (<i>discussion</i>)
		disparar	uso de armas de fogo (<i>use firearms</i>)
		enfrentar	confrontar problemas (<i>confronting problem</i>)
		estar	estado temporário (<i>temporary state</i>)
		fazer	afetar intencionalmente (<i>intentionally affect</i>)
		interromper	interromper processo (<i>interrupt process</i>)
		ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)
		visitar	chegar (<i>arriving</i>)
PE	5	estar (em)	localização (<i>locating</i>)
	3	adiar	mudar horário de evento (<i>change event time</i>)
		fazer	afetar intencionalmente (<i>intentionally affect</i>)
		tentar	tentativa (<i>attempt</i>)
	2	acontecer	evento (<i>event</i>)
		afirmar	afirmação (<i>statement</i>)
		anunciar	afirmação (<i>statement</i>)
		capotar	perder algo (<i>losing it</i>)
		declarar	afirmação (<i>statement</i>)
		dizer	afirmação (<i>statement</i>)
		prometer	compromisso (<i>commitment</i>)
		referir	referir pelo nome (<i>referring by name</i>)
		visitar	chegar (<i>arriving</i>)

Em relação ao PB, das 220 construções analisadas, verifica-se primeiramente a expressiva diversidade de frames encontrados (35). Os mais frequentes são:

- (a) Afirmação (*statement*): com 47 ocorrências, é expresso nos dados pelos verbos *repetir* e *dizer*, e caracteriza-se por conter verbos e substantivos que comunicam o ato de um falante no sentido de endereçar uma mensagem a um destinatário. Ex.:

Segundo amigos do presidente, ele repetiu várias vezes que Ariosto era o filho homem que nunca teve.

- (b) Substituição (*replacing*): com 12 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *mudar*, e caracteriza-se por um agente alterar a posição de algo, colocando uma nova entidade no lugar anteriormente ocupado pela entidade removida. Ex.: *O candidato tucano mudou de opinião várias vezes sobre o assunto.*
- (c) Conversar (*chatting*): com 8 ocorrências, é expresso pelos verbos *conversar* e *falar*, e caracteriza-se pela existência de um grupo de interlocutores tendo uma conversa. Ex.: *Beatriz conversou com Leonardo várias vezes, na terça-feira.*
- (d) Contatar (*contacting*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *telefonar*, e é caracterizado pela existência de uma agente (cuja localização pode ser indicada) que dirige uma comunicação a um destinatário em um determinado endereço. Ex.: *A deputada Raquel Cândido (PTB-RO), mesmo hospitalizada, telefonou várias vezes ao presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA).*

Realizados o levantamento e a comparação entre frames que constam nas construções contendo a locução adverbial estudada, foi possível perceber a existência de relações entre frames. Ao se buscar as relações estabelecidas nas descrições de cada um dos frames citados na tabela, encontraram-se afinidades entre alguns deles entre si, assim como com outros frames cujos verbos não fazem parte do corpus de estudo. Dentre elas, pretende-se destacar uma relação detectada, porém não explicitada no Projeto FrameNet da maneira como os dados dessa pesquisa permitem fazê-la. O QUADRO 12 explicita algumas relações tal como descritas no projeto FrameNet:

QUADRO 13: Alguns frames encontrados no levantamento referente a construções que contêm a locução adverbial *várias vezes* no PB e suas relações com outros frames, segundo o Projeto FrameNet

frame	tipo de relação	frame(s) relacionado(s)
afirmação (<i>statement</i>)	herdado por	queixar-se (<i>complaining</i>); registrar (<i>recording</i>); revelar segredo (<i>reveal secrets</i>); dizer (<i>telling</i>)
	usa	comunicação (<i>communication</i>)
	é usado por	aduzir (<i>adducing</i>); informação atribuída (<i>attributed information</i>); conversar (<i>chatting</i>); comunicação de juízo (<i>judgement communication</i>); informação não-atribuída (<i>unattributed information</i>)
contatar (<i>contacting</i>)	usa	comunicação (<i>communication</i>)
referir pelo nome (<i>referring by name</i>)	herdado por	(<i>labeling</i>)
	usa	ser nomeado (<i>being named</i>)
	é usado por	conseguir atenção (<i>getting attention</i>)
protestar (<i>protest</i>)	usa	tomar partidos (<i>take sides</i>)
questionar (<i>questioning</i>)	usado em	comunicação (<i>communication</i>)
	usado por	exame do tribunal (<i>court examination</i>)
requerer (<i>request</i>)	herdado por	entidade de solicitação (<i>request entity</i>)
	usa	comunicação (<i>communication</i>)
evidência (<i>evidence</i>)	usa	explicar os fatos (<i>explaining the facts</i>); assinalar (<i>sign</i>)
conversar (<i>chatting</i>)	herda de	reciprocidade (<i>reciprocity</i>)
	usa	afirmação (<i>statement</i>)
	é herdado por	discussão (<i>discussion</i>)
transmitir importância (<i>convey importance</i>)	usa	comunicação (<i>communication</i>)
discussão (<i>discussion</i>)	herda de	conversar (<i>chatting</i>)
	usa	comunicação (<i>communication</i>)
	é usado por	deliberação do júri (<i>jury deliberation</i>);
ruído de comunicação (<i>communication noise</i>)	herda de	comunicação (<i>communication</i>)
	usa	fazer barulho (<i>make noise</i>)

Observa-se, portanto, que as relações descritas pelo Projeto FrameNet entre os frames destacados são, basicamente, relações de generalização, envolvendo herança e uso. Segundo Fillmore e Baker (2001), a herança caracteriza-se pelo fato de elementos do frame pai estar presentes no frame filho, ou seja, este é um subtipo daquele. Já o uso caracteriza-se

quando um frame mais específico remete-se a um frame mais esquemático, necessitando do conhecimento de *frame de background*⁷⁴ referente ao mais abstrato. Conforme já referido, muitos dos frames relacionados não fazem parte do corpus estudado. Por outro lado, as relações descritas no projeto parecem também não abarcar completamente o que se verifica com as construções que contêm a locução adverbial *várias vezes* no PB.

Ocorre que, ao se retomar o número de ocorrências que corresponde aos verbos pertencentes aos frames apresentados no QUADRO 12, chega-se a um número de 103 construções, número que corresponde a 46,81% das construções analisadas nessa etapa do estudo. Atente-se para os verbos que fazem parte desses frames (aqui apresentados segundo sua frequência nos dados): repetir; dizer; telefonar; citar; reclamar; perguntar; contradizer-se; conversar; enfatizar; falar; gritar; pedir; discutir. Pode-se afirmar que todos os verbos destacados envolvem, de maneira própria, um ato de comunicação⁷⁵. Ao se buscar, no Projeto FrameNet, as relações estabelecidas pelo/com esse frame, percebe-se que essas são descritas como sendo do tipo herança, perspectiva e uso. Entretanto, nessa descrição não constam todos os frames listados a partir do conjunto de dados que se estuda, e conseqüentemente os verbos correlatos. A seguir, apresenta-se a relação, entre os frames citados, daqueles que constam e daqueles que não constam na descrição do frame de comunicação no Projeto FrameNet:

- (a) Constam: afirmação (*statement*); contatar (*contacting*); questionar (*questioning*); requerer (*request*); transmitir importância (*convey importance*); discutir (*discussion*); ruído de comunicação (*make noise*)
- (b) Não constam: referir pelo nome (*referring by name*); protestar (*protest*); evidência (*evidence*).

Saliente-se que todos os frames, citados no item (a), que são relacionados pelo Projeto ao frame de comunicação, estabelecem uma relação de generalização do tipo uso, mais especificamente, comunicação (*communication*) é usado por esses frames.

O levantamento feito por esta pesquisa, portanto, permite postular que as relações do frame de comunicação (*communication*), à medida que forem descritas a partir de dados do PB, sejam ampliadas também para os frames citados que não constam naquela lista de

⁷⁴ Conforme explicado no referencial teórico desta tese, a dificuldade em traduzir adequadamente o termo *background frame* conduziu à opção de simplesmente inverter os termos do inglês, buscando adaptar as palavras do inglês à ordem típica do português.

⁷⁵ Os verbos *telefonar* e *gritar* foram incluídos na lista por terem, nas construções onde constam, um sentido que pressupõe um interlocutor, podendo assim evocar a ideia de comunicação.

relações. A justificativa parece estar na própria definição dos frames citados no item (b), definições estas que fazem parte do Projeto FrameNet.

No frame “referir pelo nome” (*referring by name*), o falante usa determinada forma linguística, um nome, para referir-se a uma entidade, que pode ser um objeto, um interlocutor ou alguém sobre quem ele está falando. No frame “protestar” (*protest*), um agente expressa uma opinião contrária a determinado tema de maneira incisiva. No frame de “evidência” (*evidence*), um fenômeno ou fato dá suporte para se afirmar algo, a proposição, na qual um domínio de relevância será expresso (ainda que, por vezes, algumas palavras desse frame possam ser usadas em um sentido não comunicativo, mas epistêmico). Em outras palavras, pelo menos em determinados usos dos verbos encontrados (e seus respectivos frames), não parece ser possível que a situação descrita no verbo de fato ocorra sem que uma situação de comunicação também ocorra. Para sustentar a postulação de uma visão mais ampliada do frame de comunicação (*communication*) para o PB, foram retirados do corpus os seguintes exemplos:

- (a) *Ricupero citou várias vezes Deus e a «obra da Criação» para dizer que «o plano só poderá alcançar a plenitude do êxito se cada brasileiro o assumir como coisa sua».*
- (b) *Mas o coordenador de campanha, Cândido Vaccarezza, reclamou várias vezes do desempenho do candidato.*
- (c) *Cláudio se contradisse várias vezes nas declarações ao juiz César Laboissière.*

Assim, esse levantamento permitiu perceber que, em dados extraídos de corpus escrito do PB, o adverbial *várias vezes* aparece preferencialmente em construções cujo verbo relaciona-se (em uma relação de generalização do tipo uso) com o frame de comunicação (*communication*). Ao se considerar os demais frames encontrados, não foi possível identificar outras relações.

Já em relação ao PE, foram observadas 32 construções, das quais foram levantados 13 verbos relacionados a 8 frames. A seguir, apresentam-se os frames encontrados, em ordem decrescente:

- (a) Afirmação (*statement*): com 8 ocorrências, é expresso nos dados pelos verbos *afirmar, anunciar, declarar e dizer*, e caracteriza-se por conter verbos e substantivos que comunicam o ato de um falante no sentido de endereçar uma mensagem a um

destinatário. Ex.: *Nós dissemos várias vezes que a prisão se deveria tornar num museu nacional.*

- (b) Localizar (*locating*): com 5 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *estar (em)*, e caracteriza-se quando um percebedor determina a localização de uma entidade dentro de um terreno. Ex.: *A Polícia Judiciária do Porto confirmou que Kirkegaard esteve várias vezes no Brasil e que o procurado foi seguido de perto na Venezuela.*
- (c) Mudar tempo de evento (*change event time*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *adiar*, e é caracterizado por um agente ou causa alterar o tempo de um evento. Ex.: *Uma revolução tal que a A8 e mais os seus acessos, várias vezes prometidos e várias vezes adiados, nem sequer entrariam em serviço.*
- (d) Afetar intencionalmente (*intentionally affect*): com 19 ocorrências nos dados, é expresso pelo verbo *fazer*, e é definido pela presença de um agente que causa algo a um paciente, que é afetado, pelo uso de um instrumento ou por determinado meio. Ex.: *Qualquer participante do Midem podia fazer várias vezes a volta ao mundo da música sem um único ponto morto.*
- (e) Evento (*event*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *acontecer*, e é caracterizado pela existência de um evento que tem lugar no espaço e no tempo. Ex.: *Já me aconteceu várias vezes, sobretudo em lojas de electrodomésticos, afirmou.*
- (f) Compromisso (*commitment*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *prometer*, e define-se quando um falante faz um compromisso com outro no sentido de realizar uma ação futura, desejada ou não pelo destinatário. Ex.: *Uma revolução tal que a A8 e mais os seus acessos, várias vezes prometidos e várias vezes adiados, nem sequer entrariam em serviço.*
- (g) Referir pelo nome (*referring by name*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados, pelo verbo *referir*, e é caracterizado pelo falante que usa determinada forma linguística, um nome, para referir-se a uma entidade, que pode ser um objeto, um interlocutor ou alguém sobre quem ele está falando. Ex.: *Reininho esforçou-se por minimizar as férias de criança. Referiu várias vezes que as férias importantes tinham sido depois, quando se libertou.*
- (h) Chegada (*arriving*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *visitar*, e caracteriza-se quando uma entidade move-se em direção a um objetivo. Ex.: *Depois,*

durante o mês de recuperação em que esteve em casa, terá sido várias vezes visitada por um superior hierárquico que a ameaçava com despedimento.

Os dados do PE obtidos a partir de construções que contêm o adverbial *várias vezes* mostram uma tendência similar à verificada nos dados de PB. Nessas construções, o frame mais frequente é “afirmação” (*statement*), que estabelece uma relação de generalização do tipo uso com o frame “comunicação” (*communication*), segundo Ruppenhofer *et al.* (2010), correspondendo a 25% do total dos dados dessa variedade. Assim, parece haver, tanto no PB quanto no PE, uma preferência no sentido esse adverbial ocorra em construções cujos verbos relacionem-se a esse frame.

Na próxima seção, explicitam-se os resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB e no PE.

5.2.1.4 Resultado do levantamento de frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no português brasileiro e no português europeu

Os resultados são apresentados através da TABELA 18, que contém os números de ocorrência dos verbos, em ordem decrescente, apresentando os verbos encontrados e os frames a eles que pertencem. Tanto em relação ao PB quanto ao PE, dada a pequena quantidade de construções analisadas, serão apresentados todos os verbos e os respectivos frames. Da mesma forma com que vem se procedendo com os dados exibidos anteriormente, serão apresentadas as definições dos frames descritos, acompanhadas de um exemplo do corpus de estudo (CETENFolha ou CETENPúblico).

TABELA 18: Resultados do levantamento dos frames verbais encontrados em construções contendo a locução adverbial *algumas vezes* no PB

variedade do português	número de ocorrências	verbo	frame	
PB	7	dizer	afirmação (<i>statement</i>)	
	5	ser	performadores e papéis (<i>performers and roles</i>)	
	4	errar	correção/ avaliação moral (<i>correctness/ morality evaluation</i>)	
	3	conversar	conversar (<i>chatting</i>)	
		gritar	ruído de comunicação (<i>communication noise</i>)	
		jogar	competição (<i>competition</i>)	
		ouvir	experiência de percepção (<i>perception experience</i>)	
		repetir	afirmação (<i>statement</i>)	
		sair	movimento (<i>motion</i>)	
		acontecer	evento (<i>event</i>)	
	PE	2	chegar	chegada (<i>arriving</i>)
		1	descair-se	X ⁷⁶
		encontrar	localização (<i>locating</i>)	
		interromper	interromper processo (<i>interrupt process</i>)	
negar		impedir de ter (<i>prevent from having</i>)		
sentir		experiência de percepção (<i>perception experience</i>)		
substituir		substituição (<i>replacing</i>)		
subverter		subversão (<i>subversion</i>)		
utilizar		uso (<i>using</i>)		

Para as construções do PB, das 37 ocorrências analisadas, apesar de certa diversidade nos frames (8), também é possível apontar para algumas relações. Os frames encontrados são os seguintes, apresentados em ordem decrescente:

⁷⁶ Dentre os frames descritos pelo Projeto Framenet não foi encontrado um frame que compreendesse essa construção.

- (a) Afirmação (*statement*): com 10 ocorrências, é expresso nos dados pelos verbos *dizer* e *repetir*, e caracteriza-se por conter verbos e substantivos que comunicam o ato de um falante no sentido de endereçar uma mensagem a um destinatário. Ex.: «*O Estado de S.Paulo*» – *Prezado presidente, a primeira versão do seu programa de governo dizia que o combate à inflação demoraria três, quatro anos, mas nos palanques da campanha o sr. algumas vezes disse que a inflação havia acabado.*
- (b) Performadores e papéis (*performers and roles*): com 5 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ser*, e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções determinadas para aquele papel particular. Ex.: *Algumas vezes, o acidente é grave (...).*
- (c) Correção/ avaliação moral (*correctness/ morality evaluation*): com 4 ocorrências, esses frames são expressos nos dados pelo verbo *errar*, e caracterizam-se quando (i) uma parte de uma informação é avaliada por sua precisão; (ii) algo é descrito por um juiz com relação à moralidade ou acerto de seu comportamento. Ex.: «*Nada tenho de novo para ensinar ao mundo. A verdade e a não-violência são tão antigas quanto as montanhas. Tudo o que tenho feito é tentar praticá-las na escala mais vasta que me é possível. Assim fazendo, errei algumas vezes e aprendi com meus erros.* »
- (d) Conversar (*chatting*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *conversar*, e é definido pela existência de um grupo de interlocutores tendo uma conversa. Ex.: *Lula já conversou algumas vezes sobre a sucessão com o ex-governador do Paraná (...).*
- (e) Ruído de comunicação (*communication noise*): com 3 ocorrências nos dados, é expresso nos dados pelo verbo *gritar*, e é caracterizado por conter palavras para tipos de ruídos; na comunicação, envolve um falante que, através do ruído, produz uma mensagem endereçada a um destinatário. Ex.: *Não pisaram da bola, e, algumas vezes, quase gritei «olé».*
- (f) Competição (*competition*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *jogar*, e relaciona-se à ideia de que pessoas participam de uma atividade governada por regras pré-estabelecidas, com o intuito de obter um resultado vitorioso. Ex.: «*Teve algumas vezes que joguei no São Paulo na lateral-esquerda(...)*», afirmou o jogador.

- (g) Experiência de percepção (*perception experience*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *ouvir*, e caracteriza-se conter palavras que expressam a experiência perceptuais que pessoas tiveram. Ex.: *Algumas vezes, pode-se aproveitar a sombra e ouvir trios e quartetos de música cubana.*
- (h) Movimento (*motion*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *sair*, e é caracterizado por uma entidade, que começa em um lugar e termina em outro, tendo percorrido um espaço entre esses dois lugares. Ex.: *O atacante Edmundo saiu algumas vezes à noite com Dener nas últimas semanas.*

Para as construções do PE, das 13 ocorrências analisadas, foram levantados 11 verbos relacionados a 9 frames. Os frames encontrados são os seguintes, apresentados em ordem decrescente:

- (a) Evento (*event*): com 3 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *acontecer*, e é caracterizado pela existência de um evento que tem lugar no espaço e no tempo. Ex.: *No atual sistema de reuniões quinzenais aconteceu algumas vezes que nenhuma delas coincide com o final do mês.*
- (b) Chegada (*arriving*): com 2 ocorrências, é expresso nos dados pelo verbo *chegar*, e caracteriza-se quando uma entidade move-se em direção a um objetivo. Ex.: *Quem tem assim tanta gente perto do pódio há-de lá chegar algumas vezes.*
- (c) Localizar (*locating*): com 1 ocorrência, é expresso nos dados pelo verbo *encontrar*, e caracteriza-se quando um percebedor determina a localização de uma entidade dentro de um terreno. Ex.: *Encontrei-o ainda algumas vezes em Lisboa.*
- (d) Interromper processo (*interrupt process*): com 1 ocorrência, é expresso nos dados pelo verbo *interromper*, e caracteriza-se quando um agente ou uma causa faz parar um processo em curso. Ex.: *O sol começou a ser ocultado pela Lua, numa visão que as nuvens algumas vezes interrompiam.*
- (e) Impedir de ter (*prevent from having*): com 1 ocorrência, é expresso nos dados pelo verbo *negar*, e é caracterizado quando um agente ou causa previne um protagonista de ter algo de que ele necessita ou que ele quer. Ex.: *Com a superioridade atribuída às equipas da A1 a ser já algumas vezes negada, as formações da A2 estão a protagonizar algumas surpresas.*

- (f) Experiência de percepção (*perception experience*): com 1 ocorrência, é expresso nos dados pelo verbo *sentir*, e caracteriza-se quando um contemplador tem uma experiência perceptual, independentemente de sua vontade. Ex.: *Em criança senti algumas vezes fome e fui vestido mais que uma vez pela coletividade.*
- (g) Substituição (*replacing*): com 1 ocorrência, é expresso nos dados pelo verbo *substituir*, e caracteriza-se por um agente alterar a posição de algo, colocando uma nova entidade no lugar anteriormente ocupado pela entidade removida. Ex.: *Algumas vezes substituo essa forma de aplauso por um suspiro.*
- (h) Uso (*using*): com 1 ocorrência, esse frame é expresso nos dados pelo verbo *utilizar*, e é caracterizado por um agente que manipula um instrumento visando a atingir um propósito. Ex.: *Seguro centrou a sua intervenção nas críticas a Marcelo e Portas, utilizando algumas vezes a expressão “esta direita” para se lhes referir.*

Os dados de PE mostram uma ocorrência diversificada de verbos e frames. Não foram encontradas relações entre os frames levantados.

Na comparação entre PB e PE, pode-se afirmar que, na primeira variedade, apesar da diversidade de frames encontrados, verifica-se uma maior frequência ligada aos frames “afirmação” (*statement*) e “conversar” (*chatting*), ambos relacionados ao frame “comunicação” (*communication*), pois foram 13 as construções nas quais verbos desse tipo apareceram, o que corresponde a 35,13% dos dados. Na segunda variedade, não é possível estabelecer relações entre os frames encontrados.

A seguir, passa-se à discussão dos dados descritos à luz do referencial teórico.

5.2.2 Discussões sobre frames verbais

A descrição e análise dos frames verbais foram feitas, nesta tese, com o intuito de melhor apreender o contexto em que os advérbios pesquisados ocorrem. A ideia é a de que um conhecimento mais aprofundado dos elementos que fazem parte das construções juntamente com os advérbios contribuirá para reflexões mais aprofundadas sobre as interconexões estabelecidas entre eles, conseqüentemente, sobre as construções em si.

Assim, na seção anterior, foram apresentados os números de ocorrência de verbos, associados aos frames aos quais pertencem, encontrados no levantamento feito nas

construções de PB e PE observadas neste estudo. Após um levantamento preliminar, constatou-se uma grande diversidade de verbos e frames, fato que conduziu à decisão de se excluir verbos cuja ocorrência fosse igual ou menor a duas (considerando-se os dados de cada adverbial separadamente). Depois desse recorte, os verbos e seus respectivos frames foram organizados em ordem decrescente (novamente considerando-se cada adverbial em separado) para se proceder a uma análise do conteúdo, das especificações de cada frame com o objetivo de se encontrar relações entre eles.

A análise e a comparação entre frames foram pautadas pela classificação proposta por Ruppenhofer *et al.* (2010), associadas às definições de Fillmore e Baker (2001) para cada tipo de relação entre frames. Vale lembrar que, segundo estes autores, são oito os tipos de relações entre frames, divididos, por sua vez, em três grupos: (a) relações de generalizações (que compreendem as relações de herança, perspectiva e uso); (b) relações de estrutura de evento (que compreendem as relações designadas como subframe e precedência); e (c) relações sistemáticas (que compreendem as relações causativas e incoativas). A perspectiva teórica adotada está baseada, portanto, em um dos princípios fundamentais da Linguística Cognitiva, segundo o qual o conhecimento humano, e mais especificamente o conhecimento linguístico, é organizado como rede (CROFT e CRUSE, 2004), havendo múltiplas e recíprocas relações entre elementos.

Por isso, a ideia de frame contribui para esta tese no sentido de demonstrar que os significados das palavras, bem como as cenas a que elas se vinculam, possuem uma estrutura que permite sua apresentação pelo falante e recuperação/ interpretação pelo interlocutor. Os frames são estruturas conceituais organizadas em rede e o uso de uma palavra tem o poder de evocar o frame (FILLMORE, 2006; PETRUCK, 1996). Da mesma forma, a existência de relações entre frames implica também uma organização em rede, contribuindo para uma melhor compreensão dos significados (FILLMORE, JOHNSON e PETRUCK, 2003). De acordo com Ruppenhofer *et al.* (2010), o estudo das relações entre frames colabora para um entendimento mais aprofundado dos próprios frames envolvidos.

Nesse contexto, portanto, procedeu-se ao levantamento, análise e comparação dos frames verbais. Tanto a descrição quanto a análise obedeceram a dois critérios de organização dos resultados: apresentaram-se os dados referentes a cada adverbial e, dentro dessa apresentação, constavam os frames encontrados nos dados de PB e PE. Assim, ao se observar os resultados para determinado adverbial, já foi possível comparar os resultados

correspondentes a cada variedade. Da mesma maneira procede-se em relação às discussões apresentadas nesta seção.

Em relação às construções contendo o advérbio *geralmente*, foram analisadas 363 construções do PB e 35 construções do PE. Encontrou-se uma grande diversidade de frames tanto nos dados de PB quanto de PE. Para os dados de ambas as variedades, não foram encontradas relações entre frames, o que confirma a diversidade de possibilidades de combinações desse advérbio em relação a frames. Porém, mesmo assim é possível fazer algumas considerações sobre os achados.

Nos dados de PB, possivelmente devido ao fato de o número de ocorrências analisadas ser consideravelmente grande, e apesar da diversidade já citada, foi possível constatar alguns aspectos importantes. Primeiramente, destacam-se as construções nas quais consta o frame *performadores e papéis (performers and roles)*, com 88 ocorrências (correspondendo a 24,24% das construções observadas e a 14,74% de todas as construções do PB que contêm esse advérbio). É expresso nos dados pelo verbo *ser* e é definido pela presença de um performador que tem certo papel em uma performance e desempenha sua parte, seguindo instruções determinadas para aquele papel particular. Também teve frequência expressiva nos dados o frame *afetar intencionalmente (intentionally affect)*, com 19 ocorrências. Verificado nos dados pela presença do verbo *fazer*, é definido pela existência de um agente que causa algo a um paciente, que é afetado, pelo uso de um instrumento ou por determinado meio.

As construções de PE, ainda que em número bem menor, apontam para o mesmo sentido na comparação com o PB. Ocorre que os dois frames mais frequentes, citados anteriormente, são os mesmos nas duas variedades. Isso aponta para comportamentos análogos no PB e no PE em termos das combinações preferidas verbo-advérbio.

Em relação ao advérbio *raramente*, foram analisadas 98 construções do PB e 22 do PE. Novamente, foi encontrada uma considerável diversidade de frames tanto nos dados de PB e PE; assim como não foram identificadas relações entre frames, ratificando a diversidade de possibilidades de combinações desse advérbio em relação a frames.

Ao se considerar os mais frequentes em cada variedade, foram identificados dois frames: *percepção (perception)* e *performadores e papéis (performers and roles)*. O primeiro é expresso nos dados das duas variedades pelo verbo *ver* e caracteriza-se pela presença de agentes que têm experiências perceptivas, independentemente de pretenderem tê-las. O

segundo, já definido anteriormente, é expresso em ambas as variedades pelo verbo *ser*. Percepção é o frame mais frequente nos dados de PB (com 13 ocorrências), enquanto os dois frames apresentam o mesmo número de ocorrência no PE (3).

Em relação à locução adverbial *várias vezes*, foram observadas 220 construções do PB e 32 do PE. Mais uma vez, constatou-se a diversidade de frames encontrados em ambas as variedades. Entretanto, nos dados referentes a esse adverbial foram encontradas relações entre os seguintes frames: afirmação (*statement*); contatar (*contacting*); questionar (*questioning*); requerer (*request*); transmitir importância (*convey importance*); discutir (*discussion*); ruído de comunicação (*make noise*); referir pelo nome (*referring by name*); protestar (*protest*); evidência (*evidence*), todos descritos e exemplificados na seção anterior. Os dados dessa pesquisa permitem afirmar que todos esses frames estabelecem uma relação de generalização do tipo uso com o frame comunicação (*communication*).

Não é o intuito dessa tese explorar em detalhes a relação estabelecida entre esses frames reciprocamente e com o frame comunicação (*communication*). Porém, é pertinente destacar alguns de seus elementos desse frame. Ele é definido pela presença de um comunicador que transmite uma mensagem a um destinatário, que pode dar-se através de vários meios e abordando qualquer tópico. No Projeto FrameNet, é definido como um frame geral que pode abranger certas especificidades, tais como a maneira como se comunica (ex.: sussurro) ou o meio de transmissão (ex.: gestos).

A relação de generalização do tipo uso caracteriza-se quando um frame mais específico faz referência a um frame mais abstrato, sendo o conhecimento do mais abstrato necessário para a compreensão do mais específico (FILLMORE e BAKER, 2001). Assim, a presença do comunicador e destinatário, bem como a efetiva transmissão de mensagem, estão implicadas na afirmação, no contato, no questionamento, na ênfase, na discussão e em todas as situações descritas pelas unidades lexicais que compõem os frames citados anteriormente.

Primeiramente, é importante destacar que tanto as estruturas internas dos frames quanto as relações entre eles têm como base processos cognitivos de categorização e esquematização (LANGACKER, 1987; GEERAERTS e CUYCKENS, 2007). A categorização é o processo que permite que elementos sejam avaliados e agrupados segundo determinados critérios (BYBEE, 2010), enquanto que a esquematização é o processo que permite a criação de uma categoria mais abstrata, “uma estrutura integrada que personifica a comunhão de seus membros” (LANGACKER, 1987, p 371). Em outras palavras, a categorização atua para agrupar unidades lexicais e frames por terem eles alguns elementos

comuns; e a esquematização gera a abstração (podendo, inclusive, dar ensejo aos frames complexos, de acordo com Ruppenhofer *et al.*, 2010).

Assim, as relações entre frames de um modo geral, bem como a que agora se discute, resultam do “agrupamento” de certas vivências ligadas à comunicação, o que permite que se perceba os elementos comuns a essas vivências, resultando num frame maior e que de certa forma abarca os demais citados, o próprio frame comunicação. Tem-se como consequência a definição de certas características dos frames relacionados como elementos prototípicos (ROSCH, 1975, 1977, 1978) desses frames e do frame de comunicação.

Ainda que todos os frames citados tenham como seus elementos um comunicador, um destinatário e a transmissão de uma mensagem (elementos considerados centrais), a cada unidade lexical presente nos frames caberá enfatizar determinado atributo ou especificidade da comunicação. Por exemplo: enquanto no frame requerer (*request*), o falante pede ao destinatário algo ou a realização de algo; no frame questionar (*questioning*), o falante pede ao destinatário que responda a uma pergunta. Em ambos os casos, os elementos prototípicos (comunicador, destinatário e mensagem) estão presentes, a diferença encontra-se no conteúdo da solicitação que é feita ao destinatário.

Então, a escolha do falante, no momento da enunciação, entre pedir e perguntar, é resultado de um perfilamento, de uma tomada de perspectiva (LANGACKER, 1987; TALMY, 2000; BRISARD, 2002). De acordo com Fillmore e Baker (2001, p. 317-18), afirmar que uma unidade lexical tem o poder de evocar o frame significa dizer que essa palavra “perfila algum aspecto ou componente desse frame”. Comparativamente, o elemento saliente (o trajetor) parece ser justamente o conteúdo da solicitação, conforme já referido. Também nesse sentido está presente a subjetividade do falante que, ao conceptualizar dada situação, realiza certas escolhas que ele considera adequadas para o evento de fala e, assim, estrutura a cena de uma maneira específica (LANGACKER, 1987; CROFT e CRUSE, 2004).

Além dessa relação entre frames, não foram identificadas outras a partir de dados do PB. Os dados de PE, em número bem menor (22 construções) também apontam para um uso mais frequente de unidades lexicais e frames mais específicos ligados ao frame comunicação. Nesse caso, trata-se dos frames afirmação (*statement*), do qual foram encontrados os verbos *afirmar*, *anunciar*, *declarar* e *dizer*; e compromisso (*commitment*), do qual foi encontrado o verbo *prometer*. As duas variedades seguem tendência pelo menos semelhante no que se refere à combinação advérbio-verbo nas construções estudadas.

Ainda refletindo-se sobre o tipo de relação entre os frames levantados com o frame comunicação – relatada no Projeto FrameNet como sendo de generalização do tipo uso –, essa relação configura-se como do tipo herança (FILLMORE e BAKER, 2001). A herança caracteriza-se pela presença de elementos do frame pai nas configurações do frame filho, sem que o contrário necessariamente ocorra. Essa definição parece se adequar bem aos dados relatados, pois em todos os casos os elementos referidos como prototípicos estão presentes. Segundo esses autores, essa seria a mais forte relação entre os frames.

Em relação à locução adverbial *algumas vezes*, foram analisadas 37 construções do PB e 13 do PE. O pequeno número de construções em ambas as variedades dificulta sobremaneira qualquer afirmação sobre preferências ligadas aos frames encontrados, bem como de relações entre eles.

Nos dados de PB, tal como ocorreu com as construções que contêm *várias vezes*, foram encontrados alguns frames relacionados ao frame de comunicação. São eles: afirmação (*statement*), através dos verbos *dizer* e *repetir*; conversar (*chatting*), através do verbo *conversar*; e ruído de comunicação (*communication noise*), através do verbo *gritar*. Consequentemente, todas as reflexões a respeito das relações entre frames realizadas em relação às construções contendo *várias vezes* também se aplicam para este caso. Já as construções do PE, por outro lado, não permitem identificar relações entre frames, considerando-se a diversidade de frames encontrados e o pequeno número de construções nessa variedade.

Neste ponto, cabe então passar a refletir a respeito da relação entre os resultados de medidas descritivas, apresentadas no capítulo anterior, e os resultados do levantamento dos frames verbais contidos nas construções. Em outras palavras, cabe estabelecer relações entre os resultados de medidas descritivas, mais especificamente as referentes à variável *tempo verbal*, e os resultados do levantamento de frames. É o que se apresentará na próxima seção.

5.2.3 Discussões sobre relações entre as variáveis quantitativas e os frames verbais encontrados nas construções

No que se refere às medidas descritivas, é preciso lembrar que, de um modo geral, PB e PE apresentaram comportamentos semelhantes para todas as variáveis. As exceções são a variável posição, visto que os adverbiais apresentam diferentes posições preferenciais, traduzidas em percentuais de frequência. Isso mostra que, ainda que cada um dos adverbiais estudados em cada variedade apareça preferencialmente em uma posição, em todos os casos há um posição preferida. Além disso, no PE, a oração subordinada preferida nas construções contendo o adverbial *algumas vezes* foi a do tipo substantiva, contrariando os demais casos, em que a preferência foi por adjetivas.

Em relação ao tempo verbal, o comportamento das variedades também se revelou semelhante. Em construções contendo *geralmente* e *raramente*, verificou-se a preferência pelo tempo presente do indicativo. Conforme já referido na seção 2.3.2, esse tempo caracteriza-se pela imperfectividade e uma das interpretações possíveis à construção onde consta essa conjugação é a de que a situação descrita pelo verbo constitui um hábito (LEECH, 1971; COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1981; BINNICK, 1991; CUNHA, 2006).

No caso do advérbio *geralmente* o frame mais frequente foi performers e papéis (*performers and roles*), como 88 ocorrências do verbo *ser*. Ao se observar somente as construções em que o frame ocorria associado ao advérbio, verificou-se, categoricamente, que todas as ocorrências desse verbo são conjugadas no presente do indicativo. Assim, tem-se de um lado um tempo verbal que favorece a interpretação habitual e, de outro, tem-se um frame que é caracterizado pela presença de um performer que tem determinado desempenho, seguindo certas instruções para aquele desempenhar papel particular. Ainda que se possa contra-argumentar que o índice de ocorrência de presente do indicativo nesse caso é alto (82,93%), e que portanto há tantos outros verbos conjugados nesse tempo, o que ocorre é a interação entre o verbo *ser* (como instância de seu frame) e o tempo verbal citado. Entende-se que, no caso específico dessas construções, esses elementos contribuem para a interpretação habitual, que é perspectivizada pela presença do advérbio, como se observa nos exemplos a seguir:

(63) *Geralmente* as pistas novas são macias demais.

(64) As pessoas interessadas em comprar meu trabalho *geralmente* são de museus.

A mesma relação pode ser postulada a partir dos dados do PE. Das 13 ocorrências do verbo *ser*, que representa o frame performadores e papéis, 12 foram conjugadas no presente do indicativo. Salienta-se que o propósito de comparações desse tipo não é fazer uma comparação exaustiva entre frames e tempo verbal, inclusive porque a grande variedade de frames encontrados nessas construções dificultaria muito o encontro de regularidades. Entretanto, dado o expressivo índice (100%) encontrado nesta comparação, entende-se ser pertinente destacar a correlação.

Em relação ao advérbio *raramente*, tanto no PB quanto no PE os frames encontrados são muito diversificados. Portanto, não foi constatada preponderância de um frame nos dados, tampouco relações entre eles que os permitissem ser agrupados em superframes, o que impediu a realização de comparações entre os resultados de medidas descritivas e o resultado do levantamento dos frames.

Já em relação à locução adverbial *várias vezes*, verificou-se que a maioria das construções observadas continha o frame comunicação, que, por sua vez, estabelece relações de generalização dos tipos uso e herança com outros frames apresentados na seção 5.2.1. No total, foram identificadas 103 construções que contendo verbos que pertencem a esse frame (46,81% das construções observadas nesta etapa do trabalho). Por isso, procedeu-se da mesma forma, buscando relacionar as ocorrências desses verbos dentro do tempo verbal mais frequente nos dados: pretérito perfeito do indicativo. Desta maneira, foram encontradas 84 ocorrências em que verbos vinculados ao frame comunicação foram conjugados no pretérito perfeito do indicativo (81,55% das 103 construções observadas). A seguir, apresentam-se exemplos:

(61) Para testar o conhecimento de Buarque sobre Brasília, Campello perguntou *várias vezes* sobre endereços.

(62) Durante a campanha, Rossi repetiu *várias vezes* que seu programa de governo estava na Bíblia.

De acordo com Cunha (2006), construções frequentativas não têm seu perfil aspectual básico alterado pela pluralização de eventos. O alto índice de verbos pertencentes ao frame de comunicação e conjugados no pretérito perfeito do indicativo (TRAVAGLIA, 1981; ILARI, 1992; BINNICK, 1991; CUNHA, 2006) é um indício da presença de construções de

discurso reportado nas quais se usa adverbial para dar a ideia de frequência, da repetição do discurso ou do ato de proferi-lo.

Em relação às construções contendo a locução adverbial *algumas vezes*, não foi possível tentar encontrar relações entre os frames e tempo verbal mais frequentes, tendo em vista o pequeno número de ocorrências em ambas as variedades (37 no PB e 13 no PE), bem como a diversidade dos frames encontrados.

Apresentados os resultados, e tendo-os discutido à luz do referencial teórico, cumpre tecer algumas considerações finais. É o que se procede no próximo capítulo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente tese foi motivado pela curiosidade em compreender um pouco mais a respeito do como, nas construções do nível da sentença, interagem elementos de diferentes naturezas, envolvendo aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos: a relação advérbio-aspecto. Mais especificamente, elegeu-se a pesquisa sobre os advérbios aspectualizadores de reiteração *geralmente*, *raramente*, *várias vezes* e *algumas vezes*, com o intuito de descrever, a partir de corpora do PB e do PE, algumas características das construções nas quais esses adverbiais ocorrem (posição do adverbial no eixo sintagmático; tempo verbal no qual se conjugou o verbo e oração na qual esse adverbial aparece; frames verbais associados), bem como de tentar elucidar os achados com base na Linguística Cognitiva.

Ao se proceder ao estudo, chegou-se a algumas conclusões no que se refere à descrição do contexto em que os adverbiais ocorrem:

- (a) No que se refere ao número de ocorrências, constata-se uma expressiva diferença entre PB (1320) e PE (230). Esse pode ser um indício de que, no PE, haja formas concorrentes para expressar a reiteração de eventos.
- (b) No que se refere às variáveis *tempo verbal*, e *oração*, o comportamento dos corpora de PB e PE é semelhante, visto que ambas as variedades demonstram as mesmas preferências. No que se refere à posição, verifica-se alguma discrepância entre as variedades, porém altos percentuais de frequência apontam para posições preferenciais bem definidas, ainda que diferentes para cada adverbial e em cada variedade;
- (c) Em relação às variáveis *posição*, *tempo verbal* e *oração*, foi possível perceber, em primeiro lugar, que as construções estudadas resultam da interação de elementos não aleatórios. Assim, há uma posição preferida, bem como a ocorrência em determinado tipo de oração;
- (d) No que se refere aos frames verbais, destaca-se primeiramente a diversidade de frames encontrada em ambas as variedades. No PB, alguns achados se mostraram interessantes: (i) em relação às construções contendo *geralmente*, encontrou-se expressivo número de ocorrências do frame performadores e papéis, mais especificamente do verbo *ser*. Um levantamento dessas

ocorrências relacionando-as aos tempos verbais permitiu constatar que sempre que o verbo *ser* ocorreu em construções contendo esse adverbial, foi conjugado no presente do indicativo; (ii) em relação às construções contendo *várias vezes*, foi detectado o emprego recorrente de verbos associados ao frame de comunicação e, a isso, associado um percentual superior a 85% de ocorrência desses verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo. No PE, o levantamento dos frames foi prejudicado por tamanha diversidade de frames em um número reduzido de construções analisadas.

Conforme referido, o olhar sobre os dados foi influenciado por conceitos e teorias próprias da Linguística Cognitiva. Assim, salienta-se que:

- (a) Em relação especificamente à variável *tempo verbal*, tendo-se identificado as preferências para cada caso, aliando-se essa informação à teoria aspectual e a estudos sobre advérbios no PB, passa-se a defender a aplicação das noções de *grounding* e perfilamento, e conseqüentemente de alinhamento trajetor/marco, para a manifestação da informação de natureza temporal. Entende-se e defende-se que esses mecanismos, juntamente com a subjetividade do falante, estão presentes na produção de construções habituais e frequentativas. No primeiro caso, a atuação dos advérbios *geralmente* e *raramente* consiste em perspectivizar a ideia de hábito; no segundo, o uso de *várias vezes* e *algumas vezes* acrescenta a ideia de pluralidade de eventos a uma construção que, sem a presença do adverbial, não teria esse sentido. No caso das construções marcadas pela habitualidade, é possível ainda refletir sobre a relação do comportamento desses adverbiais com a noção de modalidade;
- (b) Em relação aos frames verbais, para além da diversidade encontrada, foi possível identificar relações entre frames, no caso relações de generalização do tipo uso e herança, entre os frames associados ao adverbial *várias vezes*, além de encontrar algumas regularidades no uso de frames em relação ao tempo verbal em que se conjugou o verbo.

Nesse sentido, entende-se que os objetivos da tese foram atingidos, e as hipóteses parcialmente confirmadas. Sobre a primeira hipótese, as variáveis *tempo verbal* e *oração (recodificada)* mostraram resultados importantes: os tempos verbais preferidos são presente do indicativo (para *geralmente* e *raramente*) e pretérito perfeito do indicativo (para *várias vezes* e *algumas vezes*); enquanto a oração subordinada preferida, na maioria dos casos, foi a do tipo

adjetiva. Sobre a segunda hipótese, segundo a qual haveria superframes associados aos advérbios estudados, confirmou-se somente para o adverbial *várias vezes*, conforme explicitado anteriormente.

Destaca-se também que, pensando-se na dimensão sintagmática relacionada aos dados analisados, é a combinação entre advérbios e outros elementos (especialmente o tempo verbal) que especifica a configuração aspectual das sentenças pesquisadas. No caso, um hábito “perspectivizado” e uma sentença frequentativa. Isso reflete a noção chave da Linguística Cognitiva, segundo a qual as línguas são constituídas por construções, pareamentos forma-significado. No âmbito da sentença, pressupõem diferentes pareamentos, funcionando juntos para, por sua vez, constituir outro pareamento.

Em termos de debates teóricos, entende-se ter sido importante trabalhar com os três pilares conceituais: Linguística Cognitiva, advérbio e aspecto, para uma melhor compreensão de um fenômeno também complexo. Em relação ao aspecto, especificamente, cabe enfatizar que, apesar de os conceitos apresentados por diferentes autores e correntes não serem unívocos, a visão da semântica tradicional e da Linguística Cognitiva não diferem muito em relação à descrição e análise do aspecto. Assim, o presente estudo pretendeu realizar uma abordagem que privilegia e integra quadros teóricos diferentes.

Cabe destacar as implicações pedagógicas que se entende que o presente estudo possa vir a alcançar. Como contribui para a descrição das características das construções em que os adverbiais ocorrem, fornece elementos para se combater as ideias que tradicionalmente se tem sobre as características e funções dos advérbios. Além disso, destaca o fenômeno Tempo, e mais especificamente o fenômeno aspectual, como resultante da inter-relação entre múltiplos fatores. Por fim, salienta a atuação de processos cognitivos gerais, presentes e fundamentais para a linguagem, que organizam a interação do homem com o mundo. Através de suas três colunas principais, este trabalho coopera para uma perspectivização um pouco diferente dos temas abordados, o que pode ser pensado também pedagogicamente. Enfatiza-se, ainda, a importância da pesquisa empírica, baseada em corpus e apoiada em critérios de frequência de ocorrência como reflexo da língua e de suas variedades na dinâmica do uso.

Um estudo desse tipo também conduz a ponderações sobre suas limitações, bem como sobre os encaminhamentos de pesquisas e estudo futuros dele decorrentes. Em termos de limitações, considera-se que:

- (a) O número de ocorrências observadas, ao mesmo tempo em que permite vislumbrar a riqueza sintático-semântica das construções, constitui-se num dificultador. Por questões de tempo e espaço, decidiu-se discutir os resultados em termos da categoria mais frequente. Porém, certamente o desmembramento deste estudo em outros com recorte menor permitiria a identificação de outras nuances não apresentadas aqui;
- (b) A discrepância numérica entre as construções de PB e PE dificultou a realização de determinadas comparações, especialmente os testes de associação e o levantamento dos frames verbais;
- (c) Os corpora, ainda que representativos do PB e do PE, apresentam certas limitações, pois todos os textos pertencem ao gênero jornalístico e foram extraídos de jornais de um lugar específico do país: São Paulo para o PB e Lisboa para o PE. As conclusões a que se chegou sobre as características das construções observadas devem, portanto, serem interpretadas considerando-se essas particularidades;
- (d) O fato de se ter usado o Projeto FrameNet, constituído a partir de dados do inglês, também deve ser considerado como uma limitação, dadas as questões normalmente envolvidas na tradução. À medida que o Projeto FrameNet Brasil passe a contar com mais frames e unidades lexicais descritas, esse levantamento pode vir a ser refeito, obtendo-se assim resultados baseados no português brasileiro.

Sobre encaminhamentos futuros, cogita-se pesquisar mais aprofundadamente a relação entre tempo verbal e uso de advérbios na perspectiva da Linguística Cognitiva, bem como a relação aspecto-modalidade, além de, conforme referido, proceder a novas observações dos mesmos dados, porém mediante recortes mais específicos.

Para finalizar, estudos como este, que promovem a interação entre áreas da Linguística mostram-se profícuos para aqueles que desejam, mais do que descrever e explicar fenômenos linguísticos, realizar reflexões um tanto mais amplas e aprofundadas sobre a linguagem como um todo. Em outras palavras, aliar conhecimentos de diferentes áreas pode ser um interessante caminho para a melhor compreensão do homem via linguagem.

REFERÊNCIAS

- BACHE, C. *Aspect and Aktionsart: towards a semantic distinction*. Journal of Linguistics 18, nº 1, 1982, p. 57-72.
- BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 6. ed. Florianópolis, Editora da UFSC, 2006.
- BARROZO, H. *Das perífrases verbais e/ou dos complexos verbais perifrásticos enquanto meio de expressão de alguns valores aspectuais e/ou temporo-aspectuais em português*. Universidade do Minho, Braga: Revista Diacríticas, vol. 13.14, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M.; CROFT, W.; ELLIS, N.; HOLLAND, John; ke, Jinuyin; LARSEN-FREEMAN, Diane. *Language is a complex adaptive system: position paper*. Language Learning, n. 59, suplemento 1, p. 1-26, 2009.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BERTINETTO, P. M. *On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion*. In: Cechetto, Carlo; Chierchia, Gennaro; Giusti, Maria Teresa (orgs.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- BIDERMAN, M. T. *Teoria. Lingüística – lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
- BINNICK, R. I. *Time and verb: a guide to tense and aspect*. New York: Oxford University Press, 1991.
- BRISARD, F. *Grounding*. Cognitive Linguistics Research 21. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2002.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- BYBEE, J. & McCLELLAND, J. *Alternatives to the combinatorial paradigm of linguistic theory based on domain general principles of human cognition*. The Linguistic Review, Vol. 22, p. 381-410, 2005.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M.. *Advérbios Modalizadores*. In: In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado – vol. 2: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. 128
- CASTILHO, A. T. *et al.* O advérbio. In: Ilari, R.; Moura Neves, M. H (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- CASTILHO, A. T. *Aspecto verbal no português falado*. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela (Orgs.). *Gramática do Português Falado – novos rumos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. VIII. p. 83-121.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Lingüística). Marília: Universidade de São Paulo, 1968.

_____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A.; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: Ilari, R.; Moura Neves, M. H (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Review of Skinner*. *Language*, 35, 20-58, 1959.

_____. *Aspects and the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. Remarks on nominalization. In: Jacobs, R. A.; Rosenbaum, P. S. (eds.). *Readings in english transformational grammar*. Watham: Harvard University Press, 1970, p. 184-221.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, L. F. A. S. L. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, 1998.

_____. *A semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. Universidade do Porto, 2004.

_____. *Iteração, frequência e habitualidade: algumas reflexões*. In: Actas Del VII Congrès de Lingüística General. Barcelona. Departament de Lingüística General, Universidade de Barcelona, 2006: disponível em CD-Rom.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1979.

ELMAN, J.L. et al. *Rethinking innateness: a connectionist perspective on development*. Cambridge: MIT Press, 1996.

EVANS, V.; GREEN, M.. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinbugh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. *Cognitive Science* 22 (2), p. 133-87, 1998.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: Bach, E. & R.T. Harms (eds.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1968.

_____. Verbs of Judging: an exercise in semantic description. In: *Studies in Linguistics Semantics*, Charles J. Fillmore and D Terrence Langedeon (eds.) , 272,289. New York: Holt, Rinheartand Winston, 1971.

_____. On the organization of semantic information in the lexicon. In: *Papers from the Parasession on the Lexicon*, 1-11. Chicago: The Chicago Linguistic Society, 1978.

_____. Inversion and constructional inheritance. In: Weibelhuth, G.; Koenig, J.-P.; Kathol, A. (eds.). *Lexical and constructional aspects of linguistics explanation*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

FILLMORE, C.J.; BAKER, C.F. *FrameNet: frame semantics meets the corpus*, 2001.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language* 64, p. 501,38, 1988.

FILLMORE, C. J.; ATKINS, B. Framenet and Lexicographic Relevance. In: *Proceedings of the First International Conference on Language Resources and Evaluation*, Granada, 1998.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, vol. 16, nº16, Oxford: Oxford University Press, 2003.

FILLMORE, C.J.; PETRUCK, M.R.L.; RUPPENHOFER, J; WRIGHT, A. FrameNet in action: the case of Attaching. *International Journal of Lexicography*, 16(1):297-332, 2003.

FLORES, Valdir N.; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FODOR, J. *The language of thought*. New York, Thomas Crowell, 1975.

FODOR, J.; PYLYSHYN, Z. Connectionism and cognitive architecture: a critical analysis. *Cognition*, v. 28, p. 3-71, 1988.

GAWRON, Jean Mark. *Frame Semantics* (2008). Disponível em http://www.hf.uib.no/forskingskole/new_frames_intro.pdf, acessado em 17.03.2012.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GEERAERTS, Dirk, CUYCKENS, Hubert (eds.). *The Oxford handbook of cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: *Gramática do Português Falado – Vol. 1: A ordem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado – vol. 2: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

_____. Sobre advérbios focalizadores. In: In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado – vol. 2: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

_____. A categoria do advérbio na gramática do português falado. *Alfa*, São Paulo 51 (1): p. 151-174, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. O verbo. In: Ilari, R.; Moura Neves, M. H (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

KEMMER, S. *About Cognitive Linguistics: historical background*. Disponível em <http://www.cogling.org/cl.shtml>, acessado em 29.07.2009.

KRIFKA, M. Genericity, an Introduction. G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*. Chicago: the University of Chicago Press, p. 1-125, 1995

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphrs we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. A usage-based model. In: Rudzka-Ostyn, B. (ed.) *Topics in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 127-61.

_____. *Concept, Image, and Symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 1991.

_____. *Construction grammars: cognitive, radical and less so*. Paper presented at the International Cognitive Linguistics Conference, Logroño, 2003.

_____. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEECH, G. N. *Meaning and the english verb*. London: Longman, 1971.

LONGO, B., CAMPOS, O. A auxiliardade: perífrases de tempo e aspecto no portuguêsfalado. In: Abaurre, Maria Bernadete; Rodrigues, Angela (Orgs.). *Gramática do Português Falado – novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. VIII. p. 455-475.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, vol. II.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa/São Paulo: Livros Horizonte, 1952.

MATEUS, M. H. M. *Varição e variedades: o caso do português*. Ex. Oreinte lux. Ferstchrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60 Gerburtstag, 2002.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, Ruth E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MLINARCZYK, A. *Aspectual Pairing in Polish*. Doctoral dissertation, UILOTS Utrecht University, 2004.

MÓIA, T.; ALVES, A. T. Differences between European and Brazilian Portuguese in the use of temporal adverbials. *Journal Of Portuguese Linguistics*, 3, 2004, p. 37-67.

MOURA NEVES, M. H. Os advérbios circunstanciais. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado – vol. 2: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Circunstanciais. In: Castilho, A.; Ilari, R.; Moura Neves, M.H. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

MOURELATOS, A. Events, Processes and States. in P. Tedeschi e A. Zaenen (eds). *Syntax and Semantics*, Vol. 14: Tense and Aspect, New York, Academic Press., 1981.

NUNES. G. P. *O ensino de gramática nas escolas de ensino fundamental: a questão do verbo*. Dissertação de mestrado. Uberlândia – MG: Universidade de Uberlândia, 2001.

OLIVEIRA. M. A. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no português falado. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado* – vol. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

OLIVEIRA, F. Aspecto: algumas questões. *Cadernos de Semântica*, 20, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

_____. Tempo e aspecto. In: Mateus, Maria Helena Mira. *Gramática da Língua Portuguesa*, 4. ed., Lisboa: Caminho:2004.

OLIVEIRA, L. P. *Linguística de Corpus: teoria, interfaces e aplicações*. Matruga, Rio de Janeiro, v. 16, p. 48-76, jan./jun.2009.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETRUCK, M. R.L. Semantic Frames. In: J. Verschueren, J. Ostman, J. Blommaert, and C. Bulcaen (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado* – vol. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

PRESTES-RODRIGUES, L. S. *Advérbios aspectualizadores que indicam repetição: uma proposta alternativa baseada em corpus*. Comunicação oral. V Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, Universidade Católica de Pelotas, 2010.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantics categories. *Journal of experimental psychology: General* 104, 1975, p. 193-233.

_____. Human categorization. In Warren, N. (ed.). *Studies in cross-cultural psychology*. Vol. 1. Londres: Academic Press, 1977.

_____. Principles of categorization. In: Rosch, E.; Lloyd, B. (eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale – NJ, NY: Lawrence Erlbaum, 1978.

RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, C.; SCHEFFCZYK. *FrameNet II: Extended theory and practice*. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/>, acessado em 03.02.2012.

SAEED, J. I. *Semantics*. Oxford: Wiley-Blackwell. 3. Ed. 2009.

SALOMÃO, M. M. M. *Teoria da Linguagem: a perspectiva sociocognitivista*. In: Miranda, N. S.; Salomão, M. M. M. (orgs.) *Construções do português do Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

_____. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SARDINHA, Tony B.; ALMEIDA, Gladi M. B. *A Linguística de Corpus no Brasil*. In: Tagnin, S. E. O; Vale, O. A. (orgs.) *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: HUmanitas, 2008.

SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. New York: Appleton Century-Croft, 1957.

SILVA, A. S. Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In: *Razões e emoção: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Universidade de Lisboa, 2001.

_____. *A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Disponível em <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>, acessado em 20.02.2011.

_____. *Linguagem, cultura e cognição*. In: Silva, A. S.; Torres, A.; Gonçalves, M. (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. Vol. 1. Coimbra: Almedina, 2004.

SINHA, C. *Epigenetics, Semiotics and the mysteries of the organism*. Biological Theory 1(2), Konrad Lorenz Institute for Evolution and Cognition Research, 2006, p. 112-115.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. 2 vols. Cambridge, London: MIT Press, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia, Gráfica da UFU, 1981.

UNGERER, F.; SCHMID, H. *An introduction to cognitive linguistics*. 2. ed. London: Longman, 2006.

VENDLER, Z. Verbs and time. In: *Linguistics in philosophy*, 1967. p. 97-121.

VERKUYL, H. *A theory of aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WOISETSCHLAEGER, E. *A semantic theory of the English auxiliary system*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1976.